

"When will there finally be enough museums?"

The answer has a millenary ring:

*When humankind has so mastered time that it **no longer takes any toll**,*

*when the young are **content to accept** without change the world they will inherit from their elders,*

*when artists **ask nothing more** than the opportunity to duplicate the works of their predecessors,*

when everybody believes that anything useful has already been invented and

*when the last restless migrant has settled on the last frontier, certain in the knowledge that **no place better might lie beyond**.*

In that best of all possible worlds, no more museums will be needed"

(Weil, 1990:6)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Departamento de Ciências e Técnicas do Património



MUSEUS E SEUS VIZINHOS

redesenhando limites citadinos

Célia Dulce Godinho Machado

Relatório de Projecto
para obtenção do
Grau de Mestre em Museologia

Orientação da Professora Doutora Alice Lucas Semedo

Setembro, 2011



Resumo

Numa contemporaneidade em que os museus que se assumem como fóruns de Animação Sociocultural e de Mediação entre a humanidade e as suas colecções, o Museu do Papel Moeda, localizado em Aldoar, inicia um caminho desafiante de aproximação à sua vizinhança.

Este relatório de projecto situa-se no arranque desse percurso, quando surge a necessidade de conhecer que traços caracterizam essa vizinhança, compreender a qualidade das suas relações, perceber que representações detém do Museu e entender como este lhe poderá oferecer suporte social.

Perfilando-se como um estudo de caso, o documento divide-se em três capítulos, ao longo dos quais é construído um corpus teórico e metodológico e apresentada a práxis, na qual se baseiam as principais reflexões e conclusões da investigação. Como resultado obtém-se uma análise do território de Aldoar e das suas representações face ao Museu, tendo por base entrevistas aplicadas à vizinhança e grupos de discussão, onde se reuniram diversos líderes comunitários. O processo culmina numa proposta facilitadora do envolvimento bilateral Museu/Vizinhança, intitulada “Fórum Aldoar: plataforma de reflexão, discussão e acção”, em que o Museu é encarado como elemento facilitador das relações intra-institucionais intercomunitárias, de partilha de recursos e amplificador de potencial comunitário.

Este género de trabalho diagnóstico revela-se extremamente importante no *core* de uma Museologia que se esforça por esboçar, aplicar e avaliar estratégias de aproximação comunitária, que incorpora a polémica dos ideais e a discussão das ideias e que constrói museus onde a vizinhança não é apenas visitante mas, finalmente, habitante.

Palavras-chave: museologia, mediação, urbanidade, vizinhança, colaboração, desenvolvimento.



Abstract

In a contemporary world in which museums identify themselves as forums for Sociocultural Animation and Mediation between humanity and its collections, the Museum of Paper Money, located in Aldoar, begins a challenging path to move closer to its neighbours.

This project report is located at the start of this journey, when arises the need to know what characterizes this neighbourhood, to understand the quality of their relationship, to realize what representations are held towards the Museum and to comprehend how the Museum may be able to offer social support.

Profiling as a case study, the document is divided into three chapters, which present the theoretical, methodological and practical structure of the project. As a result we get an analysis of the territory of Aldoar and of its representations towards the Museum, based on interviews applied on the surrounding neighbourhood and discussion groups, where several community leaders met. The process culminates in a facilitator proposal of bilateral involvement Museum/Neighbourhood entitled "Forum Aldoar: platform for reflection, discussion and action," in which the Museum is regarded as an inter-institutional relationship mediator, a sharing of resources facilitator and a community potential amplifier.

This form of diagnostic work is extremely important in the core of a Museology that struggles to create, implement and evaluate strategies for community work, which incorporates the controversy of ideals and the discussion of ideas, and builds up museums where the neighbourhood is not just another visitor but, hopefully, an inhabitant.

Keywords: museology, mediation, urbanity, neighbourhood, cooperation, development



Résumé

Dans une contemporanéité où les musées se posent comme des forums d'Animation Socioculturelle et de Médiation entre l'humanité et ses collections, le Musée de la Monnaie de Papier, situé à Aldoar, débute un parcours défiant d'approche à son voisinage.

Ce rapport de projet se trouve au départ de ce parcours alors que surgit le besoin de connaître les caractéristiques de ce voisinage, prendre conscience de la qualité de leurs relations, percevoir quelles représentations détient-il du musée et comprendre de quelle façon celui-ci pourra lui offrir un soutien social.

Présenté comme une étude de cas, le document se divise en trois chapitres au long desquels se construit un corpus théorique et méthodologique et se présente l'utilité sur laquelle reposent les principales réflexions et conclusions de cette recherche. Le résultat obtenu est une analyse du territoire d'Aldoar et de ses représentations face au musée, à partir d'entrevues destinées au voisinage et de groupe de discussions, où se sont réunis plusieurs dirigeants communautaires. Le processus culmine par une proposition complaisante de l'engagement bilatéral Musée/Voisinage, intitulé « Forum Aldoar: plateforme de réflexion, discussion et action », où le musée est perçu comme un élément qui facilite les relations intra-institutionnelles intercommunautaires de partage des ressources et qui augmente le potentiel communautaire.

Ce genre de travail diagnostique se révèle extrêmement important au coeur d'une muséologie qui s'efforce de tracer, appliquer et évaluer des stratégies d'approche communautaire, qui associe la polémique des idéaux et la discussion des idées et qui construit des musées où le voisinage n'ai pas que visiteurs mais, en définitive, habitant.

Mots-clés: muséologie, médiation, urbanité, voisinage, collaboration, développement.



Agradecimentos

Para a realização deste trabalho contei com a preciosa colaboração de pessoas que representam para mim, no campo museológico, um exemplo de determinação profissional e de valor humano. Estas duas qualidades são, na minha opinião, o que torna um cidadão capaz de contribuir positivamente para o desenvolvimento da sociedade em que vivemos. Reconheço a oportunidade que me concederam de aprender com os seus ensinamentos e por isso agradeço incondicionalmente:

à Professora Doutora Alice Lucas Semedo, orientadora deste trabalho, por toda a inspiração e incentivo;

à Dr.^a Maria Amélia Cupertino de Miranda, responsável pelo Museu do Papel Moeda, pela total receptividade e disponibilidade;

à Mestre Sónia Almeida Santos pela honesta colaboração.

At last, but not least, agradeço a todos os actores do território de Aldoar que, com a sua hospitalidade, me permitiram explorar a realidade em que vivem. Desejo que encontrem neste território uma comunidade com que se identifiquem, capaz de responder às suas necessidades e que descubram oportunidades para contribuir activa e cooperativamente na construção de um futuro melhor para Aldoar.

Bem hajam!



Índice

Resumo	I
Abstract	II
Résumé	III
Agradecimentos	IV
Índice	V
Lista de quadros	VII
Lista de abreviações	VIII
Introdução	1
Capítulo 1 <i>Corpus</i> teórico	3
1.1. Museus, urbanidade e desenvolvimento comunitário	4
1.1.1. Uma perspectiva ecológica para o desenvolvimento comunitário	4
1.1.2. Urbanidade, museu e comunidade	7
1.1.3. Um museu para cidadãos	10
1.2. Museologia, Animação e Mediação	14
1.2.1. A Museologia hoje	14
1.2.2. A Animação Sociocultural	21
1.2.2.1. Contextualização	21
1.2.2.2. Metodologia	24
1.2.3. A Mediação	27
1.2.3.1. Contextualização	27
1.2.3.2. Metodologia	30
1.2.4. A Animação Sociocultural e a Mediação ao serviço dos museus	34
Capítulo 2 <i>Corpus</i> metodológico	39
2.1. Questão de partida, questões orientadoras e objectivos	40
2.2. Posicionamento metodológico	41
2.3. Método	43
2.4. Técnicas de recolha de dados	44
2.4.1. Não interferentes	44
2.4.2. Interferentes	45
2.5. Técnicas de análise e tratamento de dados	49
Capítulo 3 <i>Práxis</i>	50
3.1. Pontos de partida	51
3.1.1. Seleccionando contextos	51
3.1.2. Caracterizando o MPM	52
3.1.3. Esboçando uma nova iniciativa	56
3.2. Pontos de encontro	58
3.2.1. Aldoar: esboçando um perfil	58
3.2.1.1. História	58



3.2.1.2. Urbanismo e paisagem	59
3.1.2.3. Social	62
3.2.1.4. Económico	62
3.2.1.5. Limites	63
3.2.1.6. Vizinhança	67
3.2.1.7. Recursos	71
3.2.1.8. Percursos	73
3.2.1.9. Acções	75
3.2.1.10. Motivação	77
3.2.1.11. Propostas	78
3.2.2. Museu do Papel Moeda: tecendo laços, rasgando limites	79
3.2.2.1. Percepções e representações	79
3.2.2.2. Motivações e expectativas	82
3.2.2.3. Propostas e perspectivas	85
3.3. Pontos de chegada?	90
3.3.1. Fórum Aldoar: plataforma de reflexão, discussão e acção	90
3.3.1.1. Enquadramento diagnóstico	90
3.3.1.2. Entidade promotora e parceiros nucleares	90
3.3.1.3. Públicos	91
3.3.1.4. Objectivos gerais	92
3.3.1.5. Metodologia geral	93
3.3.1.6. Acções	94
3.3.1.7. Calendarização	96
3.3.1.8. Localização	96
3.3.1.9. Recursos	96
3.3.1.10. Avaliação	97
Conclusão	98
Fontes consultadas	101
Apêndices	i
Apêndice 1 – Listagem de entidades do território de Aldoar	i
Apêndice 2 – Distribuição dos bairros no território de Aldoar	v
Apêndice 3 – Mapa da localização da freguesia de Aldoar	vi
Apêndice 4 – Mapa com referência às principais ruas de Aldoar	vii
Apêndice 5 – Quadro operacionalizador de inquérito por entrevista	viii
Apêndice 6 – Guião de inquérito por entrevista	x
Apêndice 7 – Protocolos de inquéritos por entrevista	xi
Apêndice 8 – Quadro de análise de conteúdo de inquéritos por entrevista	lxiv
Apêndice 9 – Protocolos de reuniões com líderes comunitários	lxxxiii
Apêndice 10 – Quadro de análise de conteúdo de reuniões de líderes comunitários	xcix



Lista de figuras

Figura 1 – Vista frontal do edifício do MPM	54
Figura 2 – Distribuição dos bairros no território de Aldoar	v
Figura 3 – Mapa da localização da freguesia de Aldoar	vi
Figura 4 – Mapa com referências às principais ruas de Aldoar	vii

Lista de quadros

Quadro 1 – Principais acções do Programa	94
Quadro 2 – Listagem de entidades do território Aldoar	i
Quadro 3 – Quadro operacionalizador de inquérito por entrevista	viii
Quadro 4 – Guião de inquérito por entrevista	x
Quadro 5 – Quadro de análise de conteúdo de inquéritos por entrevista	lxiv
Quadro 6 – Quadro de análise de conteúdo de reuniões de líderes comunitários	xcix



Lista de abreviações

AAM – American Association of Museums

ADIL – Associação para o Desenvolvimento Integral de Lordelo

ADR – Alternative Dispute Resolution

AIDA – Associação Interinstitucional de Desenvolvimento de Aldoar

ALP – Associação de Ludotecas do Porto

APOM – Associação Portuguesa de Museologia

APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão com Deficiência Mental

ASAE – Autoridade de Segurança Alimentar e Económica

ATL – Atelier de Tempos Livres

CAO- Centro de Actividades ocupacionais

CBESNSS – Centro de Bem Estar Social Nossa Senhora do Socorro

CCDR – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional

CCDRN – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte

CEFPI – Centro de Educação e Formação Profissional Integrado

CETA – Cooperativa de Habitação Económica, CRL

CLDS – Conselho Local de Desenvolvimento Social

CLIP – The Oporto International School

CPCJ – Comissão de Protecção de Crianças e Jovens

CSFM – Centro Social da Fonte da Moura

CSSMA – Centro social São Martinho de Aldoar

CTPV – Companhia de Teatro Pé de Vento

CUF – Hospital CUF Porto

DREN – Direcção Regional de Educação do Norte

EAS – Externato Ana Sullivan

GCL – Grupo Coral Laetare

HAZAL – Cooperativa, Habitação, Construção, CRL

ICOFOM – International Committee for Museology

ICOM – International Council of Museums

ICTOP – International Committee for the Training of Personnel

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social



JFA – Junta de Freguesia de Aldoar

MA – Museum Association of the United Kingdom

MADI – Movimento de Apoio ao Diminuído intelectual

MINOM – International Movement for a New Museology

MNES – Muséologie Nouvelle et Experimentation Sociale

MPM – Museu do Papel Moeda

NEE – Necessidades Educativas Especiais

ODPS – Obra Diocesana de Promoção Social

PIDDAC – Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação

RSI – Rendimento Social de Inserção

SACHE – Solidariedade & Amizade, Cooperativa de Habitação Económica, CRL

SAOM – Serviço de Assistência das Organizações de Malta

SWOT – Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades, Threats (Ameaças)

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization



Introdução

O acto de investigar em Museologia, em virtude da sua saudável multi e interdisciplinaridade, tem vindo a desafiar o tradicionalmente instituído, alargando e aprofundando o seu campo de actuação, através de um estimulante cruzamento com as mais diversas áreas do conhecimento. É, portanto, ciente desta pluralidade enquanto vantagem, que este projecto de investigação em Museologia se debruça sobre a interacção entre os seres humanos, o meio ambiente e o museu (Tuckman, 1994:5).

O título “Museus e seus Vizinhos – redesenhando limites citadinos” encerra à partida um desafio: reflectir sobre a possibilidade de esbater as fronteiras que existem no interior das complexas comunidades urbanas e sobre o papel dos museus e das próprias comunidades nessa tarefa.

Os museus contemporâneos olham com outra atenção e entusiasmo o ambiente em que se enquadram, a comunidade a que pertencem e os vizinhos que com ele partilham um território; território, este, onde devem ser incluídos não apenas os limites geográficos, mas os sujeitos e as comunidades que o museu envolve (Davis, 1999:4).

Conscientes das vantagens que o tecer de laços suportativos com os territórios vizinhos podem trazer, os museus envolvem-se activamente na promoção do *empowerment* local e assumem-se como fóruns de cidadania, onde há espaço para, colaborativamente, reflectir sobre necessidades e potencialidades, discutir possibilidades de intervenção e agir em prol do desenvolvimento comunitário.

Todavia, nos contextos urbanos dos dias de hoje os territórios complexificam-se, assemelhando-se a cuidadosamente tecidas mantas de retalhos ou intrincados mosaicos (Grafmeyer, 1994:16), o que, não raras vezes, dificulta a tão desejada aproximação e integração museológica.

Posto isto, que estratégias poderão ser adoptadas para facilitar e potenciar a relação museu/vizinhança num cenário urbano contemporâneo?

É no sentido de dar corpo real à reflexão que esta questão encerra que o Museu do Papel Moeda e o seu território vizinho – Aldoar – são definidos como contextos centrais de um estudo de caso integrado no Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, levado a cabo durante dois anos lectivos. Durante este período é estabelecido contacto directo com o território e são recolhidos diversos dados, *in situ*, que



depois de analisados e discutidos compõem o documento que agora ganha forma, ao longo de três capítulos.

O primeiro capítulo – *Corpus* teórico – integra uma reflexão sobre as fundamentais noções que alicerçam todo o projecto de investigação. Aborda-se a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Comunitário e a Sociologia Urbana, discutindo-se conceitos como o de cidade, comunidade, vizinhança, rede e suporte social. Exploram-se algumas das principais características da Museologia contemporânea, destacando-se a Animação Sociocultural e a Mediação enquanto potenciais ferramentas museológicas.

Durante o segundo capítulo – *Corpus* metodológico – é contextualizado o projecto de investigação. Introduce-se a questão de partida e enumeram-se as derivadas questões orientadoras e os objectivos do trabalho. Discutem-se as principais influências epistemológicas e metodológicas e apresentam-se as técnicas de recolha e de tratamento de dados seleccionadas.

No terceiro e último capítulo – *Práxis* – são finalmente explorados os contextos do projecto de investigação, reunindo-se representações, inventariando-se potencialidades e recursos, diagnosticando-se fragilidades e necessidades e estruturando-se uma proposta facilitadora da integração museológica no território.

Ao concluir esta reflexão preliminar, resta apenas expressar a expectativa de que o actual documento resulte no relato de uma investigação aplicada e no esboço de uma ferramenta aplicável, capaz de contribuir construtivamente para o enamoramento e o envolvimento entre os museus e os “seus” territórios vizinhos.



Capítulo 1

Corpus teórico



1.1. Museus, urbanidade e desenvolvimento comunitário

1.1.1. Uma perspectiva ecológica para o desenvolvimento comunitário

Na busca da satisfação de necessidades o ser humano decidiu viver em grupo, partilhando um território, recursos, características culturais, objectivos e relações de reciprocidade. Esta resolução originou o que se entende por comunidade, um colectivo social que se distingue de sociedade não apenas por possuir uma menor amplitude mas, fundamentalmente, por assentar em laços de proximidade e profundidade. Tradicionalmente, a comunidade espelha uma identidade colectiva mais demarcada e específica do que a sociedade, que em si alberga diversas comunidades e por conseguinte resulta numa mescla de identidades. Em todo o caso, mesmo no seio de uma comunidade existe heterogeneidade e conflito sem que, no entanto, se perca um ponto de equilíbrio que permita o funcionamento e a sobrevivência do sistema comunitário. Quando são saudáveis, estes sistemas, embora não sejam estáticos, nem impermeáveis, conseguem regenerar-se constantemente, incorporando novos elementos e readaptando-se, mantendo o seu funcionamento. É com base nestes fenómenos que surge a Perspectiva Ecológica de Desenvolvimento no seio da Teoria Geral dos Sistemas¹.

Ludwig von Bertalanffy (1975:s.p.) define um sistema como uma totalidade organizadora, constituída por um conjunto de elementos interdependentes e em interacção dinâmica, organizados em função de um objectivo. Também Kurt Lewin (1935:209) afirmava que a análise do comportamento humano deveria obedecer a uma visão molar, comparativamente ao que ocorre nas ciências naturais que consideram, não só, os elementos mais pequenos que compõem os sistemas celulares, mas as suas interligações na construção dos organismos. Para Lewin o comportamento humano não só é subjectivo porque depende das características de cada sujeito, como do contexto ou ambiente em que o mesmo se encontra.

Bertalanffy caracteriza os sistemas com base na sua estrutura e no seu funcionamento, considerando-os na generalidade complexos, quer pela variedade dos seus elementos, possuidores de diferentes funções e organizados em diferentes níveis hierárquicos, quer pela variedade da qualidade de interacções e interdependências existentes entre os seus

¹ Inspirada na Biologia e na Cibernética, que estuda a capacidade de manutenção, evolução e sobrevivência dos sistemas, segundo a qual é possível estabelecer-se um paralelismo entre o que ocorre naturalmente no meio ambiente, por motivos biológicos, e os fenómenos sociais.



elementos, com ligações de alta densidade, não lineares, a diferentes níveis. Um sistema pode ainda ser considerado aberto ou fechado, dependendo da sua capacidade de trocar informações com o exterior ou da sua capacidade de auto-manutenção, apenas com recurso a reservas.

Outro autor, Norbert Wiener (1954:163), encara a sobrevivência dos sistemas sociais de acordo com o princípio da caixa negra, uma lógica circular de informação em anel fechado (*input-acção-output-feedback*). Quando o *feedback* é positivo, também designado por retroacção positiva, há tendência para o desenvolvimento do sistema (morfogénese), quando é negativo, também designado por retroacção negativa, o sistema mantém-se estável (homeostase) ou colapsa.

Uma comunidade é um sistema onde coexistem diversas redes sociais. Numa visão molar o próprio sistema pode ser sinónimo da rede social. O que o conceito de rede social traz de enriquecedor para a Perspectiva Ecológica do Desenvolvimento é a sua preocupação com a qualidade das interacções no seio do sistema. Assim, uma rede social é vista como um conjunto de nós que representam entidades (indivíduos, grupos ou instituições) e laços conectors que representam as relações que se estabelecem entre as entidades. O valor de uma rede social é medido através da sua densidade ou seja, a multiplicidade de nós e laços multidireccionais existentes, da quantidade e qualidade das interacções que existem entre as suas entidades e traduz-se no suporte social que é capaz de gerar, podendo existir redes sociais suportativas, destrutivas ou inócuas.

Cobb (1976:300-314) define suporte social como a informação positiva que o indivíduo recebe que lhe permite dar resposta às suas diferentes necessidades, sobretudo em situações de crise. Mas, numa rede social diferentes tipos de laços podem oferecer diferentes tipos de suporte, por exemplo, Barrera (1981:8-18) subdivide o suporte social em diversas categorias: ajuda material, assistência, orientação, *feedback* e interacção social positiva, enquanto Thoits (1982:145-159) distingue apenas dois tipos: a ajuda emocional e a ajuda instrumental.

No estudo do suporte social de uma rede social é necessário considerar a estrutura e o funcionamento da rede, mas também a discrepância entre o suporte realmente oferecido/recebido e o percebido, pois as representações de cada indivíduo relativamente ao suporte social recebido repercutem-se directamente no seu desenvolvimento psicossocial e, por conseguinte, na qualidade da sua participação activa na



comunidade.

No que à constituição das redes sociais diz respeito, é possível identificar, genericamente, duas motivações: a homogeneidade, se existir coincidência nos objectivos e interesses, produzindo relações de profundidade; ou a proximidade, quando existir frequência no contacto em determinada localização espacial, produzindo relações de maior superficialidade, uma vez que no caso da distância entre os nós aumentar ou a frequência de contacto diminuir os laços tendem a tornar-se inócuos. Em todo o caso, a importância das redes estabelecidas por proximidade, designadamente as de vizinhança, não deve ser negligenciada.

Uma rede de vizinhança suportativa ajuda a controlar a organização social, fornece bases para o indivíduo desenvolver um sentido de identidade pessoal e ajuda a manter o ajuste psicológico. Não raras vezes, numa adequada rede de vizinhança existem laços entre vizinhos equivalentes aos estabelecidos entre amigos ou familiares, sendo a vizinhança encarada como uma extensão do espaço pessoal. É também no seio de uma rede social suportativa que o ser humano se sente capaz de assumir papéis e responsabilidades, desenvolvendo competências como a solidariedade, o voluntariado e o empreendedorismo, sentindo a necessidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida do colectivo, ou seja, para o desenvolvimento comunitário.

Falar de desenvolvimento comunitário ultrapassa, largamente, falar da ideia generalizada de que uma comunidade economicamente próspera é uma comunidade desenvolvida, embora “(...) num passado não tão distante (...) a noção de desenvolvimento [fosse] associada sobretudo à ideia de desenvolvimento económico” que, se prometia, haveria de produzir bonança material, garantia de estabilidade e comodidade para todos (Serralheiro, sd:1).

Numa perspectiva mais actual, entende-se por desenvolvimento todo o processo de mudança que implique melhoria na qualidade de vida, que ocorre quando se adquire uma concepção mais alargada e válida do ambiente ecológico. Deste modo, o desenvolvimento não pode ser efémero, nem situacional, antes deve espelhar uma reorganização com potencialidades de continuidade ao nível da percepção, representação e acção. Na verdade o verdadeiro desenvolvimento comunitário obedece a uma lógica ecológica sistémica, que



resulta de um e num trabalho cooperativo em rede, cuja meta é o *empowerment*² de toda a comunidade.

1.1.2. Urbanidade, museu e comunidade

Desde sempre que a selecção social dos territórios se baseia, fundamentalmente, em dois critérios: situação privilegiada de acesso e qualidade de recursos endógenos. Fenómenos como os Descobrimentos e a Revolução Industrial desencadearam fluxos migratórios sem precedentes que confluíram estrategicamente em espaços que originaram as cidades de hoje. Curiosamente, factores de ordem sociocultural não parecem ter peso na definição desses territórios de eleição mas, rapidamente, quando a sobrelotação e a heterogeneidade social imperam, assiste-se a uma organização territorial que espelha, mais do que o lugar, as gentes.

Nenhum outro contexto social reflecte melhor essa organização social semi-planeada/semi-espontânea do que a cidade dos dias de hoje, e embora “enquanto configuração socioespacial, a cidade contemporânea ainda se inscrev[a], no essencial, na continuidade de algumas imagens fortes: concentração do povoamento, primazia do quadro das construções sobre a paisagem natural, etc. (...) enquanto processo, a urbanização tende a afectar de uma forma muito mais alargada o conjunto das actividades sociais, das populações e dos espaços (...) A cidade é simultaneamente território e população, quadro físico e unidade de vida colectiva, configuração de objectos físicos e de relações entre seres sociais” (Grafmeyer, 1994:1). De entre os aglomerados sociais a cidade é também o mais complexo, apresentando-se como “reagrupamento de populações e de actividades duravelmente estabilizadas sobre um território restrito. A proximidade física permite aos seres sociais entrar em relação e favorece o desenvolvimento de novas relações. Na medida em que concentra num mesmo lugar um grande número destes processos cumulativos de encontro (...) [é] o dispositivo mais apropriado às diversas relações de troca e de cooperação que se instauram entre os homens. É (...) no meio urbano, que se estabelecem, se amplificam e desmultiplicam as interacções de todas as ordens que constituem o princípio da vida social” (idem:14). Na cidade, “para além da abertura [à heterogeneidade] (...) houve uma aceleração das actuações urbanas” (Seixas *in* Domingues *et al*, 2003:112). A cidade é

² “processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder – psicológico, sócio-cultural, político e económico – que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania” (Pinto, 2001:247)



assim o resultado de um “sinal” social que após atravessar um “acelero-amplificador” se altera não só em dimensão como em complexidade.

Se nas comunidades rurais tradicionais os contextos de comunidade, vizinhança, rede social e suporte social se confundiam, no meio urbano isso acontece com menor frequência, sendo mais segmentados os contactos sociais em grupos responsáveis por diferentes tipos de suporte social (como a família, os amigos, os colegas, os vizinhos, entre outros).

Se nas comunidades rurais tradicionais fazia sentido falar-se de uma cultura comunitária e de uma identidade cultural colectiva “(...) composta por memórias, consciência colectiva e características compartilhadas, numa convergência intelectual e afectiva, fundamentada num passado comum e num presente vivido” (Ander-Egg, 1999:42), no meio urbano “(...) a maioria das comunidades de hoje são de curto-termo, fronteiriças com hábitos misturados e emprestados” (Hein, 2000:47).

Em verdade, o estilo de vida urbano contemporâneo, caracterizado pela reduzida existência de tempo livre, limita as oportunidades de convívio. A heterogeneidade promove a exclusão social, auto ou hetero-infligida e a dificuldade em se dar respostas sociais, educativas, culturais e económicas aceitáveis para a generalidade da população, desencadeando-se processos de instabilidade psicossocial, criminalidade e insegurança, intensificadores de isolamento. A fluxibilidade ocupacional do facto urbano provoca a descontinuidade nos contactos, dificultando a constituição e manutenção de redes de vizinhança suportativas e, por consequência, de comunidades, sugerindo desenraizamento, desvalorização da memória e da identidade colectiva, provocando destabilização, dispersão, desconexão e desorganização nos territórios. O traçado arquitectónico é frequentemente inibidor das interacções e consequentemente desencadeador de inseguranças. De modo agravante, vive-se uma era de desresponsabilização social, justificada pela falta de implicação directa nas decisões políticas, parcialmente porque a globalização origina o sentimento de que uma célula não possui qualquer impacto ecológico, parcialmente porque inverter o processo piramidal descendente parece demasiado exaustivo e, portanto, delegar a responsabilidade nos governantes assume-se como um claro comportamento de procuração. Consequentemente, as estratégias adoptadas na tentativa de dar resposta às fragilidades dos territórios têm-se revelado assistencialistas, pouco integradas, sustentadas e sustentáveis, divorciadas de uma visão molar.

O risco da cidade como hoje a conhecemos se transformar numa *Feral City* é elevado,



uma cidade onde a tecnologia e as relações *on-line* substituem a realidade, uma vasta colecção de edifícios que não deixa ver o céu, a anarquia e a corrupção substituem a governância e a lei, não há acesso livre a serviços de saúde nem de providência (Norton, 2011:1-10).

Para que tal não aconteça a “(...) situação em que se encontram actualmente as nossas cidades tem que ser entendida de forma bivalente, pois se a reestruturação e incerteza comportam ameaças em termos espaciais, económicos e sociais, psicológicos e culturais, torna-se necessário não escamotear que elas são também a evidência da oportunidade de abertura das cidades ao jogo probabilístico de um conjunto cada vez maior de factores e actores que sobre ela têm o poder de actuar” (Seixas *in* Domingues *et al*, 2003:112). Torna-se, assim, fundamental uma focalização nas potencialidades da cidade, “a cidade contingente e reestruturante, a cidade reflexiva e pensante, enfim, a cidade actuante, prospectivamente convivencial é o que se propõe como agenda política para um novo contracto socioespacial urbano mais humano” (idem) que ganhe escala humana.

Hespanha (sd:1) aponta a conjugação das novas e velhas solidariedades como uma possibilidade de acção individual e colectiva. As primeiras são aquelas que “(...) são baseadas em fenómenos novos, como a preocupação com o desgaste ambiental e toda a modificação do meio ambiente. (...) problemas [que] suscitaram a aproximação, a partilha de interesses, [e] a mobilização (...)” e as segundas são as “que se baseavam muito na proximidade [em que] os vínculos se davam nas residências, nas vizinhanças, na família, no trabalho”. Pretende-se, assim, transformar territórios urbanos em comunidades urbanas, compostas por cidadãos políticos, à luz de uma democracia participativa ascendente “(...) incompatível com qualquer forma de exclusão social” (Fernandes, sd:33), no seio da qual se assumem decisões significativas, baseadas nas necessidades e potencialidades comunitárias.

Num contexto assim renasce a trindade “memória, cultura e identidade”, essencial para o desenvolvimento moral e psicológico dos indivíduos, comunidades e sociedades, (American Association of Museums, 2002:27), e que, de acordo com a Teoria da Comunidade Saudável, favorece elevados níveis de ligações e trocas de capital social, melhores sociedades, melhores indivíduos e melhor qualidade de vida individual e colectiva (idem). Aqui, o museu, enquanto agente de conservação normativa que objectiva e reifica valores, faz parte da actividade filosófica de construção deste mundo social, oferecendo ao ser humano a possibilidade de olhar para si através de perspectivas comuns, de se identificar



e construir um futuro com uma base sólida e real. Em verdade “os museus medeiam as relações entre grupos sociais, oferecendo meios tangíveis para a produção e entrega de experiências, de acordo com padrões e práticas normalizadas. A responsabilidade para normalizar esses padrões e práticas não se limita apenas aos museus, mas reflecte o seu lugar numa ordem cívica que varia e muda de direcção ao longo do tempo. A dinâmica eminente direcciona-se para uma maior integração num mundo de muitas comunidades, mas também para um maior conhecimento das suas diferenças” (Hein, 2000:37). Os museus desempenham, assim, “(...) um papel insubstituível. Pela sua própria natureza, de curadores do património (...) têm demonstrado ser instrumentos privilegiados de intervenção nestas áreas complexas de renovação social das quais a própria regeneração depende” (Semedo *in* Domingues *et al*, 2003:126). Estas instituições ocupam, de facto, um lugar de notável centralidade, uma vez que é possível supor que uma sociedade se revela através dos seus museus, enquanto microcosmos sociais (Costa, 2006:77).

“Os museus são instituições comunitárias no sentido mais básico. São parte familiar e estabelecida da paisagem” (American Association of Museums, 2002:15) e possuem um potencial substancial enquanto empresas cívicas. Como os fóruns da antiga Roma, os museus são lugares onde as comunidades se podem reunir para aprender, socializar e entreter-se. Enquanto organizações socioculturais e educativas podem desempenhar o papel de plataformas de partilha, discussão, planeamento e gestão partilhada de iniciativas comunitárias e combater necessidades específicas como: a identitária, de sociabilidade, de participação cívica, de solidariedade, de inclusão multicultural, de informação, de aquisição e transmissão de conhecimento crítico (Faria *in* Domingues, 2003:35). Podem, ainda, beneficiar comunidades e vizinhanças específicas, sobretudo na regeneração e renovação de iniciativas e no enaltecimento da participação na tomada de decisões, são propiciadores de criatividade e provavelmente um espaço menos ameaçador no qual a comunidade pode adquirir competências e a confiança necessária para assumir um papel activo no desenho do seu futuro (Sandell *in* Domingues, 2003:50).

1.1.3. Um museu para cidadãos

“Na sua origem, os museus não estavam motivados para atrair públicos. Os coleccionadores coleccionavam para si mesmos e abriam a sua porta com hospitalidade apenas a outros coleccionadores. O espírito de filantropia do século XIX aspirou alargar essa



audiência, mas não pela diversidade, o seu objectivo paternalista era iluminar e elevar o espírito para criar uma sociedade homogénea, cuja diversidade horrorizava. Esperavam que o amor pela beleza influenciasse benignamente a população. A sua ideia de expansão cultural (...) não tinha em vista a diferença proliferada mas antes derretida (...) num único, harmonioso e uniforme todo” (Hein, 2000:44). Mas, face ao insucesso dessa visão, gradualmente, o mundo dos museus descobriu que para se tornar verdadeiramente acessível e democrático a públicos não tradicionais precisaria de realizar mudanças profundas.

Actualmente, “existe um reconhecimento internacional crescente de que as funções familiares dos museus de coleccionar, preservar, interpretar e mostrar não constituem a sua razão de ser, antes são meios, através dos quais a organização alcança o seu objectivo – beneficiar a sociedade” (Dodd e Sandell, 2001:25). Na verdade, estas actividades têm a vantagem de zelar adequadamente pela gestão das colecções museológicas, mas têm a agravante de virar o museu para o seu interior. O que é necessário ter em mente no desempenho dessas actividades é que apesar de cada museu ser um produto da sua colecção, não o será em menor escala do seu contexto social (Pitman e Hirzy, 2004:10 e Hein, 2000:XI).

Tomando-se como exemplo a definição de museu apresentada na Lei Quadro dos Museus Portugueses N.º 47/2004³ um “museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos; b) facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade”. De acordo com ambas as prioridades apontadas, é possível combinar a reconhecida força intelectual dos objectos museológicos com espaços agregadores, seguros e confortáveis, onde diferentes pessoas se podem reunir para reflectir sobre temáticas partilhadas, importantes para a comunidade, substituindo colaborações programadas unidireccionalmente, por parcerias genuínas, baseadas em objectivos mútuos (American Association of Museums, 2002:14).

Os museus estão, demarcadamente, a tornar-se menos direccionados para o fabrico

³ Publicada em Diário da República N.º 195 de 19 de Agosto de 2004:5379



de experiências centradas nos objectos e mais focalizados em providenciar oportunidades para a descoberta, envolvimento e respostas criativas, centradas nos visitantes (Pitman e Hirzy, 2004:7), abandonando, definitivamente, uma identidade de espaço passivo de preservação e exibição de uma cultura recebida, e assumindo um papel de enzima consciencializadora. “Esta transformação está a tomar lugar atravessando todo o campo museológico, como parte de um movimento expansivo de uma visão dos propósitos e possibilidades dos museus, em relação às suas comunidades (...) Um novo e imaginativo ambiente museológico do século XXI está a tomar forma (...) rodeado por algumas das mais diversas vizinhanças (...) desenhado para se aproximar de um fórum ou de uma praça de cidade, em vez de apenas uma experiência ou lugar” (idem).

Até à actualidade os museus confiaram em duas estratégias principais para o envolvimento cívico: a expansão de públicos e a diversificação da programação. Ambas as abordagens ajudaram os museus a estabelecer ligações com a comunidade, encontrando um solo comum com as organizações e pessoas que não teriam considerado parceiras até então, porém, “(...) apesar destas estratégias serem orientadas para a comunidade, não são necessariamente pensadas para o envolvimento cívico. (...) O que é preciso são relações recíprocas co-criadas, que unam os bens e propósitos das organizações. De outra maneira, apesar de poder persistir algum valor residual depois do programa ter terminado ou os objectivos dos públicos terem sido atingidos, o museu e a comunidade não estarão prontos para trabalhar juntos, para dar suporte a uma vida comunitária saudável” (American Association of Museums, 2002:15-16).

Agora, a experiência sugere que para envolver uma comunidade com sucesso o museu deve fazer mais do que estabelecer metas e desenvolver programas. Deve integrar uma focalização no visitante em todos os níveis da instituição, na sua visão e identidade, adoptando valores que comuniquem com clareza que o museu é acessível, de confiança, responso às pessoas que o visitam e àqueles que gostariam de se sentir acolhidos (Pitman e Hirzy, 2004:10).

Através de uma gama de actividades para o desenvolvimento comunitário, os museus almejam tornar-se acessíveis para aqueles grupos que se encontram tradicionalmente sub-representados nos seus perfis de visitantes. Nesse sentido, os museus procuram identificar as múltiplas barreiras que existem que impedem o acesso (culturais, financeiras, emocionais, físicas, intelectuais...) e encontrar formas de as ultrapassar (Dodd e Sandell, 2001:12). Para



alcançarem esse fim os museus começaram a aproximar-se das comunidades de novas formas, pedindo-lhes para se envolverem mais activamente na produção, bem como na recepção das actividades. Mais abrangentes, os museus estão a responder aos mais diversos desafios em áreas através das quais nunca se tinham aventurado, voltando-se para a cultura viva dos vizinhos. Durante esta aproximação, estão a descobrir que o museu e a comunidade não partilham as mesmas preocupações, sentido histórico nem visões simétricas, relativamente aos discursos e silêncios mútuos. Esta é portanto a oportunidade para muitas comunidades contarem a sua história e corrigirem erros de interpretação sobre si mesmas, tornando esta abertura ao diálogo numa vantagem criativa (Hein, 2000:45).

Os museus preocupados com o lugar que ocupam na sociedade iniciam um processo de auto-reflexão considerando múltiplos olhares: um primeiro, de dentro para dentro, focando-se sobre o estudo e gestão da colecção, a definição da missão, dos objectivos e a construção de estratégias de comunicação; um segundo, de dentro para fora, focando-se sobre os públicos e os impactos do museu na realidade social; um terceiro, de fora para dentro, focando-se nas representações sobre os contributos para a comunidade. Em essência, da triangulação destes olhares decorrerá o entendimento do porquê, para quem e para quê existe o museu, resultando, nos casos em que se verifique necessário, uma revisão da sua organização interna.

Conhecer as percepções e motivações da comunidade vizinha torna-se fundamental, independentemente do custo, da duração e das conclusões desse processo, o que levará os museus a comprometerem-se com: examinarem e testarem crenças e práticas, aprenderem a partir de modelos anteriormente aplicados no envolvimento comunitário e liderança colaborativa, alimentarem o crescimento e capacitações dos seus colaboradores, substituírem parcerias episódicas por relações compreensivas, flexíveis e sustentadas de organização-para-organização e expandirem o impacto na paisagem cívica (American Association of Museums, 2002:11). Aprender mais sobre a comunidade ajudará a que o museu defina que públicos pretende envolver e de que forma, tornando sustentada e sustentável a sua existência.

A essa construção e fidelização de relações chama-se “construir comunidade”, um conjunto de laços sociais que tornam possível a acção colectiva orientada para o bem comum. Isto requer diversos grupos de pessoas e organizações a trabalharem em conjunto e a colocarem sobre a mesa as potencialidades que têm para oferecer e as lacunas e



necessidades que sentem (idem :29-30).

Trabalhar com vista à constituição dessa rede sólida e resistente deve ser uma das principais finalidades museológicas da actualidade, o que contribuirá para, por um lado, garantir a sustentabilidade do museu e, por outro, o desenvolvimento comunitário, porque trabalhar comunitariamente “já não se trata de um processo linear” (Pitman e Hirzy, 2004:9) emissor-receptor, mas de um complexo intrincado de relações que se deve tecer lenta e cuidadosamente, com vista ao equilíbrio do todo. Considera-se, assim, uma comunidade museológica a “(...) associação solta composta por pessoas ligadas por laços de uma história incomum e interesses divergentes” (Hein, 2000:XI), combatendo o estigma do *outsider*, fomentado pelo estereótipo de comunidade homogénea e intimista, que coloca o ser-se membro num local positivo e o não se ser membro num local à parte. Da perspectiva do museu, expandir fronteiras para incluir “externos” desafia os parâmetros que constituíram, em primeiro lugar, uma comunidade de “internos” (idem :39), o que não é facilmente atingível e significa que se estará constantemente à procura de uma nova homeostase, mas significa também que se viverão, possivelmente, experiências inesperadas, inovadoras e enriquecedoras.

O verdadeiro envolvimento cívico ocorre quando os museus e as comunidades se interceptam de várias formas, ao longo do tempo, negociando de modo aceite e natural. O museu torna-se um centro onde as pessoas se reúnem para conversar, um local para celebrar a riqueza da experiência individual e colectiva, um participante colaborativo na solução de problemas, “(...) um jogador activo e visível na vida civil e um incubador de mudança confiável” (American Association of Museums, 2002:9).

Os novos museus são acessíveis e estão em permanente construção, alicerçam-se numa visão flexível mas não instável, permitem uma adaptação face às necessidades que surgem, sem perderem de vista a sua essência enquanto organização. Mas onde há uma praça pública há liberdade de circulação, há perda de limites, há cruzamentos com o inesperado. Resta saber se, desta feita, estarão os públicos disponíveis para partilharem, com outros públicos, estes novos museus.

1.2. Museologia, Animação e Mediação

1.2.1. A Museologia hoje

O arranque do século XX expôs um cenário tão fascinante quanto aterrador. O



progresso da ciência e da técnica propiciou uma melhoria da qualidade de vida humana sem precedentes, mas também levou à erradicação massiva de aglomerados humanos. Depois de um período em que se acreditou profundamente no ideal romântico de um ser humano altamente civilizado, o mundo viveu, praticamente, meio século de violência, que atingiu como nunca os seus quatro cantos. No tempo que envolveu o pré, o durante e o pós-guerra, a humanidade viu-se profundamente afectada. A própria geografia do mundo foi alterada, os limites entendidos como estabelecidos foram desafiados, alguns redesenhados. Em consequência, reflectiu-se sobre os efeitos da existência humana, potencialidades e fragilidades que encerra, e abandonou-se o Positivismo.

De acordo com Weil (1990:3), “desde o fim da II Grande Guerra, os museus têm sido um dos cenários culturais em maior crescimento”. A Museologia reconheceu a multiplicidade e complexidade do seu universo de actuação, à luz da multiplicidade e complexidade do universo social, e procurou alcançar uma abordagem que permitisse não só compreender mas, também, estimular esse universo em transformação (Macdonald, 2006:1-2). Esse posicionamento foi e ainda é altamente revolucionário, desencadeando uma terceira vaga museológica (Sola, 1997:172-173), após uma primeira composta pela constituição das colecções de curiosidades e tesouros aristocráticos e uma segunda caracterizada pelo museu moderno burguês, nascido em finais do século XVIII e francamente desenvolvido durante o século XIX. A terceira vaga baseia-se então na consciência de que “o museu tem que funcionar como uma instituição de prevenção de cegueira (...) estimulando olhares inquisidores, percepção aguçada, inteligência visual apurada, perspectivas alargadas, expondo novas conexões e contrastes, demarcando significados negligenciados, participando na organização e reorganização de experiências, na construção e reconstrução dos mundos (...) os museus de diferentes tipos possuem diferentes problemas, mas o seu fim comum é melhorar a compreensão e a criação do mundo em que vivemos” (Nelson Goodman, 1980 *in* Weil, 1990:54).

Felizmente, se no passado a Museologia se centrou demasiado nos métodos em detrimento da missão (Vergo, 1989:3) actualmente desponta uma Museologia mais reflexiva e humana, pautada pelo combate da descontextualização e do desprendimento. Peter van Mensch (1992:11) sugere que as práticas museológicas evoluem essencialmente com base em factores: de ordem social (socioeconómicos, socioculturais, sociopolíticos) ocorrentes fora do campo museológico; de ordem científica, no interior do campo do estudo da cultura



material e no campo da gestão, marketing e educação; de ordem profissional, uma vez que a preparação de técnicos ou a ausência dela influencia a visão e a actuação do museu; e, de ordem criativa, genericamente falando. De acordo com estes critérios, não há dúvida de que a partir da segunda metade do século XX a Museologia encontrou terreno fértil para evoluir.

Até meados do século passado a Museologia estava a ser construída como uma disciplina aplicada, a partir de conteúdos empírico-descritivos, restringindo-se à descrição de experiências (Cerávolo, 2004:263) e só começou a definir novos contornos a partir do momento em que se assumiu a necessidade de reflectir e discutir sobre ela. “Não é coincidência o facto da emancipação da Museologia estar relacionada com o processo de profissionalização do trabalho museológico” (Mensch, 1992:6) tornando-o capaz de agir, analisar, reflectir e aplicar resultados das reflexões, unindo a teoria, à prática e a disciplinas vizinhas (Jan Jelinek *in* Cerávolo, 2004:263). Neste contexto, em 1964 arrancou o primeiro plano de estudos universitário europeu em “Museum Studies”, na Universidade de Leicester e dois anos depois foi criada, a partir da conferência de Brno, subordinada à temática do profissionalismo em museus, uma comissão especialmente preocupada com a preparação destes profissionais (ICTOP). Este momento de reflexão foi ainda profundamente favorecido pela fundação do ICOFOM (1977), uma comissão de abrangência internacional, sob a tutela do ICOM (1946) e da UNESCO (1945) (Cerávolo, 2004:239) que veio enriquecer o trabalho já desenvolvido por outras associações representativas do universo museológico, como é o caso da MA (1889) e da AAM (1906).

A constituição do ICOFOM teve como objectivo funcionar como consciência do ICOM relativamente à produção de reflexões sobre a Museologia, com o propósito de reforçar o papel dos museus na sociedade como fonte de desenvolvimento e a investigação sobre museus em contexto académico. As suas publicações regulares, inicialmente muito influenciadas pela produção científica do Leste Europeu, deram corpo ao pensar museológico e contribuíram para que uma grande percentagem de literatura sobre museus surgisse após a Segunda Grande Guerra (Woodhead e Stansfield, 1994:26).

Apesar dos profissionais de museus se encontrarem unidos pela consciência comum de que era fundamental providenciar um pensamento que a todos ajudasse (Cerávolo, 2004:245) algumas tensões começaram a surgir. Os práticos, que trabalhavam nos museus, acusavam os teóricos de fazerem juízos sem um verdadeiro conhecimento da realidade museológica; os teóricos, que estudavam ou ministravam cursos universitários, acusavam os



práticos de se limitarem a descrever actividades, sem reflexão e por isso sem utilidade para o desenvolvimento da Museologia. Como benefícios desta discussão deu-se: o alargamento do conceito de património e do objecto museológico, a alteração na tipologia de coleccionadores, o surgimento de novos tipos e um aumento exponencial de museus, a valorização da conservação *in situ*, maior atenção às exposições temporárias e actividades complementares e a integração de áreas como o marketing na gestão interna do museu (Peter van Mensch *in* Cerávolo, 2004:247).

Rapidamente, a museologia tradicional demasiado centrada na definição de museu, do seu objecto, funções e actividades, começou a ser demasiado restrita para responder à diversidade e complexidade das questões com que os museus se debatiam. Consequentemente, em 1971, durante a IX Conferência Geral do ICOM, em Paris e Grenoble, subordinada ao tema: “O Museu ao serviço do Homem, hoje e amanhã – o papel educativo e cultural do museu” estabeleceu-se claramente uma relação entre as mudanças sociais da época e as necessidades da Museologia. Falou-se em avaliar a qualidade dos serviços museológicos, em transformar as visitas guiadas em momentos de aprendizagem didáctica e em criar exposições com base na interdisciplinaridade.

Importante foi, também, a preocupação com a missão museológica e a sua aplicação. Foi reconhecido o conceito de museu de vizinhança, com o objectivo de analisar e ajudar a construir a história das comunidades, contribuindo para a consolidação de identidades comuns, utilizando técnicas museológicas para solucionar problemas sociais (Santos, 2002:94). Chamou-se a atenção para a necessidade dos museus deixarem de actuar como colectores passivos e assumirem um papel de co-participantes activos, promovendo actividades que apresentem questões sociais do quotidiano, numa estreita interacção com o meio e passou-se a encarar os visitantes como actores na actividade museológica e grandes motores de mudança (George Henri Rivière *in* Almeida, 1996:112).

Um ano depois dois importantes eventos para a Museologia tiveram lugar: a Conferência da UNESCO em Estocolmo e a Mesa-Redonda em Santiago do Chile. O primeiro teve como tema “Meio Ambiente-Humano”, abordando de forma significativa as preocupações decorrentes da relação museu-homem/património-humanidade, centrado nas questões da ecologia, da sustentabilidade e do desenvolvimento. Este encontro reflectiu a preocupação social da época em relação à Natureza e à sua preservação. O segundo centrou-se na distinção ou complementaridade de uma Museologia de objectos e de



visitantes. Substituiu-se a visão “sujeito passivo e contemplativo” pela de “agente interpretativo e transformador”. Destacou-se o papel activo do museu enquanto instrumento de desenvolvimento social. Apresentou-se o conceito de museu integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão mais global do meio cultural. Afirmou-se a importância da interdisciplinaridade, da modernização das técnicas museográficas, da necessidade de descentralizar a acção museológica através de acções de itinerância. Recomendou-se vivamente a formação de técnicos de nível intermédio e superior (Cadernos de SocioMuseologia, 1999:10-11). Foi ainda durante este encontro que a figura do ecomuseu surgiu. Segundo Bellaigue (*in* Santos, 2002:97) os princípios básicos para a sua constituição passam por: identificar um território e seus habitantes, inventariar possíveis necessidades e anseios, actuar com os membros da comunidade, considerando-os donos reais do seu passado e actores do presente, e aceitar que não é necessária a existência de uma colecção de objectos para que seja instalado um museu. A Mesa Redonda de Santiago certificou que a constituição de comunidades práticas é fundamental para a melhoria do desempenho do papel dos museus e deixa a expectativa de que uma mudança de mentalidades e práticas ocorrerá.

Na efervescência destes encontros nascem dois conceitos que importa compreender: o de nova museologia e o de museologia crítica.

A nova museologia, introduzida por Georges-Henri Rivière em 1975 no contexto franco-canadiano, parte da premissa de que a museologia representa o que acontece no interior do museu e debruça-se sobre o seu papel na sociedade, para além das funções tradicionalmente atribuídas à instituição museológica.

No início dos anos oitenta, apesar da existência de um número considerável de novos museus (ecomuseus, museus de vizinhança...) os seus líderes encontravam resistência em termos de reconhecimento no interior do universo museológico. Desiludidos com a rejeição do ICOM, claramente manifestada na reunião de 1983 em Londres, relativamente a práticas museológicas fora do quadro restrito da Museologia instituída, um grupo de museólogos propôs-se a reunir de forma autónoma, para dar forma a uma organização para uma Museologia alternativa. Cria-se assim, em 1984, um grupo de trabalho em Quebec para a organização de uma comissão internacional, fundadora de um novo movimento internacional para uma nova museologia (Santos, 2002:98). O importante da declaração do Quebec não foi a novidade conceptual, pois retoma, embora com as devidas actualizações, o



essencial de Santiago (Moutinho, 1995:28), mas sim o alerta deixado à comunidade museológica para uma realidade profundamente alterada desde 1972 e para a urgência de uma Museologia activa, aberta ao diálogo, dotada de uma forte estrutura internacional caracterizado por práticas consensuais, conducentes à verdadeira interdisciplinaridade e função social. Defende-se que a Museologia actua com vista à evolução democrática da sociedade e que a intervenção dos museus no quadro dessa evolução passe por um reconhecimento e uma valorização das identidades e das culturas de todos os grupos humanos, inseridos no seu meio ambiente local e global.

Em 1985, em Lisboa, durante o II Encontro Internacional – Nova Museologia/Museus Locais foi fundado o MINOM como instituição afiliada do ICOM. De acordo com Hugues de Varine (*in* Mensch, 1992:s.p.) o MINOM é um movimento insatisfeito com a natureza monolítica da Museologia, a superficialidade das reformas que propõe e a marginalização de qualquer experiência ou ponto de vista comprometido com os desenvolvimentos culturais, sociais e políticos no contexto de um mundo em crise.

Efectivamente, o surgimento da nova museologia representa um dos momentos mais significativos da Museologia contemporânea, pelo seu carácter contestatário, criativo e transformador (Santos, 2002:88), sendo o movimento “(...) que surge como contraposição à ‘museologia tradicional’ (...) que tem encontrado mais relevância até ao presente” (Crespo, 2006:231). Mas a nova museologia não cria novos museus (René Rivard, 1992, *in* Mensch 1992:s.p.), apenas advoga uma nova perspectiva no que diz respeito ao desenvolvimento comunitário, colocando as pessoas no foco da atenção e propondo a dessacralização dos objectos. As iniciativas no âmbito da nova museologia foram caracterizadas pelo MINOM como possuindo o papel de: providenciar às populações acesso a um melhor auto-conhecimento e compreensão das condições da sua existência; abordar a Museologia de modo interdisciplinar, considerando o ser humano no seu ambiente natural, social e cultural; envolver a população activamente na implementação das práticas museológicas; e descentralizar e flexibilizar a estrutura da actividade museológica, de modo a adequá-la ao território e à população envolvida (Santos, 2002:109). Fala-se, concretamente, da existência de uma Museologia que utiliza o património como instrumento de cidadania (*idem* :114), dando o direito às populações para revelarem as suas potencialidades no que diz respeito à participação no universo museológico (Moutinho, 1989:31).

Em simultâneo com a nova museologia, mas com incidência especial “(...) nos últimos



anos tem-se desenvolvido uma nova corrente de pensamento que procura dar resposta ao papel dos museus no século XXI: a denominada museologia crítica (Crespo, 2006:231). Nas palavras de Maria Teresa Martín, a museologia crítica é uma revisão a essa nova museologia dos anos setenta do século XX, que falava da morte do museu tradicional (2003 *in* Crespo, 2006:232) e questiona o papel do museu actual, num contexto de pós-modernidade (Carreño, 2004 *in* Crespo, 2006:232). Em vez de se centrar no relato de experiências “ênfatiza o carácter interpretativo dos museus e o modo como o seu discurso se transcreve em diferentes tipos de políticas culturais” (Crespo, 2006:232).

A denominação da museologia crítica advém do contexto universitário onde uma investigação aplicada tomou forma, com a integração de profissionais com formação universitária nos museus, com o estabelecimento de colaborações entre centros de investigação e museus, com a crescente preocupação em avaliar as práticas para dar resposta às exigências da gestão e da sociedade contemporânea.

A museologia crítica, introduzida por Lynne Teather e profundamente enraizada na Academia Reinwardt, em Leiden (Teather, 1983 *in* Mensch, 1992:s.p.), preocupa-se com a teoria e a prática do museu, mas enfatiza o museu enquanto processo, combatendo a perspectiva de uma instituição estática. Hawes (1986 *in* Mensch, 1992:s.p) afirma que um museu crítico levanta questões sobre os mitos, o passado e as direcções para o futuro das suas colecções e das comunidades que serve. Brachert (1985 *in* Mensch, 1992:s.p.) também se refere a esta perspectiva enquanto crítica ao conservadorismo positivista e niilista moderno, defendendo a restauração da crítica com propósito.

A museologia crítica “(...) supera o paradigma de comunicação da nova museologia, chegando a um de negociação e participação cultural” (Crespo, 2006:232). O museu é entendido como comunidade de aprendizagem, resultado de um processo de negociação entre diferentes poderes, uma vez que surge da crise constante do conceito de museu como espaço de interacção entre o público e uma colecção, e como consequência de uma política cultural. Segundo Carla Padró (*in* Crespo, 2006:232) a museologia crítica reflecte sobre os museus como zonas de conflito e intercâmbio, como lugar de pergunta, dúvida, controvérsia e democracia cultural, ante uma cultura pós-moderna visionária, na qual se considera que para entender as formas de conhecimentos e de compreensão se deve partir da noção de luta e de conflito. Susan Pearce (1992 *in* Mensch, 1992:s.p) defende que a avaliação crítica dos fenómenos museológicos é, de facto, o novo paradigma da Museologia.



Mas, a museologia crítica não coloca de parte a nova museologia, embora seja menos “emotiva” no assumir de medidas, pretende acompanhá-la de perto e alcançar conclusões cientificamente fundamentadas, que permitam aos museus um entendimento profundo das opções que tomam, no caminho para o desenvolvimento.

A distinção entre a nova e a museologia crítica não é clara. Ambas consideram o envolvimento activo de não especialistas, no entanto enquanto a nova museologia procura que a comunidade alcance uma auto-imagem positiva, a museologia crítica defende uma auto-imagem crítica, considerada necessária para lidar com problemáticas polémicas. Mensh (*in* Cerávolo, 2004:252) refere-se antes ao surgimento de diferentes Escolas, no interior da Museologia, como o surgimento de um grupo germânico inspirado em autores pós-modernos e centrado no conceito de “musealização”, o departamento de Museum Studies em Leicester, com tendência estruturalista, mais preocupado com as práticas museológicas do que com a Museologia em termos de disciplina académica e a frente Americana, especialmente concentrada nas questões que envolvem a gestão museológica.

Efectivamente, entende-se que a Museologia deverá estar sempre vinculada a duas preocupações: desenvolver processos técnico-científicos transformadores da herança e da identidade em património acessível e conhecer os impactos desses processos na sociedade (Cadernos de SocioMuseologia, 1996:10). “(...) O fazer museológico é o resultado das relações humanas, em cada momento histórico, em relação com as demais práticas sociais globais, (...) a Museologia, em transformação, é resultado de um mundo em transformação” (Santos, 2002:135) e os novos desafios colocados à Museologia na generalidade e aos museus na especialidade não são fáceis de vencer. Porque embora a Museologia seja inseparável da prática (Maroevic, 2000:6) por se desenvolver a partir da prática, ser confirmada pela prática e antecipar a prática, não pode deixar de lado o estudo teórico e a avaliação dos fenómenos que na prática se manifestam.

1.2.2. A Animação Sociocultural

1.2.2.1. Contextualização

As origens da Animação Sociocultural remontam ao final do século XVIII, “quando se colocaram em relevo as dificuldades engendradas pelas mutações sociais, económicas e culturais das sociedades modernas: revolução científica e técnica, obrigação sentida por indivíduos e grupos de adaptar-se a mudanças, urbanização galopante, despersonalização e



massificação (...)” (Coulon, 1917 *in* Olmos, 1992:32).

Num contexto de industrialização os benefícios eram claros: desenvolvimento da ciência e da técnica, redes de transporte e comunicação, melhoria nos cuidados de saúde e maior circulação monetária. Porém, da ansiedade de se habitarem os centros urbanos, núcleos da era moderna onde confluíam todos estes benefícios, dá-se uma sobrelotação populacional e de mão-de-obra sem precedentes, agravada pelo desenraizamento cultural das populações oriundas dos meios rurais.

Num cenário profundo de cansaço, descontentamento e revolta popular, onde coexistiam longas horas de trabalho, parcas condições de salubridade, fome e trabalho infantil surgem, já no século XIX, os primeiros movimentos sindicais que reivindicam condições de trabalho, salários mais justos e também reagem “(...) ao carácter inaceitável de uma cultura cuja produção e transmissão estão reservadas a uma minoria privilegiada intelectualmente e/ou economicamente” (Enckevort *in* Ander-Egg, 1999:70).

É na sequência dessas reivindicações que os horários de trabalho são regularizados aparecendo pela primeira vez o conceito de tempo livre e a ele associado o lazer, uma ocupação à qual o ser humano se entrega por livre e espontânea vontade, quando liberto das obrigações rotineiras. “O aumento do tempo livre é um feito óbvio das nossas sociedades industriais (...) um número crescente de indivíduos irá dispor desta nova dimensão do seu tempo e fará dele uso (...) tanto para o seu próprio interesse como para o da sociedade (...)” (Sánchez, 1997:22). Com tempo livre o ser humano pode dedicar-se ao descanso, ao convívio, ao divertimento e a desenvolver capacidades que o permitam evoluir a nível social, educativo, cultural e profissional, ultrapassando dificuldades, satisfazendo necessidades e desenhando aspirações, para além da esfera do trabalho, tendo como objectivo prioritário a auto-realização (idem :23).

São estes movimentos que, no encalce de objectivos comuns, dão expressão a novas comunidades urbanas, com uma nova mentalidade (Sánchez, 1997:21) e a Animação Sociocultural, ainda designada como Educação Popular, dá os primeiros passos quando o associativismo ganha dinamismo no âmbito social, desportivo, cultural e educativo, associado a um movimento crescente de alfabetismo.

Os líderes comunitários são os primeiros animadores socioculturais, fundadores das associações, movidos por uma vontade política de democracia e igualdade de direitos humanos, uma vez que a “Animação Sócio-cultural promove a tomada de consciência



participativa e criadora das comunidades no processo da sua própria organização e luta” (Varine *in* Ander-Egg 1999:71). A Animação representa, de facto, “(...) a resposta que melhor se adapta aos desafios provenientes das grandes mudanças produzidas na nossa sociedade; resposta que quer em vez de adaptação às mudanças permitir (...) impor-lhe orientações” (Quintana *in* Ander-Egg, 1999:70).

Efectivamente, “a Animação Sociocultural nasce como uma forma de promoção de actividades destinadas a [pre]encher, criativamente, o tempo livre, corrigir o desarreigamento que produzem os grandes centros urbanos, evitar que se aprofunde ainda mais a fenda ou fossa cultural existente entre diferentes sectores sociais, desbloquear a comunicação social, mediante a criação de âmbitos de encontro que facilitem as relações interpessoais, alentar as formas de educação permanente e criar as condições para a expressão, iniciativa e criatividade (...)” (Ander-Egg, 1999:9).

Rapidamente o conceito de Animação Sociocultural substitui o de Educação Popular, abandonando o termo educação, por entender que se encontra demasiado ligado à escola, aos seus conhecimentos, valores e modos de comportamento (Olmos, 1992:38) e substituindo o termo popular, pois não aspira assumir um carácter social paternalista.

Etimologicamente o conceito de Animação advém de *animus* e de *anima* significando ânimo, alegria, vida, alma... “A Animação é a vida (...) é também a acção para permitir a vida, para dar vida ou mais vida, para organizar e desenvolver a vida (...) para integrar um desenvolvimento que é crescente” (Ambles, 1974 *in* Sánchez, 1997:38).

A expressão Animação Sociocultural passa então a ser definitivamente utilizada “(...) na Europa desde meados dos anos 60, particularmente na França e na Bélgica, para designar um conjunto de acções dirigidas a gerar processos de participação das gentes, tendentes à dinamização do corpo social” (Sánchez, 1997:15 e Ander-Egg, 1999:9). Labourié (*in* Ander-Egg, 1999:70) afirma que “tanto sob a forma francesa de Animation Sécio Culturelle como sob a forma inglesa Community Development, após a Segunda Guerra Mundial, a Animação foi uma reacção ante o fracasso das actividades culturais e educativas do século passado... A instrução popular, a educação popular, a assistência social... todas elas partiam excessivamente de um modelo de transferência paternalista”.

A Animação pode assim ser encarada como “(...) um ‘estímulo’ que proporciona (...) a vida mental, física e afectiva dos habitantes de um sector determinado, para iniciar e empreender diversas actividades que contribuam para a sua expansão, lhes permitam



expressar-se melhor e lhes dêem sentimentos de pertença a uma colectividade cuja evolução pode levar a cabo (...) uma ‘acção’ (...) dentro de um grupo ou sobre ele (...) encaminhando-o para desenvolver a comunicação e estruturar a vida social (...) uma ‘tecnologia social’ (...) baseada numa pedagogia participativa, tendo por finalidade actuar em diferentes âmbitos da qualidade de vida, mediante a participação das gentes no seu próprio desenvolvimento sociocultural” (Sánchez, 1997:39).

Em 1964 o Conselho da Europa alarga o objectivo que havia inicialmente desenhado, de preservar e valorizar o património cultural europeu, para estudar os meios que permitam ao indivíduo beneficiar em qualquer momento e ao longo de toda a sua vida de maiores possibilidades de desenvolvimento cultural e de plenitude pessoal. Este organismo defende que o principal objectivo de uma política cultural deverá ser “o desenvolvimento da pessoa humana, qualquer que seja a sua formação e situação sociocultural e económica (...)” propondo a Animação Sociocultural como um dos meios para que isso aconteça (idem :31).

Nos últimos anos como reflexo de fenómenos sociais como o declínio do movimento associativo e a expansão do mercado privado de entretenimento e lazer, mais orientado para o lucro do que para a transformação social, a Animação Sociocultural tem vindo a assumir formatos bastante diferentes do seu carácter original, sendo, frequentemente, adoptada como estratégia de democratização cultural ao invés do inicialmente defendido posicionamento de democracia cultural.

1.2.2.2. Metodologia

A Animação Sociocultural desenvolve o seu trabalho essencialmente com base na metodologia de projecto. “(...) [P]rojectos e iniciativas que conquistem espaços. Espaços para o encontro comunitário, para a criação, a tomada de decisões, para as iniciativas de base, a aprendizagem, para as realizações da cultura. Que conquistem também o espaço socioeconómico, a comunicação, a produção teórica, o desenho urbano, o meio natural” (Cembranos, Montesinos e Bustelo, 2001:4).

Um projecto é segundo Brand (1998:13) uma ideia ou intuito de executar algo e uma representação em perspectiva. Brown Boveri (*in* Brand, 1998:13) afirma que “um projecto é um trabalho repetitivo, planificado e realizado de acordo com especificações técnicas determinadas e com objectivos de custos, investimentos e prazos pré-fixados (...)”. Outra definição de projecto é “(...) uma organização designada para cumprimento de um objectivo, criada com esse objectivo e dissolvida após a sua conclusão (...)” (Roldão, 2005:1). Porém, a



definição de projecto que mais se adequa à Animação Sociocultural é “(...) um conjunto de actividades concretas, inter-relacionadas e coordenadas entre si, que se realizam com o fim de produzir determinados bens ou serviços capazes de satisfazer necessidades ou resolver problemas (...)” (Ander-Egge e Idáñez, 1999:16-17). Os mesmos autores defendem que um projecto é caracterizado pelo seu conjunto de actividades, que não são espontâneas, mas ordenadas e articuladas, que combinam diferentes tipos de recursos desde humanos, técnicos, financeiros e materiais, que se orientam para a consecução de objectivos previamente fixados, que se realizam num tempo e num espaço determinado e que se justificam pela existência de uma problemática em que se pretende actuar para melhorar a realidade social. Há ainda um aspecto fulcral num projecto de Animação Sociocultural – o seu carácter sistémico.

Sumariamente, um projecto de Animação Sociocultural consta de uma série de elementos relacionados e coerentes, com a finalidade de actuar sobre a realidade social, encarada como complexa e sempre em transformação (Quintas e Sánchez, 1995:98). Estes projectos são frequentemente designados por projectos de intervenção, materializam-se em documentos e apresentam uma estrutura cíclica, faseada e evolutiva. As suas fases, bem como a composição das mesmas, variam de acordo com diversos autores e as especificidades do âmbito de intervenção a que o projecto é destinado. Em todo o caso, e da análise de diversas propostas, resultam aspectos comuns, que merecem ser frisados.

A primeira fase de um projecto de Animação Sociocultural é frequentemente denominada “diagnóstico de necessidades”, “estudo prévio” ou “análise da realidade”. Esta fase “(...) surge a partir da detecção de uma necessidade não coberta ou de um problema que deve ser resolvido” (idem :99) e tem como intento a compreensão da realidade “onde se actua para saber o que mudar e como fazê-lo” (Cembranos, Montesinos e Bustelo, 2001:12). Segundo estes autores, esta etapa passa pelas sub-fases da descrição, da percepção, da interpretação, da apresentação de alternativas e de ajustes. Esta investigação preliminar tem como objectivo abordar as problemáticas da comunidade, com o fim de identificar as carências mais significativas, utilizando entre outras técnicas de recolha de dados a observação, o inquérito por entrevista, as conversas informais, a pesquisa e a análise documental e bibliográfica (Ander-Egg, 1980:125).

Depois de se conhecer a realidade na qual se pretende actuar, é tempo de apresentar propostas. Esta nova fase designa-se “planificação”, ou seja, “(...) o sistema para: tornar



efectivas as decisões tomadas (...)” (Cembranos, Montesinos e Bustelo, 2001:16), potenciando as oportunidades e minimizando os riscos e as dificuldades. “A planificação é uma antecipação do que queremos realizar, evitando surpresas e imprevistos” (Quintas e Sánchez, 1995:101-102). Segundo os mesmos autores a planificação requer a combinação equilibrada de uma grande previsão com uma adequada flexibilidade, que permita a todos os elementos do projecto, entendido como um sistema, conservarem a sua vigência, prevendo ajustes que facilitem a execução e um *feedback* criativo, naqueles casos em que a antecipação seja quase impossível. É nesta fase que se apresenta o objectivo geral e os específicos, as actividades e sua metodologia, o público, a localização, a calendarização, os recursos, correspondente orçamentação e as estratégias de avaliação.

A fase que geralmente se segue é a da “execução”, também designada por “implementação” ou “intervenção” do projecto. Com base no diagnóstico e planificação anteriormente implementados a execução tem como objectivos “gerar processos de dinamização social ou estruturá-los quando já estão gerados. Colocar em marcha iniciativas estáveis e autónomas de diversos tipos e perspectivas (...) possibilitando as condições adequadas para o crescimento de novas plataformas (...)” (Cembranos, Montesinos e Bustelo, 2001:158). Segundo Quintas e Sánchez (1995:106) a execução é a fase verdadeiramente prática do projecto em que a teoria se transforma em realidade.

A última fase de um projecto de Animação Sociocultural denomina-se “avaliação”. A avaliação é, segundo Quintas e Sánchez (1995:107), um elemento indispensável em qualquer projecto de Animação Sociocultural e uma componente intrínseca do processo. “Em geral pode-se afirmar que avaliação significa reconhecer e analisar sistematicamente uma informação que nos permita determinar o valor e o mérito do que se faz. Determinar o valor, o mérito da intervenção não é gratuito, faz-se para facilitar a tomada de decisões e com o fim de aplicar o aprendido (...) na melhoria do próprio processo de intervenção” (Cembranos, Montesinos e Bustelo, 2001:184). A avaliação não pretende apenas fazer um balanço das conclusões do projecto, mas analisar passo a passo todos os momentos do mesmo, desde o seu diagnóstico, apresentando propostas alternativas para a sua melhoria na globalidade e na especificidade.

Por fim, o projecto deve resultar num relatório final que apresenta todas as conclusões do processo, com o objectivo de se retirarem lições para futuras intervenções. Este documento passa por organizar todos os aspectos estudados para que outros possam



compreender e entender o que se deseja colocar ou se colocou em marcha. Este relatório sintetiza os dados e as conclusões retiradas que se devem divulgar a todos os implicados no projecto, para que obtenham uma visão de todo o processo (Quintas e Sánchez, 1995:125-126).

Ao desenhar, implementar, gerir e avaliar um projecto existem duas visões fundamentais que a Animação Sociocultural considera: a de “ser humano”, encarado como actor em construção, capaz de se adaptar, reflectir e agir na transformação da sua realidade e a de “contexto social”, encarado como complexo e evolutivo. Relativamente à filosofia de actuação todo o projecto de Animação Sociocultural quer-se: significativo, activo, participativo, cooperativo, reflexivo e evolutivo.

1.2.3. A Mediação

1.2.3.1. Contextualização

A contemporaneidade social urbana encontra-se marcada por preocupações de ordem relacional provocadas, essencialmente, pela rápida recomposição do tecido sociocultural, cada vez mais denso, heterogéneo e dinâmico, onde a existência de normas distintas dificultam o diálogo e disseminam conflitos, inimigos da inclusão e do desenvolvimento. Como dificuldades acrescidas, são identificadas crises nos sistemas sociais tradicionais de providência de homeostase.

De acordo com Élise Lemaire e Jean Poitras (2004 *in* Oliveira e Galego, 2005:26) a crise do sistema judicial de regulação de litígios e a crise do sistema de regulação social, que compreende a família, a escola, o trabalho e a igreja, são determinantes para a instabilidade que se vive no presente. Consequentemente, os processos sociais tradicionais de aproximação, apresentação, diálogo, conhecimento e associativismo encontram-se comprometidos. É, precisamente, na busca de soluções para prevenir riscos sociais e para solucionar conflitos já patentes que nasce a Mediação.

Mediar significa encontrar uma média, um ponto intermédio ou um meio-termo. Para Margalit Cohen-Emerique (*in* AEP, 2001:98-99) o termo Mediação possui três significados linguísticos: intermediar a comunicação; intervir para colocar em acordo, conciliar ou reconciliar; gerar um processo criador.

“A institucionalização da Mediação como um processo de resolução de conflitos, resultou de um movimento internacional que a apresentou como uma alternativa ao



método tradicional judiciário de resolução de conflitos, o chamado Alternative Dispute Resolution (ADR). Países como os EUA, onde rapidamente a Mediação se une aos Tribunais, como a Austrália, o Canadá, alguns países da América do Sul e, posteriormente, alguns países europeus, desempenharam um papel importante na divulgação da Mediação e dos seus modelos de intervenção” (Oliveira e Galego, 2005:23).

Inicialmente ligada ao termo negociação, a Mediação depressa se assumiu como um recurso fundamental para a resolução de conflitos em contextos socioculturalmente diversos e para a criação de novos acordos cooperativos com vista ao desenvolvimento. Pela sua eficácia, tem vindo a sofrer adaptações e a ser adoptada pelas ciências sociais como metodologia de desenvolvimento de relações interpessoais e ferramenta indispensável nas novas comunidades urbanas, actuando com persistência na sua reabilitação, no combate à sua desertificação gradual e na inclusão das minorias (Simões, 2006: 101-102). “(...) As intervenções da Mediação social, sobretudo em alguns países europeus, evoluem progressivamente diversificando e ampliando o seu campo de acção. Isto acontece em relação ao objecto, nos modelos operacionais, na direcção da prevenção da exclusão social e da segurança urbana, com um objectivo específico de conseguir uma melhoria de qualidade da vida urbana, no contexto da complexidade da vida social, a qual produz situações de difícil gestão e para as quais se necessita de instrumentos novos e flexíveis” (Lucio Luisson e Orazio Valastro, 2004 *in* Oliveira e Galego, 2005:26).

José Vasconcelos Sousa (*in* Oliveira e Galego, 2005:23) afirma que a Mediação é aplicável a todas as situações onde a negociação é utilizável na tomada de decisões conjuntas e participadas para o estabelecimento de consensos no alinhamento de opiniões ou de programas, ou seja, em todas as situações em que vários intervenientes procuram chegar a um acordo e onde a comunicação entre as partes se revela deficiente. Nalguns casos, a Mediação, é apenas utilizada para a constituição ou consolidação de relações, em que o estabelecimento de uma comunicação saudável e a promoção da integração são os principais objectivos (A.A.V.V., 2005:99).

A pertinência da Mediação aumenta de acordo com a complexificação do tecido social e consequente intolerância. Porém, e embora actue “(...) preferencialmente na prevenção de conflitos culturais, favorecendo o reconhecimento da diferença, a aproximação entre as partes, a comunicação e compreensão mútuas, a aprendizagem e desenvolvimento da convivência, a busca de estratégias alternativas para a resolução de conflitos culturais e a



participação comunitária” (AEP, 2001:101) a Mediação não pode ser apenas reduzida à resolução de conflitos, apresentando-se como uma estratégia abrangente que não se limita à interculturalidade, mas alarga-se a todas as áreas onde seja necessário reforçar a dimensão do diálogo e da coesão (Oliveira e Galego, 2005:26). Assim, a Mediação pode ser encarada como uma “(...) modalidade de valorização do conflito, de re-apropriação deste pelos sujeitos implicados, de reactivação da comunicação (...) diferenciando-se de práticas de simples gestão e manipulação de relações conflituosas” (Oliveira e Galego, 2005:21), passando muitas vezes por uma tradução dos discursos, das representações e das práticas para o entendimento comum.

Existem, essencialmente, três tipos de Mediação orientados para a finalidade (AEP, 2001:100): a “preventiva”, que consiste em facilitar a comunicação e a compreensão entre pessoas com códigos culturais diferentes; a “reabilitadora” que intervém na resolução de conflitos de valores e a “criativa”, que consiste num processo de transformação de normas ou de criação de novas normas, e novas acções, baseadas em novas relações entre as partes.

Entre as muitas designações que a Mediação tem adoptado Oliveira e Galego (2005:28) chamam a atenção para o facto de alguns autores utilizarem as noções de Mediação social e de Mediação comunitária indiscriminadamente. Porém, enquanto as práticas de Mediação social visam sobretudo construir laços sociais, as de Mediação comunitária visam a regulação da gestão de conflitos patentes ou latentes nas já constituídas comunidades, de modo a que os seus membros possam viver melhor em conjunto. Assim, enquanto a Mediação social pretende a reinserção dos indivíduos na vida em sociedade, de modo a que se possa dar a socialização, a Mediação comunitária, está ligada à vontade dos membros de uma comunidade definirem, eles próprios, os seus problemas e soluções, pretendendo-se favorecer a participação da população na resolução dos conflitos e no restabelecimento da coesão social.

Élise Lemaire e Jean Poitras (2004 *in* Oliveira e Galego, 2005:29) defendem ainda que a Mediação social e a Mediação comunitária se inserem numa lógica de: “autonomia, como reconquista do poder de determinação da pessoa e da comunidade e criação de práticas sociais responsabilizantes, bem como de espaços de regulação de conflitos; reconhecimento e integração das necessidades fundamentais das pessoas no seio dos espaços interaccionais; proximidade dos processos de regularização e de decisão das pessoas e das comunidades/participantes; prevenção, aumento da capacidade das pessoas e das



comunidades de desactivar situações conflituosas e de gerar novas solidariedades, reduzindo assim as tensões sociais e encontrando a via colectiva”.

1.2.3.2. Metodologia

Metodologicamente, enquanto mobilizadora e dinamizadora de recursos para a criação, fortalecimento ou restauro de laços sociais a Mediação inspira-se nas Teorias da Comunicação. Aliás a relação entre o conceito de Mediação e o de comunicação torna-se evidente através do conceito de *media* – elementos mediadores da informação.

Comunicar significa, numa primeira abordagem, colocar em comum, partilhar informação (Torollo, 1996:25), “é o processo através do qual se procura consenso (...)” (Ferrão e Rodrigues; 2000:178).

Segundo Torollo (1996:30-31) a comunicação interpessoal directa tem maior eficácia se as partes pertencerem à mesma realidade sociocultural, partilhando um código comum. “(...) Para que haja comunicação efectiva é necessário que haja uma correspondência tão perfeita quanto possível entre o que é emitido e o que é recebido” (Teixeira, 1998:159) para isso, é necessário eliminar ao máximo as barreiras da comunicação, designadamente barreiras técnicas, de linguagem e psicológicas, potenciando o estabelecimento de um clima de empatia, observação, leitura e escuta activa e utilização de uma linguagem corporal adequada.

Infelizmente, isso nem sempre acontece, pelo que a Mediação actua, também, para decodificar a informação no processo de comunicação. Ainda, segundo o mesmo autor, o processo de comunicação decorre sempre num contexto sociocultural que pode estar repleto de ruídos, ou interferências, produzindo efeitos nem sempre idênticos aos pretendidos, por questões de dissonância no envio e recepção da mensagem (idem :42-43). Assim, existem duas chamadas de atenção fundamentais na compreensão do processo de comunicação: a primeira prende-se com o facto da comunicação ser extremamente volátil, repleta de interferências; a segunda relaciona-se com os papéis assumidos pelo emissor e pelo receptor que nada têm de lineares, ou seja, partir do princípio erróneo de que o emissor tem controlo absoluto sobre a mensagem que envia e que o receptor tem obrigação de a acolher pode, em si, dificultar a comunicação.

O mesmo autor analisa ainda alguns tipos de rede de comunicação que ajudam a perceber a complexidade do papel emissor-receptor apontando como ideal para contextos de Mediação a tipologia “interligação total”, em que todos os membros do grupo têm a



possibilidade de comunicar entre si horizontalmente (ibidem :165), surgindo a figura do mediador enquanto elemento dinamizador dessa rede de comunicação.

O mediador (pessoa, grupo ou instituição) “(...) actua como ponte, com o fim de facilitar relações, fomentar a comunicação e promover a integração entre pessoas ou grupos, pertencentes a uma ou várias culturas (...)” (AEP, 2001:101), actua de forma imparcial, sendo reconhecido como a terceira parte, simultaneamente *on* e *off* no processo. Essa terceira parte não é um juiz, um conselheiro, um árbitro ou um terapeuta, mas um catalisador (Oliveira e Galego, 2005:28) que não tendo “(...) o poder de decisão (...)” é simplesmente um assistente ao serviço das partes em litígio, que são as únicas que podem resolvê-lo” (AEP, 2001:101). Neste sentido, o mediador potencia os pontos positivos e racionaliza os negativos, contribuindo para que as partes, em busca de uma relação construtiva, revejam os seus valores e questões principais, construindo um novo contexto, uma nova perspectiva cooperante. Deste modo, os acordos construídos através de processos de Mediação são geralmente duradouros, porque não são impostos, mas sim assimilados com consciência e respeito mútuo.

Perspectivando um trabalho para a inclusão, o mediador potencia a consciência do trabalho colaborativo, comprometido e transparente, obedecendo aos princípios: da imparcialidade, sem se inclinar para a representação de uma das partes e sem interferir no sentido de impor soluções; da confidencialidade, assegurando às partes envolvidas sigilo e conferindo confiança para que se possa de forma aberta expor os problemas; e da voluntariedade, pois as partes devem participar de livre e espontânea vontade no processo de mediação (Sousa, 2002 e Mourineau, 1997 *in* Oliveira e Galego, 2005:24).

De acordo com Trulls⁴ metodologicamente o mediador: reduz a hostilidade e estabelece uma comunicação eficaz; ajuda as partes a compreenderem as necessidades e os interesses das outras partes; formula questões que manifestem os interesses reais de cada parte; sublinha e aclara questões que foram desvalorizadas; ajuda a conceber e comunicar novas ideias; auxilia a formular propostas em termos mais aceitáveis; modera exigências irrealistas; comprova a receptividade de novas propostas; apoia na formulação de acordos que resolvam os problemas. Durante todo o processo, o mediador, ainda atenua os níveis de tensão e de agressividade, escuta com atenção e interesse, permite que as partes esclareçam a sua posição, pensa criativamente, trabalha para criar confiança, revela

⁴ URL:<http://www.terapiafamiliar.org.ar/archivos/Trulls%20-%20Mediaci%F3n.pdf>



absoluta integridade e imparcialidade.

Recorde-se que num processo de Mediação o objectivo não é indicar de que lado está ou não a razão, mas conseguir conciliar todas as necessidades e potencialidades numa mudança construtiva. O que se pretende não é utilizar a Mediação para que uma das partes saia favorecida do processo, mas para que todas encontrem um estado favorável. Para isso, o envolvimento activo e a cedência fazem, obrigatoriamente, parte do processo.

Segundo a mesma autora as etapas do processo de Mediação consistem em: 1) organização do espaço físico; 2) apresentação das posições e definição do problema; 3) detecção de interesses; 4) formulação de hipóteses para solucionar o problema; 5) apresentação de uma proposta; 6) realização do acordo. Já Seijo⁴ apresenta como etapas para uma metodologia de Mediação: 1) a pré-mediação (fase prévia à Mediação propriamente dita quando se reúnem todos os recursos e condições para a facilitação da Mediação); 2) apresentação das partes e das normas do processo, 3) exposição das versões das partes; 4) esclarecimento de questões; 5) proposta de soluções; 6) acordo.

Antes de se iniciar qualquer processo de Mediação é necessário identificar os momentos em que este está em risco de colapsar. A primeira situação é a denominada “impossibilidade”, quando uma das partes se recusa a cooperar; a segunda situação é a da “identificação”, quando o mediador toma partido de uma das partes perdendo a “imparcialidade”; a terceira é a da “interposição”, quando o mediador passa a ser intermediário em vez de mediador, gerando dependência (AEP, 2001:133-134). Consciente destes riscos, o mediador pode avançar para o primeiro momento do processo.

O primeiro passo passa pelo reconhecimento de uma vontade comum. Quando esta não existe, qualquer esforço é inútil para forçar uma relação. Assim, todas as partes deverão ter plena consciência do objectivo do processo de Mediação, pois caso este não se apresente de forma clara perder-se-á demasiado tempo a situar as partes, podendo-se inclusivamente chegar à conclusão de que o esforço é infrutífero.

Após as partes acordarem em negociar e compreenderem o porquê da negociação, uma das principais preocupações do mediador são as representações que existem e que podem impedir o estabelecimento de relações de confiança ou, pelo contrário, podem impô-las sem uma verdadeira consciência da realidade. Por isso, uma das primeiras etapas de um processo de Mediação será sempre colocar sobre a mesa a identidade das partes envolvidas e a partilha das representações mútuas, para que se possam esclarecer equívocos e formular



representações o mais próximas da realidade possível, porque “(...) só podemos viver juntos com as nossas diferenças se nos conhecermos mutuamente (...)” (Touraine, 1997:214).

As estratégias mais utilizadas nessa fase passam por conversas informais, inquéritos por entrevista, inquéritos por questionário anónimos e dinâmicas de grupo. O espaço escolhido para os encontros entre as partes deve também ser o mais neutro possível, se bem que a neutralidade seja algo impossível de alcançar quando se fala de um processo de ordem social.

Posteriormente é importante que todas as partes expressem as condições que solicitam e oferecem para que os objectivos previamente definidos sejam alcançados. Nenhuma das partes deve sentir que só deve receber ou só pode oferecer, dado que um compromisso advém em grande parte da consciência de partilha e confiança. O valor da oferta, a dar ou receber, não é facilmente mensurável, já que depende do valor que essa oferta assume para quem dá e para quem recebe. O papel do mediador aqui será encontrar um equilíbrio entre essas valorizações, permitindo que as partes envolvidas sintam que estão a ceder e a integrar na mesma medida. Durante esta fase, o diálogo cara-a-cara e a utilização de dinâmicas de grupo provocadoras de reflexão e discussão são estratégias fundamentais, justificando-se sempre que necessário conversas de carácter mais sigiloso entre uma das partes e o mediador. Durante esta fase, é ainda necessário que o mediador esteja atento a acordos unilaterais que excluam, de algum modo, uma das partes envolvidas.

No caso de se conseguir alcançar um acordo, é necessário definir que práticas, ou seja, que diligências vão ser tomadas e em que calendário, de modo a que se consiga monitorizar adequadamente a implementação do acordo. É importante que o acordo assuma um formato real, tal como um verdadeiro contrato, devendo-se prever no mesmo as condições para que o mesmo seja cumprido e para que seja desfeito.

Após essa fase o papel do mediador é bastante mais subtil, dado que lhe poderá caber a função de acompanhar e monitorizar a progressão do acordo, ou poderão ser designados representantes que adoptem essa função ligadas a cada uma das partes. Aconselha-se porém, que seja o mediador a assumir esse papel, dando continuidade ao processo iniciado, uma vez que a sua “imparcialidade” lhe permitirá uma avaliação mais isenta da realidade, activando momentos-chave na acção. É também uma das suas principais dificuldades, a separação das suas vontades pessoais, do processo em causa. Embora o mediador deva manter em mente que o seu papel é facilitar e não intervir, no verdadeiro sentido do termo,



intimamente a “imparcialidade” humana é impossível de alcançar.

Passando-se à fase da aplicação do acordo, são necessários momentos de reflexão sobre o processo, para que não se acumulem dúvidas nem ocorram desvios em demasia dos objectivos traçados inicialmente. No caso de se tratar de um acordo com calendarização limitada, sugere-se ainda, que se prepare um momento especial de reflexão de todo o processo, envolvendo todas as partes.

Não raras vezes, a ansiedade e expectativas dos envolvidos, são também um entrave para que o processo de Mediação seja bem sucedido. Por outro lado, os resultados do processo de Mediação raramente se vislumbram a curto prazo, o que poderá causar sensações de insegurança face à utilidade do mesmo. Daí ser tão importante traçar etapas de modo a que os envolvidos visualizem o alcance de resultados. É, portanto, fundamental que o objectivo do processo seja significativo para os envolvidos, para que os mesmos não desanimem, pois pode tratar-se de um longo, moroso e dispendioso percurso.

Outro aspecto que deve ser salientado é o facto do principal objectivo do mediador ser a autonomia das partes. Para o mediador, a aceitação de que já não é fundamental para o processo de entendimento nem sempre é fácil de aceitar, sobretudo nos casos de processos de longa duração. Neste contexto, um dos erros mais flagrantes que um mediador pode cometer, é encontrar estratégias de dependência que mantenham as partes em submissão à sua colaboração.

Finalmente, por vezes, é também importante aceitar que os acordos não foram bem conseguidos e que em situações extremas, podem levar à impossibilidade da continuidade do processo. Nesses casos o anulamento do acordo é também importante, percebendo-se o que falhou e, muito claramente, se não existe vontade de se reformular o mesmo e porquê.

A conclusão de um processo de Mediação é bastante relativa e discutível, cabendo ao mediador a sensibilidade de, sem quebrar repentinamente os laços, perceber o momento do seu afastamento. Nesse momento, as partes envolvidas no processo de Mediação, poderão finalmente avançar autónoma, cooperativa e conscientemente.

1.2.4. A Animação Sociocultural e a Mediação ao serviço dos museus

Recentemente, os museus têm procurado estratégias para responderem da melhor forma às solicitações da sociedade contemporânea e acompanharem os progressos ocorrentes no seio da própria Museologia.



Em ambos os contextos, parecem destacar-se as necessidades de maior abertura dos museus à sociedade, de alargamento dos seus conteúdos patrimoniais, de extensão geográfica e territorial e de complexificação organizacional (Barrigada e Silva, 2007:27). De facto, as funções do museu são hoje, no seu conjunto e singularidade, cada vez mais exigentes pelo que existe a clara necessidade de se atribuírem tarefas específicas a diferentes departamentos e profissionais que devidamente articulados respondam à missão definida para o museu. É no âmbito desta necessidade que surgem os serviços especialmente vocacionados para facilitar o estabelecimento, fortalecimento e fidelização de relações com os públicos.

As designações que são atribuídas a estes serviços divergem, assim como a formação dos técnicos que lhes dão corpo, mas os valores que os baseiam são genericamente comuns, uma vez que, embora “(...) inseridos nas diferentes matrizes sociais, patrimoniais e organizacionais das respectivas instituições museológicas (...)” procuram fazer cumprir a função educativa que é inerente ao próprio conceito de museu (idem).

A Lei Quadro dos Museus Portugueses adopta para estes departamentos a designação de serviço educativo atribuindo-lhes a função “(...) museológica de educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas de estudo e de investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição” (ibidem).

Mas, o museu não é a escola e por isso o seu serviço educativo não se enquadra na tradicional visão que se detém do conceito de educação. O museu é um espaço de educação não formal que embora organizada e sistemática é realizada fora do marco do sistema oficial escolar (Bernet, 1999:19), não tendo como finalidade a obtenção de graus académicos mas um desenvolvimento construtivista, um *upgrade* de competências aplicáveis no dia-a-dia. “A educação não formal, além de ser vivencial, centrada nas necessidades vividas e comunitárias, caracteriza-se por ser crítica (...), criadora (...) integradora (...)” (Quintana, 1992:72). Neste sentido, o Museu não poderá utilizar as mesmas metodologias a que a escola recorre, até porque serve uma audiência mais abrangente e desafiadora. Surge por isso a Animação Sociocultural e a Mediação, no cenário do serviço educativo dos museus, enquanto ferramentas não formais de eleição, orientadas para os públicos e inspiradas nas colecções (Sagués, 1999:113).

Entende-se por Animação Sociocultural em contexto museológico o conjunto de



iniciativas que possam dinamizar o museu, amplificando a experiência museológica dos seus públicos. Concentrada fundamentalmente no conceito de desenvolvimento do grupo em grupo, introduz no museu o trabalho de projecto, baseado em diagnósticos aprofundados, planificações criativas, execuções dinâmicas e avaliações reflexivas. Combate as experiências nos museus que conduzem os públicos através de informação sem contexto, impondo uma contemplação estática e defende a diversidade de ofertas para satisfazer diferentes públicos, passando pela criação de cenários que favoreçam o encontro entre o objecto e o visitante, por permitir o conhecimento, o encantamento e o questionamento.

Embora situada no âmbito educativo não formal, a Animação Sociocultural estabelece pontes com contextos informais (como famílias e os grupos de amigos), no sentido da saudável ocupação do tempo livre, e com contextos formais, no sentido de complementar actividades lectivas facilitando/aprofundando aprendizagens.

Assim, a Animação Sociocultural torna-se responsável pela organização e gestão de uma programação apelativa, diversificada e enriquecida por eventos pontuais, oficinas temáticas, cursos de formação... que animem o museu e explorem a colecção. Mas uma programação coerente, sistémica, contínua e justificada, porque os públicos também vivem de hábitos.

O animador sociocultural, em contacto com o visitante dentro ou fora do museu, dinamiza acções baseadas em metodologias significativas, activas, participativas e cooperativas. Provoca os públicos, incita-os a viverem sem inibições na experiência museológica, apoia-os no esclarecimento de dúvidas e estimula novos questionamentos. A versatilidade do animador sociocultural prende-se ainda com a possibilidade de se dedicar a todas as faixas etárias e todos os grupos sociais sem excepção.

Por sua vez, entende-se como Mediação em contexto museológico, o processo para apoiar a representação da própria sociedade no museu (Lamizet, 1999 *in* Costa, s.d.:3), possibilitando a dialéctica entre os públicos e os possíveis públicos, a comunidade, os vizinhos e a instituição museológica. Nesta perspectiva, a Mediação, deve ser encarada como um fenómeno que permite compreender, no espaço e no tempo, significados compartilhados e legitimados pelas relações que se manifestam (Caune, 1999 *in* Costa, s.d.:6).

A Mediação actua, também, no desenvolvimento de laços de cooperação com outros museus e entidades da comunidade, assim como na dinamização das redes de cooperação



comunitárias e na aproximação e integração do museu numa rede de vizinhança (Encouragement mmBE: médiation culturelle dans les musées, s.d.:1). O seu principal objectivo é inserir o museu na vida das comunidades e as comunidades na vida do museu (Costa, 2006:75).

Falar de Mediação em museus implica falar de acessibilidade, redução de distâncias entre a cultura e os públicos (Beillerot, 2000 *in* Costa, s.d.:9) e muito para além disso entre diferentes públicos, novos públicos e o museu enquanto instituição comunitária, porque a Mediação promove a igualdade e faz com que as relações instauradas verticalmente, numa experiência museológica se dissipem, transformando-se em relações horizontais (Emmanuelle Serres-Palson 2000 *in* Costa, s.d.:38).

A colaboração é, aqui, um aspecto crítico porque quando se fala em colaboração fala-se também de construir relações com indivíduos e organizações, que são bastante diferentes dos parceiros tradicionais dos museus, particularmente se o museu almeja tornar-se mais inclusivo, diverso e relevante. No seu melhor, a colaboração: facilita o trabalho; muda para acomodar circunstâncias particulares dos participantes; tem um propósito e envolve relações que permitem o alcance de objectivos individuais e colectivos. Requer flexibilidade organizacional, tempo, paciência, pessoal, recursos e, não raras vezes, Mediação, sendo isto especialmente verdade em relações a colaborações a longo termo, entre “jogadores diferentes”. “As colaborações mais frutíferas são baseadas no reconhecimento das forças e necessidades mútuas e assumem a forma e a intensidade que melhor facilita o trabalho” (American Association of Museums, 2002:32-33).

Através da Mediação o museu assume uma liderança colaborativa, que envolve: pensar e agir através de limites, frequentemente existentes entre organizações que são parceiros inconventionais; identificar os bens presentes na comunidade, ligando esses bens numa rede de relações; e servir de catalisador para criar novas visões e resoluções de problemas. O sucesso da liderança colaborativa “funda-se na confiança e reciprocidade, uma crença de boa fé de que instituições a trabalhar em conjunto o farão com honestidade e ‘accountability’ mútua” (idem :14-15). Liderar colaborativamente permitirá ao ser humano compreender os benefícios do museu, da sua comunidade e das suas potencialidades para a sua vida (Encouragement mmBE: médiation culturelle dans les musées, s.d.:1) através da prática revigorante do diálogo cívico, numa clara aplicabilidade da democracia saudável, que se traduz na construção de um verdadeiro fórum social.



Na prática, o diálogo cívico desempenha um papel essencial na vida colectiva, dando voz a múltiplas perspectivas e permitindo às pessoas desenvolverem olhares mais multifacetados, humanos e realistas sobre assuntos complexos. “O diálogo é um processo propositado em que duas ou mais partes, com diferentes pontos de vista, trabalham no sentido de um entendimento comum com um fim em aberto, usualmente num formato cara-a-cara” (American Association of Museums, 2002:8-9), encorajando os participantes a suspenderem julgamentos e permitindo que assunções e preconceções sejam exteriorizadas, no sentido de levarem ao entendimento e à quebra de obstáculos. Esta actividade procura gerar igualdade entre os participantes, procurando formas de nivelar diferenças relativamente aos níveis de formação, experiência e posições percebidas de poder e autoridade. Encoraja empatia, trazendo múltiplas perspectivas para a mesa, facilitando um entendimento maior dos pontos de vista dos outros. Procura ainda construir um clima de confiança e segurança, sem o qual nenhuma parceria poderá ocorrer.

Em todas estas responsabilidades o mediador no museu actua “(...) mais num sentido de partilha do que num princípio de onisciência. Parte sobretudo da crença de que qualquer proposta, mesmo quando colocada em determinados sentidos, pode e deve gerar uma multiplicidade de outros que retornando (...) fornecem (...) informações preciosas sobre o caminho a seguir (...). Esta permuta *in progress* tem como ponto de partida uma visão pró-activa do público, e da sua capacidade de gerar a necessária massa crítica, funcionando como o verdadeiro motor da acção futura” (Barrigada e Silva, 2007:20-21).

Idealmente, a Mediação deve prevalecer, nas práticas de Animação Sociocultural e a Animação Sociocultural nas práticas de Mediação, fortalecendo-se mutuamente e reforçando o seu significado num museu preocupado em diminuir distâncias, quebrar barreiras, criar e possibilitar experiências especiais entre o museu, a sua colecção e os seus públicos.

Estando localizadas no coração do museu, a Animação Sociocultural e a Mediação, podem ainda apoiar numa reflexão sobre o papel do museu no seu tempo e no seu espaço (Fauche, 1998:5) contribuindo para a construção de uma museologia de hoje.



Capítulo 2

Corpus metodológico



2.1. Questão de partida, questões orientadoras e objectivos

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998:29) a definição da “(...) pergunta de partida obriga o investigador a uma clarificação frequentemente muito útil, das suas intenções e perspectivas espontâneas”, colocando em prática a ruptura com os preconceitos e as noções previamente estabelecidas sobre determinada matéria. Tal como a sua designação indica, a questão de partida tem por finalidade dar o “pontapé de saída” à investigação, delineando o que se pretende vir a conhecer.

No contexto deste projecto de investigação pretende-se, então, perceber **como potenciar a relação museu/vizinhança num cenário urbano contemporâneo**.

A partir desta questão central, são delineadas questões orientadoras, uma vez que para responder à questão de partida se deverá também analisar:

- Que características apresenta a vizinhança do museu?
- Que potencialidades e fragilidades sobressaem na vizinhança?
- Como é o museu percepcionado pela sua vizinhança?
- Poder-se-á falar da existência de laços suportativos entre a vizinhança e o museu?
- Que impactos poderão resultar do estreitamento de laços entre a vizinhança e o museu?

No seguimento das questões apresentadas, considera-se objectivo geral da investigação, delinear princípios orientadores à potencialização de relações de vizinhança entre o museu urbano contemporâneo e a sua vizinhança. Por conseguinte, destacam-se enquanto objectivos específicos do projecto:

- Esboçar alguns limites internos e externos do território e das suas redes de vizinhança.
- Reconhecer a composição e organização das redes de vizinhança.
- Caracterizar identidade(s) associada(s) à comunidade.
- Elencar entidades e líderes representativas/os na comunidade.
- Identificar competências, potencialidades, fragilidades e ameaças no território.
- Visionar ameaças à manutenção/constituição de redes de vizinhança.
- Levantar representações entre o museu e a vizinhança.
- Reunir sugestões de interacção vizinhança/museu.



2.2. Posicionamento metodológico

Crê-se que a metodologia adoptada numa investigação reflecte o modo como o investigador encara o próprio processo de trabalho e a realidade em análise. “A metodologia será, assim, a organização crítica das práticas de investigação (...)” (Almeida e Pinto, 1990:93).

A opção metodológica do actual projecto recai, claramente, sobre uma investigação do tipo social, encarada como um processo ao longo do qual se obtém novos conhecimentos no campo das relações humanas e institucionais socioculturais e/ou educativas (Ander-Egg, 1995:57). Esta linha de investigação científica é caracterizada pelo recurso a uma pluralidade de métodos que têm como finalidade o esclarecimento de fenómenos sociais, através da recolha, selecção, análise e discussão de dados, cuja qualidade será mais importante do que a quantidade.

Quando se envereda pelo caminho da investigação social de carácter qualitativo, pretende-se compreender o significado de um fenómeno, acreditando-se que o mesmo só poderá ser percebido na globalidade se forem, simultaneamente, consideradas as acções e as representações dos actores sociais envolvidos. Neste contexto, o facto do sujeito da investigação ser considerado uma fonte de informação activa, é um valor acrescido.

A metodologia qualitativa apresenta ainda características que importa salientar (Bogdan e Biklen, 1994:50) como: a recolha dos dados ser efectuada em ambiente natural; o investigador ser considerado um instrumento-chave na recolha e análise desses dados; a sua descrição ser efectuada em primeiro lugar, para só depois dar lugar à sua análise; os dados serem analisados indutivamente e a orientação do processo merecer uma atenção especial.

Considera-se que epistemologicamente, o presente documento se encontra ancorado aos paradigmas Interpretativo e Sócio-crítico. Aqui a realidade em estudo é vista como profundamente complexa, no seio da qual interessa explorar, para além da forma o conteúdo, para além dos símbolos o simbolismo. Entende-se, ainda, o investigador como explorador, mais do que observador neutral e isento, um interveniente que no acto de investigar já é capaz de promover tomadas de consciência, interagindo, embora que de forma moderada e de acordo com o objectivo do seu trabalho, com o contexto em análise.

A finalidade da ancoragem a ambos os referidos paradigmas, tem por base a necessidade de interpretar a realidade e ao mesmo tempo provocar, pelo seu



conhecimento, uma agitação reflexiva, que se entende benéfica para a emancipação social. É, igualmente, no sentido de retirar o máximo partido deste posicionamento paradigmático que esta investigação vai ainda beber às abordagens fenomenológica, construtivista, interaccionista simbólica e etnometodológica.

De acordo com Bogdan e Biklen (idem :53) a investigação fenomenológica concentra-se na salvaguarda da subjectividade das representações simultâneas que os actores detêm de si, dos outros, da realidade e dos fenómenos, bem como na influência que essa subjectividade tem na construção da realidade pelos actores e na tipificação de aspectos da realidade. A pertinência desta abordagem para a presente investigação prende-se com a necessidade de atentar contra a recepção estática de informação sobre os fenómenos em estudo e de alertar para a compreensão de um contexto mais vasto que o imediato, em que o actor se encontra.

A investigação construtivista vem reforçar a ideia de que o sujeito não é isolável da realidade nem um reflexo da mesma, existe uma mútua dependência e influência que permite uma reconstrução constante da realidade e do sujeito. Esta perspectiva apresenta-se bastante esperançada na possibilidade de uma mudança social construtiva. Na actual investigação, esta perspectiva não só enuncia uma possibilidade de mudança social como acautela o investigador sobre o carácter dinâmico dos actores e dos contextos.

A abordagem interaccionista simbólica vem recordar a essência social do ser humano e o modo como a existência da rede social em que se insere gera símbolos e influencia a sua percepção e representação da realidade, sem que contudo a limite, realçando o valor da rede social na construção de uma identidade, discutivelmente unitária.

Por fim, a etnometodologia sublinha a necessidade de se recorrerem a métodos de pesquisa que ultrapassem a mera reflexão teórica divorciada do contacto com a realidade prática em estudo. Para que se compreenda a organização quotidiana social há que diluir a barreira entre investigador e investigado, ao ponto em que a recolha de informação se transforme num acto interactivamente formativo. Nesta investigação serão consideradas muitas recomendações que se baseiam na etnografia, com destaque especial para as técnicas de recolha de dados mais eloquentemente por ela defendidas.



2.3. Método

Quando o tema de um projecto de pesquisa se centra em questões sociais, o estudo de caso tem-se revelado uma ferramenta precisa enquanto forma privilegiada da investigação ideográfica. Guba e Lincoln (1981 *in* Sánchez e Ochoa, 1994:16-17) definem estudo de caso como a análise completa e intensiva de um tema ou acontecimento que tem lugar durante um determinado tempo num determinado marco geográfico. O desenho do estudo de caso adapta-se a situações que exigem um grande grau de intensidade, mas dispõe de um curto período de intervenção, utilizando-se durante a sua realização diferentes técnicas de recolha de dados que se complementem entre si.

Neste método, o investigador não exerce controlo sobre o contexto em estudo, analisando detalhadamente os elementos da realidade, a interacção que se produz entre eles e o contexto para chegar, mediante um processo de síntese, à busca do significado e da tomada de decisão que se requer na situação estudada. De acordo com Yin (1998 *in* Carmo e Ferreira, 2008:s.p.) o estudo de caso trata-se de uma abordagem que investiga um fenómeno actual no seu contexto real, quando os limites entre o fenómeno e o seu contexto não são claramente evidentes e são utilizadas muitas fontes de dados, sendo por isso um óptimo método para responder a questões de “como” ou “porquê” algo acontece.

Merriam (1988 *in* Carmo e Ferreira:s.p.) refere que o estudo de caso apresenta-se: particular, porque se centra numa situação, acontecimento, programa ou fenómeno; descritivo, porque o resultado é uma descrição rica do fenómeno em estudo; heurístico, porque desencadeia a compreensão do fenómeno; indutivo, porque parte do particular para o geral; holístico, pois considera a realidade na sua globalidade. Assim sendo, um estudo de caso deve ser sempre relevante, completo, considerar perspectivas alternativas de explicação e evidenciar uma recolha de dados adequada e suficiente.

A razão pela qual se considera que o actual projecto pode ser considerado um estudo de caso prende-se, em grande medida, com as características apontadas por Sánchez e Ochoa para este método de investigação (1994:18). Parte de uma problemática comum a muitos contextos mas, para analisá-la, procura-se um exemplo concreto, um caso que aglutine variáveis que tornem a investigação mais interessante. O exemplo seleccionado deve revelar alguma estabilidade interna, no sentido de se auto-delimitar temporal e geograficamente e situar-se num marco teórico determinado, pois exige um exame holístico,



intensivo e sistemático, revela a necessidade de se recolherem informações sobre múltiplas e diversas perspectivas, considera a importância do contexto, da sua dinâmica interna e dos seus limites, é encarado como um caso dinâmico repleto de interações e propenso a evoluções e toda a estratégia do estudo é orientada para a tomada de decisões mediante situações concretas.

O actual estudo de caso pode ainda ser classificado como comunitário, no sentido em que não se trata de analisar apenas uma organização ou um indivíduo, mas uma comunidade.

Finalmente, o estudo de caso destaca-se como método central deste projecto de investigação uma vez que dá mais importância aos processos do que aos produtos, à compreensão do que à interpretação, materializando-se num relatório que espelhe uma análise de dados rica e rigorosa, viável e fiável.

2.4. Técnicas de recolha de dados

2.4.1. Não interferentes

Webb *et al.* (1966 *in* Lee, 2003:s.p.) refere-se a medidas não interferentes como aquelas que levam à obtenção de dados sem que exista um processo de recolha directa de informação a partir do contacto com os sujeitos investigados. Estas medidas têm a vantagem de não serem reactivas, mas a desvantagem de levarem a conclusões com um maior distanciamento da realidade em estudo. Por estes motivos, é importante que o investigador retire o máximo partido dos dados disponíveis, mantendo-se a par das reflexões efectuadas por outros autores em contextos semelhantes.

A análise documental é uma técnica que “(...) visa seleccionar, tratar e interpretar informação bruta existente em suportes estáveis (...) com vista a dela extrair algum sentido” (Carmo e Ferreira, 1998:50). São muitos os documentos que podem servir de apoio ao investigador no *back office*. Destacam-se as obras bibliográficas editadas, mas também outras de carácter essencialmente organizacional como projectos e relatórios, acrescentando-se, ainda, importantes registos fotográficos, vídeo e áudio e, na actualidade, a importância dos dados recolhidos *on-line*, em blogs, redes sociais, entre outros.

Para além de permitir uma primeira aproximação ao tema em estudo, auxilia na construção de um *corpus* teórico que fundamente o desenho dos instrumentos de recolha de dados, além de recolher a “malha larga” e estabelecer o *state of the art*.



Actualmente, devido à enorme quantidade de informação disponível nos mais diversos suportes é ainda mais necessário, para o investigador, encontrar estratégias de selecção e organização que o protejam contra a “gula livresca”, frequente responsável pela incapacidade de tratar a informação necessária e tempo útil e pelos desvios do tema central da investigação.

Dada a sua relevância, esta técnica acompanha todo o trabalho, embora encontre maior destaque em dois momentos-chave: na fase inicial de implementação do projecto, quando se procuram informações sobre os conceitos teóricos relacionados com a problemática em análise e na fase final quando se retiram conclusões dos dados recolhidos e se efectua um cruzamento de vários dados, oriundos de diferentes fontes.

2.4.2. Interferentes

A ciência começa com a observação, sendo esta técnica considerada a mais antiga na recolha de dados, podendo ser utilizada autonomamente ou em conjugação com outras técnicas. Segundo Vázquez e López Rivas (1962 *in* Anguera, 1992:19) “para adquirir a ciência real dos homens, das intimidades e estruturas da vida é estritamente indispensável praticar pessoalmente a observação. Não se trata de uma observação superficial, mas sim de uma observação científica. Para isso é preciso situar-se num estado de observação constante, uma observação tão objectiva como é possível (...)”. De acordo com Anguera (1992:21), a observação converte-se em técnica científica na medida em que serve um objectivo definido, é sistematicamente planeada, controlada e relacionada com proposições previamente definidas, estando sujeita à comprovação de validade e fiabilidade.

Observa-se a conduta não verbal, como expressões faciais, movimentos do corpo, a conduta espacial como a movimentação no espaço, a interacção com outros e com o ambiente, a conduta extra-linguística, como reacções durante um discurso, mudança de entoação, de ritmo, hesitação, continuidade e a conduta linguística.

Em termos de vantagens, a observação permite recolher os dados no momento em que os fenómenos ocorrem, possibilitando ao investigador/observador um contacto directo com a realidade em análise, sem necessidade de comunicação verbal directa.

Por outro lado, as limitações que a técnica de observação apresenta prendem-se com o facto de: os acontecimentos ocorrerem com tal espontaneidade que não permitem ao observador preparar-se devidamente; depender das condições envolventes ambientais que



podem dificultar a observação em si; a sua aplicação ser difícil devido a constrangimentos que a presença de um estranho pode causar, bem como devido a influências nos comportamentos dos observados. Todos estes factores podem influenciar negativamente o observador, originando conclusões demasiado emocionais, desviantes ou distorcidas. Por tudo isto, há que considerar os obstáculos gerais ligados à observação/percepção como: a selectividade natural de estímulos, os efeitos de halo e de âncora e o etnocentrismo do observador/investigador.

Durante a implementação do corrente projecto a observação nunca foi utilizada *per si*, mas sempre enquanto técnica complementar, como a participação em grupos de discussão, inquéritos por entrevista e conversas informais com informantes privilegiados. A sua aplicação foi sempre devidamente autorizada e identificada junto dos actores observados.

Embora seja reconhecida a importância da construção de grelhas de informação, o único instrumento utilizado para registar as observações foi o diário de campo, acompanhado de registos fotográficos e áudio, cuja recolha foi também devidamente autorizada. Considerando as circunstâncias que revestiram a observação nesta investigação, pode-se classificá-la como não estruturada, uma vez que não obedeceu a grelhas prévias ou a variáveis a identificar, mas a um registo organizado com recurso a diário de campo.

Outra técnica central eleita, para a recolha de dados durante a implementação do projecto de investigação, foi o inquérito por entrevista, com a particularidade de existir um cruzamento com a técnica de bola de neve e com a selecção de informantes privilegiados.

Inquirir é realizar um conjunto de acções e diligências destinadas a apurar alguma coisa. Em síntese, trata-se de um processo através do qual se procura descobrir alguma coisa de forma sistemática. A entrevista é uma técnica que se baseia na interacção directa entre entrevistador e entrevistado, na qual a comunicação verbal e não verbal desempenham grande importância, pois tanto o que se diz, como a forma como se diz deve ser tido em consideração.

A entrevista é uma técnica fundamental para recolher informações relacionadas com problemáticas de ordem social. O seu objectivo principal é "(...) abrir a área livre dos dois interlocutores (...) reduzindo, por consequência, a área secreta do entrevistado e a área cega do entrevistador" (Carmo e Ferreira, 2008:s.p).

Deve-se, essencialmente, recorrer à entrevista quando a resposta às questões do investigador não se encontram na documentação já disponível e se pretende recolher



informação, directamente, de informantes privilegiados. É contudo importante, não esquecer que ao seleccionar um entrevistado, outros serão ignorados, daí ser tão pertinente que num estudo comunitário se cruzem informações de várias fontes, no sentido da investigação não se limitar a imitar uma “caixa de ressonância” dos informadores, que possuem uma percepção filtrada e, necessariamente, parcial da realidade (Carmo e Ferreira, 2008:s.p).

De acordo com Rogers (1985 *in* Francia, Martin, Salmeron e Esteban, 1993:198) a entrevista deve ser totalmente centrada no entrevistado, procurando o entrevistador recolher expressões e sentimentos num ambiente de aceitação e compreensão. É uma técnica que possui objectivos pré-definidos e rege-se por uma tentativa subliminar, de “controlo” por parte do entrevistado, relativamente ao ritmo e ao conteúdo da conversa. Segundo Ballesteros (1983 *in* Francia, Martin, Salmeron e Esteban, 1993:204) de acordo com os objectivos, o tipo de entrevista utilizado neste projecto designa-se por entrevista de investigação, realizada com a finalidade de conhecer a realidade, sendo o tratamento dos dados efectuado posteriormente à sua recolha, sem que exista uma repercussão directa sobre o entrevistado. O contacto com os sujeitos é mais fugaz, sendo bastante utilizada em estudos de caso.

No que ao grau de estruturação diz respeito, as entrevistas implementadas são classificadas como semi-estruturadas ou semi-tipificadas, uma vez que se trabalha com questões abertas, segundo uma orientação pré-definida, com a ajuda de grelhas de entrevista.

O principal problema da entrevista é a subjectividade dos diferentes elementos envolvidos na sua implementação. Por isso, na sua avaliação, a questão da sua validade para a investigação e da fiabilidade das respostas obtidas se torna preocupante. Defende-se aqui que o entrevistador deve assumir uma postura: de sondagem, aprofundando os conhecimentos transmitidos; de consolo, no sentido de manter um ambiente de descontração e tranquilidade; de compreensão; de confiança; de apoio; de interpretação da actuação do entrevistado; de empatia; em síntese, é fundamental a adopção de uma postura cooperativa, de diálogo e de igualdade. De acordo com Biusan e Marín (1984 *in* Francia, Martin, Salmeron e Esteban, 1993:201) o entrevistador “deve ser sincero e manter a objectividade, sobretudo nas primeiras impressões. Deve ter claros os objectivos que persegue e ser flexível durante o desenvolvimento da entrevista. Deve evitar os tópicos ou



palavras, saber escutar, deixar falar sem apressar, nem se demonstrar desinteressado, mantendo a todo o momento o controlo da entrevista. Para além disso, deve criar um ambiente que facilite a comunicação e a confiança”.

Enquanto estratégias para favorecer uma boa entrevista salienta-se: a concordância, estabelecendo-se uma relação pessoal cordial e de confiança; a aceitação, da opinião do entrevistado; reflexo de sentimentos, o reforço expressivo das afirmações do entrevistado; estruturação, o mantimento de uma lógica encadeada e com um ritmo favorável ao discurso e interesse do entrevistado e o uso do silêncio, destinado a favorecer a reflexão e do entrevistado. É ainda fundamental, apresentar bem o motivo da entrevista, justificando e valorizando a selecção do entrevistado, bem como concluir agradecendo a sua colaboração.

Aspectos como o uso de linguagem verbal e não verbal adequada ao entrevistado e a selecção de um local onde este não se sinta desconfortável é fundamental, uma vez que aspectos como a influência do entrevistador no entrevistado, as diferenças existentes entre ambos e a sobreposição de canais de informação, são bastante prejudiciais ao sucesso de uma entrevista.

A selecção desta técnica como instrumento central da investigação prendeu-se com a necessidade de esboçar, com a ajuda dos próprios actores, a realidade em estudo. Para tal, as entrevistas foram aplicadas com base num guião pré-definido, gravadas em suporte áudio digital e decorreram num contexto pessoal do entrevistado.

Os entrevistados foram seleccionados com recurso à técnica de amostragem “bola de neve”, através da indicação directa de informantes privilegiados, sendo a finalidade desta selecção, a criação de uma dinâmica interna entre actores considerados potencialidades da comunidade. Estes actores foram ainda considerados informantes privilegiados, por terem uma participação activa excepcional na comunidade, por possuírem uma capacidade de interpretar acima da média, por se destacarem pela singularidade, mas essencialmente, por trazerem para o estudo uma visão mais rica e uma perspectiva mais ampla da realidade em análise.



2.5. Técnicas de análise e tratamento de dados

Quivy e Campenhoud (1998:222) afirmam que “as distinções entre a recolha e a análise das informações não são tão nítidas (...)” pois consistem em duas etapas indissociáveis com a mesma finalidade – compreender a realidade. Nesta perspectiva, quando recolhemos informações, já as estamos a analisar de alguma forma. Contudo, deve-se evitar a tentação de as deixar num estado bruto. Defende-se, por isso, a utilização da análise de conteúdo enquanto técnica de tratamento de dados, pois tem como principais objectivos compreender determinado fenómeno social e oferecer várias possibilidades de tratar a informação e testemunhos de uma forma metódica.

Berelson (1952-1968 *in* Quivy e Campenhoud 1998:251) define a análise de conteúdo como “uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação”.

A análise de conteúdo pode ser aplicada a todo o tipo de documentos. Analisar o conteúdo dos dados é descortinar as suas mensagens subjacentes, para tal aspectos como a terminologia utilizada pelo interlocutor, a frequência da utilização dos termos, a entoação do discurso e a sua construção podem ser tão significativos como o conteúdo formal da mensagem.

De acordo com Almeida e Pinto (1990:96), a análise de conteúdo é uma técnica em contínuo aperfeiçoamento, sendo susceptível de ser accionada por forma a restituir o sentido das mensagens que partem dos mais diversos suportes. Ela pode, eventualmente, permitir captar as condições teórico-ideológicas de produção dessas mensagens, bem como fornecer indicações sobre a articulação dos geradores com os lugares sociais da sua produção.

No presente trabalho, a análise de conteúdo, revela-se fundamental na exploração e interpretação dos dados reunidos através das entrevistas e dos grupos de discussão que reuniram diversos informantes privilegiados da comunidade em análise.



Capítulo 3

Práxis



3.1. Pontos de partida

3.1.1. Seleccionando contextos

Num momento marcado pela renovação dos votos de comprometimento da instituição museológica relativamente ao seu serviço público e numa altura em que se atribui aos centros urbanos um papel chave na promoção do desenvolvimento regional, enquanto plataformas do conhecimento, da inovação tecnológica e da actividade de maior valor acrescentado, torna-se decisivo acompanhar de perto e interpretar as dinâmicas em curso, de modo a melhor adequar políticas e instrumentos de acção (Oliveira e Pau-Preto, 2009:1).

Levam-se a cabo inúmeras iniciativas, no sentido de implicar os museus e os seus públicos em relações pautadas pela comunicação, a partilha, o respeito, a confiança, a criatividade e o dinamismo, com vista à consolidação de um presente e à construção de um futuro capaz de provocar o desenvolvimento sustentado e sustentável do território. Para tal, o museu começa a concentrar-se numa missão mais construtivista e antropológica, orientada para públicos e territórios com identidade. Torna-se fundamental, como em qualquer relação que se preze, que entre o museu urbano e os seus públicos vizinhos exista um processo de mútuo conhecimento, facilitador de uma relação que se deseja colaborativa.

Interessa, neste âmbito, seleccionar um contexto que reúna condições e características ilustrativas da reflexão teórica efectuada, concentrada na urbanidade enquanto potência, na sociedade enquanto tecido heterogéneo e dinâmico e no museu enquanto missionário.

Esse contexto surge praticamente a par da construção da própria problemática do projecto, uma vez que já se encontrava a decorrer um processo de trabalho entre a Secção de Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o Museu do Papel Moeda⁵ da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda.

Recentemente, o Museu levou a cabo um projecto de Mediação intitulado “Museu do Papel Moeda – a territorialização do novo paradigma educacional” que consistiu no levantamento e caracterização da rede educativa das comunidades vizinhas, a par de uma dinâmica de Mediação entre as diferentes instituições educativas e o Museu. Esta iniciativa, resultou numa aproximação muito positiva do Museu às escolas e instituições similares e no desmistificar de preconceitos da parte dessas entidades para com o Museu. Daí surgiram

⁵ Adiante referenciado como MPM



diversas propostas de actividades de carácter cooperativo e estabeleceram-se laços privilegiados com algumas das entidades que revelaram maior vontade em aprofundar uma relação de vizinhança. Na sequência deste trabalho, o MPM foi premiado pela APOM com uma menção honrosa na categoria de melhor serviço de extensão cultural. Esta congratulação levou a que o Museu se sentisse altamente motivado para continuar a desenvolver relações de proximidade com a comunidade vizinha e a afirmar-se enquanto membro da mesma.

Para além do caminho já percorrido, este museu encontra-se implantado num contexto urbano e manifesta um claro interesse em estabelecer uma relação de maior proximidade e continuidade com a sua comunidade vizinha – Aldoar – o que em grande medida motivou a sua selecção enquanto entidade museológica central deste projecto de investigação.

Note-se, ainda, que a freguesia de Aldoar espelha, de forma exemplar, um fenómeno urbano típico inserido numa lógica de periferia citadina, originada fundamentalmente pelas diferenças geradas pela “cidade dos bairros sociais” (Pereira, s.d.:2).

Esta complexidade, aguçada pelo facto do MPM ser a única entidade na freguesia especialmente dedicada à preservação e difusão do património, e uma instituição preocupada com as principais problemáticas que envolvem a Museologia contemporânea, tornou este contexto o ideal para o desenvolvimento do presente projecto.

3.1.2. Caracterizando o MPM

O MPM é uma entidade tutelada pela Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, sendo a sua sede localizada no número 4245 da Avenida da Boavista, na freguesia de Aldoar, concelho do Porto.

A Fundação deve o seu nome a António Cupertino de Miranda (1886-1974), personalidade que desde 1918 se dedicou às actividades de representação e procuradoria, assumindo o papel de Delegado da Casa Bancária Cupertino de Miranda & C.^a, como Secretário Geral do Banco Aliança no Brasil.

A criação da Fundação teve lugar em 1964, com estatuto de instituição privada, sem fins lucrativos e financeiramente independente, mas só em 1989 foi adquirido o terreno na Avenida da Boavista, com vista à construção da sede, que se veio a concretizar em 1991. Desde essa data que as instalações da Fundação têm sofrido remodelações, contando agora



com uma área edificada de 4000 m², que inclui um restaurante, um Centro de Congressos e Exposições e o Museu do Papel Moeda.

Em termos de áreas de dedicação, a Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, destaca a fiduciária, a educação, a promoção da sociedade do conhecimento, a criação de oportunidades para aprender ao longo da vida e a ocupação de tempos livres⁶. Na génese da Fundação existe a crença de que “(...) a cultura é a força motriz para a sociedade, factor de vitalidade, diálogo e coesão (...) intimamente ligada às respostas que é necessário encontrar para os grandes desafios contemporâneos: a aceleração da construção europeia, a sociedade de informação e a coesão social”⁶. Neste sentido, apresenta como missão, **a contribuição para o desenvolvimento da sociedade do conhecimento, do bem-estar social e da promoção de oportunidades que constituam a ocupação de tempos livres com qualidade**⁶.

Relativamente aos objectivos a Fundação dedica-se a: implementar uma política de excelência no acolhimento e na concepção da programação; desenvolver todo o tipo de estratégias e acções que promovam a sociedade do conhecimento e simultaneamente a produção de oportunidades de aprendizagem contínua bem como a ocupação de tempos livres com qualidade; promover parcerias com instituições públicas e privadas na área das artes plásticas, da música, do turismo cultural e ainda o debate de questões emergentes que se revelem importantes; gerir o MPM, definindo as suas políticas de programação cultural, abertura à comunidade, educação, aquisições, publicações, sustentabilidade e gestão de imagem; promover públicos para a cultura; definir públicos-alvo; analisar a evolução do universo cultural europeu, tendo em vista a definição da política cultural da instituição; gerir a imagem da instituição e o seu património, de modo a que garanta a sustentabilidade financeira necessária à implementação da programação da Fundação e do Museu.

Inevitavelmente, de entre as valências da Fundação, o MPM destaca-se pelo seu cariz interventivo ao nível sociocultural e educativo. A sua origem concreta remonta a 1981, quando em reunião do Conselho de Administração da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda foi sugerida e aprovada, por iniciativa do seu administrador – Dr. Alberto Correia de Almeida – a criação de uma colecção de papel fiduciário. A motivação desta sugestão teve origem na necessidade da Fundação encontrar um âmbito de destaque específico no panorama nacional, no facto da temática não se encontrar devidamente abordada no país e

⁶ URL: <http://www.facm.pt/indexp.html>

nas suas potencialidades, uma vez que aborda assuntos que espelham a evolução do modo de viver no país e além-fronteiras que interessam estudar, preservar e divulgar.

Após a aprovação da criação da colecção, foi iniciada a reunião do seu espólio e em 1996 o Museu foi inaugurado no local onde, dois anos antes, se tinha iniciado a sua edificação, anexa à já existente sede da Fundação.



Figura 1 – Vista frontal do edifício do MPM⁷

Consciente da sua responsabilidade social o Museu tem procurado evoluir continuamente, tanto na gestão da sua colecção, como no seu serviço educativo, assumindo no contexto de mudança que se vive, como desafio prioritário, a relação com os seus públicos⁸. Neste sentido, o Museu identifica-se com a definição de empreendedor social e assume-se como agente de mudança, quer na área da educação, quer na área social, cujas ideias, conhecimentos e visão evoluem permanentemente.

É sua missão “(...) adquirir, conservar, expor e divulgar uma colecção de papel fiduciário português, enquanto símbolo de património e identidade nacional, tendo em vista que o museu é uma instituição sem fins lucrativos que está aberta à comunidade e que deve **desempenhar um papel educacional de relevo, contribuindo assim para o desenvolvimento da estrutura da sociedade do conhecimento e para a coesão social**”⁸. Assim, o Museu aspira: tornar-se um lugar vivo, acessível a todos os públicos, eliminando deficiências e barreiras que existam no acolhimento e na exposição da colecção; implementar uma política de excelência no acolhimento, na programação e em todas as suas práticas; incentivar e promover a pesquisa e o estudo do papel fiduciário, a nível nacional e

⁷ URL: <http://www.flickr.com/photos/lupan/2492546059/>

⁸ URL: <http://www.facm.pt/indexp.html>



internacional, com a finalidade de explorar questões educacionais, estéticas, científicas e técnicas; desenvolver todo o tipo de estratégias e acções que tenham a educação como objectivo central; conceber e construir programas de serviço educativo e proceder anualmente à sua avaliação; promover a aproximação das escolas ao Museu, divulgando os benefícios mútuos daí resultantes; produzir materiais pedagógicos de suporte e complemento aos programas curriculares e sempre que possível, utilizar novas tecnologias; divulgar junto dos professores a sua missão educativa, preparar em conjunto as visitas ao Museu e incentivar trabalhos que complementem a visita (sempre que possível em ambiente de Internet); promover a discussão sobre as necessidades e as vantagens da aposta no *e-learning*, nas Tecnologias de Informação e de Comunicação; investir na qualificação dos profissionais que trabalham no Museu; promover parcerias com diversos sectores da sociedade; identificar os diversos públicos e desenvolver projectos adequados; promover exposições temporárias e conferências, a fim de divulgar o papel fiduciário enquanto património histórico, cultural e artístico, apelando à sua valorização; e, promover a criação de uma rede fiduciária a nível local, nacional e internacional, tendo em vista objectivos educacionais e turísticos.

No seu horário de funcionamento, que decorre de Segunda a Sexta-feira entre as 10:00 e as 18:00, com interrupção para almoço das 12:30 às 14:30, o Museu oferece permanentemente duas exposições: uma dedicada ao papel moeda, que conta a história do dinheiro em Portugal e outra dedicada aos transportes, que relaciona a história do dinheiro com a dos transportes. Estas exposições são exploradas através de diversas actividades especialmente orientadas para os públicos: escolas ou entidades similares, famílias, seniores, cidadãos com NEE e visitantes individuais. Destaca-se, ainda, a sua página de Internet e o seu blog, localizados respectivamente nos endereços http://www.facm.pt/mpm_museu.html e <http://museudopapelmoeda.blogspot.com/> onde são mantidas actualizadas informações referentes às iniciativas do MPM. Outra prova do seu empenho no cumprimento das normas referentes à boa gestão museológica e no comprometimento com o trabalho em parceria, o Museu integrou em 2001 a Rede Portuguesa de Museus.

Na sequência do seu trabalho, o Museu já foi congratulado com a Medalha de ouro da cidade do Porto, homenagem efectuada pela Câmara Municipal do Porto, a Medalha em reconhecimento da actividade de apoio à transição para a moeda única, atribuída pela



Comissão Nacional do Euro e uma menção honrosa na categoria de “Melhor Serviço de Extensão Cultural”, concedida pela APOM.

3.1.3. Esboçando uma nova iniciativa

Recentemente, o Museu do Papel Moeda tem desenvolvido um conjunto de esforços no sentido de continuar a melhorar a qualidade dos seus serviços, especialmente no âmbito social, o que tem vindo a resultar em iniciativas orientadas para o trabalho com públicos específicos, em detrimento de um trabalho genérico e indiferenciado. Neste sentido, tem sido uma das suas prioridades conhecer os seus vizinhos, especialmente a comunidade de Aldoar, com a finalidade de articular esforços em prol do enaltecimento das suas potencialidades.

No encontro e incremento do trabalho que o MPM tem vindo a desenvolver foi dado o arranque, no início de 2010, a um novo projecto museológico intitulado “O potencial de mediação do Museu do Papel Moeda na comunidade”. Neste projecto, o MPM redefine-se e encarna o papel de mediador na área educativa, social e cultural, apontando como metas o alargar de limites e o romper de fronteiras sociais e culturais.

Para o desenvolvimento do projecto definiu-se enquanto primeira prioridade elaborar uma caracterização geral das instituições da comunidade de Aldoar que ainda não tinham sido envolvidas no anterior projecto “Museu do Papel Moeda – a territorialização do novo paradigma educacional. Foi, assim, preparada uma base de dados⁹, com referência às diversas entidades actantes no território de Aldoar e suas principais características, designadamente a identificação da área ou áreas de actuação, dos responsáveis pela gestão, contactos actualizados e outras observações complementares. Para a elaboração desta base de dados, vários contactos foram empreendidos, quer pessoalmente quer telefonicamente, no sentido de compreender alguns aspectos sobre cada uma das entidades, verificando-se que algumas das entidades identificadas já não se encontram em actividade e outras não se encontram referidas na documentação disponível para consulta. Verificou-se, ainda, que Aldoar concentra um elevado número de pessoas colectivas, com claro destaque para o associativismo e para as IPSS.

Posteriormente, essa base de dados foi organizada de acordo com o âmbito de actuação prioritário das diferentes entidades, como por exemplo desportivo, cultural,

⁹ Consultar Apêndice 1



educativo, social, habitacional... Porém, dado o elevado número de entidades, o MPM decidiu, nesta primeira fase, seleccionar apenas aquelas cujo âmbito de actuação se centrava essencialmente na acção cultural, educacional e social, uma vez que se dedicam a um maior número de públicos na comunidade, permanecendo, no entanto, em aberto a integração de outras entidades no projecto, em dependência do carácter que o mesmo viesse a adquirir.

Concluída esta primeira fase iniciou-se uma segunda fase, mais vocacionada para o diálogo cara-a-cara com essas entidades, em que fosse possível conhecer mais detalhadamente o papel de cada uma, averiguar que laços suportativos já se encontravam em dinâmica na rede de vizinhança e apurar que disponibilidade existia para um trabalho colaborativo em rede, que incluísse o MPM. Tratava-se, ainda, de apresentar o Museu à comunidade institucional, enquanto entidade disponível para colaborar e integrar essa rede de vizinhança.

Neste sentido, foram contactadas todas as entidades que se enquadravam no critério anteriormente identificado e convidadas a participar num grupo de discussão interinstitucional, sendo que algumas das entidades contactadas manifestaram, indirectamente, indisponibilidade, revelando um interesse inicial mas posteriormente não confirmando a sua presença ou, mesmo efectuando essa confirmação, não a concretizando.

De entre o número das entidades confirmadas e dado considerar-se que todos deveriam ter espaço para partilhar e discutir ideias, considerou-se que a divisão das entidades em duas reuniões seria mais frutífera, tendo-se nesse sentido aglutinado algumas entidades por conveniência de agenda, outras por critério de âmbito de actuação.

Estas reuniões revelaram-se profundamente importantes uma vez que não só reponderam aos objectivos inicialmente definidos como enumeraram receios, fragilidades, potencialidades e expectativas relativamente ao território de Aldoar e a um trabalho em rede que incluísse o Museu. Foram também oportunidades sem precedentes para conhecer e/ou aprofundar conhecimento sobre as pessoas, os líderes, por detrás do nome das instituições.

A partir desses grupos de discussão o MPM elegeu como prioridades de segunda ordem a caracterização da realidade do território vizinho e a elaboração de uma reflexão sobre o seu papel no seio dessa realidade.

Efectivamente, qualquer Museu que pretenda actuar no âmbito comunitário deverá



“(...) para começar ter um conhecimento elevado da composição da comunidade local. Isto deve incluir factores como condições sociais, passado étnico, crenças religiosas e espirituais, distribuição etária, passado educativo, línguas maternas, passado cultural... um conhecimento destes factos pode e deve ser a base das formas como o museu se pode aproximar da comunidade” (Talboys, 2000:41).

Assim, a par da análise dos grupos de discussão foram aplicadas entrevistas no território de Aldoar e efectuada uma análise documental com a finalidade de conhecer melhor a vizinhança do MPM.

O ponto que segue revela, numa primeira fase, alguns dos traços genéricos do território a partir da visão dos próprios habitantes da vizinhança e, numa segunda fase, algumas das representações patentes no território sobre o MPM, sobre a receptividade a um trabalho colaborativo com o Museu e a perspectiva, do próprio MPM, sobre uma iniciativa museológica de acção comunitária.

3.2. Pontos de encontro

3.2.1. Aldoar: esboçando um perfil

3.2.1.1. História

Acredita-se que a designação Aldoar, cujo significado diverge entre “redonda”, “acampamento militar” ou “mesquita”, tem origem Muçulmana, remontando a sua ocupação aos séculos IV a III a.C., de acordo com vestígios encontrados de uma povoação de pescadores em 1973 numa escavação arqueológica, o que comprova que “(...) as primeiras pessoas que residiram em Aldoar foram pescadores e depois (...) é que começou a nascer a agricultura (...)” (Entrevistado 8).

No século XIX e primeiras décadas do século XX Aldoar era essencialmente uma terra de agricultores, pontuada de quintas das quais provinham muitos dos produtos hortícolas que se destinavam à comercialização no Porto. O núcleo rural do Parque da Cidade do Porto é um dos testemunhos dessa realidade, uma vez que “(...) grande parte de Aldoar era a Quinta de Carreiras” (Entrevistado 6) e “o Parque da Cidade eram (...) 60 ou 70% (...) parte da freguesia de Aldoar” (Entrevistado 8).

Aparte da sua reconhecida antiguidade, o território de Aldoar apenas é elevado a freguesia do concelho do Porto em 21 de Novembro de 1895 e a paróquia integrante da Região Eclesiástica da mesma cidade a partir de 1926.



3.2.1.2. Urbanismo e paisagem

Aldoar é uma freguesia de periferia, tipicamente suburbana. Este tipo de territórios é caracterizado por estar suficientemente próximo do centro das cidades para que os seus habitantes se possam rapidamente deslocar a trabalho ou para usufruir de bens e serviços, mas suficientemente afastados para dar lugar a um certo recato e a um custo de vida mais acessível.

Actualmente, Aldoar integra, a par das freguesias da Foz do Douro, Lordelo do Ouro e Nevogilde, a denominada Zona Ocidental do Porto, uma área caracterizada por um forte cariz residencial que, de acordo com estudos sobre a deslocação casa/trabalho, constitui uma tendência a longo prazo (Martins, 2006:1), o que tem levado a que “(...) o preço do metro quadrado do terreno em Aldoar [seja] (...) dos mais altos da cidade do Porto...” (Entrevistado 8).

Após 1917, com a finalização da construção da Avenida da Boavista, o processo de urbanização intensificou-se, sobretudo depois da década de 50, com a construção de bairros cooperativos e sociais, agora designados como bairros camarários. Esta terá sido a primeira vaga intensa de residentes em Aldoar, composta por cidadãos carenciados que ocuparam as habitações de custo controlado e por uma classe média-baixa de operários e trabalhadores dos serviços que procuravam um local para fixar residência.

Posteriormente, a edificação da Ponte da Arrábida e a melhoria nos acessos viários contribuiu para a rápida urbanização da área, ao ponto de em 2001, na globalidade, toda a Zona Ocidental concentrar 18% do número de alojamentos do Porto e cerca de 20% da população total e residente empregada. De acordo com os censos de 2001, Aldoar possuía aproximadamente 2,67 km² de área e cerca de 14000 habitantes, o que perfazia uma densidade populacional de aproximadamente 6000 habitantes por km², com tendência para o crescimento, contrariando o que acontece nas freguesias do centro da cidade do Porto.

De acordo com os seus habitantes “Aldoar está a ficar uma freguesia grande” (Entrevistado 7), “(...) cresceu (...) e de que maneira. (...) se não fosse[m] (...) as cooperativas (...) hoje éramos 9 ou 10 mil (...)” (Entrevistado 8).

Mas apesar de toda a construção levada a cabo no território, a paisagem ainda continua a ser híbrida, se “(...) se for pela rua da Vila Nova e continuar por aí tem bocados que parecem quase rurais ainda e depois tem a bouça, e depois tem aquele bocado baldio ao lado do bairro, e depois tem ali o Centro Saúde de repente, o novo, e depois há-de ter o



hospital em frente, e a seguir os prédios (...)” (Entrevistado 6).

Arquitectonicamente, na globalidade do território, parece ter havido “(...) um plano urbanístico, tanto (...) bairros (...) como as novas cooperativas (...) e até (...) alguns daqueles bairros sociais, que devem ter sido construídos para aí nos anos 70 (...) esteticamente são bonitos e há jardins à volta dos bairros sociais (...) é muito melhor a nível de espaço envolvente os bairros sociais do que se nós atravessarmos aqui a rua e formos ali (...) ao pé do Garcia, (...) das lojas caras, aquela gente paga imenso para viver (...) em cimento. (...) antigamente havia realmente uma política de integração (...) com espaços verdes, que aqui ainda se nota e (...) que é isso que também torna isto agradável (...)” (Entrevistado 3). Mas todos estes aglomerados habitacionais, que albergam um elevado número de habitantes, promovem no território o que se poderá designar uma cicatrização, ou seja, uma demarcação bastante clara de sub-territórios.

Em termos tipológicos habitacionais, no território de Aldoar a Norte da Avenida da Boavista predomina o conceito de bairro residencial¹⁰, considerando-se bairro um conjunto mais ou menos delimitado de habitações que obedecem a uma homogeneidade arquitectónica, mas não necessariamente social. Assim, para além dos tradicionais núcleos habitacionais individuais, sem especial homogeneidade arquitectónica, destacam-se:

- As ilhas em situação de abandono “(...) degradadas (...) pior do que o bairro (...)” (Entrevistado 8) onde “(...) hoje ainda existe uma (...) duas ou três casitas (...)” (Entrevistado 5);

- Os bairros camarários, designadamente “o bairro [de Aldoar] (...) e o da Fonte da Moura (...) [que] foram os primeiros núcleos habitacionais (...) muito grandes (...)” (Entrevistado 6);

- Os bairros cooperativos, “que deram uma vida nova a um meio rural (...)” (Entrevistado 8), de entre os quais se destacam os bairros de António Aroso e o Leão XIII, o da Cooperativa dos Telefonistas, o da Cooperativa dos Arquitectos, o da Cooperativa Hazel, o da Cooperativa Nova Ramalde, o da Cooperativa Santo António das Antas e o da Cooperativa CETA. Esta tipologia habitacional tanto se encontra representada em habitações do tipo vertical como horizontal, reflecte uma tradição cooperativa, sindical e associativa do território demarcada pela quantidade de fogos e área ocupada;

- Os condomínios de luxo, que embora em menor número de fogos e de instalação

¹⁰ Consultar Apêndice 2



mais recentemente, tendem a contornar os limites da freguesia a Norte da Boavista demarcando quase todas as entradas no território, como por exemplo “a rua de Vila Nova, em frente ao CLIP, aquilo é um mundo de (...) autênticas vivendas” (Entrevistado 8).

Relativamente a preocupações de ordem habitacional a população destaca: apesar da prevalência de fogos sociais, a “(...) falta de habitação (...) que se promete (...) e não se dá” (Entrevistado 7); a deterioração dos edifícios, uma vez que “(...) quase em cada rua há uma casa que está num estado (...) sem condições mínimas...” (Entrevistado 1); a falta de espaços neutros e de convívio pois “(...) é gritante tanto condomínio tanta coisa e os bairros são os que têm ainda um ringue de basquete (...) A cooperativa Hazal também tem um ringue de basquete, sempre todo rebentado (...) de resto não há um parque infantil (...)” (Entrevistado 6) é que “espaços comuns (...) é uma coisa que acabou, porque vamos construir muito mais (...) vamos pôr todos em cima uns dos outros (...) (Entrevistado 3)”; a clivagem estética, porque “(...) de facto ali aquela zona [dos novos prédios] (...) que deve ser caríssima (...) é um parque de betão (...)” (Entrevistado 3), “os prédios que (...) construíram quase em cima do Parque (...) em termos visuais, são terríveis (...)” (Entrevistado 1); o desequilíbrio sócio-económico, pois seria bom que “(...) tivessem noção (...) de que tipo de habitação é que se constrói em determinados sítios, (...) era bom que se mantivesse eclético, porque senão vai dar um bocadinho de ‘estrilho’ (...) Portanto era bom que se continuasse a construir habitação média, não só condomínios de luxo...” (Entrevistado 6).

Relativamente ao licenciamento para a construção de habitacional no território de Aldoar, “em 2007 e 2008 30% do total licenciado na cidade foi determinado para esta zona, o que representa uma proporção superior à que faria sentido em termos de população, emprego e superfície” (Oliveira e Pau-Preto, 2009:7), existindo uma área reservada para construção destinada a serviços não-mercantis que ocupa cerca de 51105 m². Consequentemente, a continuidade da construção é uma preocupação geral, especialmente aquela que promove uma vivência sectorizada e contrastante no território, entendendo-se que uma “(...) ameaça que pode haver [é] urbanística (...)” (Entrevistado 3).

O Plano Director Municipal do Porto prevê uma área em expansão urbanística, destinada a salvaguardar o património histórico existente, assim como os atributos ambientais da área, em particular o troço da ribeira de Aldoar e o remate do Parque da Cidade, estando previsto proporcionar a este equipamento uma envolvente com uma elevada qualidade ambiental. Também no âmbito do Instrumento de Política “Parcerias para



a Regeneração Urbana”, do Programa Operacional Regional do Norte, encontra-se já aprovada uma candidatura envolvendo os municípios do Porto e de Matosinhos e um conjunto alargado de entidades públicas, privadas e do Terceiro Sector, a qual permitirá desenvolver no território do Parque da Cidade e sua envolvente uma intervenção integrada nos domínios da mobilidade, ambiente urbano e coesão social. Assim, até 2012, está prevista a reestruturação da rede viária ao longo da estrada da Circunvalação, conjuntamente com a qualificação paisagística e ambiental deste corredor e do bairro de Aldoar.

3.1.2.3. Social

Hoje, a população que ocupa Aldoar é um misto das primeiras gerações que habitaram os bairros camarários e as cooperativas e de uma recente segunda vaga, “(...) uma nova geração (...)” (Entrevistado 2), “(...) muita gente de fora... Portanto o que aparece como imagem [tradicional de Aldoar] não corresponde à realidade. Há muita gente nova (...)” (Entrevistado 6), “(...) pessoas de uma classe social mais elevada (...)” (Entrevistado 3), “(...) gente fina” (Entrevistado 5), “(...) muitos casais (...) com filhos pequenos” (Entrevistado 3).

Mas relativamente à população mais antiga destacam-se sérias dificuldades. “(...) As pessoas que (...) estão hoje a residir 70% são pessoas com 35 ou 40 anos de residência, reformados e neste momento o aumento da renda é um caso muito, muito preocupante” (Entrevistado 8).

Outra, e provavelmente a característica mais marcante em termos sociais neste território é o facto de se continuar a debater com uma “clivagem Sociocultural que tem vindo a diluir-se progressivamente, mas que continua a ter expressão vincada”¹¹ e que é causada, essencialmente, pelo estigma da toxicodependência.

3.2.1.4. Económico

Com a transformação de uma população dedicada a actividades económicas do sector primário e secundário numa que utiliza o território como residência, mas não como local de trabalho, há benefícios no que à tranquilidade diz respeito, mas prejuízos no que toca à dinamização do tecido de emprego, uma vez que “(...) em Aldoar a indústria acabou totalmente (...) porque o Porto tem o Centro Industrial de Ramalde (...) [e relativamente ao] comércio [também há pouca actividade] (...) mas (...) aquelas mercearias antigas já estão

¹¹ URL: <http://aldoarcomrede.wordpress.com/about/>



outra vez a sobreviver, porque as pessoas só pagam ao fim do mês (...) [ao contrário das grandes superfícies] (Entrevistado 8). Em Aldoar, o comércio com maior peso em termos económicos, encontra-se essencialmente localizado ao longo da Avenida da Boavista, apresentando um perfil especializado e orientando para os segmentos sócio-económicos médio-alto e alto.

Infelizmente, o número médio de trabalhadores por estabelecimento é inferior ao observado para o conjunto da cidade, o que indicia o predomínio de micro e pequenas empresas, em virtude da vocação residencial e recreativa da Zona. Numa economia agravada, como é a actual, já se verifica que “há muita necessidade (...) a falta de trabalho neste momento é muito grande” (Entrevistado 8), não havendo grandes expectativas de se manter o nível de qualidade de vida em muitos casos, “(...) porque as pessoas vêm embora dos empregos, não têm desemprego nem pré-reforma, nem reforma antecipada (...) estão cada vez mais empenhoradas com os (...) bancos” (Entrevistado 7).

Assim, em termos de empregabilidade, só se destaca em Aldoar a presença do emprego ligado aos transportes e comunicações, seguido da actividade na área da limpeza e da selecção e colocação de pessoal, sendo ainda relevante a concentração do emprego ligado à actividade associativa. A freguesia diverge ainda das restantes da Zona Ocidental pelo facto de não apresentar índices de concentração de hotelaria e restauração superiores aos do Porto, destacando-se apenas pela armazenagem.

Segundo um dos entrevistado, Aldoar foi no passado “(...) um meio muito grande de construção civil (...)” (Entrevistado 8), continuando a destacar-se por ser a única freguesia onde o emprego na actividade não-terciária da construção se apresenta superior à média, essencialmente pela concentração, *in loco*, de novas construções.

Finalmente, tudo indicaria que a área da saúde tivesse um grande peso em termos económicos no território, uma vez que existem equipamentos de grande envergadura como o Hospital Magalhães Lemos, em cujas imediações se encontra um recente hospital privado de grandes dimensões e a Escola Superior de Enfermagem. No entanto, as expectativas em termos de empregabilidade para o território nesta área são baixas, tratando-se de “(...) gente que não vem para aqui morar, não vai ser gente de Aldoar” (Entrevistado 8).

3.2.1.5. Limites

A freguesia de Aldoar faz fronteira a Norte com o concelho de Matosinhos, a Sudoeste com a freguesia de Nevogilde, a Sul com a freguesia de Foz do Douro, a Sudeste com Lordelo



do Ouro e a Este com Ramalde¹².

Formal e externamente Aldoar é delimitado a Norte pela Estrada da Circunvalação e a Oeste pelo Parque da Cidade do Porto, a Este já se delimita de forma mais irregular coincidindo a fronteira com a Rua de Revilão e, no seu contínuo, com a Avenida do Dr. Antunes Guimarães, cruzando depois a Avenida da Boavista e continuando para Sul pela Rua de Sagres e a Rua de Dom Francisco de Almeida. A Sul o limite é também irregular, coincidindo apenas com uma parte da Rua de Fez e com o Largo de Nevogilde, para depois subir em direcção ao limite Norte, atravessando novamente a Avenida da Boavista e o Parque da Cidade até chegar à Circunvalação¹³.

Contudo, para além das formais fronteiras externas existem algumas informais e internas que afectam a organização do território. A primeira e mais clara é a Avenida da Boavista, que praticamente divide a freguesia em duas partes. Na verdade, raras serão as pessoas que associam aquele fragmento a Sul da Avenida da Boavista à freguesia de Aldoar, se bem que ainda representa uma parcela habitada considerável do território pois, pelo “(...) facto de ser do outro lado da Avenida da Boavista (...) para muitas pessoas é quase como se fosse em Lisboa (...) Assim como a Antunes Guimarães, mas mais a Avenida da Boavista (...) o outro lado da Avenida, depois de atravessada, é outro mundo” (Entrevistado 6).

A dicotomia entre ambas as parcelas da mesma freguesia é acentuada pela ostentação económica que se vive do lado Sul da Avenida, materializada na qualidade da habitação, dos serviços que são oferecidos e no próprio estatuto sócio-económico médio-alto e alto dos habitantes e utilizadores do território.

Em termos de associação directa, o nome Aldoar é frequentemente associado aos bairros camarários, talvez porque “o bairro [de Aldoar] é muito grande (...) e tem o da Fonte da Moura, que também é grande (...) portanto conotou-se assim” (Entrevistado 6), certo é que “a gente diz Aldoar e as pessoas ficam ‘Aldoar!?’ É uma coisa... Agora melhor. Sendo depois que a gente começa a dizer ‘Aldoar perto do Parque da Cidade’ e ‘Ah!’ Mas Aldoar nitidamente é conotado com o bairro (...) e é só um bairro (...) a freguesia é mais do que isso” (Entrevistado 6).

A segunda via que actua como uma divisão interna e informal da freguesia é a Rua da Vilarinha que atravessa a freguesia desde a Circunvalação, até se deparar com a Avenida do

¹² Consultar Apêndice 3

¹³ Consultar Apêndice 4



Dr. Antunes Guimarães. Contorna toda uma zona de habitação mais antiga, onde ainda se encontram moradias do século XIX e delimita, a Sul, o Parque da Cidade e a sua área anexa de expansão urbana privilegiada, bem como o Bairro António Aroso. Ao longo do seu percurso, a Rua da Vilarinha, origina duas das mais representativas ruas da freguesia, a Rua de Martim Moniz e a do Jornal de Notícias, que se unem a Norte num intrincado cruzamento do qual continua apenas a Rua de Martim Moniz. É também a rua da Vilarinha¹⁴ que, de certo modo, preserva o passado de Aldoar.

Para além das ruas, o modelo de ocupação do território, de cariz altamente residencial, revela uma estrutura de delimitações internas, altamente relacionadas com a tipologia e as características das habitações. Essas delimitações são claramente perceptíveis à luz das representações dos habitantes dos diferentes sub-territórios que consideram que: “(...) nota-se quem tem uma casa melhor, quem tem pior, quem vive no bairro social, quem não vive (...)” (Entrevistado 3); “(...) é muito eclético (...) de frente temos o bairro da Fonte da Moura, e do outro lado temos umas cooperativas mais económicas (...) [mas] essa mistura não acontece (...) é muito (...) segmentado (...)” (Entrevistado 6); “(...) há barreir[as]...” (Entrevistado 1).

Efectivamente, o tipo de habitação tem um grande peso na delimitação dos sub-territórios, o próprio “(...) bairro [de Aldoar] está dividido em duas partes (...) O que é que a Câmara fazia: quando era para fazer obras fazia do um até ao sete e parava (...) Agora já está meio bairro bonito por fora, por dentro (...) estão casas na maior miséria do mundo...” (Entrevistado 7).

É interessante denotar que esses limites internos implicam a não utilização de alguns espaços, como exemplificam os seguintes excertos:

- “(...) pensaria muito antes de mandar os meus filhos para [a Associação de Ludotecas] (...) se por acaso estivesse localizada noutra sítio, independentemente do público (...) mas neste momento pode oferecer serviços fantásticos, eu não mandaria para lá os meus filhos (...)” (Entrevistado 6);

- “(...) temos aqui um cafezinho e (...) as pessoas vêm tomar café aqui à noite mas (...) os meus vizinhos (...) torcem o nariz e são capazes de não ir lá porque estão pessoas de fora

¹⁴ O nome Vilarinha tem origem na expressão “villae”. Era precisamente sobre esta rua que passava a antiga estrada de ligação entre o Porto e Matosinhos (Bouças). Este percurso encaminhava em direcção ao Bom Jesus de Bouças, ou Senhor de Matosinhos, “(...) multidões de romeiros a pé, cavalgaduras e carros de toda a espécie, o que originava grande movimento (...)” (Couto, 2000:s.p.).



(...)” (Entrevistado 6);

- “temos um espaço verde e eu propus uma vez, numa reunião de condomínio, colocar lá um escorregão, uma daquelas coisas de mola para os miúdos poderem brincar (...). A primeira questão que os meus vizinhos me puseram foi ‘e depois vêm os meninos do bairro brincar’ e eu disse ‘sim e qual é o problema, nós temos três guardas desde que eles não estraguem o equipamento qual é o problema? Mas realmente essa integração, que eu acho que se deveria fazer, não se faz” (Entrevistado 6);

- “(..) [os meninos do bairro de Aldoar] vêm [para a CETA] (...) eles não tinham nada que vir (...) utilizar o parque infantil que é nosso, o ringue que é nosso, fomos nós que pagamos” (Entrevistado 8).

É ainda mais interessante denotar que esses limites podem implicar não só a não utilização de espaços como a livre circulação que os implique:

- “(...) incute-se um bocadinho a entrada aqui dentro [no bairro de Aldoar] (...) Mas nós podemos sair, podemos ir para outro bairro (...) o povo aqui do bairro está metido aqui dentro (...) isto é nosso” (Entrevistado 7);

- “tenho (...) dúvidas de quem for viver para esses prédios [junto ao Parque da Cidade] (...) que passe para dentro (...) podem vir até a zona da Vilarinha, até ao Parque da Cidade, mas depois duvido que venham para dentro” (Entrevistado 6).

Os bairros sociais são claramente conotados como sub-territórios com o quais a interação deve ser cautelosa, “(...) quando fecham (...) pessoas que são problemáticas num determinado bairro (...) muda imediatamente o equilíbrio (...) e é um bocado complicado, mas isso não me parece que seja específico do bairro da Fonte da Moura (...) o de Aldoar (...) ainda é pior, mas o de Aldoar tem o problema de estar isolado e agora (...) com os condomínios de luxo lá ao pé [não se sabe] até que ponto vai ser muito bom em termos sociais (...) é uma diferença gritante” (Entrevistado 6).

Salvo exceções, a interação com outros sub-territórios é feita “em último caso”, como por exemplo “as pessoas (...) [da CETA frequentam o Bairro de Aldoar]... em passagem (...)” (Entrevistado 8).

Os motivos que originam estas delimitações poderão ser melhor compreendidos através das representações negativas que os habitantes detêm dos sub-territórios que integram os bairros camarários e que se materializam em comentários como: “(...) os bairros de Aldoar e da Fonte da Moura (...) foram pessoas que foram despejadas do centro da



cidade para dar lugar a grandes construções (...). Temos a malta (...) que vinha do bairro (...) de Xangai (...) onde está o Parque da Cidade (...) pessoas que viviam todas em barracos (...)” (Entrevistado 8), “(...) aquele outro Aldoar, daqueles tais bairros que parece que são mais problemáticos (...)” (Entrevistado 3), constituído pelas “(...) pessoas [que] têm outro estrato social, um bocado mau, metem-se é nas adegas (...) e depois são os problemas” (Entrevistado 8), são “(...) bandidos, traficantes de droga (...)” (Entrevistado 2), “(...) o bairro de facto tem bastantes problemas, infelizmente” (Entrevistado 6).

Mas, como já foi referido, Aldoar não é só o bairro, também existe um olhar sobre os mais privilegiados: “(...) há gente rica [da] (...) freguesia (...) os lavradores (...) aquelas pessoas que estão inseridas até na própria igreja (...) têm quintas, têm tudo” (Entrevistado 7) e “(...) aquela parte de construção de cooperativas do lado de lá do Jornal de Notícias [que] são pessoas já com um poder de vida” (Entrevistado 8), “(...) é bom que haja (...) sítios muito elitistas... como o CLIP, os condomínios fechados [mas] há aqui (...) dois povos muito opostos (...)” (Entrevistado 6).

A verdade é que há efectivamente uma delimitação interna, uma segmentação territorial, que se demarca, fundamentalmente, por três tipos de grupos habitacionais: a classe baixa residente no bairro camarário, a classe média habitante nos bairros cooperativos e a classe alta que ocupa os novos condomínios de luxo.

3.2.1.6. Vizinhança

Após serem conhecidos os limites externos e internos do território e as representações extra-sub-territoriais, importa analisar como é representado o território de ocupação.

Relativamente aos principais motivos que originaram a selecção e ocupação do sub-território destacam-se motivações transversais a diferentes entrevistados e habitantes de diferentes sub-territórios. Regista-se, também, o facto dessas motivações serem genericamente positivas e espelharem um considerável grau de satisfação.

Assim, as motivações foram basicamente agrupadas segundo os critérios:

- **Económico** - “(...) na altura a possibilidade de poder ter uma casa com um custo muito (...) baixo (...)” (Entrevistado 2); “(...) deram-me essa casa aqui, que é onde habito agora (...) a Câmara cedeu-me essa casinha (...)” (Entrevistado 7);

- **Arquitectónico** - “(...) eu morei sempre num apartamento e (...) fiquei um bocadinho fascinada com esta ideia de entrar e estar logo em casa, de sair e entrar logo em contacto com os vizinhos e de ter um contacto com a rua diferente e este lado de ser um



espaço também como se fosse uma pequena aldeia (...) o facto de poder da terra plantar (...)” (Entrevistado 1); “(...) a tipologia da casa é muito interessante, o facto de termos um bocadinho de terra todos...” (Entrevistado 1); “(...) andei a ver montes de apartamentos e (...) achei tudo horrível e realmente cheguei aqui, a esta casa, e adorei tem uma escala muito humana (...)” (Entrevistado 3); “as casas são do (...) do arquitecto Correia Fernandes e (...) na altura foram inovadoras (...) são desniveladas, (...) de tijolo por fora (...) e atraem um certo tipo de pessoas que gostam de viver numa casa diferente (...)” (Entrevistado 6);

- **Geográfico** - “(...) eu estou aqui porque também há um Parque ali e depois há o mar e por isso há essa linha para baixo (...) e Serralves, de repente estamos perto desta zona que nos interessava” (Entrevistado 1); “[O bairro é] central” (Entrevistado 3); “(...) trabalhei muito tempo com Serralves, portanto era muito perto daqui também (...)” (Entrevistado 3); “(...) está perto das escolas” (Entrevistado 6); “(...) porque a casa onde nasci e cresci é ali em frente (...)” (Entrevistado 8);

- **Conforto** - “(...) Não há barulho nenhum, o que é uma coisa maravilhosa (...)” (Entrevistado 3); “(...) Tranquilo, (...) [tem] Qualidade de vida (...)” (Entrevistado 3); “[o bairro da Cooperativa dos Arquitectos] (...) é sossegado, (...) a partir do momento que a gente entra nas ruas de habitação(...), portanto, os miúdos podem brincar (...) cá fora (...)” (Entrevistado 6);

- **Social** - “(...) é a relação com os vizinhos” (Entrevistado 1).

Relativamente à composição social interna de cada sub-território existem claras discrepâncias que confirmam a sectorização territorial anteriormente evidenciada, por exemplo:

- No Bairro António Aroso predomina a heterogeneidade: “(...) esta rua é incrível, tem muitas pessoas muito diferentes umas das outras (...) há um bocadinho de tudo (...) neste bairro temos o vizinho do lado e algumas situações de umas casas em que há grandes dificuldades económicas (...) Há (...) mistura, em termos de faixas etárias (...)” (Entrevistado 1); “(...) as pessoas são extremamente educadas (...) e não tem a ver sequer com a classe social, que há aqui pessoas de todas as classes sociais (...) as pessoas que escolhem vir para aqui que já é um tipo de pessoas que se enquadra bem neste bairro, quem quer realmente uma casa a armar não escolhe este bairro (...) Há aqui neste bairro [António Aroso] (...) pessoas com problemas de droga e que já são uma geração de pessoas (...) que na altura do 25 de Abril apanharam aquela liberalização, a entrada da droga toda (...)” (Entrevistado 3);



▪ Na Cooperativa SACHE existe mais homogeneidade socioeducativa e económica: “(...) vivemos num sítio relativamente privilegiado, as pessoas são quase todas formadas (...)” (Entrevistado 6);

▪ No Bairro de Aldoar predominam os problemas sócio-económicos: “(...) aqui (...) quase ninguém trabalha (...) e às vezes até estão pouco para se esforçar (...) se estivesse tempo quente (...) os bancos estavam cheios. Com tanta miséria no bairro, podiam-se ajudar uns aos outros... aqui os rapazes (...) todos com o rendimento mínimo. Nem para irem tirar o 4.º ano (...) Querem comprar tudo feito, sentam-se sempre à espera do carteiro e das coisas que vêm da segurança social, que dão tudo” (Entrevistado 7); “Aqui há quem tenha dinheiro a prazo e há quem não tenha dinheiro nenhum e há muitas “Donas Brancas”, o dinheiro desaparece (...) há aqui quem viva à grande (...) são aquelas pessoas que têm mais astúcia” (Entrevistado 7);

▪ Na Cooperativa CETA há uma homogeneidade etária e uma predominância da classe média-baixa: “(...) há muitos reformados” (Entrevistado 8); “(...) temos três estratos sociais (...) Aquele bloco (...) cooperativa dos trabalhadores (...) eram os pedreiros e os trolhas. Depois, às vezes, os empregados de escritório eram empregados, já não eram trabalhadores (...). Depois haviam engenheiros (...) Temos pessoas aqui que ainda hoje estão a pagar a casa, que ainda não conseguiram em 24 anos, pessoas com dificuldades, idosas (...). Depois há a classe média (...) aqueles que trabalhavam nos escritórios, nos armazéns e nos bancos (...) temos aqui muita gente das empresas da Galp, da Shell (...) também moram aqui médicos, também moram aqui técnicos de contas (...) Não em grande quantidade, mas aproveitaram a boleia, porque naquela altura fazer parte de uma cooperativa não faltava quem viesse (...)” (Entrevistado 8).

No interior de cada sub-território parece existir, na generalidade, um sentimento de integração, identificação e pertença: “sinto-me super bem aqui, pelo facto de conhecer e de ter esta relação próxima com as pessoas (...) ganhamos amigos aqui” (Entrevistado 1); “(...) sentimos a receptividade (...) das pessoas que viviam cá, principalmente das mais velhas, de ser um casal jovem. (...) As pessoas estavam do tipo ‘ai que bom!’ (...) Era-se mesmo bem recebido (...)” (Entrevistado 2); “(...) é mesmo muito simpático, aliás, também há outras pessoas que conheço que moram aqui (...) e que toda a gente adora viver aqui (...)” (Entrevistado 3).

Surpreendentemente em cada sub-território parece existir uma noção clara de rede de



vizinhança composta geralmente pelo “(...) bairro (...)” (Entrevistado 1) e mais especificamente pelos vizinhos do lado, que “(...) estão mesmo à volta da (...) casa (...)” (Entrevistado 1) e delimitado pelo espaço que se pode percorrer a pé, como exemplificam os seguintes testemunhos: “O bairro em si, todo o bairro (...) aqui isto é tudo meu vizinho” (Entrevistado 7); “(...) aqui na Cooperativa são todos meus vizinhos (...)” (Entrevistado 8); “Estas ruas aqui consideramos que são nossos vizinhos (...) sentimos esta proximidade. Agora, criar laços (...) é só mesmo com as casas que estão muito próximas, eventualmente na rua (...)” (Entrevistado 1); “(...) há aquela coisa de passear o cão até ao fundo da rua e voltar e aí é que se fala com pessoas” (Entrevistado 1); “(...) os vizinhos mais próximos (...) os que estão aqui ao lado e em frente (...)” (Entrevistado 5).

O conceito de vizinhança que existe é demarcado essencialmente pela proximidade e pela frequência interaccional. Ao contrário do que se poderia esperar, a caracterização da vizinhança não é efectuada a partir de um critério de homogeneidade, embora esse critério seja relevante para a criação de laços mais profundos, pois “(...) criamos laços, porque há mais afinidade (...)” (Entrevistado 1); “(...) fazíamos a festa de vizinhos e nessa altura são as pessoas (...) que eu conheço mais, ou que são mais da minha idade” (Entrevistado 6).

Após a compreensão de quem é incluído na rede de vizinhança interessa saber até que ponto estas redes de vizinhança são suportativas, no sentido de se perceber se existe alguma função associada a essa relação de proximidade estabelecida. Nesta análise são identificados e evidenciados diversos tipos de suporte:

- **Material** - “Temos o nosso vizinho do lado com quem temos uma relação muito boa mesmo e muito próxima ao ponto de (...) ela tem limões, nós não temos limões e ela pousa-nos um saquinho de limões (...) há essa troca de coisas (...) nós às vezes (...) temos uma mesa que não é preciso a primeira coisa que fazemos é ver se eles querem a mesa, se lhes dá jeito (...)” (Entrevistado 1); “(...) temos muita daquela entreajuda de bairro, daquela “óh vizinho tem um ovo?” (...)” (Entrevistado 3);

- **Financeiro** - “Há bom entendimento (...) e têm que se entender, senão não emprestam dinheiro (...)” (Entrevistado 7);

- **Assistência** - “(...) não há interferência nenhuma, não há aquela ideia de ir ver e “cuscar” a vida do outro, nós temos muita sorte aqui (...) começamos esta relação com a vizinha daqui do lado, que tem a nossa chave de casa (...)” (Entrevistado 1); “(...) existe realmente essa troca, às vezes sou capaz de regar ali o quintal da vizinha, porque ando com



a mangueira e o vizinho é capaz de me vir cortar uma sebe, porque tem jeito (...)” (Entrevistado 3); “(...) aqui é uma família. E julgo que até para ter uma boa vizinhança que foi um hábito que eu criei “Boa tarde”, “Bom dia” “Passou bem” e se precisar tem o nosso apoio, se não precisar... porque muitas vezes o que corre mal na vizinhança é conversar muito, dar a vida a conhecer a outros e depois debulhar e criar problemas (...)” (Entrevistado 8); “[para ajudar] (...) tem que se pedir e tem que se pagar (...)” (Entrevistado 7);

- **Convívio** - “Quando é à tarde chego a ter ali nove ou dez criancinhas a jogar à bola (...) é engraçado que os avós estão com os meninos, está tudo ali e enquanto os meninos brincam dentro do ringue ou no parque nós ficamos ali e falamos uns com os outros. Há uma questão familiar muito próxima.” (Entrevistado 8); “[A vizinha] teve uma experiência da “Bimbi” convidou-nos logo para ir provar a casa dela para nos convencer (...)” (Entrevistado 1);

- **Segurança** - “(...) eu só tinha receio, de facto, como estava sozinha de sentir-me insegura de alguma forma, mas de facto não (...)” (Entrevistado 3).

É possível verificar que, segundo os relatos dos entrevistados, a vizinhança ajuda a combater necessidades a diferentes níveis. Também se denota uma distinta forma de estabelecer relações de vizinhança entre os habitantes mais carenciados, residentes no bairro camarário, e os restantes, sobretudo no que à entreaajuda desinteressada diz respeito. Por outro lado, a questão da imposição de alguns limites relacionais parece ser uma prioridade para a existência de uma boa relação de vizinhança, na maioria dos casos. Entre os habitantes do bairro social estes limites parecem, no entanto, mais difusos.

3.2.1.7. Recursos

Em termos de recursos do território destaca-se como aspecto positivo o interesse e preocupação em utilizar primeiro o que o território disponibiliza e só depois procurar no exterior. Também existe uma repetida referência às mesmas entidades, o que significa que há o reconhecimento da sua pertinência e em muitos casos real utilização de diversos recursos e serviços locais. Assim destacam-se dentro dos:

- **Serviços genéricos** - “(...) a Junta de Freguesia (...)” (Entrevistado 8), “os correios (...) os laboratórios de análises (...)” (Entrevistado 6), “(...) o Centro de Saúde (...) o Hospital (...)” (Entrevistado 8) e “(...) os bancos” (Entrevistado 6).

- **Serviços específicos** - “(...) lavandaria (...) costureira (...)” (Entrevistado 1), “(...) cabeleireira (...)” (Entrevistado 1), “(...) mercearia e uma loja do comércio justo (...)”



(Entrevistado 1), “(...) café (...)” (Entrevistado 2), “(...) mini-mercado (...) barbeiro e (...) padaria” (Entrevistado 2), “(...) vinaria (...)” (Entrevistado 3) e “(...) peixaria (...)” (Entrevistado 6);

- **Educativo** - “(...) o CLIP (...)” (Entrevistado 6) e o “(...) o Agrupamento [Manoel de Oliveira] (...)” (Entrevistado 4).

- **Cultural** - “(...) Pavilhão da Água (...) Museu Cupertino Miranda (...) Fundação (...)” (Entrevistado 5) e “(...) o Teatro Vilarinha (...)” (Entrevistado 4).

- **Lazer** - “(...) o Parque da Cidade (...)” (Entrevistado 5). Neste ponto o território e o Parque chegam a ser vistos como “(...) indissociáveis (...)” (Entrevistado 1). O Parque da Cidade é, de facto, o maior parque urbano do país, um equipamento público cujo impacto na qualidade da vida dos residentes do Porto e concelhos vizinhos assume enorme importância, contribuindo para a atractividade global da cidade e da sua envolvente (Oliveira e Pau-Preto, 2009:9). No Parque da Cidade está ainda instalado o já referido Pavilhão da Água e vários espaços restaurados que compõem o seu núcleo rural. É ainda de opinião geral que os equipamentos de lazer que o próprio território inclui ou dos quais está próximo são uma força e potencialidade.

- **Social** - “[o Projecto Acreditar] (...) Quarta Geração (...)” (Entrevistado 4) “(...) a CETA social, (...) a CPCJ (...) o MADI (...) a APPACDM (...)” (Entrevistado 4) e “a associação de Ludotecas (...)” (Entrevistado 6). Neste ponto destaca-se o facto de diversos projectos serem levados a cabo por diferentes entidades com a finalidade de combaterem as clivagens sociais, sendo especialmente dedicados às populações menos favorecidas. Ainda, aqui, e embora não tenham sido identificados pelos entrevistados, entidades como o Contrato de Desenvolvimento Local e o CEFPI desempenham na dinamização social da comunidade um importante papel.

- **Associativo** - “(...) o Desportivo António Aroso, (...) o Grupo Desportivo da Vilarinha, o Grupo Desportivo da Fonte da Moura, o Desportivo de Aldoar (...) a Associação Cultural e Recreativa de Aldoar (...)” (Entrevistado 4), “(...) Associação de Ciclismo (...)” (Entrevistado 6), “(...) o Recreativo de Aldoar, (...) a Portuguesa de Aldoar, (...) a Comissão de Moradores (...)” (Entrevistado 8) e “(...) a Associação de Aldoar do Basquete (...)” (Entrevistado 1). Este território possui claramente uma forte tradição associativa bastante vincada, o próprio formato da habitação cooperativa é disso reflexo.

- **Trabalhadores independentes** - Finalmente “(...) também (...) como um recurso



criativo (...) há um conjunto de pessoas que (...) participam e contribuem para o desenvolvimento do bairro” (Entrevistado 2), de entre as quais se destacam um “(...) Programador da Casa da Música (...)” (Entrevistado 1), “Uma senhora (...) [que] faz presépios, o marido é médico (...)” (Entrevistado 1), um “(...) Editor (...) que edita livros muito especiais e particulares até à [fotógrafa que] (...) fotografava as obras em Serralves...” (Entrevistado 1), “(...) professoras de ioga (...) designers (...)” (Entrevistado 3), “(...) Há mais fotógrafos (...) um fotógrafo mais de produto e de publicidade, que tem ali o estúdio (...)” (Entrevistado 3). É também bastante interessante verificar que estas pessoas, os próprios habitantes do território, são vistas como potencialidades e muitas delas desempenham funções no âmbito criativo, tendo optado por sediar a sua “empresa” no local onde residem, uma vez que se tratam, na maioria dos casos, de trabalhadores independentes. Efectivamente, em termos de potencialidades, Aldoar integra-se numa Zona de destaque em termos de actividades criativas, em grande medida dinamizada pela existência da Fundação de Serralves, localizada na freguesia de Lordelo do Ouro, que para além de ser um dos principais pólos de atractividade do Porto, afirma-se como geradora de “um cluster de indústrias criativas” (Oliveira e Pau-Preto, 2009:9).

Infelizmente, ainda no ponto dos recursos, em termos negativos é apontado faltarem “(...) alguns serviços e alguns equipamentos aqui à volta do bairro” (Entrevistado 1), sobretudo “(...) uma coisa que falta (...) perto do bairro é (...) zonas onde se possa comer (...)” (Entrevistado 1) assim como “(...) metro à porta. Sentimo-nos um bocadinho fora do circuito dos transportes públicos da cidade que eu acho que é uma coisa bastante desagradável (...)” (Entrevistado 1). No entanto, no âmbito das infraestruturas de transporte ferroviário a Zona Ocidental, actualmente servida apenas pelo eléctrico tradicional, constituirá uma das áreas mais beneficiadas com a expansão do Metro do Porto, dado que se prevê que um dos principais eixos da rede servirá uma parcela considerável da população que aqui reside ou trabalha (Oliveira e Pau-Preto, 2009:10).

3.2.1.8. Percursos

No que diz respeito à circulação, todos os entrevistados, referem que “andar a pé] (...) é o ideal” (Entrevistado 1), embora existam necessidades que implicam “(...) sistematicamente (...) pegar no carro” (Entrevistado 1) e que estão relacionadas com a escassez de alguns recursos, anteriormente referidos. O poder circular a pé para aceder aos recursos, é referido como um privilégio tanto no caso das tarefas rotineiras como de lazer,



destacando-se como circuitos mais marcantes e frequentes no território a “(...) proximidade com... a feira biológica, proximidade com o Parque da Cidade e com o mar, poder ir até ao mar a pé, proximidade com Serralves, consegue-se ir (...) a Serrralves a pé (...)” (Entrevistado 1); “(...) é um sítio que tem uma situação hiper-privilegiada porque temos ali o Parque da Cidade, temos ali uma feirinha de legumes ao fim-de-semana, portanto é um sítio que uma pessoa pode chegar ao fim-de-semana, parar o carro e andar a pé, ir até ao Parque é muito agradável (...) às vezes vou ali por trás pela Junta, onde há feira ao Sábado (...) faço ali o Parque da Cidade até (...) à praia” (Entrevistado 3); “(...) uma das razões pelo que dificilmente irei morar para outro sítio (...) está pertinho do Parque, posso ir a pé e posso ir de bicicleta (...)” (Entrevistado 6).

Mas há outros pequenos percursos que também são revelados, mais relacionados com as rotinas “(...) tenho uns amigos (...) e vou lá visitá-los, também a pé (...)” (Entrevistado 3); “eu atravesso o bairro a pé para ir ao supermercado (...) levar os miúdos à escola, ou vou buscá-los (...) (Entrevistado 6)”; “(...) circulo para (...) [o Bairro António Aroso] porque tenho lá uma horta (...)”; “(...) Tanto circulo aqui pela rua, como vou pelo meio da bouça (...)” (Entrevistado 6); “(...) dou a minha volta (...) naquela zona do Jornal de Notícias (...)” (Entrevistado 8); “(...) quando (...) há as Janeiras, e (...) o Programa da Paz, (...) à minha parte meto (...) tarjetas nas caixas do correio. Toca-me a Rua Martim Moniz, toca-me a Rua de Salazares, toca-me a Rua Sérgio Mendes, toca-me aqui a Praceta Luís Gomes e toca-me o Bairro de Aldoar (...)” (Entrevistado 8).

Ainda em temos de percursos, é salientado que “(...) esta zona aqui é muito boa para trabalhar porque é muito perto de todas as saídas do Porto, portanto é muito fácil chegar a qualquer lado (...)” (Entrevistado 3).

Mais uma vez refere-se o Parque da Cidade, o núcleo rural, a horta comunitária, bem como a proximidade a Serralves e à linha do mar como factor de atracção. É evidente a valorização que é dada ao contacto com a natureza e à possibilidade de cursar o território a pé. Também se denota que os habitantes elegem espaços públicos, neutros e de fácil acesso para a livre circulação, ou seja, um acesso rápido e sem constrangimentos em termos de interacções.

Não deixa ainda de ser curioso que, apesar de na actualidade este território apresentar uma essência tipicamente urbana, os comportamentos dos seus habitantes apontam claramente para uma preferência pela circulação na vizinhança, referindo-se como uma



obrigação pouco bem-vinda a saída do bairro para frequentar serviços que o território não oferece. Isso pode ser considerado um aspecto positivo na medida em que a utilização do território parece ser um factor aliciante para os seus habitantes, logo é um aspecto que futuramente pode ser trabalhado com o objectivo de implicar os habitantes no desenvolvimento local.

3.2.1.9. Acções

Um dos aspectos que também se pretende compreender relaciona-se com o grau de envolvimento dos entrevistados nas acções que são desenvolvidas no território.

A um **nível colectivo** simples, que consiste em iniciativas que implicam o envolvimento com grupos ou entidades, que evidenciam espírito empreendedor, solidário, voluntário e cooperativo, existem iniciativas como por exemplo:

- “(...) a horta biológica (...) é uma iniciativa interessante. (...) antes era um descampado (...) e de repente foi transformado (...) eles davam um curso de formação e cultura biológica no princípio, depois cada um tinha um troço de terra e tinha a responsabilidade de o manter a funcionar (...)” (Entrevistado 1);

- “(...) houve uma coisa durante o Porto 2001 que fizeram com a comunidade de Aldoar isso foi muito engraçado. (...) as pessoas estavam entusiasmadas a trabalhar naquilo (...)” (Entrevistado 3). “[A ópera] (...) eu (...) fiz parte (...) foi tão bom. 114 pessoas. As pessoas vinham de trabalhar e iam para os ensaios (...) na casa da electricidade (...) Fez-se na Casa da Música e tornou-se a repetir (...) fazia-se uma reunião primeiro (...) ela perguntava-nos o que é que a gente queria fazer (...) foi assim que começou aqui na escola C+S aquilo que a gente queria fazer inseria-se naquela peça (...) comecei a gostar de ópera por causa disso (...) depois terminou e nunca mais ninguém nos chamou (...) acabou tudo” (Entrevistado 7);

- “Contacto com o Parque da Cidade porque dou lá muitas vezes aulas de culinária, no Centro Educativo do Núcleo Rural (...) fiz lá muito trabalho voluntário (...) com os serviços educativos da Câmara (...) também tenho contacto com a Associação de Moradores do Bairro de Aldoar, pois vou lá deixar roupa e outras coisas (...)” (Entrevistado 6);

- “(...) estou inserida na associação [de moradores] (...) ajudo esta gente se precisar da luz, da água. Às vezes até para a segurança social eu vou com eles (...) visito os bairros e faço torneios de futebol entre bairro-bairro” (Entrevistado 7);

- “(...) distribuo (...) jornais do Avante (...) [faço parte da] Comissão Fabriqueira (...) faço parte (...) da Prevenção Segura (...)” (Entrevistado 8).



A um **nível interinstitucional**, que envolve um trabalho de diversas entidades formalizado ou não através de protocolo de cooperação, orientado para um objectivo comum que para além das características anteriores evidencia partilha de bens ou serviços e sinergia, existem iniciativas como por exemplo:

- “(...) o Agrupamento é a entidade promotora e temos (...) parceiros (...) a Junta de Freguesia, a CETA social, a Associação de Ludotecas, que é um parceiro muito forte nosso, com quem trabalhamos muito em parceria, e a CPCJ (...) são (...) os parceiros do projecto Acreditar (...)” (Entrevistado 4);

- “(...) temos um protocolo de cedência do próprio edifício [do Teatro da Vilarinha] com a Junta de Freguesia (...) a EB 2,3 Manoel de Oliveira do qual inclusivamente eu faço parte do conselho consultivo (...) damos apoio (...) ou vêm só ver os espectáculos ou quando montam os espectáculos (...) com Projecto Acreditar (...)” (Entrevistado 5);

- “(...) temos um protocolo com a Junta (...) temos uma pessoa que dá expressão dramática, etc., nos lares de 3ª idade (...) ATLS (...) etc. (...)” (Entrevistado 5);

- “A Junta de freguesia comunica muito comigo para fazer torneios (...) uma festa de Natal (...) em férias e para as crianças não andarem aí eu combino com a Junta e a escola C+S vão para lá crianças fazer jogos, dançar, cantar (...) mando crianças para lá, [para a Associação de Ludotecas] (...) Também me dou bem com (...) [o projecto Acreditar] (...)” (Entrevistado 7).

Em termos de representações, na globalidade, considera-se que “[as instituições contactam entre si] (...) o Agrupamento, Associações de Pais, a Junta de Freguesia, o Centro de Saúde inerentemente contacta com todas as associações (...) o contacto é fácil (...) [até porque as pessoas são as mesmas] se estão no Agrupamento estão na Assembleia, estão na Junta de Freguesia...” (Entrevistado 6). Identifica-se aqui um fenómeno interessante de monopolização institucional através de representantes comuns nas mais diversas entidades. Este fenómeno é bastante vulgar na prática associativa e voluntária, bem como na liderança comunitária na generalidade. Esta ocorrência justifica-se, normalmente, pelo perfil desses líderes e pela disponibilidade que oferecem ao serviço comunitário.

É possível verificar diversos laços interinstitucionais relevantes e de longa data, que implicam a colaboração de diversas entidades locais. São identificados líderes comunitários e entidades dinâmicas no território que constituem redes de trabalho, mas não existe de facto uma rede interinstitucional que envolva todas as entidades, o que implica que parte da



comunidade também é colocada fora dos fóruns de discussão comunitários.

Assim, uma das fragilidades do território não é a escassez de recursos mas é o facto de Aldoar dispor de recursos, equipamentos e infraestruturas que nem sempre têm funcionado de forma integrada para a promoção do seu desenvolvimento social sustentado e sustentável¹⁵. “(...) As instituições também umas vezes funcionam mais, depois 2 ou 3 anos, mudam a direcção, vão abaixo e acima, não há uma continuidade isso é um bocado descontínuo (...) é que realmente aqui o território de Aldoar tem um conjunto de equipamentos mas (...) não têm articulação, um funcionamento, ninguém fala com ninguém (...) sempre houve uma desarticulação das próprias instituições do território. E isso é o que eu creio que se tornaria necessário mesmo perceber se havia alguma possibilidade (...) de as próprias instituições instaladas no território se articularem de uma maneira qualquer” (Entrevistado 5).

Outro dos problemas, de algumas dessas relações interinstitucionais, é serem orientadas para projectos com fim definido que, por norma, não apresentam programas de sustentabilidade, uma vez que dependem de financiamentos temporários e sem garantias de continuidade, como ocorreu no passado com projectos que prometeram a mudança social e não conseguiram concluir os seus objectivos, originando um natural descrédito por parte da população na mudança. Um exemplo disso é “a extinta AIDA que desenvolveu diversas acções que pretendiam dinamizar a rede local a partir de diferentes eixos – educação, cultura e solidariedade (...) A AIDA, uma associação de utilidade pública, sem fins lucrativos, de natureza não-governamental e de âmbito local tinha como principal objectivo, promover o desenvolvimento de competências sócio-culturais e educativas locais, junto de crianças, jovens e adultos. No âmbito do designado projecto ‘Reconstruir Aldoar’ (...)”¹⁵.

3.2.1.10. Motivação

Relativamente à mobilização dos habitantes do território, no que ao envolvimento em acções comunitárias diz respeito, considera-se que “é difícil mobilizar as pessoas (...) Eu penso que sofrem todos da falta de tempo (...)” (Entrevistado 5), “têm que ir a casa procurá-las (...) As pessoas não vêm. Tem que se ir buscá-las, ajudá-las, puxá-las” (Entrevistado 7), “[A divulgação] não chega (...)” (Entrevistado 6).

Porém, existem registos de actividades colectivas com sucesso como “(...) essa

¹⁵ URL: <http://aldoarcomrede.wordpress.com/about/>



experiência [da Ópera que] foi gira e mostra que há uma certa vontade aqui nas pessoas de participar em coisas e colaborar (...)" (Entrevistado 3), mas também se está a falar dos habitantes do bairro de Aldoar, que já habitam o território há mais tempo e por isso mesmo se conhecem mutuamente e que afirmam que "(...) quando nos convidam a gente está lá" (Entrevistado 7), além disso tipicamente "(...) as pessoas são mais abertas do que estas pessoas que estão assim no "meio-termo". Também porque essas pessoas estavam inseridas numa associação (...) as pessoas já vão em grupo (...)"(Entrevistado 3), "(...) umas chamam as outras e começaram a gostar daquilo" (Entrevistado 7).

Como justificação para o défice de envolvimento voluntário considera-se negativo "(...) esse foco nos bairros, nas pessoas com menos rendimentos (...) existe toda uma camada de classe média e de classe média alta que também vivem ali e que também deviam ter serviços. (...) se calhar de alguma maneira... não sei como... também me está a parecer difícil... se poderia fazer uma certa integração, que a mim me parece absolutamente essencial, se não queremos andar todos aos tiros daqui a uns anos (...) a minha ideia seria que se fosse alguma coisa que servisse as pessoas todas, que facilmente se envolveriam" (Entrevistado 6).

De facto, grande parte da população que não habita nos territórios mais carenciados é excluída das acções colectivas em Aldoar. Também se percebe que há uma falta de motivação que se prende com um conjunto de factores como receios de envolvimento e indisponibilidade característicos dos habitantes com maior entrega à profissão, por exemplo em relação à horta comunitária localizada no Bairro António Aroso: "Quando começou nós estivemos quase para nos inscrevermos (...) só que nós temos uma profissão que nos ocupa muito tempo e (...) víamos que não íamos conseguir cumprir" (Entrevistado 1); "Houve uma altura que até andei lá (...) mas nunca fiquei com aquilo, que (...) é uma trabalhadeira, é muito giro, mas não é para mim..." (Entrevistado 3).

3.2.1.11. Propostas

Quando solicitado aos entrevistados propostas de acções colectivas que beneficiem o território na globalidade ou o sub-território na especificidade, não é fácil obter sugestões, mas há referência a algumas fragilidades que se desejam colmatar, surgindo a partir daí propostas concretas, embora não partilhadas pelos restantes entrevistados.

Existe, por exemplo, "(...) uma parte que tem (...) a bouça, que (...) já foi destinada para várias coisas (...) é uma coisa que já se vê pouco na cidade devia ser mantida assim. Pura e



simplesmente devia ser limpa e mantida. Porque joga-se lá malha, porque passa-se por lá para ir para o cemitério, porque os miúdos vão lá subir às árvores, não vão mais porque ela de facto é insegura, está cheia de lixo (...)” (Entrevistado 6), assim “(...) era giro que os miúdos ou alguém comesse uma ‘penny drive’ (...) depois poderia ter como fim (...) limpar a bouça” (Entrevistado 6) ou “(...) há aqui um relvado ao pé da Manoel de Oliveira (...) sítio relativamente neutro (...) eu diria que se houvesse aí um parque infantil que os miúdos iriam lá brincar dos vários bairros. (...) Também há uns prédios altos em triângulo na Praça 3 de Abril, aquilo também me parece relativamente neutro” (Entrevistado 6).

Outro tipo de preocupações está relacionado com “(...) uma fonte de emprego (...)” (Entrevistado 6), “(...) criar postos de trabalho para esta gente que sai das escolas (...)” (Entrevistado 7), “ajeitar trabalho para estas jovens. Ocupar o tempo das jovens. As mulheres de vinte e trinta anos... não fazem nada (...) E são essas que têm mais subsídios (...) Juntar estas mulheres como se fosse um trabalho e ajudar a mentalidade delas (...) como se geria o dinheiro (...)” (Entrevistado 7), “(...) havia de haver uma força aqui com o próprio rendimento mínimo (...) Não é ajudar em dinheiro (...) porque há pessoas que são pobres na própria mentalidade (...)” (Entrevistado 7).

3.2.2. Museu do Papel Moeda: tecendo laços, rasgando limites

3.2.2.1. Percepções e representações

Quando um museu inicia um caminho na direcção da inclusão tem necessariamente que estar disponível para abrir portas, tanto no sentido literal, quanto figurativo.

Deixar entrar é também conhecer-se melhor ao reconhecer-se no olhar do outro. Esta disponibilidade para escutar activamente, requer tanta ou mais coragem do que a necessária para iniciar qualquer acção. Assim, o Museu do Papel Moeda escutou algumas das representações que a comunidade detinha sobre ele e só assim pôde melhor reflectir sobre o seu papel no interior da mesma. Isto “vai ajudar na tomada de decisões, alertar o museu para áreas que negligenciou no passado (...) apontar possíveis áreas de controvérsia e problemas que podem ser causados por exposições assim como problemas que podem ser enfrentados por indivíduos perante artefactos e ideias na exposição que são tabu na sua cultura ou ideologia” (Talboys, 2000:41). É necessário, contudo, ter sempre em consideração que “o ser humano conscientemente responde ao seu ambiente como o percebe: o ambiente percebido irá frequentemente conter algumas, mas nem todas, das partes



relevantes do ambiente real, e pode bem conter elementos imaginados pelo ser humano e não presentes no ambiente real que é visto através de um filtro cultural, construído de atitudes e limites, estabelecido por técnicas de observação e experiências passadas (Jeans, 1974:34 *in* Hooper-Greenhill, 1997:17).

A primeira barreira que se ergue, em termos de representações, parece estar relacionada com a imagem do MPM, associada a uma posição de privilégio e de inacessibilidade, uma vez que o “(...) edifício não é (...) luxuoso mas (...) intimidada, há pessoas que pensam ‘aquilo é para os ricos e para os sábios’” (CLDS), uma vez que se trata de uma entidade “(...) com uma certa projecção e um certo, digamos, poder” (CEFPI). Essa posição está também associada à localização a Sul da Avenida da Boavista, um eixo que necessita de ser quebrado, porque só assim “(...) as pessoas deixam de ver as pessoas do lado daqui como elementos ameaçadores ou o inverso também (...)” (ALP).

A segunda barreira está mais relacionada com a colecção do MPM, considerado como “(...) o museu do dinheiro (...) não (...) chama nada, mesmo nada a entrar naquele museu (...) aquele museu não tem interesse nenhum”, “(...) tem um tema um bocadinho aborrecido” (Entrevistado 6). De facto, os museus são frequentemente invisíveis no interior de uma comunidade e pouco valorizados, porque poucas pessoas pensam que têm a ver com a sociedade. A maioria das pessoas que não visitam um museu local, simplesmente não o encaram como relevante para as suas vidas. Nestas situações uma abordagem alargada educativa permitirá ao museu incorporar uma mensagem mais aberta sobre o seu trabalho, assim como abrir uma nova exploração de ideias e assuntos relevantes no presente. “É claro que nem todos os museus possuem colecções que estão naturalmente relacionadas com algumas ou todas as secções da comunidade mas aí reside o desafio” (Talboys, 2000:41), “(...) o museu realmente tem esse papel de levar as pessoas lá e precisamente até essas pessoas que não estão habituadas (...) Porque como tudo nós não gostamos enquanto não percebemos (...) e se as pessoas forem envolvidas e se lhes explicarem, se perguntarem o que acham, as pessoas começam a interessar-se por aquilo (...). O museu não pode ser uma entidade morta que tem ali umas coisas e agora vão ver ali, de vez em quando (...) Portanto o museu tem que (...) chamar a comunidade (...)” (Entrevistado 3). De acordo com Dodd e Sandell (2001:22) o museu deve responder às necessidades dos seus visitantes e, sempre que possível, identificar causas e remédios para aqueles que não sentem que os museus têm qualquer relevância para eles.



A terceira barreira prende-se com as actividades do MPM, uma vez que os habitantes consideram que não vão “(...) lá entrar porque não s[abem] o que é que lá v[ão] fazer (...) costuma a ter exposições temporárias? (...) não se vê publicidade nenhuma do que se passa naquele museu (...) hoje em dia tem que vir pela Internet ou coladinho na parede, porque nós não vamos estar a (...) procurar (...)” (Entrevistado 3), além disso “a escola considera o Museu difícil para as crianças, se bem que eles têm aqueles programas (...) um [dos meus filhos] (...) foi uma vez que trouxe uma nota estampada com a cara dele. (...) Mas já foi há... já está na altura de visitar outra vez (...)” (Entrevistado 6). Cabe ao Museu providenciar exposições temporárias e actividades que ultrapassem essa apatia e envolvam essas pessoas, não é só uma questão de as fazer aceitar o museu como ele é, a educação também cabe ao museu, pelo que deve aprender a evoluir para envolver os habitantes locais, descobrindo o que gostariam de fazer, formas através das quais o interesse genuíno dessas pessoas pode ser equiparado à visão do museu. “E nunca esquecer que o museu é parte da comunidade” (Talboys, 2000:42).

A quarta barreira tem a ver com a acessibilidade, pois embora consideram que estão “(...) ali a dois passos (...) também não é fácil o transporte público (...) [as escola, por exemplo] passam a vida a ir a todo o lado, só à Cupertino de Miranda não (...) eles podem facilmente ir a pé, mas lá está... depende das turmas, dos professores (...) quando vem um transporte (...) da Câmara, que vem duas vezes por ano (...) está o dia inteiro e aproveita-se para ir um bocado mais longe” (Entrevistado 6). Efectivamente, “a posição geográfica do museu é importante (...) porque se está isolado é necessário criar um pacote bastante atractivo que consiga atrair as pessoas (...) A maioria das pessoas a viver no alcance do museu é possível que nunca o tenham visitado. Existem muitas razões para isso e muitas podem ser ultrapassadas se houver consciência e vontade do museu” (Talboys, 2000:41).

Contudo, também existem representações interessantemente positivas que posicionam o MPM como uma entidade “neutra” (CEFPI), “essa instituição que está um pouco fora, dentro do bairro, e que (...) pode ser aqui um potenciador muito grande das tais sinergias de que o Bairro de Aldoar necessita” (CLDS). Além disso, na globalidade, a instituição museológica é encarada como uma mais-valia, “porque realmente é super educativo (...) tem um papel extremamente importante” (Entrevistado 3).

Finalmente, em termos de representação, o MPM também possui uma visão sobre si próprio e sobre a instituição museológica na globalidade que importa salientar: “hoje em dia



tudo leva a que de facto os museus tenham que ter um papel educacional sim, mas um papel social muito forte, é isso que o Museu tem vindo a fazer (...) para além [de] (...) preservar a identidade, memórias, etc. o museu serve também para trazer algum bem à vida das pessoas, não é indiferente ter ou não ter um museu numa comunidade (...) O Museu entende que é muito bom que existam colecções (...) mas os museus só encontram a sua razão de ser quando partem das suas colecções para ir ao encontro das pessoas, os museus só encontrarão a sua razão de existir quando alargarem os seus horizontes e forem ter com as pessoas e lhes disserem assim: ‘o que é que nós podemos fazer pela comunidade?’, ‘o que é que a comunidade espera de nós?’ Em vez de olharem para o Museu como algo que é distante e estático, que todos percebam que nós estamos aqui para os servir, na medida das suas expectativas, das suas necessidades” (MPM).

Um museu que trabalha com a sua comunidade local em ordem de a envolver e faz o que pode para melhorar a vida dos seus habitantes, tem fortes possibilidades de ser encarado, apreciado e valorizado. Isto transforma o museu em algo que faz parte, em vez de algo um pouco fora do alcance (Talboys, 2000:14).

Pensa-se que, na era museológica em que se vive, todos os museus compreenderão que não existem para si mesmos, mas para servir um propósito maior, caso contrário, não passarão de uma colecção ou reserva visitável e nunca poderão ser considerados museus, na verdadeira acepção do termo.

3.2.2.2. Motivações e expectativas

“(...) É urgente que todos os museus revejam as suas funções sociais no contexto da sociedade que gostaríamos de ver emergir” (Hooper-Greenhill, 1997:3) e à medida que a linguagem da inclusão se tem tornado mais unânime, os museus têm-se dedicado ao combate das múltiplas formas de desvantagem vividas pela sua vizinhança, à democratização museológica e à facilitação de acessos (Dodd e Sandell, 2001:8), percebendo que o seu papel não está encerrado na sua colecção, mas sim na forma como esta é usada para aumentar a felicidade, sabedoria e conforto dos membros da sua comunidade (Dana *in* Domingues *et al.*, 2003:17).

De facto, a inclusão social é, fundamentalmente, acerca de embeber boas práticas no coração dos museus, sendo o potencial de contribuição museológico muito mais diverso, abrangente e complexo do que se pode imaginar à partida. Dodd e Sandell (2001:25) defendem que os museus podem promover *outcomes* de inclusão a três níveis: individual,



comunitário e social.

Neste contexto, é fundamental um trabalho de colaboração, cujo objectivo é a criação do valor da sinergia, não apenas a soma dos esforços individuais, mas um valor do exponencial produto do colectivo de interacções entre os colaboradores (Dana *in* Domingues *et al.*, 2003:19). A parceria permite ao museu alargar as suas fronteiras para além do que considerava possível, partilhar riscos, adquirir recursos, alcançar novas audiências, obter competências, melhorar a qualidade do serviço, concretizar projectos que de outra forma seriam impossíveis, adquirir validação de uma fonte externa, ganhar apoio político e comunitário (Dana *in* Domingues *et al.*, 2003:18-19).

Conscientemente, o MPM encontra-se motivado para “ser para todos (...) abrir-se à comunidade, trabalhar com todos ou receber propostas de cada um, perceber que tipo de entidades e também mediar projectos (...) a abertura do Museu fica (...) patente, os braços estão abertos e a disponibilidade é total” (MPM).

Em consonância com esta motivação erguem-se também expectativas porque, contrariamente a acções levadas a cabo no passado, o MPM tem “vontade que a interacção [seja] diferente [porque nunca] houve assim um trabalho de interacção (...) verdadeiramente [de] vinculação não houve” (MPM). Neste sentido, o MPM deseja “(...) encontrar a [sua] complementaridade na área cultural (...) tem[] potencialidade e (...) responsabilidade para o fazer (...) não quer[] nada de competitividade, quer[] ir pela via da complementaridade (...) quer[] ser um espaço intermédio (...)” e deseja que “(...) usem o Museu, que se aproveitem do Museu, que se apropriem do Museu (...) [e] que se usasse o Museu para ajudar as pessoas a melhorar as suas vidas (...) no sentido das pessoas melhorarem não só a auto-estima, mas terem outros conhecimentos, abrirem horizontes, dar-lhes oportunidades, alargar as cabeças...” (MPM).

Na perspectiva do MPM e especificamente relativamente a Aldoar “é absolutamente essencial que as pessoas tenham habitação, mas é também profundamente essencial que as pessoas tenham outras coisas e nessas coisas talvez (...) possa[] ajudar (...) [porque] a falta de educação leva à falta de capacitação, à dificuldade em arranjar emprego, consequentemente à dificuldade em arranjar habitação, consequentemente à dificuldade de ter uma boa alimentação, portanto há muita coisa à volta das necessidades básicas e nesse anel, que é multidimensional, talvez [se] possa[] fazer alguma coisa (...)” (MPM).

Efectivamente, a exclusão social sublinha a multidimensão e natureza interrelacional



de desigualdade e desvantagem, definindo o que pode acontecer quando as pessoas ou áreas sofrem de uma combinação de problemas interligados como desemprego, competência baixas, baixos rendimentos, habitação empobrecida, ambiente altamente criminoso, baixos índices de saúde e famílias destruturadas (Social Exclusion Unit Cabinet Office *in* Dodd e Sandell, 2001:11), sendo a sua característica-chave a interdependência dos vários factores, daí ser tão importante que várias entidades da mesma comunidade, em parceria, trabalhem em conjunto com vista à erradicação desta problemática.

Assim, a ideia é “(...) construir algo que não só faça bem às pessoas, mas que dê também à freguesia de Aldoar possibilidades, que ajude (...) Aldoar a ser melhor, que lhe (...) dê alguma visibilidade [para] que (...) sintam que é bom ter o Museu aqui (...)” (MPM). O Museu pretende, então, saber como é que “(...) pode ajudar, interferir, integrar?” (MPM), como é que “se poderia constituir (...) como esta estrutura intermédia de cruzamento de instituições, com o objectivo de integrar toda a gente com o Museu, entre si, fazer (...) realmente do Museu um sítio de cruzamento e (...) gizar um pensamento que consiga construir uma comunidade participativa em Aldoar” (MPM).

Face ao desafio do MPM, diferentes entidades da comunidade assumem diferentes posturas entre o silêncio, a descentração da problemática, a concordância e a discordância, como por exemplo:

- “[o MPM] colocou este desafio e eu achei muito... aceitei de braços abertos pelo conteúdo (...) desde já oferecemos alguns recursos que vamos tendo (...) podemos ter aqui em Aldoar essa grande aposta de conseguirmos todos (...) e encontrar nesta comunidade vocações que ainda não foram encontradas, pessoas que sabem fazer tanta coisa e que são capazes de participar nesta comunidade de uma forma tão positiva que eu penso que (...) nós todos em conjunto consigamos potenciar o que há de bom nesta comunidade, quer seja a nível das crianças, quer seja a nível dos idosos, quer seja a nível das mulheres” (CLDS);

- “(...) a inclusão tem que passar muito pela interacção dos vários papéis dos vários actores nesta comunidade e penso que o Museu em conjunto com todas as instituições que estão em Aldoar e que desenvolvem cada uma o seu papel (...) e portanto é muito difícil de agradar [a todos] numa comunidade (...) e percebo que realmente é muito difícil quando há histórias das instituições e (...) isso reflecte-se no seu papel, no seu trabalho, nos seus protagonismos, (...) um dos objectivos do Contrato é efectivamente criar elos entre as instituições, não é muitas vezes fácil (...) primeiro quem chega vem sempre de fora e



portanto vai encontrar as pessoas que já estão (...) nós já aqui estamos, nós já trabalhamos, nós já fazemos, isso é por vezes alguma dificuldade de quem chega” (CLDS);

- “(...) vou ter que equacionar, para ver o que é possível fazer, mas eles [os utentes do CSSMA] gostam de participar, nem que seja pela observação (...)” (CSSMA);

- “(...) pode ser que se consiga chamar a atenção para outras coisas (...) temos de baixar guardas, em termos institucionais não nos podemos fechar (...) que aquilo que sentimos quando chegamos a Aldoar é que éramos capelas (...) há algumas capelas que se quebram e há outras capelas que se mantêm (...) aqui é a minha área de intervenção, tu não podes vir por aqui, pela minha área de intervenção (...)” (ALP);

- “(...) não me parece que exista dificuldade em funcionarmos em rede ou em teia” (ODPS-CSFM);

- “(...) temos que ter presente que (...) é preciso encontrar essa maneira de funcionar inter pares e porque numa primeira fase será complicado (...)” (CTPV);

- “(...) não consigo ver de que forma é que (...) poderá ajudar nas tais necessidades (...) ajudar a que as pessoas tenham o mínimo das suas necessidades básicas é muito difícil (...) tanto trabalho que se faz aqui em Aldoar, tanto trabalho com as pessoas, para as pessoas e com as pessoas, e os problemas continuam (...)” (JFA).

Na generalidade, a postura dos participantes no grupo de discussão é positiva e parece ser de curiosidade e expectativa relativamente ao que poderá acontecer. As posições menos entusiásticas têm, como é devido, as suas justificações, como o desencanto de quem muito já tentou e ainda nunca conseguiu. Assim, e apesar da declarada vontade que o Museu manifesta em avançar nesta empreitada, deve estar atento ao facto de persistirem desconfianças e desencantos em todas as relações. Importa ainda, lembrar que não existem relações desinteressadas nem desinteressantes. Se uma das partes deixa de encontrar conveniência no envolvimento em determinada relação, não prevendo reencontrá-la, é provável que surja uma crise desencadeadora de ruptura.

3.2.2.3. Propostas e perspectivas

Quando se inicia um processo de Mediação e Animação Sociocultural deve haver uma preocupação centrada na alteração das mentalidades, gerador de um trabalho articulado de continuidade, sustentado e sustentável em rede, no qual o território como um todo pode envolver-se de forma activa no incremento da sua qualidade de vida. É, neste contexto, necessário lembrar que “(...) quanto mais uma comunidade investe num projecto, maiores



são as suas expectativas para um envolvimento continuado” (Peers e Brown, 2003:9) portanto, defraudar as suas expectativas, poderá constituir um pior resultado no estabelecimento de uma relação do que se ela nunca tivesse existido.

No passado, Aldoar teve uma experiência, que marcou bastante o território e que já foi aqui referida, sobre a qual as opiniões divergem um pouco entre “houve uma experiência aqui em Aldoar que foi aquela ópera da Casa da Música que foi uma experiência muito interessante e acho que a população do bairro ficou muito desgostosa quando acabou, portanto há ali um potencial de pessoas que gostam e viu-se que elas tinham capacidade para fazer coisas espectaculares” (CEFPI) e entre “em 2001 fez-se uma coisa de que toda a gente fala, em que muita gente de Aldoar participou e foi muito bonito e chamou muito a atenção, mas e agora, passados nove anos, em que é que isso contribuiu para a felicidade daquela gente?” (JFA).

Na opinião do MPM é “claro que as coisas deviam ter sustentabilidade e continuidade (...) isso aconteceu e depois acabou (...) eu espero que isso não aconteça connosco até porque nós existimos (...) não somos uma coisa tão efémera como um acontecimento como a Porto Capital da Cultura (...) o Museu tem um tempo de vida diferente e um visionamento diferente (...)” (MPM) e por isso mesmo pretende criar um programa de Mediação e Animação Sociocultural que também seja educativo, que vá para além da visibilidade externa. Até porque “os programas educativos permitem aos museus envolverem-se com a sua comunidade e participar, se não assumir um papel de liderança no desenvolvimento cultural e na regeneração cultural e económica da área. Os museus não podem fazer tudo mas a educação no museu é uma abordagem a considerar para um envolvimento nos dois sentidos e pode ajudar os museus a tornarem-se uma parte essencial da vida comunitária” (Talboys, 2000:14).

Dos grupos de discussão em que se reuniram diversos líderes comunitários recolheram-se algumas ideias-chave que de acordo com o MPM são aspectos a destacar:

- “(...) há traços comuns, há palavras que nos são comuns, a proximidade é uma delas, a vontade de integração é outra, o facto de podermos ser parceiros penso que poderei dizer que é um desejo, nosso é (...)” (MPM);
- “(...) fazer qualquer coisa que agilize (...) olhar para os outros, que Aldoar precisa muito de olhares cruzados” (ALP);
- “(...) a questão cultural é forma de desenvolvimento e de abertura de cabeças (...) e



portanto juntar a parte cultural, à parte social e à integração e criar actividades que juntem várias instituições (...)” (MPM);

- “(...) acredito que realmente (...) a parte cultural e a parte artística é um potencial enorme (...) o lúdico quanto pode dar quer nos adultos quer nas crianças? (...) e fazer a inclusão passa por aí (...)” (CLDS);

- “Para além da dimensão artística há uma dimensão extremamente imaterial que é a dimensão lúdica que está em vias de extinção (...) que as pessoas reencontrassem algumas das relações que estão em vias de extinção e que a comunidade de Aldoar perdeu (...)” (ALP);

- “Decididamente temos que criar a teia (...) partindo da ideia de que há um Aldoar desconhecido, há muitos Aldoares (...) é fundamental fazermos um diagnóstico e construirmos a história de Aldoar (...) vai demorar o tempo que for preciso, construir este processo (...) que tenha raiz em todas as instituições e em todas as forças vivas (...)” (MPM);

- “(...) será que é possível experimentar alguma coisa aqui em Aldoar que conseguisse essa integração? (...) e será que não é possível fazermos todos alguma coisa? (...) na lógica de conjugar alguns esforços (...)” (ALP);

- “A sociedade civil tem competências (...) [é por isso necessário] desconstruir o princípio de que só as instituições é que conseguem potenciar essas competências” (ALP);

- “(...) que as actividades sejam de facto mistas, com crianças com necessidades especiais, crianças normais...” (EAS);

- “(...) a metodologia de trabalho é fazer este projecto, apresentar às direcções de todos, e realizar uma reunião de técnicos para se discutir e ultrapassar dificuldades (...) um núcleo duro (...) tem que estar sempre presente (...) diria que pode ser a Junta, as Ludotecas, CLDS (...) e vamos ter realmente que fazer este diagnóstico este levantamento (...) vamos centrar-nos sobre Aldoar (...) apresentar Aldoar, toda a riqueza e o potencial, mas não é só apresentar é desenvolver trabalho que viesse de facto melhorar, mudar, ajudar as diversas realidades parcelares de Aldoar (...)” (MPM).

Erguem-se diversas propostas concretas que importa considerar mas que nem sempre reflectem efectivamente uma visão do conjunto, como por exemplo:

- “(...) acho bem pegarmos na experiência que a Associação de Ludotecas teve [o Porto Desconhecido] que envolveu as turmas do ensino básico, envolveu os museus, envolveu os idosos (...) pode ser um processo documentado (...) trabalhar com as instituições



e perceber como é que elas se podem cruzar (...)” (MPM);

- “arranjar um espaço de estrutura intermédia, onde nós pudéssemos tentar integrar pessoas, imagine que há deficientes não profundos, que podem querer integrar pessoas numa actividade coral (...), alunos que são de escolas com necessidades educativas especiais, que com outros alunos, sem necessidades especiais, que podem ser ensaiadas por alguém do Pé de Vento e no final apresentam um espectáculo de teatro para todos (...)” (MPM);

- “há necessidade, apetência, possibilidade real de criar workshops na área da música, na área do canto e na área do teatro e na área da animação e da ludicidade (...) que possa integrar pessoas com e sem deficiência e produzir (...) produtos finais que interessem a todos (...)” (MPM);

- “O Pé de Vento poderia funcionar, quem sabe, a uma determinada hora em que pessoas podem lá ir (...)” (ALP);

- “(...) sentimos que [para] as pessoas com necessidades especiais (...) não há (...) respostas da comunidade, espaços onde eles possam fazer actividades de tempos livres (...) ficam com uma experiência muito reduzida, casa-centro, e as redes de convivência ficam muito limitadas (...) espaços onde pudessem fazer coisas que gostassem e fazerem actividades, terem contacto, irem até lá, e poderem fazer jogos e teatro e dança (...) era interessante, que existisse aqui ao nível da comunidade quem avançasse com projectos desses na área do entretenimento (...) em que eles pudessem participar, mas que não fosse só exclusivamente para eles, para poderem participar com outros jovens, outras pessoas” (CEFPI);

- “pôr vários jovens a gerir o dinheiro” (CEFPI);

- “Acho que mais facilmente entrariam num projecto de teatro com música associada, quer dizer, entre as artes há uma certa relação no sentido do espectáculo abrangente (...) que possa proporcionar a estes jovens experiências inovadoras no campo artístico” (CEFPI);

- “o Museu podia ser esse espaço, com animação cultural que fizesse com que as pessoas de Aldoar de todas as faixas etárias e de todas as condições sociais pudessem encontrar aqui workshops, se calhar numa fase preparatória incentivada pelas organizações, pelas estruturas locais (...) fazer algumas experiências que lhes dessem apetência para depois fazerem um projecto em grande (...) no sentido das próprias pessoas estruturarem a própria história ou espectáculo, ou seja o que for, que desse uma certa identidade aqui a



Aldoar, em que a Fundação pudesse ser o suporte (...) tem que ser uma coisa de alto nível (...) as pessoas têm que sentir que estão a participar numa coisa (...) que isso lhes dá mais-valia e dá valorização” (CEFPI);

- “há um núcleo rural (...) de edifícios vazios. Esse núcleo rural funcionou durante algum tempo como esse espaço neutro (...) se o Museu se encarregasse de junto com a Câmara de dizer ‘nós administramos os espaços’ a Câmara ao Museu é capaz de dar um bocadinho mais de prestígio (...) mas precisa de haver uma instituição que consiga ficar encarregue (...) é um espaço neutro, onde é mais fácil, se calhar, uma apropriação pelos diferentes níveis de população (...) Há espaços enormes” (CTPV);

- “Uma escola de música que existiu em Aldoar no Centro Paroquial e hoje não existe (...) e era precisamente orientada pelo Sr. Dr. Fausto Pimentel” (GCL);

- “Outras actividades que são muito animadoras são as actividades desportivas” (EAS).

Após a partilha decorrida nas reuniões de líderes comunitários, o MPM sintetizou numa mensagem de e-mail (02-02-2010) enviada a todos os participantes nos grupos de discussão que “(...)isto é um processo que há-de evoluir ao longo do tempo. Depende, em muito, da vontade de cada parceiro. Há circunstâncias fulcrais (...): o Museu é uma instituição cultural que assume como dimensão estruturante dos seus projectos a promoção da cultura, da educação e da coesão social. E esta é a base de sustentação das suas actividades. Tem de haver uma ligação dos projectos às colecções do Museu para que os objectivos da missão sejam cumpridos. A visão que o Museu do Papel Moeda tem para este projecto é a de que o Museu pode ser um espaço de encruzilhada, de fruição, de prazer. Um lugar que guarda memórias, que conta histórias e, também, um espaço de diversas aprendizagens. A aproximação do Museu à comunidade e da comunidade ao Museu tem de ser feita de forma estruturada. Deve também assumir formas distintas, dependendo dos papéis e do desempenho de cada instituição na comunidade. Nesta conformidade, o Museu tentará estabelecer diversos projectos de ligação com as instituições locais (...) Para que o projecto atinja os seus objectivos e produza mais-valias para todos, é essencial o envolvimento da comunidade. Também temos a noção que é difícil a articulação das parcerias, mas acreditamos que daqui possam aparecer sinergias que potenciem o desenvolvimento e a visibilidade de Aldoar”.

É portanto, na sequência da análise de todas as informações reunidas, tanto na análise



do território, através dos habitantes entrevistados, como da análise das representações face a um trabalho colaborativo com o MPM, através da análise dos grupos de discussão com líderes comunitários, que seguidamente se esboça uma proposta de programa de acção museológica conciliadora de algumas das expectativas apresentadas.

3.3. Pontos de chegada?

3.3.1. Fórum Aldoar: plataforma de reflexão, discussão e acção

3.3.1.1. Enquadramento diagnóstico

Com base no diagnóstico elaborado a partir da análise de inquéritos por entrevista aplicados a habitantes das comunidades de Aldoar e de grupos de discussão compostos por líderes comunitários, identificam-se algumas necessidades prioritárias ao nível da acção sociocultural, designadamente: a criação e dinamização de espaços intermédios de lazer; a implementação de actividades de ordem artística e lúdica; o envolvimento e a interacção de diferentes fragmentos da comunidade; o trabalho colaborativo entre diversas instituições (parceiros inconvençionais) e a educação para os valores.

Reconhece-se, ainda, que o território apresenta algumas características que poderão dificultar a implementação de qualquer programa desta índole, como: a resistência a novas acções e à mudança; sectorização territorial; preconceitos interinstitucionais e interterritoriais e carência de valores socioculturais.

“Fórum Aldoar: plataforma de reflexão, discussão e acção” é uma proposta para um programa de inclusão sociocultural, orientado para o desenvolvimento de competências individuais e colectivas, inspirado na iniciativa “O potencial de Mediação do Museu do Papel Moeda na comunidade” e que consiste na construção de uma rede colaborativa comunitária. Neste sentido, definem-se como vectores e sub-vectores orientadores deste Programa:

- Cidadania: Democracia, Participação, Empowerment;
- Cultura: Património, Identidade, Valor;
- Colaboração: Partilha, Voluntariado, Sinergia.

3.3.1.2. Entidade promotora e parceiros nucleares

O Programa é promovido pelo MPM no contexto da Museologia contemporânea, da sua missão e da sua colecção, uma colecção que conta a evolução do dinheiro mas também regista a evolução de todos nós, mostrando factos históricos, personalidades “(...) enfim



tudo o que importa está lá (...) se olharmos para ele, [o dinheiro] conta muitas histórias (...)” (MPM), servindo não apenas como instrumento de dinamização e transacção económica mas como registo pouco convencional das potencialidades de uma sociedade, de entre as quais se destacam valores culturais, património, identidades... preocupações transversais a qualquer entidade que deseje actuar no seio de uma comunidade. Neste contexto, o MPM reconhece o valor da sinergia enquanto potência de desenvolvimento sustentado e sustentável e concentra-se não no papel de líder mas de provocador e mediador de relações, integrando-se de igual para igual, enquanto mediador, parceiro e actor. Assim, são designados enquanto parceiros nucleares, a Junta de Freguesia de Aldoar, o Contrato Local de Desenvolvimento Social e a Associação de Ludotecas do Porto, por se considerarem entidades de elevada relevância política, social e lúdica. Para além disso são também, pela qualidade da sua missão no território, informantes privilegiados que importa considerar.

3.3.1.3. Públicos

O Programa destina-se a dois grandes públicos que, por sua vez, participam integrados em dois diferentes mas interdependentes níveis.

O primeiro público, nível individual, é composto pela população de Aldoar enquadrada em entidades colectivas, na tentativa de combater a limitação em termos populacionais da maioria dos projectos que são dinamizados na comunidade, visto que demasiadas vezes “falar da população de Aldoar (...) [é] falar de uma população muito restrita, que é uma coisa que aflige (...) porque falamos sempre dos pobres indivíduos coitadinhos (...) quando em Aldoar há tanta outra gente (...) mas Aldoar tem esta grande dificuldade e daí também que as instituições também se deparam com esta grande dificuldade (...) têm que dar resposta aos mais desprotegidos (...) [mas, para além do] Aldoar de que falamos [frequentemente] há outro Aldoar com potencialidades, com necessidades (...)” (ALP). Este público caracteriza-se por uma participação mais directa nas acções ao nível da execução das actividades propostas, embora também seja envolvido na tomada de decisões através dos mediadores institucionais.

O segundo público, nível institucional, é composto pelas instituições, na representação dos seus líderes (corpos dirigentes e/ou técnicos), na tentativa de diluir possíveis barreiras e fortalecer os laços da rede institucional da comunidade. A este nível, existe um envolvimento directo do público na tomada de decisões do Programa e na gestão dos projectos a integrar no Programa.



O comprometimento em termos de participação dos públicos faz-se por via de um protocolo e posteriores inscrições nas diferentes acções em concreto. Relativamente a especificidades, como número de elementos participantes e as idades, o Programa não impõe limites, deixando ao critério de cada projecto a tomada dessas decisões.

3.3.1.4. Objectivos gerais

O Programa pretende:

- Criar uma plataforma real e virtual de reflexão, discussão e acção comunitária em Aldoar;
- Estabelecer um ambiente de partilha e troca de olhares sobre Aldoar;
- Potenciar sinergias ao nível das competências e dos recursos existentes na comunidade de Aldoar;
- Promover o hetero-conhecimento e fortalecer relações entre os diferentes actores da comunidade e Aldoar;
- Oferecer suporte à criação de uma identidade comunitária mais positiva e abrangente;
- Dinamizar a rede institucional de Aldoar.

Através do seu envolvimento no Programa os participantes, a um nível individual, deverão ser capazes de:

- Assumir um papel activo no desenvolvimento comunitário;
- Aumentar a capacidade de iniciativa;
- Melhorar índices de auto-estima;
- Reconhecer e evidenciar potencialidades do território;
- Desenvolver a criatividade;
- Desenvolver a capacidade de organização;
- Explorar competências pessoais;
- Desenvolver o sentido de voluntariado;
- Estabelecer contacto e relações de cooperação com outros;
- Perspectivar o território de Aldoar como mais coeso;
- Fortalecer o sentido de pertença.

Através do seu envolvimento no Programa os participantes, a um nível institucional, deverão ser capazes de:

- Estabelecer/estreitar relações colaborativas com outras instituições;



- Rentabilizar e partilhar recursos e competências;
- Valorizar o espírito de solidário e o voluntariado;
- Incentivar os públicos directos à participação activa.

3.3.1.5. Metodologia geral

Metodologicamente, esta proposta inspira-se nos valores construtivistas do desenvolvimento local e da democracia, numa lógica *bottom-up*, valorizadora e dinamizadora dos recursos endógenos comunitários. Acredita-se que só conhecendo e valorizando os actores locais se poderão despertar consciências e construir novos olhares sobre Aldoar, partilhando e conjugando esforços numa interacção dinâmica. Pretende-se, por isso, desde a partida, o envolvimento de todos os actores no processo de tomadas de decisão, pelo que o Programa deve obedecer aos princípios da Mediação e da Animação Sociocultural ou seja, da partilha, da escuta activa, da colaboração e do diálogo cívico no caso das acções de Mediação e das metodologias significativas, activas, participativas e cooperativas no que às acções de Animação Sociocultural diz respeito.

Obedecendo a esta metodologia ganham forma duas plataformas, uma real e outra virtual, através das quais é acompanhado todo o progresso do Programa, consistindo a plataforma real em grupos de discussão, durante os quais também se implementam actividades como dinâmicas de grupo, e a plataforma virtual consiste numa página web do tipo rede social que disponibiliza publicamente o progresso do Programa e de cada um dos projectos, manipulada ao nível de introdução de conteúdos por cada instituição, numa articulação esteticamente apelativa e dinâmica com valências do tipo fórum, blog e repositório de informação relevante.

No sentido de evitar a participação desenraizada nas plataformas, tendo em consideração os objectivos gerais do projecto, com destaque para a partilha e troca de olhares sobre Aldoar, todas as entidades participantes deverão, na construção do seu projecto, debruçar-se sobre outra entidade, olhando Aldoar através dela. Essa entidade de inspiração, que se designa musa, é seleccionada aleatoriamente após todas as manifestações de interesse em participar no Programa.

Ainda no que à metodologia geral diz respeito, o Programa lança um cenário comum para todos os projectos, a construção de uma narrativa valorativa de Aldoar suportada por uma “nota animada”. Entende-se por nota animada, um cenário baseado nos princípios do de uma nota monetária, que ganha vida através da apresentação de uma narrativa

valorativa, ou seja, uma mensagem positiva sobre o território de Aldoar. Cada narrativa deve centrar-se, assim, em Aldoar, nos vectores do projecto e na sua musa, podendo constituir-se na história da entidade, numa lenda local, numa chamada de atenção para um facto concreto ou numa aspiração.

As técnicas a utilizar na animação da nota poderão ser as mais variadas, desde o teatro de sombras a um filme, sendo que para a preparação e intercâmbio de experiências de aprendizagem serão organizados diversas oficinas lúdico-expressivas que facilitem a construção da história para a narrativa valorativa, de acordo com a definição do projecto inicial de cada entidade. Essas oficinas implicarão a participação em simultâneo de actores das mais diversas instituições.

3.3.1.6. Acções

O quadro que se segue apresenta as principais acções do Programa numa lógica de prioridades e de dependências. Salvaguarda-se, no entanto, o facto de durante o Programa esta planificação poder ser alterada em virtude das necessidades expressas pelos participantes ou por se entender que será mais proveitosos, para o alcance dos objectivos apresentados.

Quadro 1 – Principais acções do Programa

Prioridade	Designação	Descrição
1	Divulgação do Programa	Contacto e entrega de convite a todas as entidades da comunidade que constituíram os grupos de discussão de líderes comunitários iniciais.
2	Apresentação do Programa	Reunião de todos os líderes para a apresentação geral do Programa e solicitação de protocolos de colaboração que consistem na formalização de uma inscrição. Estabelecimento de calendarização para entrega dos protocolos de colaboração.
3	Recolha de protocolos de colaboração	Entrega dos protocolos de colaboração devidamente preenchidos e assinados.
4	Definição de musas	Reunião de todos os líderes para a selecção das musas e implementação de algumas dinâmicas de grupo de comunicação, cooperação e confiança. Definição das tarefas para arranque do projecto (definição de tema, objectivos, recursos metodologia...) e estipulação de data de reunião do fórum para partilha de resultados. Definição de requisitos para a construção da plataforma virtual. A partir desta reunião, será também interessante que cada líder institucional se faça acompanhar de dois elementos participantes da sua entidade. No caso de se verificar um número demasiado elevado de participantes, as dinâmicas de grupo poderão ser levadas a cabo em subgrupos.



Prioridade	Designação	Descrição
	Constituição da plataforma real	Uma vez entregues os protocolos e dinamizado o primeiro fórum, a plataforma real está constituída por um grupo de participantes.
	Constituição da plataforma virtual	Uma vez definidos os requisitos para a construção da plataforma virtual encontram-se reunidas as condições para se iniciar o processo da sua constituição. O formato estético da plataforma também deve ser decidido em conjunto, podendo assumir por exemplo o formato de um mapa de Aldoar.
5	Apresentação dos projectos	Reunião de apresentação e discussão das propostas de projectos. Tentativa de agilização e coordenação de recursos para a implementação dos mesmos. Definição de calendarização para arranque das oficinas lúdico-expressivas. Implementação de dinâmicas de grupo de comunicação, cooperação e confiança.
6	Implementação dos projectos	Dinamização por parte dos participantes das iniciativas conducentes à concretização do seu projecto.
	Dinamização das oficinas lúdico-expressivas	Divulgação, recolha de inscrições e dinamização das oficinas lúdico-expressivas de acordo com o definido em cada projecto. A dinamização das oficinas deve considerar a concentração de públicos diversificados, oriundos de diferentes grupos e uma calendarização que permita a participação de todos.
	Actualização da plataforma virtual	Durante a dinamização dos projectos, os participantes devem actualizar conteúdos na plataforma virtual, assim como os parceiros que deverão ser os gestores dos conteúdos.
	Reuniões intermédias	Durante a implementação dos projectos devem ser agendadas, com periodicidade a definir pelos participantes, reuniões intermédias de reflexão, discussão e delineamento de acções. Implementação de dinâmicas de grupo de comunicação, cooperação e confiança.
7	Apresentação dos processos e dos produtos	Após a conclusão dos projectos deve ser realizada uma reunião destinada à planificação do formato que se pretende dar ao final da primeira etapa do Programa e implementada essa decisão, seja uma exposição, seja um ciclo de apresentações. Implementação de dinâmicas de grupo de comunicação, cooperação e confiança.
8	Avaliações finais e reajustes do Programa	Após a apresentação dos processos e dos produtos, os participantes devem reunir para avaliar o Programa e os projectos. Feito o balanço final, será ainda necessário reflectir como se dará continuidade ao Programa.



3.3.1.7. Calendarização

No que à calendarização do Programa diz respeito, considera-se que o tempo da sua implementação não deverá ser inferior a doze meses, sendo que a implementação dos projectos não deverá ser inferior a nove meses, para que os grupos participantes possam acompanhar durante o maior tempo possível o Programa. Embora o Programa não se destine a escolas especificamente, existe um elevado número de instituições que regem a sua actividade de acordo com o calendário escolar. O Programa, por seu turno, poderá ter o seu arranque antes e a finalização após o decorrer do ano lectivo.

Relativamente à periodicidade das reuniões intercalares e das oficinas lúdico-expressivas, esta deve ser adequada às necessidades dos participantes e à disponibilidade dos recursos.

3.3.1.8. Localização

O MPM tem instalações que permitem a realização da maioria das acções do Programa. No entanto, uma vez que se pretende o envolvimento de todos os participantes, a rentabilização e partilha de recursos, é aconselhável que no caso de existir disponibilidade e condições, outros participantes possam acolher algumas das várias acções do Programa.

3.3.1.9. Recursos

No que aos recursos diz respeito, será necessário o envolvimento de todos os participantes na partilha de recursos, desde humanos, materiais e físicos.

Considera-se que dado este ser um Programa de benefício comunitário, todos se deverão envolver contribuindo activamente para o seu sucesso. Nalguns casos, em que seja necessária a colaboração de especialistas, que não se encontram entre as entidades beneficiárias do projecto, propõe-se sempre o recurso a um habitante da comunidade de Aldoar e a adopção da estratégia de compensação do “Banco de Tempo”, ou seja, em troca de um serviço prestado é retornado um serviço que requeira um tempo de dedicação equivalente, fornecido pela ou pelas entidades beneficiárias do mesmo. Esta é uma forma criativa de contornar orçamentos elevados e de alargar a outros habitantes do território o envolvimento no Programa.



3.3.1.10. Avaliação

A avaliação é fundamental em todas as acções que pretendam contribuir para a mudança.

Primeiramente, o Programa terá um momento de avaliação inicial que consistirá na reunião de apresentação. O número de participantes interessados será um dos indicadores que se procura, mas também o seu discurso deverá sofrer uma análise.

Em termos de avaliação intermédia, é relevante que durante as reuniões processuais seja efectuada uma análise de conteúdo dos diferentes testemunhos, para possíveis ajustes das acções ainda durante a implementação do Programa. Também os resultados finais serão um forte indicador do cumprimento ou não dos objectivos do Programa e dos projectos.

Finalmente, a avaliação final, deve reflectir todo o processo evolutivo do Programa considerando os aspectos que foram alterados no seu decurso e deve, também, explorar futuras possibilidades de continuidade, ajustes e alterações necessárias.

Durante todo o processo de avaliação, em termos de técnicas, considera-se pertinente a utilização da observação com recurso a grelhas pré-definidas, a conversas informais, o preenchimento de inquéritos por questionário intermédios e inquéritos por entrevista finais como algumas das possíveis técnicas a utilizar quer junto das instituições, quer dos participantes individuais.



Conclusão

A conclusão revela-se o momento ideal para o investigador avaliar o trabalho realizado, quer relativamente ao cumprimento dos objectivos definidos, quer no que diz respeito ao encontro de respostas para aquelas questões que delineou enquanto pontos de partida e de orientação, uma vez que possibilita um olhar retrospectivo sobre toda a acção desenvolvida. Neste contexto, e apesar do desenrolar do próprio documento já se prestar à retirada de conclusões, revela-se necessário indicar claramente que objectivos foram alcançados e que respostas, para as questões levantadas, foram encontradas.

Assim, no que diz respeito ao cumprimento dos objectivos, neste projecto de investigação foram: esboçados alguns limites internos e externos do território de Aldoar e de algumas das suas redes de vizinhança na especificidade, verificando-se que uma grande multiplicidade de sub-territórios coexistem, embora nem sempre interajam; reconhecidas características dos elementos que compõem esses sub-territórios, das suas redes de vizinhança e analisada a forma como essas redes actuam na providência de suporte social, que se revela bastante diversificado, de acordo com o sub-território ocupado; identificadas representações identitárias associadas aos diferentes sub-territórios; elencadas entidades e líderes comunitários, elaborada uma base de dados e contactada a maioria dessas entidades, designadamente as que centram o seu trabalho no âmbito sociocultural, no sentido de traçar um perfil e perceber o grau de disponibilidade para um trabalho colaborativo com o MPM; identificadas potencialidades e ameaças do território, constatando-se felizmente que são maiores as potencialidades do que as ameaças presentes; analisadas representações da comunidade relativamente ao MPM, que apesar de diversas são esclarecedoras e motivadoras de um trabalho de integração comunitária; e reunidas sugestões de interacção da vizinhança para com o MPM e do MPM para com a vizinhança, que veio a resultar na elaboração de uma proposta para fortalecer as relações entre o MPM e Aldoar.

Enquanto resposta à questão de partida, acredita-se que a Mediação e a Animação Sociocultural combinadas podem ser ferramentas valiosas, que o serviço educativo do MPM pode utilizar ao envolver-se com a comunidade, tendo como metas a potencialização dos recursos endógenos, o fortalecimento de uma rede colaborativa comunitária e o desenvolvimento local. No que diz respeito às implicações do facto urbano neste processo,



verifica-se que a aproximação do MPM à vizinhança pode ser mais desafiante, dada a complexidade da comunidade, uma vez que exige do Museu: uma adaptação na acção, de acordo com cada sub-território e uma capacidade de mediar relações, entre actores que possuem diferentes representações e expectativas face ao MPM. Continua também a constituir um desafio a possibilidade de se colocarem em contacto os diferentes sub-territórios, sobretudo os que se apresentam mais contrastantes.

Em certa medida, o facto do MPM não ser um museu que apresente características típicas de um museu de vizinhança, ou seja, especializado em espelhar a(s) identidade(s) do colectivo comunitário, dificulta a sua integração mais espontânea. Porém, isso não significa que a colecção do MPM não seja útil a Aldoar e que não sejam possíveis acções significativas com e para a comunidade, a partir da colecção.

Acreditando-se que essa integração é possível, surge a proposta do programa “Fórum Aldoar: plataforma de reflexão, discussão e acção”, que pretende ser um instrumento de diálogo cívico e fortalecimento das relações entre as entidades locais e os seus públicos. Assim, em termos de impactos, acredita-se que o estreitamento de laços e a dissolução de barreiras entre as diferentes instituições da comunidade poderá favorecer a mesma atitude entre os seus públicos e que a médio, longo prazo se possa constituir uma comunidade mais coesa.

Relativamente ao MPM, esta acção permitirá: alargar o seu âmbito de actuação; contribuir para o desenvolvimento local; incluir novos públicos; promover uma imagem de maior acessibilidade; e, fundamentalmente, aprender com e sobre o território, no sentido de melhorar as suas práticas e, possivelmente, a sua organização interna.

Para a vizinhança espera-se que esta proposta possa ser uma mais-valia, quebrando limites, como o que a Avenida da Boavista neste momento impõe, alargando e fortalecendo a sua rede de suporte social.

Relativamente ao processo de investigação, em si, destaca-se um aspecto a melhorar, mas que só foi passível de identificar após a análise e cruzamento de todos os dados recolhidos. Trata-se da necessidade de dar voz a outros sub-territórios, através da aplicação de inquéritos por entrevista aos seus habitantes. Foi contudo possível atenuar a debilidade de alguns dados através da auscultação de entidades colectivas que desempenham funções nesses contextos.

Outro aspecto que se apresenta como lacuna, prende-se com o facto da proposta do



Programa apresentado ainda não alcançar directamente membros da comunidade que não estejam inseridos em nenhuma entidade colectiva comunitária. Porém, se o MPM desempenhar o papel de mediador de relações intra-institucionais e, por sua vez, as instituições desempenharem o papel de mediadoras no trabalho directo com os públicos, essa lacuna é diluída, embora continue a existir uma franja populacional excluída do programa, pelo facto de não frequentar nenhuma instituição local.

Crê-se, contudo, que este é um primeiro passo, o Programa poderá ter continuidade e, nesse caso, espera-se que uma resposta mais ampla em termos populacionais venha a surgir, inclusivamente, pelas mãos dos próprios cidadãos de Aldoar. É essa a esperança que anima o Museu do Papel Moeda e que este projecto de investigação partilha, que neste processo de inclusão, que a todos envolve, se vislumbre no horizonte o *empowerment* e a emancipação do território de Aldoar.



Fontes consultadas

A museum & community toolkit; American Association of Museums; Washington; 2002a.

Adams, Roxana (coordenação); *Museum visitors services manual*; American Association of Museums; Washington; 2001.

Albarello, Luc, Digneffe, Françoise, Hiernaux, Jean-Pierre, maroy, Christian, Ruquoy, Danielle, Saint-Georges, Pierre de; *Práticas de Métodos de Investigação em Ciências Sociais*; Gradiva; Lisboa; 1997.

Aldoar; consultado em Janeiro de 2010 em URL: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aldoar>.

Almeida, João Ferreira de e Pinto, José Madureira; *A investigação nas ciências sociais*; Editorial Presença; Lisboa; 1990.

Almeida, João Ferreira e Pinto, José Madureira; *Investigação nas ciências sociais*; Editorial Presença; Lisboa; 1990.

Almeida, Maria Mota; *Mudanças Sociais/Mudanças Museais - nova museologia/nova história - que relação?*; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Lisboa; 1996.

Amaro, Rogério Roque; *A Exclusão Social Hoje*; consultado em url: www.triplov.org em Dezembro de 2009.

Ambrose, Timothy e Paine, Crispin; *Museum Basics*; Routledge; Oxon; 2006.

Ambrose, Timothy e Paine, Crispin; *Museums provision and professionalim*; Routledge; London; 1994.

Ander-Egg e Idáñez, Maria José Aguilar; *Como elaborar um projecto: guia para desenhar projectos sociais e culturais*; Lúmen CPIHTS; Lisboa; 1999.

Ander-Egg, Ezequiel; *O léxico do animador*; Edições ANASC; Amarante; 1999.

Ander-Egg, Ezequiel; *Técnicas de investigación social*; Editorial Lumen; Buenos Aires; 1995.

Anguera, Maria Teresa; *Metodologia de la observacion en las ciencias humanas*; Cátedra; Madrid; 1992.

Arregui, Carola Carbajal e Wanderley, Mariangela Belfiore (Organização); *Colóquio de Animação Sociocultural*; Capes; São Paulo; 2006.

Bacon, Barbara, Korza, Pam e Williams, Patricia; *A museums & community toolkit*; Americam Association of museums; Washington; 2002.



Barrera, M. e Ainley, S. L.; *The structure of social support: a conceptual and empirical analysis*; Journal of Community Psychology; Vol. 11; N.º 2; 1981.

Barrera, M.; *A method for the assessment of social support networks in community survey research*; Connections; N.º 3; 1980.

Barrigada, Sara e Silva, Susana Gomes (coordenação); *Serviços educativo na cultura – Colecção públicos n.º 2*; Setepés; Porto; 2007.

Bernet, Jaume Trilla; *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social*; Editorial Ariel; Barcelona; 1999.

Bertalanffy, Ludwig Von; *Teoria Geral dos Sistemas*; Vozes; Lisboa; 1975.

Bogdan, R. e Biklen, S.; *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*; Porto editora; Porto; 1994.

Bordaneve, Juan E. Diaz; *O que é Comunicação*; Brasiliense; São Paulo; 1988.

Brand, Jaime Pereña; *Direcção e gestão de projectos*; Lidel; Lisboa; 1998.

Brofenbrenner, U., Clouter, A.; *The evolution of environmental models developmental research in Mussen in P. H. e Kessen, W; Handbook of child psychology*; Volume 1; Wiley; Nova Iorque; 1983.

Brofenbrenner, U.; *The ecological of human education*; Harvard University Press; Massachusetts; 1979.

Bruno, Cristina; *Cadernos de Sociomuseologia – Centro de Estudos de Sociologia – Museologia e Museus: princípios, problemas e métodos*; N.º 10; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; 1997.

Burillo, F. J. e Aragonês, J. I.; *Introducción a la psicologia ambiental*; Alianza editorial; Madrid; 1986.

Cadernos de Sociomuseologia – Centro de Estudos de Sociologia – Museologia: teoria e práticas; N.º 16; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; 1999.

Cadernos de Sociomuseologia – Centro de Estudos de Sociologia; N.º 9; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; 1996.

Caillet, Elisabeth; *Les médiateurs culturels dans les musées*; Bull. Bibl. France N.º 5; Paris; 1994; pp. 40-43.

Campos, B. e Lemos, M.; *Promoção do desenvolvimento psicológico mediante transformação ecológica*; Revista de Psicologia e Ciências de Educação; N.º 2; pp. 7-16; 1987.



Carmo, H. e Ferreira, M, M; *Metodologia de Investigação – Guia para auto-aprendizagem*; Universidade Aberta; Lisboa; 2008.

Cembranos, Fernando, Montesinos, David H. e Bustelo, Maria; *La Animación Sociocultural: una propuesta metodológica*; Editorial Popular; Madrid; 2001.

Cerávolo, Suely Moraes; *Delineamentos para uma teoria da museologia in Anais do Museu Paulista*; Número 12; Universidade de São Paulo; São Paulo; 2004.

Chaumont, Sophie; *L’atelier pédagogique: espace de médiation dans les musées*; la lettre de l’ocim n.º 98; Lyon; 2005.

Cobb, S.; *Social support as a moderator of life stress*; Psychosomatic Medicine; N.º 38; 1976.

Correia, Rosalina; *Perspectiva Ecológica do Desenvolvimento Humano*; N.º 10; Portalegre; 1995.

Costa, Evanise Pascoa; *Princípios Básicos da Museologia*; Secretaria de Estado da Cultura – Coordenação do Sistema Estadual de Museus; Curitiba; 2006.

Costa, Leonardo Figueiredo; *Um estudo de caso sobre a Mediação cultural*; Universidade Federal da Bahia; Bahia; s.d..

Couto, Júlio; *Guia de Aldoar*; Edições Afrontamento; Porto; 1995.

Couto, Júlio; *Monografia de Aldoar*; Junta de Freguesia de Aldoar e Paróquia de Aldoar; Porto; 2000.

Crespo, Maria del Mar Florez; *La museologia critica y los estudios de público en los museos de arte contemporáneo: caso del museo de arte contemporáneo de Castilla y León, MUSAC in De Arte 5*; Universidad de León; León; 2006.

Crooke, Elizabeth M.; *Museums and community: ideas, issues and challenges*; Routledge; Oxon; 2007.

Davallon, Jean; *A Mediação: a comunicação em processo? in Médiation e Médiateurs*; 19; Universidade de Avignon e da Região de Vaucluse – Laboratório Cultura & Comunicação; Avignon; 2003.

Davis, Peter; *Ecomuseums - A sense of place*; Leicester University Press, Leicester; 1999.

Dodd, Jocelyn e Sandell, Richard; *Including museums: perspectives on museums, galleries and social inclusion*; University of Leicester; Leicester; 2001.



Domingues, Álvaro, Silva, Isabel, Lopes, João Teixeira e Semedo, Alice (organizadores); *A cultura em acção: impactos sociais e território*; Edições Afrontamento; Porto; 2003.

Encouragement mmBE: médiation culturelle dans les musées; Direction de l'instruction publique du canton de Berne; Berne; s.d..

Fauche, Anne; *Le mediateur culturel au musée: quelle specificite, quelle formation?* in Giordan, A., Martinand, J.L. e Raichvarg, D.; Actes JIES XIX; Genève; 1998.

Fernandes, António Teixeira; *Poder Local e Democracia*; consultado em url: www.ler.letras.up.pt em Dezembro de 2009.

Fernández, José V. Merino; *Programas de Animación Sociocultural; três instrumentos para su diseño y evaluación*; Narcea; Madrid; 1997.

Fernandez, Luis Alonso; *Aspectos Sociais da Conservação do Património Museológico*; s.l.; s.d.

Ferrão, Luís e Rodrigues, Manuela; *Formação Pedagógica de Formadores: da teoria à prática*; Lidel; Lisboa; 2000.

Francia, Alfonso (coord.); *Pedagogía para la animación: elementos teórico-prácticos*; Editorial CCS; Madrid; 1995.

Francia, Alfonso, Martin, António, Salmerón, Honório e Esteban, Cecília; *Análisis de la realidad*; Editorial CCS; Madrid; 1993.

Francia, Alonso (coord.); *La animación hoy: una respuesta a la realidad social*; Editorial CCS; Madrid; 1997.

Gillet, Jean-Claude; *A Animação entre a marcha e a democracia*; s.e.; s.l.; s.d..

Grafmeyer, Yves; *Sociologia Urbana*; NATHAN; Paris; 1994.

Guerreiro, Evandro Prestes; *Responsabilidade social: a solidariedade humana para o Desenvolvimento Local*; consultado em URL: www.cpihts.com em Dezembro de 2009.

Hein, Hilde S.; *The museum in transition: a philosophical perspective*; Smithsonian Books; Washington; 2000.

Hespanha, Pedro; *Novas e velhas solidariedades: entrevista especial*; Instituto Humanitas Unisinos; Consultado em url: www.unisinos.br em Dezembro de 2009.

Holahan, C; *Psicologia Ambiental*; Editorial Limusa; Balderas; 1996.

Hooper-Greenhill, Eileen; *Cultural Diversity: Developing Museum Audiences in Britain*; Leicester University Press; Leicester; 1997.



Jones, Ian, Macdonald, Robert R. e McIntyre Darryl; *City museums and city development*; AltaMira Press; Lanham; 2010.

Junta de Freguesia de Aldoar; *Aldoar.com: site oficial da Junta de Freguesia de Aldoar*; consultado em Dezembro de 2010 em URL: <http://www.jfaldoar.com/>.

Keene, Suzane; *All that is solid? – Museums and the postmodern in Public Archaeology* 5; s.e; s.l; 2006.

Kranz, Patrícia; *Agenda 21*; consultado em url: www.agenda21.local.com.br em Dezembro de 2009.

Lee, Raymond M.; *Métodos não interferentes em pesquisa social*; Gradiva; Lisboa; 1993.

Leinhardt, Gaea, Crowley, Kevin e Knutson, Rapen (coordenação); *Learning conversations in museums*; Lawrence Erlbaum Associates; London; 2002.

Lewin, Kurt; *A dynamic theory of personality*; McGraw Hill Book Company Inc.; London; 1935.

Lopes, Marcelino de Sousa; *Animação Sociocultural em Portugal*; Intervenção: Associação para a promoção e divulgação cultural; Chaves; 2006.

Macdonald, Sharon (coordenação); *A companion to museum studies*; Blackwell; Malden; 2006.

Maia, Alfredo; *Promover a Regionalização: Sim ou Não?*; consultado em url: www.jn.sapo.pt em Dezembro de 2009.

Maroevic, Ivo; *Museology as a field of knowledge in Cahiers d'étude-Study series*; ICOM/ICOFOM; Groeninghe, Courtrai; 2000.

Marques, Regina; *Editorial: razões para o título desta publicação in Medi@ções revista on-line*; Vol. 1; N.º 1; Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Educação; Setúbal; 2009.

Martins, Isabel (coord.), Ferreira, Célia e Gomes, Marta; *Dinâmicas demográficas e sociais: o Porto no contexto Europeu*; Câmara Municipal do Porto; Porto; 2006.

Mastering civic engagement: A challenge to museums; American Association of Museums; Washington; 2002b.

Maximiano, A. C. A.; *Teoria geral da administração: da escola científica à competitividade na economia globalizada*; Atlas; São Paulo; 2000.



Mediación intercultural: una propuesta para la formación – AEP Desenvolupament Comunitari Andalusia Acoge; Editorial Popular; Madrid; 2001.

Mensch, Peter van; *Museology as a profession in cahiers d'étude-study series*; ICOM/ICOFOM; Groeninghe, Courtrai; 2000.

Mensch, Peter van; *Towards a methodology of museology*; University of Zagreb; Zagreb; 1992.

Message, Kylie; *New museums and the making of culture*; Berg; Nova Iorque; 2006.

Milani, Carlos; *Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)*; consultado em url: www.adm.ufba.br em Dezembro de 2009.

Moutinho, Mário Canova; *Museu e Sociedade*; Museu Etnológico; Monte Redondo; 1989.

Norton, Richard J.; *Feral cities - The New Strategic Environment*; Naval War College Review; FindArticles.com consultado em Dezembro de 2010 em URL: http://findarticles.com/p/articles/mi_m0JIW/is_4_56/ai_110458726/.

Oliveira, Ana e Galego, Carla; *Mediação sócio-cultural: um puzzle em construção*; Observatório da Imigração; Porto; 2005.

Oliveira, Carlos e Pau-Preto, Fernando; *A base económica do Porto Ocidental*; Destaque Informativo; Câmara Municipal do Porto; Porto; Setembro de 2009.

Paes, Simões Maria Helena; *A Década de 60: rebeldia, contestação e repressão política*; Ática; São Paulo; 1993.

Pagé, Hélène; *La médiation culturelle: pas de modèle unique*; Culture pour tous Actes du Colloque international sur la médiation culturelle; Montréal; 2008.

Pearce, Susan; *Museum economics and the community*; The Athlone Press; London; 1991.

Peers, Laura e Brown, Alison; *Museums and source communities: a routledge reader*; Routledge; London; 2003.

Pereira, Virgílio Borges; *Publicado no âmbito da Actas das Conferências realizadas pela APOR*; s.e.; s.l.; s.d.

Pérez, Victor Juan Ventosa Pérez; *Fuentes de la Animación Sociocultural en Europa*; Editorial Popular; Madrid; 1993.



Pinheiro, Ana, Neves, Emília, Torrão, Maria João, Senra, Mónica; *Aldoar com rede: educação para o desenvolvimento*; 28-05-2004; consultado em Janeiro de 2010 em URL: <http://aldoarcomrede.wordpress.com/>.

Pinto, Carla; *Empowerment, uma Prática de Serviço Social in* Barata, O. (coordenador), *Política Social*; ISCSP; Lisboa; 1988.

Pitman, Bonnie e Hirzy, Ellen; *New forums: art museums & communities*; American Association of Museums; Washington; 2004.

Pomian, Krzystof; *Colecção in Enciclopédia Einaudi*; Imprensa Nacional; Lisboa; 1984.

Proença, Ana Paula e Valente, Lucília; *Mediação cultural entre escolas e museus*; Universidade de Évora – NECCA do Centro de Investigação Paulo Freire; Évora; s.d..

Quintana, J. Maria (coordenação); *Fundamentos de Animacion Sociocultural*; Narcea; Madrid; 1992.

Quintas, Sindo Froufe e Sánchez, Margarita González; *Para comprender la Animación Sociocultural*; Verbo Divino; Navarra; 1995.

Quintas, Sindo Froufe; *La Animación Sociocultural: una profesión con/de futuro*; s.e.; Salamanca; s.d..

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van; *Manual de investigação em ciências sociais*; Gradiva; Lisboa; 1998.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (coordenação); *Iniciação à Museologia*; Universidade Aberta; Lisboa; 1993.

Roldão, Victor Sequeira; *Gestão de projectos: abordagem instrumental ao planeamento, organização e controlo*; Monitor; Lisboa; 2005.

Roths, Luís Areal; *Os projectos de Desenvolvimento Local como contextos de excelência de educação de adultos: realidades e desafios*; consultado em url: www.inloco.pt em Dezembro de 2009.

Russell, D., Cutrona, C.E., Rose, J., & Yurko, K.; *Social and emotional loneliness: An examination of Weiss's typology of loneliness*; Journal of Personality and Social Psychology; N.º 46; 1984; 1313-1321.

Sabugueira, Artur Carlos Crespo Martins; *Do Desenvolvimento Regional ao Desenvolvimento Local: análise de alguns aspectos de política económica regional*; consultado em url: www4.crb.ucp.pt em 10 de Junho de 2007.



Sagués, María del Carmen Valdés; *La difusión cultural en el museo: servicios destinados al gran público*; Trea; Gijón (Asturias); 1999.

Sánchez, Amparo Martínez e Ochoa, Gonzalo Musitu; *El estudio de casos como estrategia didáctica para la formación de los profesionales de la acción social*; Narcea; Madrid; 1994.

Sandell, Richard; *Museums, society, inequality*; Routledge; London; 2002.

Sander, Benno; *Gestão da Educação na América Latina: construção e reconstrução do conhecimento*; Autores Associados; Campinas; 1995.

Santos, Maria Célia Teixeira Moura; *Cadernos de SocioMuseologia – Centro de Estudos de Sociologia – Reflexões Museológicas: caminhos de vida*; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; 2002.

Seijo, Juan Carlos Torrego; *Planificación de un servicio de mediación para la resolución democrática de conflictos*; consultado em Janeiro de 2010 em URL: http://213.0.8.18/portal/Educantabria/RECURSOS/Proyecto/SopoDOC/15__%20Mediacion.pdf.

Semedo, Alice; *Da invenção do museu público: tecnologias e contextos*; Revista do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; 2004.

Semedo, Alice; *O panorama profissional museológico português. Algumas considerações*; Revista do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; 2003.

Serralheiro, João Paulo; *O Desenvolvimento Local entre expectativas e dilemas*; consultado em url: www.apagina.pt em Dezembro de 2009.

Silverman, Lois H.; *The social work of museums*; Routledge; Oxon; 2010.

Simões, Helena; *Animação cultural: três andamentos de compreensão*; Livros Horizonte; Lisboa; 2006.

Soczka, L.; *Ecologia Social do Risco Psicológico em Meio Urbano*; Psicologia; Volume VI; N.º 3; 1988.

Sola, Tomislav; *Essays on museums and their theory towards a cybernetic museum*; Finnish Museums Association; Helsinquia; 1997.

Sousa, José Vasconcelos; *Mediação*; Quimera; Lisboa; 2002.

Talboys, Graeme K.; *Museum Educator's Handbook*; Gower; Hampshire; 2000.



- Teixeira, Sebastião; *Gestão das organizações*; McGrawHill; Alfragide; 1998.
- Tenório, Fernando; *Organização e Gestão de ONGS*; Editora da Fundação Getúlio Vargas; Rio de Janeiro; 1997.
- Thoits, P. A.; *Conceptual, methodological and theoretical problems in studying social support as a buffer against life stress*; Journal of Health and Social Behavior; N.º 23; 1982.
- Torollo, José Luís Calvo; *Los médios de Comunicación Social en Animación*; CCS; Madrid; 1996.
- Tourraine, Alain; *Como entender as barricadas nas ruas de Paris in Jornal da Tarde "A Conquista do Espaço Político"*; São Paulo; 1983.
- Trilla, Jaume (coordenação); *Animação Sociocultural: teorias, programas e âmbitos*; Instituto Piaget; Lisboa; 2004.
- Trulls, Daniela F.; *Mediación: Resolución alternativa de conflictos*; consultado em Janeiro de 2010 em URL: <http://www.terapiafamiliar.org.ar/archivos/Trulls%20-%20Mediaci%F3n.pdf>.
- Tuckman, Bruce W.; *Manual de investigação em educação – como conceber e realizar o processo de investigação em educação*; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa; 1994.
- Watson, Sheila; *Museums and their communities*; Routledge; Oxon; 2007.
- Well, Stephen E.; *Rethinking the museum and other meditations*; Smithsonian Institution Press; Washington; 1990.
- Wiener, Norbert; *The Human use of human beings: Cybernetics and Society*; Houghton Mifflin; Boston; 1954.
- Woodhead, Peter e Stansfield, Geoffrey; *Keyguide to information sources in Museum Studies*; Ftzroy Dearborn Publishers; Chicago; 1994.

Apêndices

Apêndice 1 – Listagem de entidades do território de Aldoar

Quadro 2 – Listagem de entidades do território Aldoar

Designação da entidade	Morada	Contactos	Tipo de actividade desenvolvida	Observações
ANTREC – Associação Nacional de Equitação de Exterior e TREC	Beco das Carreiras, 65- Núcleo Rural de Aldoar-Parque da Cidade, 4100-158 Porto	Telefone: 226108842 Fax: 226108842 E-mail: geral@antrec.be	Desporto	
Área de Dia	Rua Alcaide Faria, Antiga Escola n.º 70 de Aldoar, 4100 Porto	Telefone: 226174231	Social	Inclusão social
Associação da Comissão de Moradores do Bairro de Aldoar	Bairro de Aldoar, Bloco 11-Cave, 4100-507 Porto	Telefone: 226171516	Lazer	
Associação de Ludotecas do Porto	Rua Alcaide Faria, S/N (Antiga escola n.º 70 de Aldoar), 4100 Porto	Telefone: 226103418 Fax: 226103418 E-mail: assoludotecas_porto@netc.pt	Educação	Infância e juventude
Associação Recreativa e Cultural Praceta Cidade da Praia	Rua de Moçambique, 420, 3.º Dtº 4100-347	Telefone: 226179576	Desporto	
Associação Reviravolta	Parque da Cidade do Porto, Núcleo Rural de Aldoar, 4200 Porto	Telefone: 226100622 E-mail: info@reviravolta.comercio-justo.org	Educação	
Casa de Vila Nova	Rua de Vila Nova, S/N, 4100-503 Porto	Telefone: 226160750/226160749 E-mail: 226160749	Saúde	Reintegração social
CEFPI – Centro de Educação e Formação Profissional Integrada	Rua de Vila Nova, 1323, 4100-509 Porto	Telefone: 225323440 Fax: 226102231 E-mail: cefpi@cefpi.pt	Educação	NEE
Centro de Bem -Estar Social Nossa Senhora do Socorro	Rua Alcaide Faria, 4100-401 Porto/Rua Pelágio, 151-bloco 9 R/C 4100 Porto	Telefone: 226184993 Fax: 226184993	Social	Infância e juventude
Centro de Dia S. Martinho de Aldoar	Rua da Vilarinha, 1084, 4100-513 Porto	Telefone: 224046580 Fax: 220416648 E-mail: cssmartinho.aldoar@tvte.pt	Social	Terceira idade
Centro de Saúde de Aldoar	Rua de Vila Nova, S/N, 4100-503 Porto	Telefone: 226165380/2/6/8 Fax: 226165385/4/7/9 E-mail: secadm1@csaldoar.min-saude.pt	Saúde	
Centro Maria Isabel Brito e Cunha – APPACDM - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental	Rua Baltazar Falcão, 137, 4100 Porto	Telefone: 226186400 Fax: 226197469 E-mail: appacdmporto@mail.telepac.pt	Educação	NEE



Designação da entidade	Morada	Contactos	Tipo de actividade desenvolvida	Observações
Centro Regional de Alcoologia do Norte	Rua Professor Álvaro Rodrigues, 4149-003 Porto	Telefone: 226165260/226102275/226102592 Fax: 226102592 E-mail: cran@cran.min-saude.pt	Saúde	Reintegração social
Centro Rui Abrunhosa – APPACDM - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental	Travessa da Costibela, 85, 4100-186/5 Porto	Telefone: 226197460 Fax: 226197469 E-mail: appacdmporto@mail.telepac.pt	Educação	NEE
CLIP – Colégio Luso Internacional do Porto	Rua de Vila Nova, 1071 4100 Porto	Telefone: 226 199 160 Fax: 226 199 169	Educação	
Comissão de Moradores do Bairro da Fonte da Moura	Bairro da Fonte da Moura, Bloco 7, 4100-057, Porto	Telefone: 226161791	Lazer	
Companhia de Teatro Pé-de-Vento	Rua da Vilarinha, 1386, 4100-513 Porto	Telefone: 226108924 Fax: 226178033 E-mail: pedevento@pedevento.mail.pt	Cultura	
Conferências de S. Vicente de Paulo	Rua Professor Melo de Adrião, 106, 4100-340, Porto	Telefone: 226100113 Fax: 226100114	Social	
Contrato Local de Desenvolvimento Social de Aldoar	Rua Professor Melo Adrião, 106, 4100-340, Porto	Telefone: 220993874 Fax: 220993874 E-mail: clds.aldoar@gmail.com	Social	Inclusão social
Cooperativa de Habitação Económica CETA e CETA social	Alameda Professor Ruy Luís Gomes, 257-Loja 3, 4100-438 Porto	Telefone: 226199560 Fax: 226199569 E-mail: ceta@ceta.pt	Cooperativa de habitação	
Corpo Nacional de Escutas - Agrupamento 174	Rua de Angola, Edifício 7, 291-Traseiras, 4100-057 Porto/Rua Professor Melo de Adrião, 106, 4100 Porto	Telefone: 919800233/226100113 Fax: 226100114 E-mail: 174aldoar@gmail.com	Educação	Infância e juventude
CRATO – Centro de Reabilitação e Apoio a Toxicodependentes	Rua Heróis de Mucaba, 35, 4100-279 Porto	Telefone: 919777015/226195364/225323130/226155405 Fax: 227470389 E-mail: crato@crato.net	Saúde	Reintegração social
Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Maria Pia	Estrada Int. da Circunvalação, 4149-003 Porto	Telefone: 226197120	Saúde	
Desportivo Operário Fonte da Moura	Rua da Guiné, 160 (Bairro Fonte da Moura), 4100-276 Porto	Telefone: 226185100 Fax: 226181226 E-mail: fontedamoura@gmail.com	Desporto	
EB 2,3 Manoel de Oliveira	Rua Robert Auzelle, 134 4100 Porto	Telefone: 226 105 740 Fax: 226 106 664	Educação	
EB1 da Fonte da Moura	Rua de Macau, 14 4100 Porto	Telefone: 226 184 682 Fax: 226 184 682	Educação	
EB1/JI António Aroso	Rua Paço de Sousa 4100 Porto	Telefone: 226 186 593 Fax: 226 186 593	Educação	
Escola Secundária Garcia de Orta	Rua de Pinho Leal 4150 Porto	Telefone: 226 198 340 Fax: 226 187 322	Educação	A Sul da Avenida da Boavista



Designação da entidade	Morada	Contactos	Tipo de actividade desenvolvida	Observações
Escola Superior de Enfermagem D. Ana Guedes	Rua Prof. Álvaro Rodrigues 4100 Porto	Telefone: 226 198 580 Fax: 226 183 786	Educação	
Externato Ana Sullivan	Avenida da Boavista, 3770, 4100-122 Porto	Telefone: 226184772 Fax: 226109909 E-mail: geral@externatoanasullivan.com	Educação	NEE
Fundação Dr. António Cupertino de Miranda	Avenida da Boavista, 4245 4150 Porto	Telefone: 226 101 189/226 173 415/226 103 412 Fax: 226103412	Cultura	A Sul da Avenida da Boavista
Grupo Coral Laetare	Rua Professor Melo Adrião, 106, 4100 Porto	Telefone: 226100113 Fax: 226100114	Cultura	
Grupo Desportivo Aniqui-Bó-Bó	Bairro de Aldoar, Bloco 11-Ent. 161, Casa 21, 4100-401 Porto	Telefone: 226184240	Desporto	
Grupo Desportivo Recreativo e Cultural Vilarinha Futebol Clube	Rua de Vila Nova, 1363, 4100-506 Porto	Telefone: 226189331	Desporto	
Grupo Recreativo Desportivo e Cultural Jovens Amigos do Pelágio	Bairro de Aldoar, Bloco 3, Ent. 61, Casa 12, 4100 Porto	Telefone: 963379358	Desporto	
Grupo Recreativo e Desportivo de Aldoar	Rua de Martim Moniz, 610, 4100-329 Porto	Telefone: 226183716 Fax: 226183716	Desporto	
Hóquei Clube Águias do Porto	Av. Antunes Guimarães, 901/909, 4100-081 Porto	Telefone: 226184438	Desporto	
Hospital de Magalhães Lemos	Rua Professor Álvaro Rodrigues, 4149-003 Porto	Telefone: 226192400/226192491 Fax: 226184084 E-mail: hml@hmlemos.min-saude.pt	Saúde	
JI Rua de Angola e ATL da Junta de Freguesia de Aldoar	Rua de Angola, s/n 4100 Porto	Telefone: 226 186 971	Educação	
Junta de Freguesia de Aldoar	Rua da Vilarinha, 1090, 4100-513, Porto	Telefone: 226198270 Fax: 226198279 E-mail: juntaldoar@mail.telepac.pt	Política	
L.T.F. ARC Largo 3 de Fevereiro	Rua Robert Auzelle, 87, 4100 Porto		Desporto	
L3 – Lar 3.ª Idade e Sistemas de Saúde	Rua do Liador, 331, 4100-307 Porto	Telefone: 226164992	Social	Terceira idade
Lar Casa de Março	Rua D. Domingos Pinho Brandão, 112/113, 4150-280 Porto	Telefone: 226103222	Social	Terceira idade
Lar de S. José de Aldoar	Rua Martim Moniz, 152 R/C, 4100-326/7 Porto	Telefone: 914290629/226179585	Social	Terceira idade
Lar Vida e Saúde	Rua António Aroso, 486, 4100-061 Porto	Telefone: 226155030/1/226179585 Fax: 226155032	Social	Terceira idade
MADI – Movimento de Apoio ao Diminuído Intelectual	Rua da Vilarinha, 1104, 4100-513 Porto	Telefone: 226106690 Fax: 226106690	Educação	NEE



Designação da entidade	Morada	Contactos	Tipo de actividade desenvolvida	Observações
Núcleo Rural de Aldoar	Parque da Cidade do Porto, Estrada da Circunvalação, 4200 Porto	Telefone: 226100622	Cultura	
O Chupetão	Rua do Lidador, 734/742 4100 Porto	Telefone: 226 182 107 Fax: 226 182 107	Educação	
OPDS – Obra Diocesana do Porto – Centro Social Fonte da Moura	Rua de Angola, 4100-054 Porto	Telefone: 226174154/226184347 Fax: 226174154/226195300 E-mail: fonte.moura@odps.org.pt	Social	Infância Juventude Terceira idade
Pavilhão da Água	Parque da Cidade, Estrada Interior da Circunvalação, 15443 4100-183 Porto	Telefone: 226151823 Fax: 226151829 E-mail: geral@p-agua-porto.pt	Educação	
Pónei Clube Parque da Cidade	Beco das Carreiras, 65- Núcleo Rural de Aldoar-Parque da Cidade, 4100-158 Porto	Telefone: 226108842 Fax: 226108842 E-mail: poneiclube@antrec.org	Desporto	
Portuguesa de Aldoar Futebol Clube	Rua Martim Moniz, 387, 4100-333 Porto	Telefone: 226187464	Desporto	
Projecto Acreditar	EB23 Manoel de Oliveira, Rua Robert Auzelle, 134, 4100-431	Telefone: 226105740 Fax: 226106664 E-mail: acreditar.pe@gmail.com	Educação	Juventude
União Académica de António Aroso	Rua de Gestaço, 78, 4100-270 Porto	Telefone: 226184730 Fax: 226183070/226184730	Desporto	

Apêndice 2 – Distribuição dos bairros no território de Aldoar

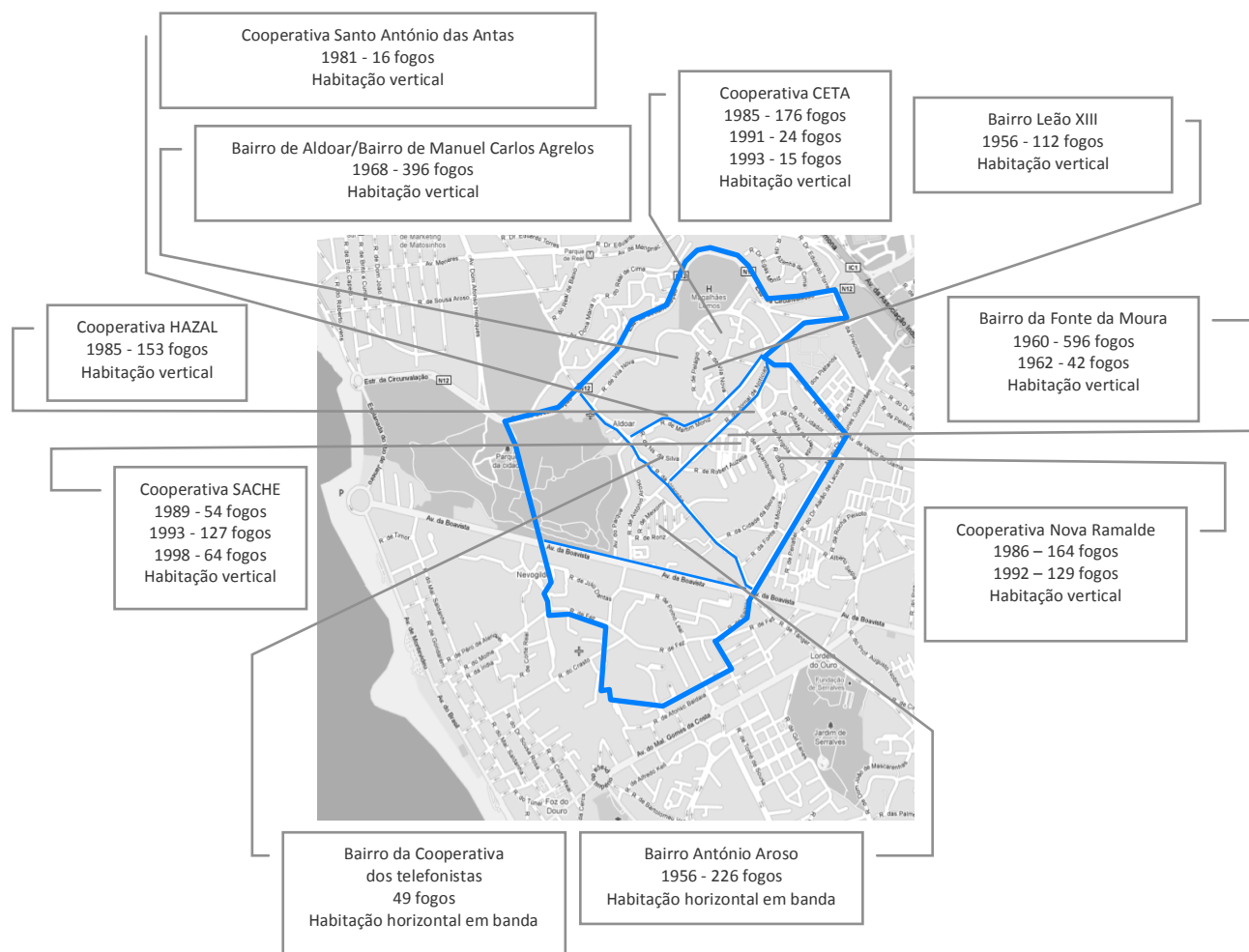


Figura 2 – Distribuição dos bairros no território de Aldoar

Apêndice 3 – Mapa da localização da freguesia de Aldoar



Figura 3 – Mapa da localização da freguesia de Aldoar¹⁶

¹⁶ URL: <http://maps.google.com/maps?ll=41.174301,-8.6660552&z=14&t=h&hl=pt-PT>

Apêndice 5 – Quadro operacionalizador de inquérito por entrevista

Quadro 3 – Quadro operacionalizador de inquérito por entrevista

Grupo	Tema	Objectivos	Questões
I	Apresentação	Apresentar a finalidade da entrevista. Reforçar a importância da selecção e colaboração do entrevistado. Gerar um clima de empatia. Caracterizar o entrevistado.	Quem é? Fale-nos de si.
II	Residência	Conhecer o percurso histórico da ocupação do bairro, por parte do entrevistado. Conhecer os motivos da escolha da residência no bairro. Identificar motivações para permanecer no bairro. Identificar o contexto em que o entrevistado tomou conhecimento do bairro.	Há quanto tempo reside aqui? O seu local específico de residência no bairro nunca se alterou? Por que motivo escolheu e escolhe viver neste local? Como tomou conhecimento da existência deste local?
III	Percursos e Percepções	Identificar espaços, instituições, indivíduos e percursos-chave do entrevistado no bairro. Caracterizar geográfica e socialmente o bairro segundo o entrevistado. Identificar percepções e auto-percepções bilaterais entrevistado-bairro.	Desenhe um mapa simbólico do bairro identificando: espaços, instituições e indivíduos com que/quem contacta, percursos que realiza e limites existentes no bairro. Que meios utiliza para se deslocar no bairro e para que fim? Como pensa que os habitantes do bairro o percebem? Que pontos fortes, fracos, ameaças e oportunidades identifica no bairro?
IV	Representações	Conhecer as representações do entrevistado sobre o conceito de comunidade.	O que é para si uma comunidade? Como caracterizaria a comunidade ideal? Considera utópica essa caracterização?



Grupo	Tema	Objectivos	Questões
V	Propostas	Identificar a disponibilidade do entrevistado para participar activamente na construção de uma comunidade ideal. Recolher sugestões do entrevistado para o fortalecimento da coesão comunitária do bairro.	Como encara a sua participação na construção de uma comunidade ideal? Que sugestões apresenta para fortalecer a coesão comunitária do bairro?
VI	Finalização	Solicitar sugestões e comentários no contexto da entrevista. Agradecer a colaboração do entrevistado.	Queira por favor deixar alguma sugestão ou efectuar algum comentário sobre a entrevista realizada.



Apêndice 6 – Guião de inquérito por entrevista

Quadro 4 – Guião de inquérito por entrevista

Grupo	Questões
I	Quem é? Fale-nos de si.
II	Há quanto tempo reside aqui? O seu local específico de residência no bairro nunca se alterou? Por que motivo escolheu e escolhe viver neste local? Como tomou conhecimento da existência deste local?
III	Desenhe um mapa simbólico do bairro identificando: espaços, instituições e indivíduos com que/quem contacta, percursos que realiza e limites existentes no bairro. Que meios utiliza para se deslocar no bairro e para que fim? Como pensa que os habitantes do bairro o percebem? Que pontos fortes, fracos, ameaças e oportunidades identifica no bairro?
IV	O que é para si uma comunidade? Como caracterizaria a comunidade ideal? Considera utópica essa caracterização?
V	Como encara a sua participação na construção de uma comunidade ideal? Que sugestões apresenta para fortalecer a coesão comunitária do bairro?
VI	Queira por favor deixar alguma sugestão ou efectuar algum comentário sobre a entrevista realizada.



Apêndice 7 – Protocolos de inquéritos por entrevista

Protocolo de Inquérito por Entrevista

Data: 12-01-2010

Local: Bairro António Aroso, Rua de Meinedo, 112, 4100-337 Aldoar, Porto

Entrevistados 1 e 2: R2 Design

Território: Aldoar Norte

Sub-território: Bairro António Aroso

Entrevistador: Como eu também não vos conheço, agora, gostava de saber um bocadinho mais sobre vocês, sobre quem são, e poderiam começar mesmo por falar sobre vós.

Entrevistado 1: Mas a nível profissional ou pessoal.

Entrevistador: Sim, tudo, que é para ficar já registado.

Entrevistado 1: Então começa tu.

Entrevistado 2: Somos os...

Entrevistado 1: Cada um fala por si, “né”?

Entrevistador: Como vocês acharem melhor. Se se sentirem mais à vontade a falarem em conjunto...

Entrevistado 2: Somos a Lizá Ramalho e Artur Rebelo, conhecemo-nos nas Belas Artes do Porto enquanto estudávamos design gráfico e começamos a trabalhar juntos em 94, em 99 casamos.

Entrevistado 1: Como o Artur disse conhecemo-nos nas Belas Artes e a partir daí é que funcionamos como dupla a vários níveis, a nível profissional e a nível pessoal.

Entrevistado 2: Exacto.

Entrevistador: E virem aqui ter...

Entrevistado 1: Como é que surge este espaço... Eu tinha uma amiga que morou, tenho uma amiga que morou aqui. E pronto, conheci o bairro assim, através dela. Portanto, fui a casa dela e conheci o bairro, portanto já há muitos anos que... E mais tarde, quer dizer, foi um bocadinho através... que conhecemos... Viemos para o bairro porque conhecíamos uma pessoa que vivia aqui, conhecia eu a Marta e depois também vieste cá e depois como precisávamos de sítio para morar viemos para aqui. Portanto foi assim que conhecemos, que ficamos a saber da existência do bairro. E depois nós casamos e queríamos ter, eu em particular queria ter cão, e procuramos uma casa com jardim. E por isso acabamos por vir morar, porque achamos que este bairro tinha um lado um bocadinho de aldeia, mas ao mesmo tempo ficava perto de algumas zonas que nos interessavam da cidade.

Entrevistador: E que zonas?

Entrevistado 1: Interessava-nos o mar, essencialmente estar perto do mar, perto do parque...

Entrevistado 2: E Serralves.

Entrevistado 1: E Serralves, de repente estamos perto desta zona que nos interessava.

Entrevistador: E isso foi há quanto tempo?

Entrevistado 2: Foi em... 2001.

Entrevistador: E havia mais alguma vantagem para além do Parque, mar e Serralves?

Entrevistado 1: Em termos geográficos eram essas, depois em termos do próprio espaço há esta questão, eu morei sempre num apartamento e para mim fiquei um bocadinho fascinada com esta ideia de entrar e estar logo em casa, de sair e entrar logo em contacto com os vizinhos e de ter um contacto com a rua diferente e este lado de ser um espaço também como se fosse uma pequena aldeia, isso a mim interessa-me porque eu não tive isso e, portanto, fascinou-me por oposição àquilo, porque eu morei sempre no cimo de um prédio, os



meus pais moravam no último andar de um prédio, não muito alto mas mesmo assim era, só que tinha um espaço exterior tinha um terraço grande. E, portanto, eu sempre tive essa necessidade de sair do interior para o exterior e, portanto, o jardim vem um bocadinho fazer essa... essa... mas o facto de poder da terra plantar, isso para mim era, apesar de eu não perceber nada do assunto, tive o contacto sempre em criança com a natureza, porque ia muitas vezes para o campo e sempre tive esse fascínio, apesar de não praticar é uma vantagem e uma vontade e atrai-me imenso o exterior.

Entrevistador: E questões de proximidades familiares tiveram alguma influência?

Entrevistado 1: Tiveram, também não estamos longe dos meus, dos nossos pais. Apesar de eles não morarem aqui no bairro estamos perto deles, isso de facto. Mas também não sei se isso foi um elemento de peso na decisão. Não tínhamos a ideia de ficar perto dos pais, até se calhar poderíamos ter a ideia de... Mas agora claro que é prático, não estamos longe deles de facto mas não acho que tenha sido um factor...

Entrevistado 2: E na altura a possibilidade de poder ter uma casa com um custo muito diferente, muito baixo, na altura este...

Entrevistador: Pois a oferta imobiliária aqui na zona...

Entrevistado 1: Disparou “né”?

Entrevistador: Mas na altura em que vocês compraram...

Entrevistado 1: Não, nós ainda compramos bem.

Entrevistador: O facto de terem outros amigos aqui perto ou no bairro foi também um factor que influenciou?

Entrevistado 1: Então, apesar de eu dizer que foi a minha amiga que me fez descobrir o bairro quando eu vim morar para aqui ela já não morava aqui. Mas não...

Entrevistado 2: Nós não tínhamos amigos.

Entrevistado 1: Passamos foi a ter, a falar com pessoas que por morarem aqui, ganhámos amigos aqui. Mas não viemos para aqui com amigos que tenham vindo primeiro ou coisa do género.

Entrevistador: Então caíram aqui, desconhecendo os arredores?

Entrevistado 1: Exactamente.

Entrevistador: E como é que se sentiram acolhidos nessa fase de transição por essa envolvimento?

Entrevistado 1: Aterrámos nesta casa e...

Entrevistado 2: Nós estabelecemos algumas ligações antes de aterrar aqui porque tivemos que namorar um bocadinho as pessoas para dar início a uma obra de construção, que é sempre chato, por isso falamos com os vizinhos...

Entrevistado 1: Foi, tivemos logo essa necessidade de falar com...

Entrevistado 2: E perguntávamos se estavam chateados por causa do barulho das obras... E sentimos a receptividade também das pessoas que viviam cá, principalmente das mais velhas, de ser um casal jovem.

Entrevistado 1: Sim, isso sentimos imenso que as pessoas...

Entrevistado 2: As pessoas estavam do tipo “ai que bom!”.

Entrevistado 1: Era-se mesmo bem recebido, era mesmo, havia vontade em não... E principalmente com a vizinha do lado.

Entrevistado 2: Também quando se aperceberam que estavam a pintar a casa...

Entrevistado 1: E a cor da casa, depois o que é que fizemos, para decidir qual era a cor da fachada da casa andamos a ver a história do bairro. Então descobrimos que antes de haver o 25 de Abril este bairro tinha directivas concretas em termos cromáticos, ou seja, as fachadas acho que eram beges com aquele tubo vermelho. Andamos a fotografar tudo, as portas...

Entrevistado 2: As cores era bege, branco, cinza... e com rebordo branco, depois do 25 de Abril é que...

Entrevistado 1: Houve liberdade total, depois cada um põe azulejos por fora, começa a dar uma interpretação à vontade.



Entrevistado 2: Depois tem piada porque há as casas originais que mantiveram a traça e há as casas dos anos 80 isso, finais de 70, que têm os azulejos e depois têm a remessa de arquitectos, no fim dos anos 90 ou princípio dos anos 90, que faz a casa à arquitecto, que é...

Entrevistado 1: Que muda o caixilho e põe só vidro.

Entrevistado 2: Que tira a caixilharia e deixa a peça.

Entrevistado 1: E nós tivemos... no processo de desenho da casa que íamos manter na fachada o espírito do bairro.

Entrevistador: Mas foi o bairro que vos chamou a atenção para isso?

Entrevistado 1/2: Não, não!

Entrevistado 1: Fomos nós que fizemos, eu estive a fotografar os portões todos com o Artur, tivemos a fazer, a decidir o que é que era, para depois decidir: vamos querer ou não manter determinados aspectos...

Entrevistado 2: O arquitecto com que trabalhamos queria tirar as portas, queria descaracterizar a casa e nós, se calhar como reacção a essa...

Entrevistador: Fizeram essa investigação.

E em relação a esses vizinhos que vos abordaram inicialmente, com que ideia é que vocês ficaram dessa vizinhança?

Entrevistado 1: Há vários tipos de vizinhos. Portanto, há as pessoas que viveram na altura do Estado Novo aqui e que continuam, temos o nosso vizinho do lado com quem temos uma relação muito boa mesmo e muito próxima ao ponto de, que é uma coisa que nós adoramos, por exemplo ela tem limões, nós não temos limões e ela pousa-nos um saquinho de limões, não há interferência nenhuma, não há aquela ideia de ir ver e “cuscar” a vida do outro, nós temos muita sorte aqui, pousa-nos um saquinho com limões e não diz mais nada e nós trocamos e pousamos um saquinho com outra coisa e começamos esta relação com a vizinha daqui do lado, que tem a nossa chave de casa, obviamente, porque o alarme dispara às vezes e nós estamos para fora e...

Entrevistador: E como é que foi isso de deixarem a chave de casa?

Entrevistado 1: Começamos a falar porque houve uma vez o alarme e nós dissemos então é mais simples ficar com a chave da nossa casa, assim quando trocar o alarme, ou vimos aqui, para não estarem a noite toda a ouvir, entra, dissemos-lhe o código e ela tem a chave. Mas foi logo, há muito tempo, que decidimos fazer isso... E há essa troca de coisas, quer dizer, nós às vezes, temos o atelier, temos uma mesa que não é preciso a primeira coisa que fazemos é ver se eles querem a mesa, se lhes dá jeito, portanto com esta vizinha do lado temos essa...

Entrevistado 2: E com a filha, para a miúda, para a neta dela nós oferecemos...

Entrevistado 1: Sim, relógios, coisas assim, aqueles relógios Swatch.

Entrevistado 2: Livros...

Entrevistado 1: Portanto temos assim esta relação mas não há... Ela descobriu que éramos designers e o marido dela que estava muito doente, nós nunca o vimos fisicamente, estava muito doente e depois faleceu, era tipógrafo e portanto ela deu-nos as revistas todas que temos aí dele e disse “vocês vão dar valor a isso” e para nós foi uma sorte incrível.

Entrevistado 2: Temos aí.

Entrevistado 1: Pois com todos os vizinhos... São diferentes. O vizinho do lado aqui fomos nós que lhe dissemos que havia esta casa à venda e temos uma relação também ótima, mas é uma pessoa da nossa geração e que às vezes é ótimo porque ele faz imensas festas e não sei até que ponto... Ele é o Programador da Casa da Música e portanto ele faz assim umas festas, logo quando inaugurou a casa havia assim um manequim enorme aqui à porta e havia aquele carro de um amigo.

Entrevistado 2: Ele tem um amigo que fotografa bem, é fotógrafo e aparece aí com um carro daqueles LA, aqueles carros americanos com os estofos brancos, tipo Elvis Presley, ali estacionado à porta... E nós, “fogo”, que é isto?



Entrevistado 1: Quer dizer, ele convidou-nos logo para a inauguração, claro, da casa e por vezes acontece-nos estar aqui e nem... E saber que a uma determinada hora, normalmente há aqui uma festa e que somos bem-vindos como é óbvio. Sei lá, damo-nos bem com...

Entrevistado 2: Há aqui um Editor na rua.

Entrevistado 1: Mas aí... Já nos demos bem...

Entrevistado 2: Mas tem piada que a Lizá leu um livro...

Entrevistado 1: Isso é incrível! Essa história...

Entrevistado 2: Que foi do Peter Singer, que é um bioético.

Entrevistado 1: Eu li um livro, ainda morava noutro sítio, que se chamava Libertação Animal, e é de um bioético como o Entrevistado 2 estava a dizer, que se chama Peter Singer. Li o livro e depois fui ver de quem era a editora e olha! Pensei quem terá editado este livro que é assim um bocado alternativo, não é alternativo, este livro, a editora é que é alternativa Via Óptima. E vou ao fim e vejo rua de Meinedo, rua de Meinedo, e eu “mas que rua é esta que pelo nome nunca ouvi falar” e esqueci o assunto. Passado uns tempos estava eu a morar na rua de Meinedo que é esta rua e tem piada porque passei na rua, com o Entrevistado 2, passeávamos a cadela e no princípio temos tendência a olhar, a tentar perceber de quem é que são as casas, quem vive por trás daquela casa e achávamos que aquilo tinha alguma alma, aquela casa tinha, assim, montes de livros e as plantas assim meio selvagens a sair sem ser um jardim muito feito, passamos mais tarde e percebemos que isto era o Editor, o tal Editor deste livro e travamos amizade com essa pessoa, pronto agora já não temos, já tivemos aí uma complicação e... mas durante muito tempo tínhamos uma relação com este vizinho.

(...)

Entrevistador: Mas o que vocês consideram vizinhos é esta rua?

Entrevistado 1: Eu acho que esta rua, esta rua é incrível, tem muitas pessoas muito diferentes umas das outras, tem, temos, por exemplo ali o Brito.

(...)

Entrevistado 1: Uma senhora e um senhor que viviam na Foz, mas agora vivem aqui.

Entrevistado 2: Faz presépios, o marido é médico, mas são de um humor que vocês não se acreditam. A primeira vez que viemos para aqui viver “Então Artur como é que está a correr gostam de viver aqui” disse “olhe estou a adorar, parece que vim de férias” e sempre que me encontrava perguntava “então as férias estão a correr bem?” Assim, e eu às vezes entro neste registo com ela, depois encontrava-la ali, perguntava onde é que é a rua de Meinedo “estou aqui à procura”, diz ela, “é muito fácil, rua de Meinedo vá para ali, olha vive lá um rapaz que é o Entrevistado 2”. É assim, ela é assim. Depois hoje perguntou-me das madeiras, se estava a vender, disse: “estou a vender estou, faço réplicas deste tronco”. “Então eu quero um, mas são um bocado caros” e tal.

Entrevistado 1: Ela teve uma experiência da “Bimbi” e convidou-nos logo para ir provar a casa dela para nos convencer, também, quer dizer, e temos depois outro tipo de pessoa, que é que temos mais? Temos aquela senhora ao fundo da rua...

Entrevistado 2: Qual?

Entrevistado 1: À não isso é na rua de baixo, é na rua de baixo. Na rua tivemos um amigo que era arquitecto, também, mas que já não mora aqui.

Entrevistador: Mas vocês, em termos de vizinhos, o que vocês conhecem, quem vocês conhecem ao fim e ao cabo não é muito diferente, em termos sociais e de educação, digamos assim, do vosso registo, pois não?

Entrevistado 2: Completamente.

Entrevistado 1: Então, o Editor é diferente, do nosso registo, apesar de tudo.

Entrevistado 2: Então a Dona Emília...

Entrevistado 1: A dona Emília completamente.

Entrevistado 2: A Dona Emília tem galinhas.



Entrevistado 1: Não tem nada a ver connosco.

Entrevistador: A dona Emília é a senhora dos limões?

Entrevistado 1/2: É.

Entrevistador: E mais?

Entrevistado 2: Há uma nova geração, se virmos, há aqui um casal em baixo que também é tipo Opus Dei, têm para aí trinta anos mas são super sisudos, sabes?

Entrevistado 1: Esses, não nos damos com eles.

Entrevistado 2: Olham para nós assim, tipo, de sapatilhas.

Entrevistado 1: De lado.

Entrevistado 1: E com cão sem trela, um rafeiro sem trela. “Não tem um labrador”...

Entrevistador: Mas se vocês fossem traduzir exactamente o que vocês consideram vizinhança...

Entrevistado 1: Agora podemos falar, só para fazer um parêntesis, vamos a outra vivência na rua de baixo, porque depois temos outra relação com os vizinhos e outro...

Entrevistado 2: Somos um caso de estudo. Nós não vivemos aqui, nós trabalhamos...

Entrevistador: Mas consideram que têm vários tipos de vizinhos e que se dão com vários tipos de pessoas aqui.

Entrevistado 1: Acho que os pais do Brito não são o tipo de pessoa, eu sei que pertencem ao meio e que podia... Mas depende o quanto estamos a dividir os meios, porque se são grandes grupos ok, estamos no grande grupo deles, mas se fizemos pequenos grupos nós em termos de, sei lá, de identificação política, etc. não temos nada a ver com eles, nem... por isso temos alguns grupos diferentes, não é? Mesmo o nosso vizinho do lado tem um estilo de vida que não é o nosso, ele está sempre em festas e num registo que não é igual ao nosso, que é próximo em termos culturais. Mas não é assim, mesmo.

(...)

Entrevistador: Em termos geográficos o que é que consideram vizinhos, esta rua e a rua de baixo ou vocês consideram vizinhos mais além do que isto?

Entrevistado 2: Temos a Rita Burmester lá em cima.

Entrevistado 1: Eu considerava ainda a Rita, o bairro. O bairro. Apesar de ter criado laços com pessoas que não criaria, são os mesmos que estão mesmo à volta da minha casa, estas casas.

Entrevistado 2: E o Luís Miguel Soares que é designer como nós que é da nossa geração fomos nós que o...

Entrevistado 1: Sim trouxemos pessoas para o bairro.

(...)

Entrevistado 2: Isto é o Bairro António Aroso.

Entrevistado 1: Estas ruas aqui consideramos que são nossos vizinhos as pessoas que moram aqui, sentimos esta proximidade. Agora, criar laços, assim, sem haver uma razão, é só mesmo com as casas que estão muito próximas, eventualmente na rua, porque há aquela coisa de passear o cão até ao fundo da rua e voltar e aí é que se fala com pessoas.

Entrevistado 2: E tem piada, porque eu identifico-me, apesar de ser uma pessoa mais velha... Eu andava de skate quando era miúdo e às vezes está ali um grupo de miúdos a andar de skate e eu pego e andamos aí juntos...

Entrevistador: Quando é que vocês compraram a casa na rua de baixo?

Entrevistado 2: Foi em 2007.

Entrevistador: E aí querem falar então dos vizinhos?

Entrevistado 1: Queremos. Em relação aos vizinhos aí tivemos mais dificuldade porque ao lado de nossa casa vive uma pessoa que vive em condições especiais e é uma pessoa que não tem a luz a funcionar em casa e por isso é uma pessoa que às vezes está, outras vezes não está e tem alguns problemas, acho que é



toxicodependente e tem esquizofrenia, portanto é uma pessoa complicada. Não criamos, obviamente, uma relação com essa pessoa. A casa a seguir à dela, é da Associação de Aldoar do Basquete, não tem também... não os vemos sequer. À nossa direita não houve a relação que tivemos com esta vizinha do lado. Não houve de facto. Nós fizemos mais ou menos o mesmo tipo de... mas não houve. Agora à frente sim. À frente há uma senhora que mora sozinha e que também nos dá fruta. Só que aí pergunta se eu quero os tomarinos, diz-se tomarino ou maracutomate, é maracutomate, é uma mistura de tomate com maracujá, é delicioso, é uma fruta assim bicuda nas extremidades e ela não gosta (...) de vez em quando dá-nos outras coisas também e nós fazemos a mesma história. Só que aí é ao passar ela dá o saquinho, perguntamos se ela está bem “e não sei quê” e pronto, portanto a vizinha da frente... E ao lado dessa pessoa com quem falamos um bocado existe um casal, esse sim criamos laços, porque há mais afinidade ele é arquitecto e acabamos por conversar à noite, porque nos cruzamos várias vezes, e tal, e depois também falamos um bocadinho com uma pessoa mas não desenvolvemos mais porque ela está mais no fim da rua, da nossa rua, que é uma senhora que nos vê a passar com o cão, mete conversa e adora a Safi e pergunta pela Safi e pronto e em termos de conversa depois também metemos conversa com uma senhora ali naquela rua, aqueles senhores que também têm cães, quer dizer, o cão ajuda muito. O cão faz com que se fale, com que se quebre, que se comece a falar.

Entrevistador: se pudéssemos traduzir aquilo de que estamos aqui a falar para o papel, se pudéssemos desenhar um esquema daquilo que vocês consideram ser a vossa vizinhança vocês poderiam fazer um registo de forma mais ou menos simples?

Entrevistado 2: Um esquema?

Entrevistador: Desenhar as fronteiras da vossa vizinhança e dentro dessas fronteiras desenhar os locais e percursos por onde passam, as pessoas ou instituições com que contactam. Acima de tudo, que consideram efectivamente vossos vizinhos.

(...) Vocês fazem compras aqui no bairro?

Entrevistado 1: Fazemos. Vamos à feira biológica sempre aos Sábados de manhã no Parque da Cidade e há uma mercaria e uma loja do comércio justo mesmo ao lado. Nós utilizamos muito isso.

Entrevistado 2: Essas duas é mais “gourmet”. Uma coisa especial.

Entrevistado 1: É aos Sábados de vez em quando...

Entrevistado 2: Vamos ali à rua da Vilarinha, a um mini-mercado e abaixo ao barbeiro e à padaria.

Entrevistado 1: Já fui aqui a uma rapariga que em casa... e servia o outro bairro dali de cima. Era cabeleireira e tinha só um lavatório e eu ia lá, porque eu até podia ir a pé. Só que o meu problema é que ela não marca por hora, é a pessoa aparece e espera e isso para mim já me deixou... quer dizer, não deu.

Entrevistador: Que mais serviços é que vocês fazem a pé, serviços, por exemplo farmácia?

Entrevistado 1: Farmácia não, farmácia vamos ali àquela rua mais longe, já pegamos no carro, utilizamos logo ali a seguir a Concha de Ouro, a zona da Concha de Ouro, que é onde há algumas coisas para nós utilizarmos como o banco.

Entrevistador: A Junta de freguesia tem correios.

Entrevistado 2: Ei que bom.

Entrevistado 1: Vou passar a usar. Não fazia ideia.

Entrevistador: Mas tentam acima de tudo utilizar esta zona a pé?

Entrevistado 1: Sim, isso é o ideal. Só não fazemos mais porque há coisas que não há.

Entrevistador: E quanto ao tempo útil do vosso dia que ocupam aqui?

Entrevistado 1: Nós trabalhamos e moramos aqui, estamos sempre aqui, excepto quando vamos ao centro do Porto fazer qualquer coisa, como aconteceu hoje de manhã.

Entrevistador: Portanto sair daqui é a excepção da rotina.

Entrevistado 1: É a excepção da rotina, é. Sabendo que nós damos aulas em Coimbra dois dias por semana, portanto vamos a Coimbra e vimos e sabendo que, muitas vezes estamos fora do país e que temos mesmo temporadas, por exemplo, para a semana não estamos cá uma semana inteira. As semanas anteriores, as duas



últimas, não estivemos cá, portanto estamos muito... Quando estamos, estamos aqui, mas às vezes há períodos que estamos mesmo fora.

Entrevistador: Há algum espaço simbólico que para vocês seja mais importante aqui à volta?

Entrevistado 1: Não sei, talvez o Parque para mim. Para mim o Parque e o Bairro são indissociáveis, completamente. Quer dizer... eu estou aqui porque também há um Parque ali e depois há o mar e por isso há essa linha para baixo.

Entrevistador: Que lugares são simbólicos neste território.

Entrevistado 1: Não quer dizer que eu os use mas que gostaria de poder usá-los, por exemplo a horta aqui, quando se criou aquela horta nós queríamos...

(...) Inclui Serralves, no nosso caso inclui.

Entrevistador: Quem é que pensam que vive aqui, neste grande território?

Entrevistado 2: Comunidades de indivíduos? (...) Deve haver bandidos, traficantes de droga, ali em Aldoar.

Entrevistado 1: Quando eu ia ao tal cabeleireiro vi perfeitamente que as pessoas que iam a esse tal cabeleireiro são as pessoas que moram naquele bairro mais ali em cima, porque ele fica mesmo ali em frente e era esse. Estão a ver a igreja, essa rua que segue um bocadinho é uma casa com um aspecto tipo, aquelas casas com...

Entrevistado 2: anos 90, anos 80.

(...)

Entrevistado 1: Mas não é desta igreja, é de uma mais contemporânea ali mais ao pé daquela escola.

Entrevistado 2: Na rua do Jornal de Notícias.

Entrevistado 1: Sim que se consegue estabelecer uma linha recta em relação à àquele bairro que existe ali. Agora não tenho... lembro-me de algumas histórias que ouvi lá no cabeleireiro mas não consigo, desenvolver muito mais em relação àquele...

(...)

Entrevistado 2: Aqui são reformados, os velhitos, são pessoas que trabalhavam para os telefones.

Entrevistado 1: Este era o bairro dos telefones.

Entrevistado 2: Diz-se que aqui alguns faziam escutas telefónicas para a PIDE¹⁷.

Entrevistado 1: E inclusive o senhor que nos vendeu a casa constava-se, esta casa...

(...)

Há pessoas da nossa geração e um bocadinho mais velhas que são de um meio...

Entrevistador: Quem vive neste território?

Entrevistado 2: Burgueses, operários, traficantes...

Entrevistador: E como é que vocês consideram que essas pessoas se organizam nesse espaço? Há uma barreira entre essas diferentes populações ou elas misturam-se?

Entrevistado 2: Dá-me a impressão que se relacionam.

Entrevistado 1: Não, eu acho que há barreir... Há grupos, há zonas em que há um bocadinho de tudo ali. Por exemplo: neste bairro temos o vizinho do lado e algumas situações de umas casas em que há grandes dificuldades económicas (...) mas depois ali o bairro não vejo ninguém...

Entrevistado 2: Neste bairro há...

Entrevistado 1: Há essa mistura, em termos de faixas etárias, em termos de...

Entrevistado 2: E o que marcou aqui neste bairro, foi... Marcou uma geração de... Foi a aparição das drogas e então nota-se que há aqui muitos vizinhos entre os 45 e os 55 que andam aí que eu percebo que tiveram a

¹⁷ Polícia Internacional e de Defesa do Estado



infelicidade de consumir demasiadas drogas e andam aí a pairar um bocado. Há uns “astronautas” que andam aí de saquinho na mão, há uns toxicodependentes que ficaram saudáveis, mas que são toxicodependentes... houve aqui, nota-se que houve aqui uma crise.

Entrevistado 1: E acho que as pessoas que não... irmãos e filhos dessas pessoas notaram muito como isso abalou o bairro e falam disso. Eu acho que caracteriza um bocado o bairro.

Entrevistado 2: Em cada rua há uma casa em que...

Entrevistado 1: Sim em cada rua há duas ou três histórias dessas.

Entrevistado 2: É incrível porque se isso fossem prédios, mas são casas.

Entrevistado 1: Em vez se ser na vertical é na horizontal.

Entrevistador: Houve aqui uma questão que me surgiu em relação ao que estavam a falar, em relação ao que vocês sentem quando saem à rua, saberem que existe essa heterogeneidade traz-vos alguma sensação de insegurança?

Entrevistado 1: Não pelo contrário. Sinto-me super bem aqui, pelo facto de conhecer e de ter esta relação próxima com as pessoas. Eu tenho referências e em todas as ruas do bairro há uma pessoa que eu conheço ou que costumo cumprimentar ou... e quer dizer, em todas as ruas, mesmo naquela rua grande que faz a volta mesmo aqui a tal senhora com os cães, uma pessoa acaba por criar essas relações todas e também havia aquele cafezinho que não sei se ainda existe. E outros serviços que havia uma lavandaria que íamos muito no Verão, costureira também usamos.

Entrevistado 2: Há um café ali em baixo, há ali um café de uma senhora que vive aqui no bairro, onde vou muito.

Entrevistador: Em termos de um ponto de vista mais alargado: que pontos fortes e pontos fracos é que existem no território?

Entrevistado 1: Um ponto fraco é que eu acho que faltam alguns serviços e alguns equipamentos aqui à volta do bairro. Acho que sim.

Entrevistador: Por exemplo?

Entrevistado 2: Jornal.

Entrevistado 1: Maior proximidade do lixo para reciclar. Porque é muito nas duas extremidades e não é muito prático.

Entrevistado 2: Alguns dos meus amigos vão a pé à papelaria ou ao hipermercado...

Entrevistado 1: Nós, há coisas que sistematicamente temos que pegar no carro. Falta de metro à porta. Sentimo-nos um bocadinho fora do circuito dos transportes públicos da cidade que eu acho que é uma coisa bastante desagradável e inclusive temos pessoas que nos vêm visitar e isso... sentimos isso.

(...)

Aspectos positivos posso começar a dizer. Proximidade com... a feira biológica, proximidade com o Parque da Cidade e com o mar, poder ir até ao mar a pé, proximidade com Serralves, consegue-se ir e já fomos a Serralves a pé, (...) é a relação com os vizinhos, é o... acho que a tipologia da casa é muito interessante, o facto de termos um bocadinho de terra todos...

Entrevistado 2: E o sossego, não se ouve nada, o único barulho que se ouve é os aviões que passam para o aeroporto.

Entrevistador: E em termos de higiene, limpeza do bairro? Estão satisfeitos?

Entrevistado 1: Eu não. Eu acho que nós temos cão mas há pessoas que não apanham... É isso, essencialmente, e acho que existem algumas casas que estão ... quase em cada rua há uma casa que está num estado de uma pessoa que vive lá sem condições mínimas... E eu acho que isso é um ponto fraco. (...) partem muitos vidros de carros aqui.

Entrevistador: E em termos de oportunidades e ameaças? Serralves?



Entrevistado 1: Incluímos porque para quem vem de fora é um ponto de referência na organização da cidade, temos a baixa versus esta zona que tem Serralves como um ponto de grande interesse e o mar, claro.

(...)

Agora oportunidades aqui... ah e a horta biológica acho que é uma iniciativa interessante. (...) Esta horta antes era um descampado e nós chegamos aqui... era um descampado... tinha garrafas de vidro, tinha assim mesmo, e de repente foi transformado numa horta. Nós vimos o espaço antes e depois passou a ser horta. Quando começou nós estivemos quase para nos inscrevermos porque eles davam um curso de formação e cultura biológica no princípio, depois cada um tinha um troço de terra e tinha a responsabilidade de o manter a funcionar e nós estivemos quase... só que nós temos uma profissão que nos ocupa muito tempo e isso víamos que não íamos conseguir cumprir e por isso... só que como daqui se via das janelas de cima ouvíamos e era invejável, e aí eu acho que havia uma relação muito grande entre as pessoas e falamos com pessoas... aquela senhora do cão muito velhinho, o cocker, que também estava na horta e de repente vimos pessoas do bairro que tinham, lá está, que vinham de origens diferentes, mas que estavam ali divertidíssimas no Verão, conversavam uns com os outros.

(...)

Agora íamos tentar responder às oportunidades como um todo. (...) Eu acho que Serralves é uma oportunidade, acho que o Parque da Cidade é outra grande oportunidade, e principalmente aquele, e mesmo aqueles espaços que eu acho que não estão aproveitados e aqueles espaços da própria quinta que já foi um restaurante e que depois não é utilizado. Aquilo podia ser uma coisa fantástica porque eu acho que uma coisa que falta aqui no bairro é... perto do bairro é, para o nosso caso, é zonas onde se possa comer. Isso é um grande problema, mesmo, almoçar. (...) Aquilo nunca funcionou como poderia, porque aquilo nunca teve uma oferta íntegra, nós íamos lá às vezes almoçar com... e eles não tinham nada praticamente, era tipo uma tosta mista e uma coisa assim, mas não tinham uma sopa ou... e eu acho que aqui falta muito uma coisa assim.

Entrevistador: E ameaças?

Entrevistado 2: Aqueles prédios que estão a construir.

(...)

Entrevistado 1: A construção vertical. Os prédios que eles construíram quase em cima do Parque tem em termos visuais, são terríveis (...) depois se o Parque não for... Eu não tenho medo nenhum do Parque mas o Parque também se pode transformar num local perigoso, pode acontecer, se não for...

(...)

Entrevistador: E vocês próprios podem também ser...

Entrevistado 2: uma ameaça?

Entrevistador: Não, uma oportunidade!

Entrevistado 1: Sim, também vemos como um recurso criativo o nosso vizinho e há um conjunto de pessoas no bairro como sendo uma oportunidade.

Entrevistado 2: Isso quer dizer que existem pessoas que trabalham connosco aqui que usufruem e participam e contribuem para o desenvolvimento do bairro.

Entrevistado 1: Sim, Aliás os que sofrem por não haver um local para comer.

Entrevistado 2: Havia ali em baixo, que era uma vizinha nossa que perdeu a licença quer dizer, foi a ASAE a massacrar.

(...)

Entrevistado 1: Porque este bairro tem pessoas desde o Editor que tem, quer dizer que edita livros muito especiais e particulares até à Rita Burmester ali em cima, que viaja muito, que conhece a Rita e que viaja muito e que se fazia, fotografava as obras em Serralves... é uma ligação também não muito longe e trabalhamos com ela também, trabalhamos com ela, porque nós fazíamos os catálogos para Serralves e ela tinha uma avença com Serralves e ela vinha cá deixar as imagens e tínhamos essa relação.

Entrevistador: Como pessoas que vivem aqui mas também como empresa o que é que vocês pensam sobre o conceito de responsabilidade social?



Entrevistado 1: A responsabilidade social em relação ao próprio bairro...

Entrevistado 2: Nós enquanto empresa, vou ser muito sincero, isto nós temos sempre receio de... Isto é uma zona de habitação, há sempre aquele constrangimento de...

Entrevistado 1: Nos assumirmos como empresa aqui.

Entrevistado 2: Aqui.

Entrevistado 1: Portanto, nós poderíamos ter outra relação mas nós tentamos ser um bocadinho discretos. Até houve aquele vizinho dos cães de que falamos, que na altura quando soube que nós ponderávamos comprar outra casa e, não estava muito satisfeito, aí é que...

Entrevistado 2: É que isto é para viver!

Entrevistado 1: Isto é para viver, não é para... se trabalhar, para ter locais assim e tal, tal. Portanto há esse... mas eu acho que é o caso particular dele, que ele também não...

Nós, claro, não sei... Como pessoas... Eu vejo em pequenas coisas, não sei se se enquadra bem. Nós não temos nenhuma relação, nós nunca tivemos esta ideia, quer de empresa, quer ao nível pessoal de pensar em projectos de integrar a comunidade, de ter esse pensamento aqui, até porque acho que vivemos com pouco conhecimento do que é, que são, de facto os nossos vizinhos. Nós de facto, enquanto houve aquela preocupação de fotografar, das fachadas para encontrar a cor, de não sei quê, não houve a preocupação de perceber, para além destas ruas, que isso sim quisemos mesmo, deste bairro mesmo, para além daqui nós nunca nos preocupamos minimamente com o que se passava, a nossa relação é aqui e claro que em termos de criar conversa com as pessoas das lojas, claro que depois também começamos a conversar mas com os serviços que contratávamos, mas nunca houve essa...

(...) Assim uma responsabilidade social, um projecto pensado por nós, não pelo facto de não termos consciência, agora o que nós temos só é tentamos preservar a boa relação com os vizinhos, temos algum cuidado, apesar de termos aqui a empresa de não estacionarem aqui à frente para não ocupar logo os lugares, não ficar aí a fazer barulho, temos esse lado mas é da educação.

(...)

Entrevistador: Mas viam-se envolvidos em algum projecto de construção social com a comunidade, em que houvesse da vossa parte algum trabalho de voluntariado, digamos assim, e em relação à construção da comunidade?

Entrevistado 1: Se nos víamos a fazer isso? Sim claro, claro que sim.

(...) Nós recebemos às vezes visitas de alguns alunos, mas de turmas inteiras e de repente tivemos que chamar seis táxis para irem embora e esta rua encheu-se de táxis até aqui à porta e os taxistas acharam que não podia ser, numa casa tão pequenina.

Entrevistado 2: quando começaram a ver sair...

(...)

Entrevistador: Estas entrevistas são bola de neve, vocês agora indicam uma pessoa com quem a entrevistadora deva falar a seguir.

Entrevistado 1: O difícil é uma, eu apetecia-me indicar várias.

Entrevistador: Pode ser a Rita, não é?



Protocolo de Inquérito por Entrevista

Data: 26-01-2010

Local: Bairro António Aroso, Rua de Bitarães, 51

Entrevistado 3: Rita Burmester

Território: Aldoar Norte

Sub-território: Bairro António Aroso

(...)

Entrevistado 3: Mas entretanto o bairro está em grandes modificações e hoje em dia tem muitos casais assim entre os 30 e os 40 anos com filhos pequenos e depois, ali em cima, há aquelas cooperativas não é? Ao pé dessa escola que tem um monte de gente nova, eu acho que até é muita gente nova que vive aqui, que veio para cá muita gente nova, quer dizer muita gente, digamos, entre os 40 e os vinte e muitos há muita gente que veio viver para aqui. Eu conheço imensa gente que vive aqui de facto. Os que trabalham em Serralves, tem aqui os designers também, não sei se... os R2. Há muita gente mesmo.

Entrevistador: Nós gostávamos de começar por saber um bocadinho sobre as pessoas que cá vivem e nesse sentido gostaria que começasse por falar um bocadinho de si, por dizer como é que se caracterizaria, como se apresentaria.

Entrevistado 3: Isso não é fácil. Como é que eu me caracterizo? É muito difícil uma pessoa caracterizar-se. Pronto eu tenho 43 anos quase, vivo aqui há dez anos, sou profissional liberal, sou fotógrafa, vivo sozinha, pronto. Em termos gerais é o que interessa saber.

Entrevistador: E vive aqui há dez anos? Como é que veio aqui parar?

Entrevistado 3: Sim. Olha na altura eu já vivia sozinha na altura e andava à procura... Eu vivia nos Pinhais da Foz e tinha um apartamento alugado e andava à procura de um apartamento e contactei uma agência imobiliária e... porque nunca pensei vir viver para uma casa sozinha “né”? E andei a ver montes de apartamentos e coisas e achei tudo horrível e realmente cheguei aqui, a esta casa, e adorei tem uma escala muito humana e é uma casa em que uma pessoa está sozinha, quer dizer, acho que é num bairro em que se tem uma proximidade simpática com os vizinhos, de segurança, e não de intromissão na vida uns dos outros, de... aliás, nós temos um relacionamento óptimo aqui nos vizinhos, por exemplo eu tenho, como viu, um cão que anda lá fora e que conhece, o cão, conhece pessoas que eu não conheço, quer dizer vai a casa dos meus vizinhos, vão-lhe dar de comer e não sei quê, tenho o gato, os gatos também andam na casa dos vizinhos e nós todos temos um óptimo relacionamento com animais, que... pelo menos nesta minha parte que é fantástico, a minha cadela é super bem tratada e os meus animais também e depois temos muita daquela entreaajuda de bairro, daquela “óh vizinho tem um ovo?” e tal, “olhe tem um...” e tal... a vizinha vai ao Douro e traz umas avelãs, “olha gosta de avelãs?” e tal, temos muito esse bom relacionamento e eu acho que não depende, evidentemente, de ter uns vizinhos que eu acho simpáticos e pessoas educadas, mas também é isso, é simpático nesta situação, é muito simpático ter vizinhos sem se meter. Quer dizer, eu já vivi num prédio e os vizinhos às vezes tornam-se incomodativos porque às não sei quantas da manhã põem música ou depois zanga-se com a mulher e ouve-se os berros e aqui não há, quer dizer, cada um dentro da sua casa ninguém sabe o que se passa “né”? Mas há de facto um contacto grande com os vizinhos é muito engraçado.

Entrevistador: Nunca imaginou que essa transição de prédio para casa, moradia, fosse tão positiva?

Entrevistado 3: Eu sempre vivi em casas, quando vivi em casa dos meus pais, aliás quando eu era miúda os meus pais viviam num bairro deste género, mas é um bairro mais moderno que é ali na zona do Campo Alegre ao pé do Colégio Alemão, portanto eu cresci ali até aos sete, oito anos e portanto depois os meus pais foram para a Maia e tinham uma casa muito grande, alugaram uma casa tipo Quinta, com casa de caseiro e não sei quê, e eu vivi ali até aos 24 anos, portanto a mim o que me custou foi quando vivi num apartamento, que não estava habituada e eu sou uma pessoa que adoro estar em casa, sou capaz de passar um dia em casa sem sair, adoro estar em casa e por exemplo quando vivia num apartamento não conseguia passar um dia em casa, custava-me imenso, aquela coisa, tinha que sair à rua e aqui não, até porque uma pessoa vai ao jardim, vai ali, sobe a escada, portanto não me custou nada habituar a uma casa, eu só tinha receio, de facto, como estava



sozinha de sentir-me insegura de alguma forma, mas de facto não, de facto não. Aqui há mesmo... quer dizer... uma pessoa vai ali ao jardim e diz “Ai socorro” e alguém ouve... dá essa sensação agradável.

Entrevistador: Recorda-se como é que foi essa integração inicial?

Entrevistado 3: Aqui no bairro? Por acaso não tive grandes problemas de integração. Tinha um vizinho que agora, o vizinho morreu, mas aqui da casa do lado que era um senhor muito amoroso e lembro-me de uma vez me virem pendurar uns quadros às 10 da noite e a casa é geminada mesmo e no dia seguinte pedi-lhe imensa desculpa, disse “olhe desculpe senhor Alfredo” e tal e ele disse-me assim “mas porquê? Eu resmunguei, você acha que eu sou um vizinho chato? Eu não sou um vizinho chato” portanto eu nunca tive problema nenhum com os vizinhos, nenhum, nenhum, nenhum, posso dizer que foi uma coisa gradual, evidentemente, eu também sou uma pessoa com muita facilidade, sou uma pessoa aberta, não sou aquele género de pessoa que não fale com ninguém, portanto sou uma pessoa que faço facilmente... falo com as pessoas, portanto tive uma integração óptima, não tenho nada a dizer daqui.

Há aqui neste bairro... há por exemplo pessoas com problemas de droga e que já são uma geração de pessoas que agora devem ter à volta de 55, 56 anos, aquelas pessoas que na altura do 25 de Abril apanharam aquela liberalização, a entrada da droga toda, há pessoas assim, inclusivamente até tinha um vizinho com problemas, mas isso... mas nunca houve problemas nenhuns, nunca houve problemas, eu acho que as pessoas são extremamente educadas na... aqui, e não tem a ver sequer com a classe social, que há aqui pessoas de todas as classes sociais, neste bairro. É uma coisa que eu gosto também, aliás agora começam a vir pessoas de uma classe social mais elevada e não sei quê, mas as pessoas são extremamente bem-educadas e eu acho que é isso, que acho que faz funcionar muito bem. E acho que é mesmo muito simpático, aliás, também há outras pessoas que conheço que moram aqui e que vieram também há dez ou assim e que toda a gente adora viver aqui, é extremamente... depois não há barulho nenhum, o que é uma coisa maravilhosa, é um sítio que tem uma situação hiper-privilegiada porque temos ali o Parque da Cidade, temos ali uma feirinha de legumes ao fim-de-semana, portanto é um sítio que uma pessoa pode chegar ao fim-de-semana, parar o carro e andar a pé, ir até ao Parque é muito agradável, eu gosto muito, gosto mesmo. E de facto tenho sorte que tenho aqui uns vizinhos óptimos. Já há vizinhos que sei que há outras pessoas que andam por aí que já têm vizinhos mais chatinhos, há sempre pessoas chatas, mas aqui é muito... é óptimo, é óptimo.

Entrevistador: Quando veio para cá tinha alguma representação, alguma imagem que depois se veio a confirmar ou que se veio a...

Entrevistado 3: Não! Porque eu caí aqui mesmo de surpresa. Por acaso é engraçado porque eu, a minha avó vivia ali na Avenida da Boavista, à frente do Garcia e portanto quando era criança Aldoar sempre foi uma coisa próxima, nunca tive uma má ideia de Aldoar. Os meus pais casaram naquela igreja aqui de Aldoar e eu fui baptizada lá, aliás no meu bilhete de identidade eu sou natural de Aldoar, por isso para mim Aldoar... nunca tive má ideia, nem ideia pré-concebida disso. Aliás nem conhecia, óh melhor... essa zona dos bairros até já conhecia, esses primeiros bairros que há aqui, ao pé desta escola Manoel de Oliveira há uns bairros, não é? Se calhar estou a confundir. A Escola Manoel de Oliveira é uma baixinha bonita? Há aqui uma escola... Aqui em cima, há aqui a Cooperativa, depois até há uma fase nova de casas e depois aqueles bairros ali são os únicos que eu conhecia, só muito recentemente, porque eu comecei a usar o Centro de Saúde, porque eu não usava porque o Centro de Saúde era num sítio tenebroso que era tipo um pré-fabricado no meio de um bairro. Nem pensar em ir lá. Agora termos um Centro de Saúde, foi bom, com as condições todas, eu acho que... Não sinto aqui nesta zona de Aldoar confusões nenhuma, nunca senti. Mesmo... vou ali, por exemplo, à padaria no meio de bairros e tudo, não sinto confusão nenhuma, não sinto perigo nenhum, acho um sítio até bastante simpático, acho muito mais interessante do que na Foz, em cima do Parque da Cidade, com menos confusão.

Entrevistador: Para além do Centro de Saúde há outros serviços, outros espaços que utilize?

Entrevistado 3: Não, não... Para além do Centro de Saúde... (...) O Parque da Cidade, de resto... sou capaz de ir à Junta tratar de qualquer coisa, que também acho muito simpática a Junta e as pessoas que trabalham na Junta.

Entrevistador: Onde é que faz as suas compras diárias, mercearia?

Entrevistado 3: Por acaso é uma coisa que isto aqui não tem. Isto para ir a mercearia, aqui para ir a pé não tenho, havia uma na rua, na rua... como é que se chama esta rua aqui? Bem não interessa. Havia aqui uma em cima, mas tenho que me meter no carro e normalmente vou ao Pingo Doce, ali do Cristo Rei. Não há assim nada que me dê para ir a pé, percebe? Portanto para ir andar de carro horas, andar a pé horas, mais vale meter no carro, aquela coisa à portuguesa e fazer mais compras e, não há, mercearia não há nada assim. Ah! O que



eu uso aqui... há um laboratório de análises, que é mesmo aqui ao pé, portanto quando preciso de fazer análises é só ir a pé que é óptimo, e mais que eu use aqui... Não, acho que não uso mais nada, não tenho muito, acho que não tem muitos serviços. Tem um café, mas eu não sou pessoa de frequentar cafés, muito raramente, não tem uma tabacaria, não tem... esse género de serviços não tem nada. Por acaso acho que tem uma grande falta disso, acho que tem mesmo. Não tem aqui nesta zona toda...

Entrevistador: Portanto, os percursos que faz a pé, se tivesse que desenhar uma zona que percorre a pé é aqui numa proximidade relativa?

Entrevistado 3: É aqui até ao Parque da Cidade, às vezes vou ali por trás pela Junta, onde há feira ao Sábado, pronto, vou ali à feira e faço ali o Parque da Cidade até lá em baixo, à praia. E às vezes tenho uns amigos ali em cima e vou lá visitá-los também a pé, ali nessas tais cooperativas, mas de resto...

Entrevistador: Costuma passear a cadela? É cadela? Por aqui também?

Entrevistado 3: É, é! Sim, sim, sim.

Entrevistador: E em termos de, se tivesse que identificar pessoas-chave, para além desses seus amigos que diz que vivem aqui próximos, que dá para ir a pé, identifica outras pessoas que visite ou que venham a sua casa regularmente daqui desta localidade? Do que considera ser vizinhança, digamos assim.

Entrevistado 3: Pois, eu tenho imensos amigos ali em cima, naqueles bairros novos, posso-lhe dizer que tenho pelo menos quatro casas onde vivem amigos que frequentam a minha casa de facto, de resto não, tenho os R2 também, às vezes vêm cá e assim, mas de resto não tenho mais ninguém.

Entrevistador: Há aqui uma horta próxima. Já espreitou?

Entrevistado 3: Há, é aqui em cima mesmo. Sim, aliás uma data de vizinhos meus têm lá uma parte do terreno e uma amiga minha que mora lá em cima também tem. Houve uma altura que até andei lá a ajudá-la e tal, mas nunca fiquei com aquilo, que aquilo é uma trabalhadeira, é muito giro, mas não é para mim... prefiro ir comprá-los ali à feira.

Entrevistador: Já falou um bocadinho de como é que vê aqui esta vizinhança. E como é que acha que a vizinhança a vê?

Entrevistado 3: Ah isso não sei, isso terá que perguntar a eles. Sei lá... Acho que, que simpatizam comigo. É a única coisa que posso dizer, tenho boas relações, portanto isso faz-se de parte a parte, de resto não, quer dizer, acho que as pessoas têm uma boa ideia de mim em geral. Também acho que aqui ninguém anda muito em cima da vida uns dos outros a saber o que se passa portanto acho que é tranquilo.

Entrevistador: Se tivéssemos que fazer aqui uma análise, uma espécie de análise SWOR, em que tivéssemos que identificar os pontos mais positivos e os pontos menos positivos, quais seriam os que identificava? Da sua vizinhança?

Entrevistado 3: Os mais positivos são imensos, como já disse são super simpáticos, são pessoas prestáveis, existe realmente essa troca, às vezes sou capaz de regar ali o quintal da vizinha, porque ando com a mangueira e o vizinho é capaz de me vir cortar uma sebe, porque tem jeito e com os animais há essa entreaajuda esse espírito, sinceramente é assim: pontos negativos não tenho nada assim a dizer, de facto.

Entrevistador: Mas vê possíveis ameaças que possam acontecer a esta vizinhança ou que estejam na eminência de ocorrer?

Entrevistado 3: Bem... Isso é uma coisa... mas é um lado um bocado egoísta meu que é assim, os portugueses não gostam de jardins, por exemplo, eu sou das poucas pessoas que tem um jardim relvado mesmo à frente porque o português gosta de pôr tudo em cimento, o que é muito feio visualmente, mas por outro... vou dizer-lhe uma coisa simpática que é: ninguém usa o jardim ou seja não há barulho em nenhum dos jardins, aqui atrás é tudo pessoas de idade, se por exemplo a trepadeira vai isto para o lado de lá ficam histéricas e depois olhe aquilo é tudo cimentado, ficam fora de si e pronto e começam a pedir-me, coitadas têm toda a razão, e vou lá e corto mas acho fantástico. Aliás, houve uma altura em que eu tinha aqui um cedro muito grande e resolvi tirá-lo porque ele estava-me a crescer imenso e a tapar a luz e vieram cá uns do horto e tiraram-me o cedro e eu cheguei a casa e disse “a desculpe vocês vão pôr qualquer coisa a tapar” porque fiquei chocada, porque os jardins dos vizinhos é só cimento e pias e barracos e barracões. Isto é muito feio, mas desde que eu tape não me interessa. E a verdade é que não usam os jardins, portanto não há um barulho nestes jardins o que é maravilhoso. Agora começam a vir as pessoas novas, com os filhos pequenos, obviamente já são pessoas que já



fazem um jardim e já é capaz de haver um... Quer dizer, eu até gosto, até é agradável estar aqui em casa numa noite quente e ouvir que ali há uma festa e querer... Mas às vezes penso, se isto agora muda tudo e passamos a ter jardim, só bolas e crianças é uma chatice, e isso é capaz de mudar esse lado mais pacato, realmente é capaz de mudar, porque hoje em dia, felizmente, as pessoas utilizam mais o jardim e o ar livre do que as pessoas de idade sozinhas, mas isso acredito que vá mudar um bocado este lar... lado sossegado, porque a maior parte das pessoas o jardim é um bloco de cimento, atrás e à frente, é um bloco de cimento, pronto, não sei, portugueses não gosta nem de árvores nem de... e quando corto chamo alguém que percebe mesmo do que faz e que eu lhe explique muito bem o que quero. Aqui um jardineiro, dos senhores amorosos, a primeira sugestão que ele dá é cortar tudo, eles gostam é de cortar tudo e pôr tudo baixo e não sei quê, os portugueses não sei porquê não gostam de árvores, não gostam de jardins, não gostam... uma coisa estranhíssima. E ali o meu jardim da frente até é uma maravilha para os gatos todos dos vizinhos vão todos para lá, não é? Às vezes a vizinha do outro lado, que tem tudo cimentado, fica toda chateada porque “ai vêm para aqui os gatos e fazem aqui as necessidades todas” e eu “pois se fosse relva” e eu quero lá saber que venham aí à relva, não me importo nada com isso, quero lá saber. Mas é engraçado, isto é uma coisa portuguesa, o que eu acho é há qualidades, há defeitos portugueses que também têm as suas qualidades (...) E outra coisa de simpática que também há aqui há é que não há assim muito a mania dos carros, portanto eu quando vivia ali nos Pinhais da Foz ria-me porque eu sempre tive carros pequenos, na altura tinha um Renault 5 e agora tenho um Lupo, fomos para lá e o parque automóvel era sempre a aumentar, primeiro as carrinhas, depois passavam para os jipes e depois passavam para não sei quê e mais não sei quê e eu sempre com o meu charuto. Mas ali até que havia espaço para estacionar os carros e não me chateava, mas aqui não há muito esta coisa, quer dizer, as pessoas eu acho que nem usam muito as garagens porque como as casas são pequenas as garagens transformaram-se em arrumos, mas não há assim muitos carros na rua, quer dizer, cada família tem um carro, dois no máximo, mas não há assim aquela mania dos carros e dos jipes, pronto não há. É um bairro pouco... não é ostentador, ninguém aqui é ostentador, nem quem tem mais dinheiro, nem quem tem menos. Não se sente aqui, de facto, porque eu também acho que quem vem, mesmo as pessoas novas que vêm para aqui, isto não é um bairro para mostrar que se está muito bem na vida e que se tem um casarão, isto é um bairro para quem gosta de uma certa tranquilidade e de uma certa qualidade de vida, portanto não aparece aqui muito esse género de gente que é mais ostensiva, percebe? De maneira que não vejo assim defeitos (...)

Entrevistador: Portanto ameaças aqui para o bairro não está a ver que a curto prazo se venham a manifestar?

Entrevistado 3: Não, não estou a ver. Acho que eles aqui, a única ameaça que pode haver era urbanística se de alguma forma fosse possível alterar a constituição do bairro e começar a construir em altura, parece-me que isso está salvaguardado “né”? Portanto o que as pessoas metem e o que fazem dentro de casa, e se a casa é maior ou mais pequena não... desde que o bairro tenha a traça que tem... A nível das pessoas que vêm para cá, obviamente que isso irá mudar muito, irá mudar... mas também parece que as pessoas que escolhem vir para aqui que já é um tipo de pessoas que se enquadra bem neste bairro, quem quer realmente uma casa a armar não escolhe este bairro, portanto não vejo... acho que o bairro, sim que vai mudar, porque as pessoas mudam e os tempos mudam, mas não me parece que seja um bairro ameaçado.

Entrevistador: E em termos de potencialidades que este bairro possa ter para o futuro? O que vê aqui? Algo que ainda não ocorreu mas que possa ocorrer?

Entrevistado 3: Potencialidades? Não estou a ver assim...

Entrevistador: O facto dessas pessoas como refere essas pessoas novas (...)

Entrevistado 3: Sim acho que sim, que isso, pronto não sei ao nível do bairro o que é que poderá acontecer, acho que talvez sim aconteça, haver mais jardins ou as pessoas até viverem mais ao ar livre do que vivem, mas acho que assim ao nível dos espaços comuns não vejo grande alteração.

(...)

Entrevistador: Já trouxe pessoas para cá? Para viver cá?

Entrevistado 3: Não, não, por acaso tenho uma amiga que lhe estive a dizer que há aí uma casa à venda, porque ela vive aí em cima e precisa de uma casa maior e a casa que está aí à venda é maior mas não, não, não trouxe. Mas é muito engraçado que eu quando vim viver para aqui, passados seis meses um dia estou à porta e passa uma amiga minha que... eu estudei no Colégio Alemão e portanto no Colégio Alemão nós entrávamos com quatro anos e saíamos com dezoito ou dezanove e às vezes havia alunos que nós andávamos aqueles quinze anos, desde o primeiro dia até ao fim, e estava aí à porta e passa uma amiga minha quando eu...



realmente... no Colégio Alemão desde a infantil que andou comigo e disse “que estás aí a fazer?” disse “eu moro aqui” “aí moras?” ela morava quatro casas abaixo e mora aí ainda, e achei imensa piada, porque realmente tínhamos andado juntas tantos anos e viemos parar ao mesmo bairro. Mas não trouxe, ainda não trouxe ninguém para aqui, mas até prefiro às vezes não ter vizinhos conhecidos tão próximos, acho que é mais simpático estarmos relativamente próximos mas não, também, tão colados uns aos outros, mas... mas porque não calhou, porque disse realmente a essa tal minha amiga que tinha aí essa casa à venda.

Entrevistador: E agora em relação às fronteiras, acha que existem fronteiras entre esta vizinhança e outras vizinhanças, que se nota uma distinção (...) em que pareça que há uma transição de um espaço para outro diferente (...)?

Entrevistado 3: É como eu digo, eu Aldoar conheço até ali àqueles bairros de que lhe falei. Depois aquele outro Aldoar, daqueles tais bairros que parece que são mais problemáticos eu não conheço muito bem, só vou lá ao Centro de Saúde e venho, portanto daqui até esses bairros eu acho que na verdade nota-se quem tem uma casa melhor, quem tem pior, quem vive no bairro social, quem não vive, mas não acho que haja um choque, quer dizer não muda assim tanto, todos têm áreas com jardim, tanto tem a outra cooperativa como os bairros sociais, portanto não acho que haja esse choque aqui corta e aqui vivem os... até porque o que eu acho que se passa aqui em Aldoar, e que é empático, e que pelo menos não se passa aqui em muitas zonas do Porto, pelo menos aqui na Foz, é que de facto houve um plano urbanístico, tanto estes bairros aqui como as novas cooperativas lá em cima e até como alguns daqueles bairros sociais, que devem ter sido construídos para aí nos anos 70, calculo eu, que até esteticamente são bonitos e há jardins à volta dos bairros sociais que eles... até me ri que digo assim “é muito melhor a nível de espaço envolvente os bairros sociais do que se nós atravessarmos aqui a rua e formos ali àquela zona ali ao pé do Garcia, aquela zona das lojas caras, aquela gente paga imenso para viver ali e vive em cimento” eles não têm jardins nem árvores e antigamente havia realmente uma política de integração, com relvas, com espaços verdes, que aqui ainda se nota e eu acho que é isso que também torna isto agradável, é haverem realmente espaços comuns, verdes, com árvores, que é uma coisa que acabou, porque vamos construir muito mais, ganhar muito mais dinheiro, vamos pôr todos em cima uns dos outros, e de facto ali aquela zona caríssima, que deve ser caríssima, que tem prédios do Siza e aquelas lojas todas caríssimas, aquilo é um parque de betão aquilo não há... há uns canteirinhos e três árvores, para aí, ou quatro. E aqui eu acho que por causa disso, por haver essa preocupação de fazer espaços públicos e jardins não se nota tanto a nível urbanístico, apesar de se saber que aquilo é uma casa de um bairro social e que aquela casa é familiar, e não sei quê, não se nota esse choque tão grande, acho eu. Agora não... estou a falar agora assim, portanto há todo um lado de Aldoar que eu não vou lá para nada, não faço a mínima ideia do que se passa para ali, mas já percebi que vai para ali uma zona que não é tão agradável, não é? E aqueles bairros sociais ali parece que são mais problemáticos, pelo menos é onde o Rui Rio costuma a apanhar pancada, não é? (...) Não conheço... Não posso dizer nada, porque não conheço.

Entrevistador: Consegue identificar na vizinhança, e mesmo no território circundante a esta vizinhança, pessoas-chave em termos de liderança comunitária ou pessoas que se destacam por alguma razão?

Entrevistado 3: Não porque não estou minimamente a par disso, não faço a mínima ideia.

Entrevistador: Portanto organização, digamos mais política, digamos do bairro não contacta com essa...?

Entrevistado 3: Não, não, não.

Entrevistador: E em termos da sua actividade profissional sente que tira partido desta localização ou é um espaço de abstracção do restante?

Entrevistado 3: Se tiro partido como?

Entrevistador: Da proximidade com alguns espaços.

Entrevistado 3: Não. Eu acho que esta zona aqui é muito boa para trabalhar porque é muito perto das saídas todas do Porto, portanto é muito fácil chegar a qualquer lado, é um bom ponto de partida para qualquer sítio. Para a auto-estrada para Lisboa, para a auto-estrada para Braga, para onde seja, é muito fácil entrar e sair daqui. E eu trabalhei muito tempo com Serralves, portanto era muito perto daqui também, portanto...

Entrevistador: Quando trabalhava com Serralves já vivia aqui?

Entrevistado 3: De início não, vivia nos Pinhais da Foz, mas eu trabalhei para aí doze anos, portanto estou aqui há dez, portanto a maior parte do tempo eu já estava aqui, acho eu.



Entrevistador: Com a Fundação Cupertino de Miranda nunca surgiu nenhuma...?

Entrevistado 3: Não, não, não. Só fui lá uma vez a um casamento, acho eu.

Entrevistador: Portanto o Museu em si não conhece mesmo?

Entrevistado 3: Não, não.

Entrevistador: Uma das coisas que eu penso que o Museu está a tentar fazer é tentar tirar algum partido das pessoas de cá, de Aldoar e eventualmente contar com a colaboração de profissionais, digamos com potencialidade na área artística, que possam existir mesmo na comunidade. Consegue perspectivar alguma possível colaboração se o Museu a abordasse para um projecto, para um trabalho em parceria, acha que teria interesse?

Entrevistado 3: Sim, sim, claro evidentemente que sim, muito interesse.

Entrevistador: Eu não sei se tem alguma opinião formada sobre o papel que os museus podem desempenhar nas comunidades onde existem e se gostaria de falar um bocadinho sobre isso.

(...)

Entrevistado 3: Por acaso em Serralves assisti a coisas muito engraçadas porque quando comecei a trabalhar em Serralves ainda nem sequer havia o Museu e Serralves. Acho que teve um papel muito grande nisso de levar a comunidade ao Museu e lembro-me (...) vi coisas muito engraçadas do género pessoas que iam a Serralves um casal de namorados assim novitos e eles queriam era ir para o Parque e as pessoas diziam “mas também dá para ver a exposição” mas as pessoas até tinham vergonha “ai não, não queremos, não queremos” as pessoas tinham vergonha de entrar no Museu e acho que Serralves serviu de facto para democratizar isso. Portanto antigamente entrar no Museu era assim: eu não tenho estilo para entrar no Museu, não estou bem vestido para entrar no Museu, quem sou eu para entrar no Museu e realmente Serralves abriu a porta a toda a gente e inclusivamente lembro-me... haviam exposições que eram interactivas, havia uma que era da Lygia Clark que era uma brasileira e então as obras eram para uma pessoa intervir e mexer e não sei quê e como eu estava muitas vezes lá a fotografar e nessa exposição estive muito, porque tinha que fotografar às vezes as pessoas a mexerem nas coisas, aconteceu-me ver escolas, os meninos muito pequeninos e depois passado uns dias os miúdos levarem os pais, por iniciativa deles, e a explicarem aos pais e pessoas que realmente não estavam habituadas a estar em museus e os miúdos a dizerem aos pais “olha que isto é giro porque” não sei quê, por isso acho que o Museu realmente tem esse papel de levar as pessoas lá e precisamente até essas pessoas que não estão habituadas porque realmente é super educativo (...). Acho que sim, acho que o Museu tem esse papel, mesmo de... Porque como tudo nós não gostamos enquanto não percebemos e há coisas que são muito fáceis de nós gostarmos é por isso que se liga a televisão e vêm a Júlia Pinheiro e gostam muito, porque aquilo não tem nada para perceber, que é qualquer coisa de entreter e as pessoas às vezes não gostam porque não percebem nada e a arte, o que acontece mesmo para quem percebe mais de arte, hoje em dia então... aquilo... uma pessoa entra ali e sai assim, “tá bem” e se as pessoas forem envolvidas e se lhes explicarem se perguntarem o que acham as pessoas começam a interessar-se por aquilo e foi o que eu senti em Serralves, de repente as pessoas interessam-se e aquilo diz qualquer coisa e querem saber mais e... O museu tem um papel extremamente importante. O Museu não pode ser uma entidade morta que tem ali umas coisas e agora vão ver ali, de vez em quando, porque nem dá, não é? Uma pessoa vai ver uma vez... ou é um museu como o Louvre que nunca mais se acaba de ver ou os nossos museus uma pessoa vai lá uma vez viu tudo. Portanto o Museu tem que ter mesmo esse papel de chamar a comunidade a ir para o museu, acho que sim.

Entrevistador: Hoje em dia fala-se muito do conceito de inclusão social e museus.(...) Falou na perspectiva inclusiva não é? Mas será que o museu também exclui?

Entrevistado 3: Isso é como tudo. Todos incluímos e excluimos. Mas em que sentido?

Entrevistador: Por exemplo: apesar de viver aqui e de saber que a Fundação Cupertino de Miranda existe nunca se sentiu interpelada a visitá-la.

Entrevistado 3: Eu passo todos os dias pela Fundação, vou-lhe ser muito sincera tem o museu do dinheiro, não é assim um assunto que me interesse nada, confesso, ir ver papel e notas não me interessa rigorosamente nada, quer dizer... interessava-me mais que fossem carros, apesar de não perceber nada, porque ao menos carros são giros por isso não me chama nada, mesmo nada a entrar naquele museu. As únicas vezes que eu entrei naquele museu ou estive para entrar foi sempre por acontecimentos sociais, porque de facto fui lá uma



vez ao casamento de alguém e depois houve lá uma festa que eu acho que não cheguei a ir, portanto para mim aquele museu não tem interesse nenhum, percebe? Não vou lá entrar porque não sei o que é que lá vou fazer. Nem sequer o museu, quer dizer, costuma a ter exposições temporárias? (...) Também o que acontece é que não se vê publicidade nenhuma do que se passa naquele museu, mas em lado nenhum, não sei se vem daqueles guias do Porto, mas não vem pela Internet, hoje em dia tem que vir pela Internet ou coladinho na parede, porque nós não vamos estar a ler assim e procurar. Não vejo nada ali, realmente nunca tive, nunca lá entrei. (...) Mas houve uma coisa durante o Porto 2001 que fizeram com a comunidade de Aldoar isso foi muito engraçado. Foi muito giro. Eu lembro-me de ir ver isso.

Entrevistador: Chegou a assistir ao produto final ou assistiu de alguma forma à concepção.

Entrevistado 3: Não. Assisti ao ensaio geral, foi ao que eu assisti, acho eu, foi ao ensaio geral que eu fui e achei imensa piada porque lá está, porque se via como as pessoas estavam entusiasmadas a trabalhar naquilo, que à primeira uma ópera que era o Woyzeck que nem eu percebo bem o Woyzeck, portanto isso é... isso que eu acho que o museu tem que ter realmente essa vertente.

Entrevistador: Costuma-se falar sobre isso aqui? As pessoas desta vizinhança participaram?

Entrevistado 3: Não. Eu acho que foi mais dos bairros sociais. Depois é assim é engraçado, as pessoas são mais abertas do que estas pessoas que estão assim no meio-termo. Também porque essas pessoas estavam inseridas numa associação qualquer e foram lá buscá-las, portanto as pessoas já vão em grupo. Se viessem por aqui fora falar a um ou outro “ai eu vou? Depois não conheço ninguém” e não sei quê. Também ali como as pessoas já estavam associadas, era uma associação qualquer, portanto as pessoas... já havia uma dinâmica que é mais fácil tanto para quem vai buscar como para quem pertence, “olha até vou com a Maria e tal vamos lá” ver os outros aos berros. (...) mas eu acho que essa experiência foi gira e que mostra que há uma certa vontade aqui nas pessoas de participar em coisas e colaborar, eu acho que sim, eu acho que sim.

(...)

Entrevistador: Nós, nestas entrevistas, uma das coisas que estamos a pedir é que refiram sempre alguém, outro potencial da vizinhança criativo, um potencial daqui que também pudesse dar o seu contributo.

(...)

Entrevistado 3: para além dos R2 (...) Há mais fotógrafos, há o Pedro Magalhães, há o Pedro Lobo, que é um fotógrafo mais de produto e de publicidade, que tem ali o estúdio dele na Rua Fonte da Moura, tem por exemplo a vinaria Niepoort, que é ligada aos vinhos Niepoort, que era capaz de achar piada a qualquer coisa também, tem a minha amiga Susana que tem um restaurante vegetariano, tem professoras de ioga também, assim das pessoas que eu conheço, tem designers, há outro designer aqui em baixo também.

Entrevistador: Se tivesse que apontar uma pessoa que alinhasse numa conversa deste género.

Entrevistado 3: (...) A Susana que é uma que tem aqui a hortinha ela não é nada de artista é uma rapariga ligada à comida macrobiótica e tem um restaurante ali na Foz Velha, mas é porque é uma pessoa que tem os filhos aqui e é casada com um holandês e tem os filhos na escola aqui, agora ela dedicou-se ao restaurante de há uns dois anos para cá, mas ela era super interveniente na escola, é uma pessoa engraçada, que é a Susana Soares, é uma pessoa muito mais inserida, portanto não mora aqui, este não é o jogo dela, mas ali em cima. Ela conhece aquilo tudo e fala com toda a gente.

(...)

Entrevistador: Só para terminarmos eu gostaria que me caracterizasse em três palavras-chave o bairro.

Entrevistado 3: Tranquilo, sei lá... três palavras? Qualidade de vida, central.



Protocolo de Inquérito por Entrevista

Data: 18-01-2010

Local: Escola Básica do Segundo e Terceiro Ciclo Manoel de Oliveira

Entrevistado 4: Arnaldo Lucas

Território: Aldoar Norte

Sub-território: Rua Robert Auzelle

Entrevistador: Nós estivemos, em primeiro lugar, a fazer um levantamento de instituições que existem cá na freguesia. Porque o nosso objectivo, enquanto Fundação, é estabelecer uma espécie de rede de trabalho entre algumas instituições para um projecto que ainda se está a desenhar, porque depende da vontade das várias instituições e, para isso, estamos a realizar reuniões com várias entidades e algumas que já nos conhecem vão ao museu, nós vamos a outras também e criámos uma espécie de base de dados. Dessa base de dados geral fizemos uma selecção de algumas instituições que nos pareceram que estariam no activo, porém viemos a saber, porque não somos de cá e estamos a explorar, viemos a saber, por conversa com uma pessoa ou com outra, que algumas dessas associações que nos pareciam que estão no activo até podem nem estar e outras que nos pareciam que não desenvolviam um trabalho na área social e cultural até desenvolvem e era nesse sentido também que gostaríamos de conversar consigo. Portanto, nós temos uma listagem e a maior parte delas já temos confirmado e até já conseguimos contactos mas há aqui algumas associações concretamente, uma associação que nós encontramos designada como associação cultural e artística de Aldoar que não conseguimos nenhum contacto, não sei se...

Entrevistado 4: Muito bem! Isso já não funciona.

Entrevistador: Pronto! Outra que se designa Associação Cultural e Recreativa Praceta da Cidade da Praia.

Entrevistado 4: Isso existe.

Entrevistador: E sabe-nos dizer quem será a pessoa que está a dirigir?

Entrevistado 4: José Aureliano.

Entrevistador: Têm sede?

Entrevistado 4: Têm, na Praceta da Cidade da Praia.

Entrevistador: Mas estão lá durante o dia?

Entrevistado 4: Não, não, não... Neste momento aquilo existe... Eles têm umas instalações que estão a recuperar mas têm havido algumas dificuldades com licenciamento, porque foi transformado... umas caves de um edifício num espaço de trabalho com um escritório e não tem sido fácil vir o licenciamento municipal, pelo que aquilo tem estado assim um bocadinho lento. Mas, mas eles têm alguma actividade. Mas ainda não é aquilo que eles eventualmente gostariam porque as condições físicas e instalações ainda estão muito... Até porque eles têm andado a fazer obras, até para cumprir os requisitos que o próprio município colocou e tal, mas existem.

Entrevistador: E sabe dizer que tipo de actividades é que eles normalmente desenvolvem?

Entrevistado 4: Eles neste momento, tanto quanto eu conheço não têm muita coisa para fazer, estão à espera que as instalações estejam funcionais para depois... eles tinham ideia de ter lá uma sala para actividades culturais e agora... é que... penso que ainda está numa fase muito embrionária.

(...)

Entrevistador: Outra associação é a Associação Recreativa e Cultural Largo 3 de Fevereiro.

Entrevistado 4: É sim senhor, aqui à frente mesmo.

Entrevistador: E está em funcionamento? Nós temos aqui um contacto – José Correia.

Entrevistado 4: José Correia é o... Eu não sei se é... mas é mesmo aqui à frente. Ao descer a sede temos o segundo portão em baixo e em frente tem lá uma porta, é nessa porta.



Entrevistador: E costuma estar em funcionamento durante o dia ou só...

Entrevistado 4: Sim, sim. Eles não têm assim, que eu saiba, neste momento muitas actividades mas quer uma associação quer outra associação nasceu um bocadinho do funcionamento dos condomínios, quer uma, quer outra. Por acaso é curioso que as duas nasceram um bocadinho na base dos administradores do condomínio e portanto que dinamizaram depois a associação (...) os condomínios não são pessoas colectivas para fins... Portanto isso foi uma forma... Mas eles têm algumas actividades, não é assim muito relevante mas...

Entrevistador: Nós também fizemos o levantamento de algumas cooperativas... e hoje por acaso numa reunião disseram-nos que o professor estaria ligado à Cooperativa CETA.

Entrevistado 4: Sim, sim, sou da direcção.

Entrevistador: E na altura quando fizemos o levantamento das instituições pareceu-nos que seria apenas uma cooperativa, mas tem valência social.

Entrevistado 4: Sim, neste momento temos através de uma outra cooperativa... portanto a cooperativa CETA... Há a CETA e a CETA social, que são duas cooperativas. A CETA é do ramo da habitação e construção, que é a mais antiga, faz agora em Julho 33 anos, e tem uma mais recente que é a CETA social, como o próprio nome diz é uma cooperativa do ramo da solidariedade social, portanto o código cooperativo tem vários ramos desde a habitação, construção, habitação e também do ramo da solidariedade. Portanto a CETA social nasce no seio da CETA, eu costumo chamar a CETA mãe e a CETA filha, exactamente para cumprir determinado tipo de objectivos que a CETA por ser do ramo da habitação não poderia desenvolver, nomeadamente ao nível da habitação social e neste caso estamos a construir... está quase... estamos a tratar das licenças neste momento... um lar para a terceira idade e apoios domiciliários. Portanto foi construído pela CETA e vai ser gerido pela CETA social.

Entrevistador: As valências serão essencialmente terceira idade?

Entrevistado 4: Terceira idade.

Entrevistador: Em termos de outras associações de cá há alguma associação cultural que conheça que esteja em funcionamento?

Entrevistado 4: Ora bem... não sei se... Conhece o Teatro Vilarinha, isso é óbvio. Há uma associação que não sei se deve estar com algumas actividades relevantes, já teve há tempos, há vinte, trinta anos já teve, agora as pessoas envelheceram... que é a Associação Cultural e Recreativa de Aldoar, é assim que se chama. Não sei se têm o nome dela?

Entrevistador: Nós temos a Associação Cultural e Artística. Acho que não...

Entrevistado 4: Não. Associação Cultural e Recreativa de Aldoar. Na rua Martim Moniz. Na esquina com a rua Vila Nova.

Entrevistador: Mas continua em funcionamento, apesar de já estar menos activa...

Entrevistado 4: Sim, sim... e tem uma sede própria, tem instalações não muito relevantes, mas tem instalações próprias.

Entrevistador: As restantes instalações que nós temos referenciadas... em termos de associativismo depois existe aquele leque de associativismo desportivo.

Entrevistado 4: Sim, no desporto têm o Desportivo António Aroso, têm o Grupo Desportivo da Vilarinha, o Grupo Desportivo da Fonte da Moura, o Desportivo de Aldoar, portanto, também... chama-se Desportivo de Aldoar. Neste momento são as mais relevantes.

Entrevistador: Mas são essencialmente...

Entrevistado 4: Desporto, desporto... entidade desportiva.

Entrevistador: Penso que eram essencialmente estas as informações que nós pretendíamos... Ainda hoje foi feita uma reunião. Foi com o Contrato Local, foi com alguns Centros de Dia não só de Idosos mas também de Crianças, nomeadamente a ODPS.

Entrevistado 4: Pois dessas não falei porque vocês já conhecem.



Entrevistador: Que também era cruzar as instituições e trabalhar umas com as outras... A ideia seria colocar as crianças e os seniores a trabalhar uns com os outros. A desenvolver algum tipo de actividade e também através do CEFPI tentar arranjar um bocadinho de actividades para as pessoas com necessidades especiais. Ainda não sabemos muito bem que associações é que podemos contactar para isso mas também temos referência ao MADI. Não conseguimos entrar em contacto.

Entrevistado 4: O MADI é o Movimento de Apoio ao Diminuído Intelectual é... existe ... funciona... mas eu vou-lhe explicar a APPACDM funciona em instalações construídas pelo MADI, portanto o MADI é uma espécie de incubadora e portanto entregou as instalações à APPACDM. São pais que têm pessoas com ... deficiência intelectual e que promoveram a construção de um centro mas que entretanto por decisão interna do MADI decidiram não ser eles a fazer a gestão... enquanto na CETA nós construímos a CETA social porque a Lei não permitia que nós estabelecêssemos protocolos com a Segurança Social só as IPSS e as Cooperativas do ramo da solidariedade é que podiam protocolar, portanto nós não temos hipótese de protocolar. Portanto criamos uma cooperativa do ramo da solidariedade para cumprir essa função. O MADI de certo modo não criou... Já existia a APPACDM e então entregou-lhes a gestão a eles. Mas existe essa qualidade, eu até por acaso até sou Presidente da Assembleia Geral do MADI. Existem, então por dentro, ainda agora acabaram de construir um lar para deficientes idosos, idosos... não são idosos, mas que os pais são idosos e portanto... dependentes e com os pais como é que ficam? Não é? E em princípio vai ser entregue à APPACDM. Aliás é atrás das instalações, construíram um lar e vai-se entregar à APPACDM para fazer a gestão. Eles próprios não têm actividades directas.

Entrevistador: Pronto, então será que há pessoas na própria APPACDM que fazem parte dos Órgãos do MADI.

Entrevistado 4: Não, não!

Entrevistador: É porque nós não conseguimos... Portanto, nós temos um contacto telefónico.

Entrevistado 4: A Dr.ª Josefina Bezenga é a coordenadora.

Entrevistador: Sim, nós com a APPACDM não tivemos dificuldade em contactar, mas com o MADI ligamos há um número que também é fax e passa para o fax.

Entrevistado 4: Porque eles vão lá pouquinho tempo. As instalações são atrás da Junta de Freguesia.

Entrevistador: Mas nós enviamos fax, será que o fax?

Entrevistado 4: Sim funciona.

Entrevistador: Vamos aguardar então pela resposta. Bem é esse tipo de informação de que precisamos que não conseguimos, nem mesmo ligando para os contactos que temos, conseguimos obter resposta. É importante falar com alguém, mesmo da comunidade, que conheça bem as diferentes instituições. E são essas dúvidas que... Ah outra dúvida que nós também tínhamos: o projecto Acreditar foi novamente aprovado?

Entrevistado 4: Foi aprovado. Portanto vamos entrar na Quarta Geração por três anos, 2010, 2011 e 2012. A Escola Sede, o Agrupamento é a entidade promotora e temos três parceiros, agora quatro, a Junta de Freguesia, a CETA social, a Associação de Ludotecas, que é um parceiro muito forte nosso, com quem trabalhamos muito em parceria, e a CPCJ, são agora, digamos, os parceiros do projecto Acreditar.

Entrevistador: O corpo técnico mantém-se?

Entrevistado 4: Sim. É praticamente o mesmo, aliás reforçado agora, felizmente através de um outro projecto – os territórios educativos prioritários – e que vai ter reforço, agora acabei de receber uma menina, uma jovem, que é animadora cultural e que em princípio vai ser... portanto vai integrar o projecto e em princípio vamos meter mais um técnico. Estamos a definir qual o perfil que vamos querer. Estávamos a pensar que fosse um técnico de serviço social mas como através do projecto TEIP já temos um técnico de serviço social provavelmente vamos procurar um técnico para outras valências.

Entrevistador: Então entramos novamente em contacto com o projecto Acreditar.

(...)



Protocolo de Inquérito por Entrevista

Data: 14-01-2010

Local: Teatro Pé de Vento

Entrevistado 5: João Luiz

Território: Aldoar Norte

Sub-território: Rua da Vilarinha

Entrevistador: (...) nós, sucintamente, nós estamos a iniciar um trabalho em que o museu está a procurar conhecer melhor a comunidade que o envolve, as instituições que a compõem e de alguma forma a procurar ligações entre estas instituições, para procurar também criar uma comunidade mais unida mais comunicativa e daí ser tão importante contactar convosco que já existem aqui há bastante tempo.

Entrevistado 5: Há uma dezena de anos.

Entrevistador: E a sua pessoa, acima de tudo, que está sempre ligada a este projecto. Portanto, eu gostaria de começar por saber algumas informações sobre si. Fale-nos um bocadinho de si.

Entrevistado 5: De mim? Bom, tivemos... eu há uma dezena de anos, 66 e 75, que não estive cá, estive exilado em Bruxelas, na Bélgica, no fundo sempre, digamos, sempre digo, já antes de 66 estava ligado ao teatro, portanto praticamente mesmo a minha carreira como... ou a minha primeira, meus primeiros trabalhos ao nível de encenação começaram aqui no Porto ligados ao TEP, portanto tenho quase 40 anos disto. Parte destes 9 anos, como eu disse, que estive no exílio, na Bélgica e que também continuei a trabalhar em teatro depois a seguir, 74, logo em 78 e depois de 2 anos a dar aulas, como naquilo que eram as antigas escolas do Magistério Primário, ainda antes das escolas superiores de educação, embora esse projecto já existisse, que vinha salvo erro de 73 e do Veiga Simão, eu resolvi deixar este lado do ensino directo e dei todo o som... digamos que tive nos primeiros, nas primeiras pessoas logo no ano lectivo 76/77 75/76 mesmo em termos daquilo que foi, que é actualmente expressão dramática, que era movimento e drama, chamados de movimento e drama, portanto na introdução disso nas escolas de preparação de hoje dos professores do magistério primário, professores do primeiro ciclo e depois foi um Pé de Vento em 78 e cá continuo até hoje, levando, continuando à frente do Pé de Vento e continuando a dirigir o projecto que durante, ao longo de 78, que desde 78, nestes 30 anos 31 anos que teve várias fases de desenvolvimento, até que em 96 e depois de ter estado em vários sítios da cidade, até que em 95 iniciamos o processo de construção desta sala de espectáculos e deste edifício aqui, portanto fazendo parte de um projecto de 94 da instalação das 3 companhias mais antigas do Porto e, portanto, acabou por se entrar em acordo e ficar aqui e foi, e nós cá ficamos.

Entrevistador: A escolha deste local prendeu-se com alguma...

Entrevistado 5: Prendeu-se assim a uma questão tripartida, quadripartida, entre nós o Governo Civil, em localmente entre o Presidente interessado, processo desencadeado pelo Governo Civil através do Ministério da Cultura, nessa altura ainda Secretaria de Estado, com a Câmara e com, digamos, a Secretaria de Estado, portanto é um processo em que entravam essas 3 entidades que financiavam, portanto, financiavam creio eu 80 % e 20% eram nossos, portanto acabou por calhar aqui, porque na medida em que o Estado ou digamos a Secretaria de Estado atribuía determinada verba e foi avaliado através do Instituto das Artes Cénicas, foi dito que este espaço é que era, porque havia um outro espaço que hoje foi transformado que era atrás do que era na rua da Porta do Sol. Atrás do teatro de S. João que nessa altura ainda estava em vias de se transformar em Teatro Nacional mas que acharam que era demasiado caro para o dinheiro que eles tinham, de maneira que das 2 ou 3 possibilidades eles disseram que este dava, portanto é uma coisa assim aceite dessa maneira. Não é propriamente, preferia estar no centro da cidade, numa casa muito maior, mais bonita, mais antiga, numa edifício que hoje está demolido, mas era um edifício de finais do século XIX, portanto da velha construção, digamos como seriam os teatros, uma galeria, um espaço, mas foi abaixo, desapareceu da cidade e aquilo realmente as verbas nessa altura salvo erro tinha de determinado 300.000 contos para o teatro do Campo Alegre, para o que viria a ser o Teatro de Campo Alegre que já tinha iniciado a construção era 150.000 para o TEP, Teatro Experimental do Porto e 50.000 para nós. Tinha sido assim, eles é que decidiram.

Entrevistador: Portanto a vossa relação com Aldoar a relação prévia com este território...



Entrevistado 5: A nossa relação prévia... com este território vinha com utilizarmos este edifício anteriormente... não só... algumas vezes para darmos alguns espectáculos para aqui e numa última fase que nos servíamos deste edifício para ensaios, portanto nós já nos servíamos deste edifício para a construção de espectáculos e de cenários. O facto depois de transformar isto na sala, que foi esse processo portanto aqui a Junta de Freguesia funcionava outras coisas, portanto foi tudo limpo, alterado e feito isto. Havia essa possibilidade de transformar isso. Havia a possibilidade de transformar isso, na medida do que tinha sido um processo que tinha sido iniciado acho que antes de noventa, uma coisa assim qualquer, na medida em que a Junta de Freguesia tinha adquirido este edifício chamado a Fazenda Nacional uma vez que isto era do Ministério das Finanças, Guarda Fiscal, portanto era um processo que vinha, sendo isso um posto de fronteira, vinha daquilo que hoje é a Direcção Geral de Impostos, portanto através dos vários nomes, portanto era o edifício onde se cobravam impostos, portanto era propriedade do Estado. O Estado vendeu e a Junta comprou, portanto é um edifício que pertence à Junta.

Entrevistador: Desde então, desde o momento em que se instalam definitivamente aqui, como tem sido a relação com os vizinhos?

Entrevistado 5: Tem duas vertentes, uma que é a nossa instalação no local e a outra que é a outra dimensão do Pé de Vento que ultrapassa a cidade e que é mais... como é que hei-de dizer... na medida em que hoje que esta sala de espectáculo são de mais 50... Não é portanto a área a de intervenção aqui traçada de espectáculos é de mais de 50 km, aqui à volta do Porto. Portanto o público jovem que se desloca, não é, embora haja esporadicamente outros, mas isso é muito esporádico, pode ir até Freixo de Espada à Cinta. Mas o que diz e que é verdade, portanto também tem-se esse facto de ser uma sala que está aberta durante toda essa... todo o ano, permite que haja visitas e o facto de estarmos perto do Parque da Cidade, que se há visitas ao Porto, que possam visitar um teatro mais noutra ordem. Agora a questão começa a ficar menos importante na medida em que há em Vila Real o Teatro Municipal e o Teatro Municipal da Criança, ou seja, as populações, mesmo do interior, passaram a ter equipamentos na sua área geográfica, portanto “né”, não precisam de fazer 200 km para encontrar um equipamento e, realmente, essa questão alterou-se muito nos 10 anos, “né”, fundamentalmente aí há um outro desenvolvimento portanto só se fica com essa parte do público que tem a ver com os espectáculos e com o público organizado, ou seja as deslocações das escolas, os professores, etc., etc. não é? Pronto. Tirando agora estes 2 últimos anos de crise... qualquer das maneiras mantém-se esse grau de influência. Portanto este é um lado, que é o lado do Teatro Pé de Vento e do lado da sala de espectáculos pelo facto de estar aqui, cobre uma zona maior de actividade teatral, e a actividade artística cobre uma área muito maior, não é? Depois localmente é por um lado, isto é, temos um protocolo de cedência do próprio edifício com a Junta de Freguesia, o que é também para nossa salvaguarda mútua, não é? De criarmos uma obrigatoriedade de acolhermos, digamos, de acolhermos, digamos, as realizações das instituições locais. Isto também é uma obrigatoriedade. Por que a gente já sabe... Senão estamos sempre ocupados... se não temos essa obrigatoriedade, se não pomos isso ali escrito no papel, acaba por pouco a pouco de se deslaçar, há esse tipo de obrigações, obrigação também em termos de uma outra obrigação, não propriamente escrita, mas determinado... porque é complicado escrever... que é que a população escolar que frequenta as escolas no território de Aldoar tem acesso aos espectáculos, com marcação prévia, etc., etc., também isso não pode estar escrito porque não se pode fazer isso com as escolas, nem as escolas não têm autorização de fazer isso, mas esse entendimento existe. E, portanto, a partir daqui tudo isso se movimenta com os vizinhos mais próximos, não é? Com os que estão aqui ao lado e em frente, na medida em que isto é um edifício autónomo, não é? Portanto, é um edifício autónomo. Não implica outro tipo de relações com a vizinhança e daí que não há ruídos que passam e perturbam os vizinhos e pronto estamos aqui no meio do bairro e vai-se convivendo... e que merece conviver e com algum cuidado porque é evidente que nós quando viemos para aqui somos um corpo estranho numa comunidade, não é? E também as pessoas também não são... aves raras ou alguns poderão ser aves raras que trabalham nesta área, não é propriamente, digamos, são assim uma dezena, uma dúzia ou duas dúzias de pessoas que concentradas são bastante diferentes do resto, portanto isso é preciso conviver, é preciso que as pessoas se habituem uns aos outros.

Entrevistador: Como é que caracterizaria numa palavra-chave esta comunidade?

Entrevistado 5: Essa comunidade tem estado e vai-se mudar, transformar completamente... digamos nestes últimos 10 anos... em primeiro lugar tinha uma parte ainda rural, estes terrenos de cultivo, não é? E portanto isso vai desaparecer. E integra-se rapidamente e tinha uma população maior, tinha umas ilhas antigas que apesar com casas não estão... umas melhores e outras piores... e essas ilhas desapareceram, mais de metade desta população que vive nesta rua já foi embora, hoje ainda existe uma para aí duas ou três casitas, onde a gente tem o armazém e desapareceu essa e agora vai-se transformar, com essas vivendas todas aqui à volta



acabou. A população daqui virou completamente, hoje se calhar os cafés deste lado vivem mais da população da Biquinha, do bairro da Biquinha, que está do outro lado, do que da população deste lado. A escola primária fechou por falta de crianças, vai ser esquadra de Aldoar, portanto essa rua mudou completamente, veio o CLIP, não é? Toda essa gente fina como se costuma dizer, o tipo de população, de juventude que vai ao Vilarinha Futebol Clube, ou à associação aqui mais do pessoal da terra ao Vilarinha Futebol Clube e, portanto, que como tem ali uma esplanada os putos vêm fumar para a esplanada, portanto há aqui um jogo de prolação que nos últimos anos mudou completamente. E tem esse tipo de aceitação mútua, isso tem esse bairro bem encabeçado, tem o Vilarinha, as pessoas daí que bebem uns copos, vão para as cervejas, discutem o futebol e os miúdos e miúdas fardados do CLIP, com a farda azul escuro. Não é poliçada para discutir as suas coisas, discutir carros e outras coisas, como discutem os putos não é? Ainda por cima abastados, portanto há aqui uma coisa... convivo razoavelmente, vou aqui ao café ao lado, com as pessoas e essa convivência foi-se fazendo não sei se contribuímos para isso, se já cá estávamos ou não, ou se nunca ninguém saberá como é que isto se faz, mas hoje esta parte daqui, que era um circuito bastante fechado, que era um circuito relativamente fechado, porque quem vinha da Biquinha, etc., etc., portanto aquela escola só fechou proactivamente há 2 anos, tinha 10-12 alunos demorou anos para fechar. E uma delas, uma miúda que vive ali em frente, que hoje já é moçoila e que a gente viu com o avô até há 10 anos, a gente já conhece há 11, deve ter 13 ou 14, o avô lhe dava a sopa à janela, já vai na segunda, portanto o avô dá-lhe a sopa à janela, e vinha atrás da neta e começou a vir ver os espectáculos sozinha.

Entrevistador: Ele de alguma forma...

Entrevistado 5: Portanto a nossa ligação de várias maneiras, uma criança estava ali, que tinha curiosidade e como todos os miúdos e tinha entrada, entrava sozinha, passou a vir aos espectáculos desde que tinha 4 ou 5 anos e dizia à avó, a gente depois leva lá a casa. Portanto dizer que... digamos que há uma ligação que é feita a vários níveis também da nossa parte porque resolvemos abrir e criar essa relação de laços.

Entrevistador: Têm assimilado na instituição em si, pessoas da comunidade, na companhia?

Entrevistado 5: Isso já é assim, houve um período que sim, um período não, ultimamente não. Digamos um bocado ao nível das empregadas de manutenção, vulgo empregadas de limpeza, o melhor é ter das redondezas, porque assim ficam a conhecer, quando está lá fora não temos problema nenhum. É melhor correio para dar informação à comunidade... foi termos empregadas de limpeza do ciclo. Não há empregada de limpeza que não conte o que se passa, portanto é óptimo, toda a gente ficava a saber o que se passava aqui dentro se tinha curiosidade tinha o informador Director. Portanto quando fizemos obras em 2001 e a casa ficou destelhada fomos contratar uns ciganos do Bairro de Aldoar para vir guardar as obras durante três meses... chegamos a guardar as obras durante 3 meses, portanto o cigano chegava aqui com a família, tinha acesso ao duche e dava banho à comunidade e guardava isso tudo. Portanto hoje os ciganitos já estão grandes, já estão todos grandes portanto a nossa integração foi inclusivamente buscar os ciganos para guardar, para ninguém roubar nada e eles guardaram. Portanto, a nossa ligação foi feita a esses níveis. Os ciganos aqui é que guardavam as obras todas, ainda hoje guardam. Guardam as obras do CLIP são os ciganos coitados. Eles não têm coitados... ou estão nas feiras ou têm que fazer alguma coisa. Havia uma linhagem que eram guarda das obras, alguns ainda haviam... portanto a gente também foi buscar um cigano para guardar as obras. E vinham à noite tinha a mulher, com os filhos e ela entrava às 7 da noite e saída às 8 da manhã e vinha ela a mulher, os filhos, vinham cá, traziam comida, pizzas, sei lá, o que lhes apetecesse. Portanto viemos... há esse tipo de ligação como se um corpo estranho que se instalado num sítio tem de conviver com o que há e o que há é ciganos e guardam obras com obras portanto eles que venham guardar não vou buscar ninguém de fora.

Entrevistador: Em termos jurisdicionais está a referir uma relação de alguma forma privilegiada com as escolas?

Entrevistado 5: Sim.

Entrevistador: Que escolas concretamente é que costumam visitar-vos, as que vos procuram?

Entrevistado 5: As daqui, não é? A EB 2, 3, que a EB 2,3 Manoel de Oliveira do qual inclusivamente eu faço parte do conselho consultivo sim, não da Assembleia... agora chama-se outra coisa qualquer e... portanto, o que era normal, mantermos essa ligação, damos apoio às realizações seja de que nível for ou vêm só ver os espectáculos ou quando montam os espectáculos ou quando eles tinham um próprio grupo de teatro, todos os anos representava, todos os anos passavam meses a ensaiar, a representar, a fazer cenários, os alunos e só tinham que representar e portanto ainda hoje se faz as festas com Projecto Acreditar, que é todo um trabalho que tem sobretudo os ciganos da Biquinha, sobretudo mantemos... a minha colega que mantém essa ligação no



feminino com as mães das ciganas e a gente tem conseguido trazê-las até ao palco, mesmo as prometidas... o que é realmente... quer dizer, a gente percebe porque aquelas miúdas não andam na escola, são mulheres feitas, há algumas bem bonitas e tal e aqui há um sitio onde as mães e os pais ainda permitem que elas se exibam. E aí vem a ciganada toda de língua de fora olhar para as raparigas todas. Mas isso ainda se consegue às vezes... são equilíbrio... um bocado... e as mães têm de ver lá atrás se não está ninguém, porque elas são prometidas, não é para brincar e os tipos ficam de guarda e a gente aceita essas regras todas e há aí uma... portanto isso também se faz, também se tem feito, dá algum trabalho e até hoje nunca houve problemas. Nunca houve problemas, também conheço as regras, sei que é assim e portanto isto ficou para... é um lugar aceite e é um lugar onde fiquei como uma ilha onde se pode vir se quiserem etc. Portanto, isso tem permitido também às próprias instituições locais fazerem as coisas que de outra forma não tinham qualquer possibilidade de fazer, porque não é a paróquia, porque eles não se dão... por que alguns são do Reino de Deus, outros são tantas coisas estranhas, adventistas e assim umas coisas, também se querem fazer sessões a gente abre a porta, a gente não se mete nisso, não se pode meter nisso... dá-se bem, portanto é neste espaço que fica como uma... como digamos um espaço neutro que fico como um local onde se pode passar várias coisas, que se permite que a comunidade se sinta que tem precisado umas vezes mais, outras vezes menos, não é?

Entrevistador: E para além das escolas dessa comunidade cigana concretamente, há outras instituições com que mantenham uma relação privilegiada, quando dizemos privilegiada, não por uma escolha mas porque aconteceu?

Entrevistado 5: Depende, há aqui no local isso... há assim... uma maior parte delas, a maior parte é através da Junta, ou fazem coisas, ou são parcerias, tudo que tenha a ver com isso ou com outras, digamos, ou digamos, ou com outras instituições, digamos, se fazem, sei lá, se fazem as coisas das folhadas, fazem isso tudo o que é preciso o som, agora não, agora já há equipamento, a Junta adquiriu... se não fornecemos iluminação, o som, criávamos isso tudo. Mas as instituições também umas vezes funcionam mais, depois 2 ou 3 anos, mudam a direcção, vão abaixo e acima, não há uma continuidade isso é um bocado descontínuo e nessa... pronto.... se há, há, se não há, estamos cá. Portanto funciona muito assim, nós estamos cá, se eles têm projectos e tal se quem tem unhas toca viola é o que costume dizer e mesmo assim com escolas também agora há e são 6 miúdas que são do 12.º, 11.º, 12º ano de uma Escola da Senhora da Hora que também têm um projecto e eu disse que quem tem unhas toca violas. Vocês têm a casa, se querem fazer o espectáculo fazem, depois tem de se fazer um projecto, se a gente está cá, o que vocês precisarem, o que podermos fazer fazemos, agora se vocês não pedirem não estejam à espera que eu vos ofereça alguma coisa. Vocês já têm idade para saberem o que querem é tratar as pessoas um bocado assim. Eu não faço nada para eles.

Entrevistador: Para não criar também relações de dependência que não são muito saudáveis.

Entrevistado 5: Exactamente. Digamos assim a nossa função não é essa. Nós temos um instrumento, não podemos dizer olha faz uma casa, que eu empresto-te um martelo. Se ele não quer a casa, para que é que adianta se precisa da madeira. Um espaço deste tipo, uma sala de espectáculos é um instrumento, ferramenta, mais nada. Portanto esta ferramenta pode servir para várias coisas mas se... cabe a quem, àqueles que quiserem fazer, saber se este instrumento serve ou não serve, agora nós não podemos oferecer o instrumento a quem não se quer servir dele. É tão simples quanto isso, é um instrumento não é? É uma ferramenta, não é mais nada, a não ser uma ferramenta. Se ele for tratado como ferramenta possibilita a que todos saibam que existe a ferramenta e que se quiserem experimentar e nós cá estamos. E nessa altura com o espírito da ferramenta... não interfira em nada do que eles querem. Preciso disso e a gente se puder faz, se não puder não faz, mas não interfere em nada do que eles querem fazer, a ferramenta não diz se a casa está torta ou não está, quem assenta o tijolo é que sabe se o quer pôr assim ou assim. É preciso cimento, toma e usa. Agora a maneira como põe o tijolo é lá com ele.

Entrevistador: Dar-lhes autonomia...

Entrevistado 5: Mais que autonomia é bater com a cabeça na parede, para experimentar se errar não há desgraça nenhuma, que a gente está cá para corrigir, se estiver para cair tem apoio. Há uma grande inclinação que aguenta e há outro grau que não aguenta, que cai e a gente só diz que há um limite e que a partir daí cai. Agora tem de escolher... Agora se cair não serve para nada, levanta e faz de novo. Porque todo o espaço... há um espaço que é o nosso, do nosso teatro e de profissional que é o nosso espaço não admite erros. Nós somos profissionais, portanto podemos ter coisas menos conseguidas, mas não admite erros nem falhanços, não é, se a agente é profissional não está aqui para falhar, está aqui para fazer, não é. Na escola, ou nas associações ou noutras coisas é que o erro é permitido, que o erro faz parte da aprendizagem. Há uma diferença em que no tempo em que se aprende e no tempo em que se executa. Portanto enquanto se executa não há, portanto eles



ainda estão num tempo em que há aprendizagem, há divertimento, há entretenimento, por isso podem errar, cair, não tem importância nenhuma, é para aprender. Se quer fazer coisas a sério, então isso é outra coisa, é a nossa actividade, quando pomos o instrumento à disposição é outra coisa. Agora é que se exactamente se for num espaço ou outro profissional ou quando nós acolhemos outro grupo, se a gente não fizer as coisas bem feito, isso meu caro amigo não é profissional, a gente não abre a porta ao público com coisas a cair aos bocados. Porque aí é público, não é entretenimento, não é a comunidade que vem ver, quero lá saber quem cai ou que não cai, a gente está cá para isso, para se divertir, desde que toque e que dê... são funções completamente diferentes, portanto não se pode dizer no mesmo sentido, não se pode confundir uma função com outra. Portanto o nosso trabalho, não é? Uma coisa completamente diferente dessa. E vai-se vivendo... como disse o outro... cá vamos equilibrando, portanto mantemos essa comunicação que é feita através das escolas, da Junta, já participámos numa ou outra em termos de S. Martinho com a paróquia, mas isso agora... ou com a Comissão Fabriqueira, mas isso agora está mais diluído, a Comissão Fabriqueira, também tem agora... existe um outro projecto um bocadinho maior a nível nacional também aí de toda a comunidade, nesse momento está um bocado afastado das coisas, está numa outra parte.

Entrevistador: E se os provocássemos a trabalhar, a trabalhar no museu, fundação e com outras instituições da comunidade estaria aberto à sugestão?

Entrevistado 5: Pois isso em termos de projecto já uma vez a Maria Amélia sempre falou que queria fazer umas coisas por causa do Museu Papel Moeda, tinha a ver até com nós tivemos alguns projectos metidos na CCDD, nomeadamente projectos com escolas que da experiência à prática teatral. E... mas ultimamente, desde que acabou o quadro comunitário isto parece-me mais complicado, não era preciso mais parcerias, de maneira que nunca chegamos em bem a sentarmo-nos à mesa com a Maria Amélia e saber, também é verdade que é um bocado complicada a questão não sei bem portanto ficou assim cada um no seu lugar, nunca chegamos bem a saber quem é que fazia o quê, foi sempre um problema de parceiras, quem faz o quê, e como é que se distribui essas tarefas, é sempre um bocado mais complicado, de maneira que nunca chegamos bem a definir. Mas damos-nos sempre muito bem, mas ficou sempre assim, portanto é um bocado neste tipo de parcerias é sempre... aliás, sempre disse que também não me importava nada que fosse a Fundação ou se o Museu meter o projecto, depois o Museu fez uma coisa com quê... eu acho que foi com a colaboração da Acreditar ou qualquer coisa, não sei... já não me lembro. Portanto, ficou sempre para se ver, sempre achei que um dia há-de se ver qualquer coisa. Acho que vai ser mais ou menos assim, portanto nunca estive de fora, teve sempre em aberto, nunca chegámos a conversar concretamente. Como é, que é... e nós nesta questão de este quadro não me consigo entender bem. Em termos de projectos, não temos muito, não é bem, bem, bem, aquilo que me interessa fazer, não sei como é que por dentro como é. Portanto, nunca abandonei um projecto da CCDD um projecto maior, mas não há maneira de... está muito mais complicado.

Entrevistador: Mas se houvesse um projecto que fosse parte do museu ou de uma das associações, aqui teriam disponibilidade de coordenar isso e que custos é que estariam envolvidos?

Entrevistado 5: Pois isso é uma questão de se ver o que é que é preciso, qual a nossa parte de participação, que custos é que isto possa ter...

Entrevistador: Por exemplo, ter uma pessoa que fizesse esse acompanhamento com uma escola, com uma associação...

Entrevistado 5: Sim, nós fazemos esse apoio em colaboração com a Junta. Mais ou menos isso, temos um protocolo com a Junta, nós fazemos esse apoio em colaboração com a Junta, ou seja, nós temos uma pessoa que dá expressão dramática, etc., nos lares de 3ª idade, paga pela Junta, ou seja, nós temos um protocolo com a Junta, de dar apoio aos centros de 3ª idade, atls, em termos de expressão dramática e etc. E que portanto dá essas coisas de música e expressão dramáticas às pessoas de idade. Tivemos o ano passado, agora com as eleições não sei quando é que querem começar, parece que querem começar em Janeiro, mas devemos fazer isso até Junho, Julho aos centros de 3ª idade, nós já fazemos isso. Ou seja, nós fornecemos x horas em coisa e a Junta depois paga, participa nisso. Porque nós não podemos por exemplo vender, tem de ser financiado por fora, se não nós não conseguimos.

(...) só sei que o Museu em termos de papel moeda, queria fazer várias coisas, agora não sei... creio também que houve essa parte de não sei como é que a Fundação com a Câmara como é que ficaram, não sei como é que estão, de maneira que há aqui uma coisa que com o tempo já passou.

Entrevistador: No ano passado também tivemos um projecto idêntico que está a tentar implementar este ano com a comunidade de Aldoar, Projecto Acreditar, o Contrato Local, várias entidades. E quanto à comunidade foi



a apresentação do dia mundial dos museus e foi a apresentação pública desse projecto, feito através de teatro com a associação dos alunos jovens deficientes.

Entrevistado 5: Sim, espaço T, agora o espaço T é um espaço maior, quanto o espaço T estava na rua do Sol isso é tudo uma questão de ver qual o projecto que....

Entrevistador: Vocês trabalham por exemplo com o Espaço t na realização teatral?

Entrevistado 5: Agora não, foi muito ao princípio, já aqui há alguns anos, até vieram uns tipos e veio acabaram por trazer um espectáculo de deficientes que veio de França e que quem organizava isso era amigo de uma pessoa que conhecia muito bem de León e portanto acabou por cá vir parar e isso foi dar a volta, agora não desde, que saíram dali e fizeram aquele espaço, aqui há 2 anos numa biblioteca...

Entrevistador: No Palácio de Cristal.

Entrevistado 5: Exactamente na Biblioteca Almeida Garrett, também tinha a colaboração com... conhecia as pessoas que estavam lá, mas nós directamente se fizemos por outras travessas, quem estava a fazer com eles, precisou de coisas, material e pediu-nos e nós emprestamos, mas não foi, não é, directo. É a mesma coisa... dá a volta.

Entrevistador: Uma das necessidades que foram diagnosticadas muito recentemente é o facto da comunidade ter uma série de instituições relacionadas com deficiência e a forma de ocupar de uma forma aprazível o tempo livre que não seja com tarefas rotineiras ou com as actividades planeadas pela instituições com o aprender a fazer, como lidar com o dia a dia, isso levantou uma questão o tempo livre destas pessoas deveria ser também um tempo de lazer e poderia para esse tempo serem organizadas um conjunto de actividades artísticas, de educação artística que suscitasse relações de...

Entrevistado 5: Nós sobre isso, sobre essa digamos... em termos de deficiência não sei, neste momento não tenho nem estou a ver, deficiência acho que nós já fizemos estágios, já tivemos, aceitamos um estagiário deficiente que esteve cá. Mas chegamos à conclusão que isto não é um espaço muito bom para isso, tem as suas vantagens, mas também tem as suas desvantagens. Em períodos em que realmente há muita coisa que se passa, períodos em que depois não há nada. Isso não é assim uma coisa, não é? Mas esse até também andava aqui, ali e era, mas depois era neto de um tipo do Aurora da Liberdade de Matosinhos e o avô é que veio cá chamar a ver se ele vinha para aqui. Teve aqui algum tempo a fazer exactamente, aliás foi... mas depois ele ficou que preferia ir para o Aurora da Liberdade e portanto para lá, não sei... nós até isso já fizemos, com os deficientes aqui da zona, mas mesmo seguido pelas técnicas achamos que tem de ser alguma... mas deixámos às técnicas que os conhecem, saber se eles se adaptam aqui ou não e os períodos não podem ser muito longos, ou é só durante os períodos em que há menor agitação ou durante 1 mês, ou 1 mês e tal, ou então não para 3 meses, pode haver período mortos. Porque a gente ensaia. Não é? Não se passa nada, ou passa-se muita coisa, trabalhar em coisas muito específicas, e ir por exemplo e depois à tarde ensaia-se e é extremamente monótono se for num período em que há espectáculos é uma agitação levada da breca. Acolher 50 ou 60 miúdos ou graúdos para os espectáculos, entra sai, é uma agitação de mais para aquela gente, mas tem a sua piada. Portanto... não sei... nem sei se esse protocolo ainda está válido, à partida está a não ser que a gente não quer mais, podem-se inscrever. Portanto, nós antes aceitávamos este tipo de gente, esse tipo de colaboração com os deficientes.

Entrevistador: Nós estávamos mais a pensar mais ao nível de coordenação de expressão dramática mesmo.

Entrevistado 5: Isso não sei, pode ser temos mas é de procurar alguém que seja disso ou que tenha alguma experiência disso, não é? Não estou a ver agora. Não tenho tempo e já fiz isso, mas fiz com gente nas prisões. Portanto é uma questão de estudar e saber quem é que poderá fazê-lo, como é que se pode ser coordenado. Porque é a mesma coisa que digamos assim que com a Junta. Em vez da Junta contratar alguém que depois não tem enquadramento, que depois não tem ninguém na Junta que oriente e que saiba e que siga e que tecnicamente não é aplicada não é a mesma questão que depois tem que se enquadrar a pessoa que pode ter aptidão, mas que enfim, há aqui aspectos que é preciso seguir, depende, agora é uma questão de se ver. Com deficientes implica à partida... implica uma acuidade e ver se há aí alguém... é capaz de haver alguém que se tenha aptidões para isso, porque não é a mesma coisa que dizer que é normal, e já a gente normal não é a mesma coisa que... porque estão fartos da vida, ou porque não têm prazer para aturar ninguém, porque há que já abandonaram as escolas há, etc., portanto digamos há tudo não é, uma comunidade são várias... Eu antes já encontrei uma professora extraordinária que veio aí com eles e que era relativamente nova e os tratava por monstros. "Oh monstro chega para aqui!" e trouxe os monstros do autocarro. "ando aqui com os monstros,



mas os monstros portam-se bem”. Os monstros olhavam-me assim e trouxe os monstros de autocarro. (...) Como estávamos a ver, é tudo uma questão de estudar e ver porque é um tipo de relação que se estabelece ou que não se estabelece e que pode funcionar. Com os deficientes é assim, mesmo com todos esses outros projectos de abandono escolar, que nós temos tido alguns ultimamente e que funcionam bem, uns funcionam melhor outros funcionam pior, mas é realmente depende dessa relação que se estabelece e que portanto da maneira que funciona o espaço. É tudo a ver porque aqui há realmente a questão, os deficientes e depois ainda há mais outra coisa qualquer...

Entrevistador: Há várias associações e era nesse sentido que gostaríamos de fazer um convite, no próximo dia 25 vamos realizar uma reunião na Fundação em que convidamos algumas instituições especificamente as que trabalham as pessoas com necessidades especiais e gostaríamos muito que estivesse presente, o teatro e também convidámos o grupo coral como duas opções culturais que existem.

Entrevistado 5: Qual o grupo coral?

Entrevistador: La etare, para estar presente, para talvez a partir desta conversa conjunta suscitar reflexões e eventualmente andamento do projecto, não estaria disponível?

Entrevistado 5: Dia 25 é Segunda-feira?

Entrevistador: É às 15h.

Entrevistado 5: É capaz de ser possível. É pode-se sim, é capaz de ser possível é. É uma opção de programar. (...)

Entrevistador: Agradecemos imenso o seu tempo... A intenção seria explorar a colecção do museu, em articulação com a própria vontade das instituições da comunidade e partirá de cada uma essa vontade ou não, se há interesse vamos avançar e acompanhar, se não houver interesse é claro que as pessoas são livres de não gostarem, de não se interessarem, de acharem que não vale a pena.

Entrevistado 5: É isso, é que realmente aqui o território de Aldoar tem um conjunto de equipamentos mas está tudo... porque começa por ter o pavilhão da água, não tem ligação a coisa nenhuma, está ali, funciona, mas está ali, até a Fundação se envolver. Portanto há que sempre houve uma desarticulação das próprias instituições do território. E isso é o que eu creio que se tornaria necessário mesmo perceber se havia alguma possibilidade de ir, de as próprias instituições instaladas no território se articulavam de uma maneira qualquer. Não faz sentido haver um pavilhão da água e haver o Museu Cupertino de Miranda e não terem ligações nenhuma institucionais. Faz sentido, acho eu. Já não digo para falar com o Pé de Vento ou coisa assim parecida, e digamos isso dever-se-ia tratar para além disso tudo, haver uma articulação com todo o resto.

Entrevistador: No fundo também estamos a tentar fazer...

Entrevistado 5: Porque o território de Aldoar, parecendo que não, tem coisas de vários tipos. O Pavilhão da Água ligado a ciência, às questões museológicas etc... Coisas que não têm articulação, um funcionamento, ninguém fala com ninguém.

Entrevistador: Mas existem potencialidades.

Entrevistado 5: Pois, potencialidades há sempre, isso sim, mas depois é como é que isso é possível fazer. Pronto, iremos ver.

Entrevistador: Muito obrigado.

Entrevistado 5: De nada.



Protocolo de Inquérito por Entrevista

Data: 24-02-2010

Local: Espaço Divinos, Rua da Beneditina, 213 B, 4150-135 Porto

Entrevistado 6: Susana Soares

Território: Aldoar Norte

Sub-território: Cooperativa SACHE (Cooperativa dos Arquitectos)

Entrevistador: (...) este ano para dar continuidade ao trabalho iniciado no ano passado nós estamos a fazer algo que está relacionado, mas não directamente, isto é, o que nós decidimos fazer foi no lugar de estarmos a trabalhar com diversos públicos diferentes concentrarmo-nos numa zona geográfica mais ou menos delimitada e tentar conversar com pessoas que vivessem naquele local, perceber quais eram as potencialidades daquela localidade o que pode ser feito e eventualmente que relação é que essas pessoas têm ou não com o museu, para percebermos, também, afinal como é que o museu está a conseguir chegar à população vizinha. (...) O que eu gostaria de começar por saber era como é que se apresenta, para ficarmos com um registo de quem é. (...)

Entrevistado 6: Ui... sei lá, depende muito, mas geralmente digo Susana Soares tenho o restaurante e centro holístico vegetariano Espaço Divinos. A minha área inicial de formação é de Letras, portanto eu sou de clássicas, mas na realidade o que eu gostei sempre de fazer foi de cozinhar e por isso depois de Letras, da área de clássicas, acabei por fazer nos Estados Unidos um curso de... um bacharelato em artes culinárias e foi assim que eu vim parar à área da restauração.

Entrevistador: E a Aldoar? Como é que foi parar?

Entrevistado 6: Eu gostava do sítio para morar.

Entrevistador: Mas já conhecia alguém que vivia...?

Entrevistado 6: Sim, a minha irmã, a minha irmã no fundo... nós vivemos num sítio que chamam a Cooperativa dos Arquitectos, provavelmente vai fazer lá mais entrevistas imagino eu, e o sítio é giro, pronto. E agora não sairia dali, da zona de Aldoar, porque tem o Parque da Cidade, é calmo...

Entrevistador: Há quanto tempo é que lá está?

Entrevistado 6: Seis ou sete anos.

Entrevistador: E conheceu o espaço mesmo através da sua irmã que foi viver para lá? Mas a vossa origem familiar não é de lá?

Entrevistado 6: Não, nós somos da freguesia de Ramalde.

Entrevistador: Na altura quando conheceu o espaço... quando se aproximou da localidade o que é que a atraiu, que elementos...?

Entrevistado 6: Pronto, eu fui para aquele sítio porque era da cooperativa, portanto era um lugar... basicamente porque gostava da casa. E também lá está a minha irmã e o sítio é agradável, é sossegado. À parte da minha irmã não conhecia... a minha prima foi para lá morar mas foi depois de mim.

Entrevistador: E já conseguiu contagiar alguém, já que falou na sua prima, através de si conseguiu que alguém também fosse viver para o espaço?

Entrevistado 6: Acho que não, por acaso não estou a ver.

Entrevistador: Depois de estar lá a viver a expectativa que tinha em relação a viver naquele local foi confirmada ou entretanto...

Entrevistado 6: Sim, sim, foi confirmada. Até é mais agradável do que eu viria a pensar. Tem uma coisa de que eu gosto muito, devo ser diferente das outras pessoas nisso, é que é muito eclético, portanto nós vivemos num sítio relativamente privilegiado, as pessoas são quase todas formadas ou com mestrados, arquitectos por isso chamam a cooperativa dos arquitectos e de frente temos o bairro da Fonte da Moura, e do outro lado temos uma cooperativa mais económicas e do outro lado temos uma que ... dessa mistura eu gosto, se bem que essa mistura não acontece na realidade é muito... muito segmentado. Mas eu gosto de um sítio eclético. Eu, por



exemplo, nunca viveria num condomínio fechado, nunca iria viver para uma zona chique, se bem que aquele bocadinho onde eu estou... e agora, surpreendentemente, Aldoar está a ficar muito chique.

Entrevistador: Como é que se denomina exactamente a localidade onde vive?

Entrevistado 6: A rua José Fontana. Mas é um complexo de três fases de uma cooperativa Sache – cooperativa solidária e amizade, e essa cooperativa é conhecida, de facto, pela cooperativa dos Arquitectos, porque vivem lá muitos arquitectos. As casas são do Correia Fernandes, do arquitecto Correia Fernandes e pronto, na altura foram inovadoras, agora se calhar já não são tanto. Portanto... são desniveladas, são todas de tijolo por fora, portanto na altura foram inovadoras e atraem um certo tipo de pessoas que gostam de viver numa casa diferente. Pois claro as casas de banho são pequenas e os quartos são pequenos relativamente aos padrões actuais, mas atrai pessoas que gostam de um determinado tipo de casa.

Entrevistador: E quando é que foi construído?

Entrevistado 6: A minha fase tem para aí treze, catorze anos.

Entrevistador: Portanto é relativamente recente. E considera que se enquadra bem na dinâmica geral da vizinhança.

Entrevistado 6: Como por exemplo?

Entrevistador: Em termos arquitectónicos... a relação com o restante é equilibrada?

Entrevistado 6: Sim, sim, sim. Até é muito equilibrada e isso também é agradável, que eu faz-me impressão quando é muito díspar, quando são casas muito diferentes umas muito altas e outras muito baixas, ruas muito largas e outras muito estreitas, faz-me um bocado de confusão. E dentro é sossegado, portanto a partir do momento que a gente entra nas ruas de habitação, não é... é perto da rua de Moçambique... e partir do momento em que se entra para dentro é sossegado, portanto, os miúdos podem brincar, jogar à bola cá fora, ir à padaria, essas coisas.

Entrevistador: Falou-me à bocadinho do facto de Aldoar ser segmentado naquela localidade... Podia-me falar um bocadinho mais sobre essa percepção que tem, como é que se encontra distribuído e como é que se interrelaciona, ou não.

Entrevistado 6: A minha, a minha, a minha impressão é que não se interrelaciona, portanto, por exemplo, eu posso dar um exemplo, nós realmente... isto é assim: tem a rua de Moçambique e depois aqui, mais ou menos, tem a nossa cooperativa, tem um prédio e depois tem assim uns assim seguidos, pronto e aqui tem a rua da Fonte da Moura e aqui tem outra cooperativa, a Hazal, e eu penso que os meus filhos são os únicos que tanto brincam aqui, como brincam aqui. Estes miúdos daqui, do bairro, podem vir eventualmente brincar para aqui, mas nunca vêm brincar para aqui a não ser que seja para fazerem alguma... mas nunca vêm. Aqui, por exemplo, temos um espaço verde e eu propus uma vez, numa reunião de condomínio, colocar lá um escorregão, uma daquelas coisas de mola para os miúdos poderem brincar e para não ser só para os cães. A primeira questão que os meus vizinhos me puseram foi “e depois vêm os meninos do bairro brincar” e eu “disse sim e qual é o problema, nós temos três guardas desde que eles não estraguem o equipamento qual é o problema”. Mas realmente essa integração, que eu acho que se deveria fazer, não se faz. Os meus filhos andam nesta escola aqui, mas eu penso que dali, daqui, são os únicos que andam nesta escola primária. Que serve o bairro, mas que também serve as outras cooperativas, serve a zona toda.

Entrevistador: E por que motivo é que a maior parte destas pessoas não frequentam esta escola?

Entrevistado 6: eu penso que... pronto, ou vão para um colégio ou vão para uma escola do mesmo agrupamento que é o Agrupamento Manoel de Oliveira, que é a Escola da Ponte, que é considerada melhor e, basicamente, quando dizem melhor é em termos sociais... que as pessoas basicamente têm uma formação, ou são formadas ou têm o 12.º e têm outro poder de compra e não vivem no bairro. E outros que frequentam esta escola nem sequer vivem... a maior parte são destas cooperativas aqui à volta, mas muitos nem sequer vivem no bairro já, porque os pais já saíram e têm ali os avós.

Entrevistador: Questões de segurança, sente-se segura por viver... portanto não sente minimamente ameaçada...

Entrevistado 6: Ao contrário dos meus vizinhos não me sinto ameaçada. Os meus filhos brincam cá fora, vão à padaria, vêm da padaria sozinhos, vão para a escola sozinhos, vêm da escola.



Entrevistador: A pé?

Entrevistado 6: A pé, sim fazemos tudo a pé, aliás foi uma das coisas...

Entrevistador: Que idade é que eles têm?

Entrevistado 6: Um tem dez e outro tem sete. Aliás foi outra das razões por que eu quis vir morar para aqui, porque está perto das escolas. Andaram neste infantário da rua de Angola que é mesmo no meio do Bairro. Mas portanto eu noto que sou a única. Depois na Manoel de Oliveira, na EB 2,3 sim já há miúdos daqui que depois de irem para o colégio ou para a Escola da Ponte vêm para a Manoel de Oliveira. Agora, porque há sete anos não era assim.

Entrevistador: E os seus filhos têm amigos que são destas localidades diferentes?

Entrevistado 6: Sim, daqui, daqui, daqui, eu ponho assim porque aqui é muito gritante. Ou mesmo aqui tem a nossa cooperativa e a seguir tem Nova Ramalde e mesmo assim é diferente, mas esta diferença que realmente os meus filhos vão brincar para aqui, para aqui, para o bairro nunca vão, mas para aqui... de facto esta coisa clara que de facto estes miúdos nunca vêm brincar para aqui, assim como estes não vêm brincar para aqui, para mim é gritante.

Entrevistador: Se pudesse caracterizar em três palavras cada uma destas hastes, destes vértices do triângulo como é que caracterizaria?

Entrevistado 6: Sei lá, aqui é o bairro, basicamente é o bairro da Câmara, até é bem fixe, mas é o bairro da Câmara, e se calhar classificava assim, eu acho que as pessoas mesmo classificam porque mesmo quando se referem a aqui é a cooperativa dos Arquitectos e pode ser um bocado elitista, agora está melhor mas pode ser, realmente, elitista, sei lá nós temos aqui um cafezinho e realmente as pessoas vêm tomar café aqui à noite mas, por exemplo, os meus vizinhos sei que torcem o nariz e são capazes de não ir lá porque estão pessoas de fora e aqui é uma zona de classe média, mas uma classe média, média baixa, em termos sociais, de resto...

Entrevistador: E estas duas zonas relacionam-se mais?

Entrevistado 6: Relacionam-se, mas é um bocado estranho às vezes, mas relacionam-se mais porque, pronto, os miúdos brincam, os miúdos vêm brincar para aqui com um certo... mas também não se relacionam muito.

Entrevistador: E os adultos?

Entrevistado 6: Os adultos penso que não se relacionam de todo.

Entrevistador: Vivem como se existissem fronteiras físicas?

Entrevistado 6: Basicamente. Tirando as pessoas do bairro que vêm aqui para tomar café... eu atravesso o bairro a pé para ir ao supermercado, eu atravesso o bairro, mas penso que são as únicas pessoas.

Entrevistador: E as pessoas não o fazem é mesmo por uma sensação de insegurança em relação aos outros ou porque sentem que estão a entrar num espaço que não é seu?

Entrevistado 6: Eu penso que sim. As pessoas daqui às vezes passam por aqui para irem à sua vida. Sim eu acho que muita gente se sente insegura. Mas isso é um bocadinho irrealista.

Entrevistador: Têm acontecido recentemente situações que revelem, materializem mesmo essa insegurança?

Entrevistado 6: Recentemente por acaso houve aqui um barulho, o que se chama realmente um barulho, duas pessoas, duas mulheres que se pegam e foi agora há coisa de uma semana... é que a certa altura já estavam para aí dois carros da polícia e que se alargou para o resto do bairro e que foi um bocado... foram aí umas boas horas. Pronto... aconteceu uma vez os meus filhos estarem aqui a brincar, isso já foi quê? Há um ano... e um miúdo que até era colega do meu filho decidiu tentar roubar-lhe as sapatilhas. Assim, esse tipo de coisas acontece, mas isso resolve-se não é? Eu falei com o miúdo, a seguir falei com as funcionárias da escola e com os guardas, toda a gente conhecia, eu sei quem era, falei com o miúdo disse "eu sei onde tu moras, vou lá ter com os teus pais". Mas isso resolve-se. Mas as pessoas não têm esta atitude, têm receio e eu realmente conheço pessoas que não deixam os filhos brincar na rua, porque têm receio, mas posso dizer que eu moro lá há sete e o Gustavo começou a vir brincar na rua aos cinco anos e acho que este foi o único incidente. Ah minto... uma vez um colega do Gustavo também lhe roubou a bicicleta, até mora lá para uma cooperativa mais para longe, mas pronto também se foi lá a casa e se trouxe a bicicleta de volta. Depois, de vez em quando, há



uns assaltos, mas é raro. Aqui há três anos houve uma onda três carros assaltados, e duas casas, ou uma casa, e uma coisa assim, e pronto.

Entrevistador: E as pessoas nessa altura como é que lidam com a situação, fecham-se um bocado na sua realidade? Procuram a ajuda da polícia?

Entrevistado 6: Sim, fecham-se um bocado, declaram o que têm a declarar, barafustam um bocado mas...

Entrevistador: Em termos de coesão entre as pessoas que vivem no empreendimento, existe um contacto frequente entre vocês, os residentes?

Entrevistado 6: Sim, mais ou menos, agora menos que eu não estou lá, estou mais presa aqui, mas sim. Eu conheço quase as pessoas todas daqui da rua e, se bem que há pessoas que se fecham muito nelas, mas no geral, e uma das razões é que há aqui o cafezinho, um barzinho onde, no geral, as pessoas se conhecem e falam.

Entrevistador: Se tivesse que definir o que considera realmente a sua vizinhança, quem é que incluía nessa categorização?

Entrevistado 6: Ui... eu alargo muito, vai até, por exemplo a Rita Burmester, que mora aqui um pedaço mais para baixo e eu considero que é vizinha realmente, realmente aliás é curioso dizer isso que nós fazíamos, chegamos a fazer uns encontros eu e a minha irmã... noutro sítio... fazíamos a festa de vizinhos e nessa altura são as pessoas que moram aqui e aqui, que são as pessoas que eu conheço mais, ou que são mais da minha idade e aqui um bocado para o bairro onde mora a Rita.

Entrevistador: Portanto, se tivesse que definir vizinhança não a definia em termos geográficos estritos, mas mais em relação ao relacionamento que mantém com as pessoas que vivem nas proximidades e esses vizinhos que inclui é uma vizinhança próxima, visita-os a pé, por exemplo?

Entrevistado 6: Sim, sim, sim isso sim. Senão já não são vizinhos.

(...)

E depois há aqueles condomínios novos perto do CLIP e do parque da cidade, mas esses ainda não estão habitados penso eu. Há essa realidade muito diferente. Quer dizer, eu gostaria que tivessem noção, eu não sei se alguém planeia isto, de que tipo de habitação é que se constrói em determinados sítios, mas era bom que se mantivesse eclético, porque senão vai dar um bocadinho de estrilho, eventualmente. Portanto era bom que se continuasse a construir habitação média, não são condomínios de luxo mas...

Entrevistador: O seu percurso diário, a sua ocupação diária, rotina, qual é? Como é que se organiza? Por que espaços é que circula?

Entrevistado 6: Actualmente não círculo em lado nenhum, pego no carro e venho para o restaurante e não circulo em mais lado nenhum. Desde há ano e meio para cá, desde que comprei o restaurante.

Entrevistador: Até então, como é que circulava?

Entrevistado 6: Dou aqui uma volta e dou mais alargada, eu circulo para onde vive a Rita Burmester porque tenho lá uma horta, e tanto circulo aqui pela rua, como vou pelo meio da bouça, porque ainda há uma bouçazinha com um caminho que vai dar ao cemitério. Depois, se andar com o cão também ando por aqui assim, depois a fazer as compras e isso é aqui nesta zona, porque tem uma padaria, uma loja e depois tem aqui a rua de Vilar tem uma peixaria, portanto eu utilizo os serviços mas não sou um caso exemplo, a maioria das pessoas imagino que faz as compras no Continente ou no Pingo Doce.

Entrevistador: Portanto tenta aproveitar ao máximo as potencialidades das redondezas.

Entrevistado 6: Sim. Ou vou levar os miúdos à escola, ou vou buscá-los, eles vão à escola, vêm almoçar a casa, vão à padaria de manhã, pronto.

Entrevistador: E em relação aos vizinhos que tem, os mais próximos, que vivem mais próximo de si, eles mantêm também essa rotina ou uma rotina aproximada ou não?

Entrevistado 6: Não. Saem com os miúdos de manhã e entram à noite. Depois ocasionalmente há um ou outro que vai à loja ao Sábado de manhã, ou comprar os legumes ao pomar próximo, os mais modernos ao Parque da Cidade à Feira Biológica.

Entrevistador: Costuma também frequentar o Parque da Cidade?



Entrevistado 6: Sim. É uma das razões pelo que dificilmente irei morar para outro sítio. Que realmente está pertinho do Parque, posso ir a pé e posso ir de bicicleta.

Entrevistador: Quando pensa nas mais-valias que há em viver aqui, para além daquilo que já referiu, para além de ser um sítio sossegado, eclético, o Parque da Cidade também já referiu, que principais potencialidades, e estamos também aqui a pensar um bocadinho num futuro próximo, vislumbra aqui nesta localidade, nesta vizinhança? Há alguma coisa que possa decorrer em pouco tempo ou médio tempo, e que possa contribuir para um desenvolvimento positivo?

Entrevistado 6: Não sei. Não sei... olhe eu podia dizer fazia bem se tivesse lá uma fonte de emprego, alguma entidade empregadora, mas por outro lado, que tipo?

Entrevistador: E ameaças, por outro lado, que ameaças poderão existir para que o bairro na generalidade continue...

(...)

Entrevistado 6: Esta parte aqui uma coisa grave eu acho é os condóminos não se entenderem, precisa de obras e não as havendo não me parece que... nada boa ideia, porque entretanto as coisas começam-se a degradar. De resto não sei.

Entrevistador: Ameaças em relação à zona da Fonte da Moura?

Entrevistado 6: Ora uma ameaça que sempre existe que é quando fecham os bairros problemáticos, despejar... eu não sei se a nossa Câmara tem agora este cuidado, tem um bocado... e despejar pessoas que são problemática num determinado bairro... e muda imediatamente o equilíbrio entre as pessoas que lá moram, e é um bocado complicado, mas isso não me parece que seja específico do bairro da Fonte da Moura em si, pelo contrário, o de Aldoar, que é aqui em baixo, ainda é pior, mas o de Aldoar tem o problema de estar isolado e agora não sei se com os condomínios de luxo lá ao pé até que ponto vai ser muito bom em termos sociais, mas pronto... porque... é gritante, é uma diferença gritante e não havendo um intermédio, não é? É... portanto eu sinto um bocado como uma ameaça ao local, é bom que haja e tem que haver sítios muito elitistas... como o CLIP, os condomínios fechados, depois só há aqui... são dois povos muito opostos, mas isso é a realidade no resto da cidade e se calhar no resto do mundo. Também o envelhecimento das pessoas tanto aqui, como aqui.

Entrevistador: Em termos de instituições referiu o CLIP, com que instituições, entidades da comunidade é que contacta com mais frequência?

Entrevistado 6: Contacto com a Junta de Freguesia, com o Agrupamento porque fui durante algum tempo, ainda sou, no papel, a Presidente da Associação de Pais das Escolas, portanto contacto com a Junta, contacto com o Agrupamento, contacto com as instituições que são precisas. Contacto com o Parque da Cidade porque dou lá muitas vezes aulas de culinária, no Centro Educativo do Núcleo Rural, portanto... ou porque os meus filhos lá vão ou porque eu dei lá várias, várias aulas de culinária (...) fiz lá muito trabalho voluntário, não estando inscrita como voluntária, mas fiz lá várias coisas.

Entrevistador: Mas relacionado mais com a horta?

Entrevistado 6: Não. Mesmo com os serviços educativos da Câmara. Portanto dava aulas de culinária com produtos biológicos e também trabalhei um bocado porque eles têm várias oficinas para miúdos e isso... e eu ainda fiz umas oficinas de culinária também com eles e ainda fiz outras... e às vezes quando eram muitos miúdos eu ia lá dar uma ajuda e eu lembro-me de terem tecidos para organizar e eu como gosto muito de tecidos, portanto patchwork, de estar a organizar os tecidos, portanto conheço-os bem, comecei a conhecê-los assim e tenho um bom contacto com eles e volta e meia ainda os contacto para alguma coisa. Acho que já funcionou, pronto...

Entrevistador: Com a Junta de Freguesia é mais especificamente em que sentido, faz parte da Assembleia da Junta?

Entrevistado 6: Não, não, Deus me livre. Não, no sentido em que sou da Associação de Pais, por exemplo tenho de os contactar agora porque os miúdos precisam de ir a um passeio ou isso e eu solicito à Junta que nos forneça o transporte ou esse tipo de coisas. Depois para a minha vida normal a licença da cadela e essas coisas. Também dos correios. Os bancos, uso os bancos, o Millennium, uso aquele Millennium. Os laboratórios de análises, portanto há um... não é um laboratório é um posto de recolha na zona de Vilarinha, portanto é a eles



que me dirijo. Médico não, uso o Centro de Saúde, com o Parque da Cidade... Com a APPACDM não tenho grande contacto, a nível de instituições diria que é só.

Entrevistador: Por exemplo com o teatro Pé de Vento.

Entrevistado 6: Também não tenho infelizmente e até é raro ir lá. E disse a mim mesma que havia de mudar isso.

Entrevistador: Estava a fazer-lhe esta pergunta porque eu também conversei com o João Luís que é o Director e ele referiu exactamente uma relação com a Junta de Freguesia e com as Escola.

Entrevistado 6: Nós temos assento no mesmo organismo, sim. Sim... mas sou-lhe sincera é raro os miúdos lá irem. Por acaso até me coloco essa pergunta, é raro os miúdos irem ao Pé de Vento.

(...) o nosso Agrupamento está a entrar num modelo, não é auto-gestão, mas é qualquer coisa parecida, isso terá que falar com a escola que eu não sei, mas os agrupamentos podem entrar num modelo que têm uma certa autonomia, e têm que ter um conselho, provavelmente um conselho consultivo, já não me lembro agora, já foi há dois anos e formado por várias entidades e uma delas, dois ou três assentos são de instituições da zona, e o João Luís está representado e ele tem de facto um protocolo com a minha escola, mas os miúdos, os meus raramente vão ao teatro, talvez os mais velhitos.

Entrevistador: E em relação ao Agrupamento, pronto, diz que delegou essa função, essa representação?

Entrevistado 6: Sim, eu deixei de ter tempo... tanto que se está a formar uma nova associação das escolas de Aldoar mesmo e havendo a nova associação vai ser diferente... que veio representar as escolas todas, portanto não só as básicas, que era o meu caso, a nossa associação representava as duas escolas básicas que tem a da Fonte da Moura e a de António Aroso e o Jardim Infantil, mas esta vai representar as escolas todas, são estas todas e a Manoel de Oliveira.

Entrevistador: E essa nova associação partiu de si e de um grupo de pessoas com que já trabalhava?

Entrevistado 6: Não, partiu da antiga e actual associação de pais da Manoel de Oliveira.

Entrevistador: E quando eles começaram a trabalhar neste projecto procuraram-vos e tentaram discutir convosco?

Entrevistado 6: Mais ou menos... Mais ou menos... Não, isso foi falado durante muito tempo haver uma integração e depois de repente lá começaram a surgir as folhas a dizer que eram uma nova associação e depois eu contactei-os e pronto (...)

Entrevistador: E quem é neste momento o presidente da nova associação de pais da EB 2, 3?

Entrevistado 6: Quem é o presidente da EB 2, 3? É um senhor, mas neste momento não tenho aqui (...) Eu acho que não tenho aqui (...)

Entrevistador: O seu filho (...) mais velho já está no segundo ciclo ou ainda está?

Entrevistado 6: Não, está no primeiro. Estão os dois no primeiro ciclo.

Entrevistador: A relação entre a Associação de Pais e a Direcção do Agrupamento sempre foi...

Entrevistado 6: Sim, com o actual conselho foi sempre excelente. Com o anterior foi um bocadinho mais complicada, mas também os tempos eram outros.

Entrevistador: Então desde que está o professor Arnaldo Lucas as coisas são...

Entrevistado 6: Sim, são mais fáceis. O professor Lucas é de muito fácil abordagem (...) E realmente funciona muito bem. (...)

Entrevistador: Não identificou entre as instituições que referiu o Museu.

Entrevistado 6: Não. Já passei lá várias vezes. Já lá fui uma vez com o meu filho.

Entrevistador: E os seus filhos já visitaram com a escola?

Entrevistado 6: Pronto... com a escola não visitam e eu já me interroguei várias vezes porquê? Porque sempre achei que eles podiam ir a pé visitar o Museu, mas eu penso que a escola considera o Museu difícil para as crianças, se bem que eles têm aqueles programas (...) Ainda noutro dia foram ao Museu Romântico, passam a vida a ir a todo o lado, só à Cupertino de Miranda não.



Entrevistador: Acha que isso acontece porque da parte do Museu não haverá uma divulgação tão interessante ou é a própria escola que olha o Museu com alguma estranheza?

Entrevistado 6: Sim, eu acho que a própria escola não acha grande graça...

Entrevistador: Mas à colecção?

Entrevistado 6: Isto é a minha impressão, porque eu acho que eles nunca lá foram, como é que eles podem saber, que engraçado... isso é a minha impressão... mas pode ser errada, pode ser qualquer outra razão. Porque também é assim, pronto... eu acho que eles podem facilmente ir a pé, mas lá está... depende das turmas, dos professores, não é? Para ir quando vem um transporte... depois também temos outro pormenor, é que muitas vezes como estão condicionados vão a um sítio mais longe porque inclui um transporte, não é? Quando vem um transporte da Câmara, que vem duas vezes por ano ou isso temos direito a uma camioneta da Câmara, obviamente está o dia inteiro e aproveita-se para ir um bocado mais longe. É um bocado por aí. Mas por acaso à Cupertino de Miranda eu várias vezes referi e não sei porquê... mas um deles acho que foi uma vez que trouxe uma nota estampada com a cara dele. Um deles foi uma vez, não me lembro é qual.

Entrevistador: Mas disse que já tinha visitado o Museu com eles?

Entrevistado 6: Sim. Mas já foi há... já está na altura de visitar outra vez.

Entrevistador: Na sua opinião a localização do Museu influencia a aproximação ou não às pessoas do bairro?

Entrevistado 6: Ai, sim, sim, de todos eles. Bem só o facto de ser do outro lado da Avenida da Boavista para mim não, mas para muitas pessoas é quase como se fosse em Lisboa, tem um bocado esse efeito. (...) Assim como a Antunes Guimarães, mas mais a Avenida da Boavista. Os miúdos da António Aroso, a António Aroso é outra escola, e tem miúdos de facto complicados e uma vez uma professora estava a contar que havia perguntado à classe dela, que era para aí o segundo ou o terceiro ano, qual era o mais longe, o sítio mais longe que eles já tinham ido e houve uma criança que tinha ido a Rio Tinto, e pronto, Rio Tinto tudo bem, e depois um tinha ido a Lisboa e de repente a turma inteira tinha ido a Lisboa "Ah pois fomos todos a Lisboa" a professora achou aquilo estranho e começou a indagar e quando começou a descobrir onde é que eles tinham ido... a Serralves, e realmente ficamos com a sensação depois que o outro lado da Avenida depois de atravessada é outro mundo. É uma distância terrível mesmo.

Entrevistador: Como é que considera que esta aproximação poderia ser feita eventualmente? Se é que há algum benefício em que essa aproximação seja feita. (...)

Entrevistado 6: Seguramente teria benefícios agora como poderia ser feita? Poderia ser fácil nós estamos ali a dois passos não é? Mas também não é fácil o transporte público daqui... Por exemplo para vir da minha casa para aqui de autocarro são para aí três autocarros que eu teria que apanhar, dois pelo menos, e demora-se seguramente 40 minutos, portanto não é fácil. Quando de carro são dez, cinco minutos, não é assim tão longe.

Entrevistador: Em termos de movimentos culturais há o Pé de Vento, há o Museu existem outras associações que identifique que se preocupem com a expressão dramática...

Entrevistado 6: Existe a União António Aroso, de desporto.

Entrevistador: E essa associação é bastante dinâmica? Tem desenvolvido algum trabalho?

Entrevistado 6: Sim, sim, sim, sim, sim. Tem futebol para os miúdos, tem basquetebol e desenvolve com a Junta de Freguesia também. Depois a Junta tem a Rusga, danças de salão e essas coisas. (...) Depois tem várias associações desportivas pequeninas que já têm pouca dinâmica, têm os das bicicletas, esses mais ou menos vão tendo alguma dinâmica, como é que... Associação de Ciclismo, não é? Depois o CLIP em si, isso é pouco conhecido, mas o CLIP abre as suas actividades à comunidade, muitas delas. E eles têm várias, por exemplo quando têm campos de férias abrem.

Entrevistador: Abre uma inscrição e paga-se?

Entrevistado 6: Sim é pago e não é barato, portanto logo aí exclui uma franja bastante grande mas também exclui um bocado por ignorância. É que eu também só soube por acaso, porque também há uma grande franja que se calhar podia aceder.

Entrevistador: Portanto não há muita divulgação. Mesmo em relação ao Pé de Vento a divulgação chega-vos?



Entrevistado 6: Não, não chega. Eu nunca recebo nada do Pé de Vento. Há-de estar na Junta de Freguesia, mas por exemplo no café pousado é raríssimo estar lá alguma coisa. Bem eu passo lá também e às vezes é desleixo valha-me Deus, quer dizer... a gente passa lá e vê o anúncio no teatro.

Entrevistador: E há alguma agenda cultural que a Junta de Freguesia distribua ou um folheto cultural?

Entrevistado 6: Tem uma revista mensal e eu penso que...não garanto... mas penso que costuma vir lá uma agendazinha. Não! Só vem aquilo que já se passou.

Entrevistador: Na globalidade as pessoas que estão representadas nessas associações são (...) repetem-se com frequência nas várias associações?

Entrevistado 6: Eu diria que sim, eu diria que sim. Se estão no Agrupamento estão na Assembleia, estão na Junta de Freguesia...

Entrevistador: E essas pessoas são pessoas ligadas à terra que contactam com a população directamente ou são pessoas que de alguma forma mantêm um distanciamento ou apenas contactam com algumas camadas dessa população?

Entrevistado 6: Eu diria que não, contactam, pelo menos aquelas que eu conheço que são mais o Agrupamento, associações de pais, a Junta de Freguesia, o Centro de Saúde inerentemente contacta com todas as associações, mas o que... o contacto é fácil.

Entrevistador: Há uma relação estreita?

Entrevistado 6: Sim, até menos talvez com os estratos sociais mais elevados. Ou talvez por uma questão das pessoas acharem que não precisam ou o facto de não terem os filhos nessas escolas, não é? (...)

Entrevistador: Haverá uma identidade colectiva de Aldoar?

Entrevistado 6: Duvido. Neste momento duvido. Há muita gente de fora... Portanto o que aparece como imagem não corresponde à realidade. Há muita gente nova como eu...

Entrevistador: Quando diz às pessoas que vive em Aldoar...

Entrevistado 6: A gente diz Aldoar e as pessoas ficam Aldoar?! É uma coisa... Agora melhor. Sendo depois que a gente começa a dizer "Aldoar perto do Parque da Cidade" e Ah! Mas Aldoar nitidamente é conotado com o bairro, que não é este, este é o da Fonte da Moura, mas é conotado com o bairro nitidamente. (...) e é só um bairro, a freguesia é mais que isso.

Entrevistador: Por que razão considera que essa conotação assumiu tanto peso na mentalidade das pessoas?

Entrevistado 6: O bairro é muito grande, tem esse e tem o da Fonte da Moura, que também é grande. Antes disso, e eu por acaso sei isso porque o meu pai estava na Câmara na altura da ocupação deste bairros. Antes disso eram bouças, não é? Portanto foram os primeiros núcleos habitacionais assim realmente muito grandes, eu não sei quantos blocos tem a Fonte da Moura, mas tem muitos, são muitos fogos. Portanto foram os primeiros núcleos habitacionais assim de peso, portanto conotou-se assim, depois o bairro de facto tem bastantes problemas, infelizmente.

Entrevistador: Com a Associação de Ludotecas não mantém nenhum contacto, os seus filhos por exemplo não frequentam?

Entrevistado 6: Não, não, está no bairro. A associação de Ludotecas está lá no meio, mesmo no meio. Mas a Associação de Ludotecas, bem me parecia que faltava falar nessa, eu penso que eles estão mesmo vocacionados realmente para... o único contacto que mantenho com eles é que funciona com eles a associação, o Projecto Acreditar que é direccionado às crianças que estão sinalizadas por estarem em risco. De resto se quer que lhe diga nem sei muito bem o que fazem mais. (...) Eu posso dizer que no meu caso pensaria muito antes de mandar os meus filhos para lá, mesmo muito. Portanto logo aí... E se por acaso estivesse localizada noutro sítio, independentemente do público ser mais ou menos o mesmo eu já... mas neste momento pode oferecer serviços fantásticos, eu não mandaria para lá os meus filhos. Por acaso é engraçado pensar agora nisso. (...) Um problema grande em Aldoar é que realmente esse foco nos bairros, nas pessoas com menos rendimentos, o que quer que seja, está bem. Mas existe toda uma camada de classe média e de classe média alta que também vivem ali e que também deviam ter serviços. E que se calhar de alguma maneira... não sei como... também me está a parecer difícil... que se poderia fazer uma certa integração, que a mim me parece absolutamente essencial, se não queremos andar todos aos tiros daqui a uns anos, mas pronto. Mas eu acho



que as pessoas que vivem aqui que sentem que não têm nada a ver com o sítio onde moram, muitas delas. Algumas sim e têm assento nos partidos políticos e aí tudo bem, mas algumas não e realmente está muito direccionado... Aldoar ainda é muito “ah é o bairro” e não é assim, só. (...) Também tenho contacto com a Associação de Moradores do Bairro de Aldoar, pois vou lá deixar roupa e outras coisas à Dona Esmeralda (...).

Entrevistador: Futuramente não pensa abrir um restaurante? (...) Agora com esta nova população que tem interesses diferentes?

Entrevistado 6: Não é que já não me tenha passado pela cabeça mas... não estão em casa não é? Estão espalhados pelos quatro cantos da cidade. Mas não é nada que não me tenha passado pela cabeça. Aliás o nosso bar da cooperativa se fosse gerido de outro modo acho que tinha bastante mais sucesso.

Entrevistador: Mas isso que estava a dizer... É quase dormitório...

Entrevistado 6: Também não é totalmente verdade. Há muita gente a trabalhar em casa e há muita gente que vem almoçar a casa, portanto não é totalmente verdade. Mas a sensação que eu tenho é que usam pouco as infra-estruturas do bairro.

Entrevistador: toda esta gente que chegou (...) como poderá mudar a vivência desta comunidade? (...)

Entrevistado 6: Eu tenho as minhas dúvidas de quem for viver para esses prédios que frequente muito... que passe para dentro não é? Tenho as minhas dúvidas até porque é um bocadinho complicado porque tem que vir pelas ruas mais antigas, portanto aquilo é gritante se passar por aí. Se for pela rua da Vila Nova e continuar por aí tem bocados que parecem quase rurais ainda e depois tem a bouça, e depois tem aquele bocado baldio ao lado do bairro, e depois tem ali o Centro Saúde de repente, o novo e depois há-de ter o hospital em frente, e a seguir os prédios, mas duvido que essas pessoas dessa zona... podem vir até à zona da Vilarinha, até ao Parque da Cidade, mas depois duvido que venham para dentro. Também não há nada que as chame para ali. Um parque infantil fazia jeito.

Entrevistador: Não há parque infantil?

Entrevistado 6: Não. Em toda a parte.... Os bairros têm... é gritante tanto condomínio tanta coisa e os bairros são os que têm ainda um ringue de basquete uma coisa assim. A cooperativa Hazal também tem um ringue de basquete, sempre todo rebentado mas tem, de resto não há um parque infantil em ponto nenhum. (...)

Entrevistador: Agora em relação à história de Aldoar tem noção dela já ter sido escrita?

Entrevistado 6: Acho que sim há um livrinho. (...)

Entrevistador: Acha que essa história está de certo modo em risco de desaparecer?

Entrevistado 6: Sim, provavelmente assim que estiver tudo transformado em condomínios fechados. Por exemplo uma das coisas tem ali o núcleo rural no Beco de Carreiras... vá lá... também não sei se as pessoas têm a noção que aquilo era a Quinta de Carreiras. E que grande parte de Aldoar era a Quinta de Carreiras. Provavelmente não têm. Uma das coisas que eu acho, pessoalmente, é que há uma parte que tem o cemitério, tem a bouça, que portanto já foi destinada para várias coisas, portanto uma parte é da Câmara e outra parte foi cedida agora para outra fase da cooperativa onde eu moro, mas eu acho que uma parte da bouça, que é usada como bouça, que é uma coisa que já se vê pouco na cidade devia ser mantida assim. Pura e simplesmente devia ser limpa e mantida. Porque joga-se lá malha, porque passa-se por lá para ir para o cemitério, porque os miúdos vão lá subir às árvores, não vão mais porque ela de facto é insegura, está cheia de lixo, mas na minha opinião deveria ser mantida para bouça, como foi mantido o jardim do Carriçal na Senhora da Hora, por exemplo, nem exige grande despendo monetário da Câmara. Nesse caso compete à Câmara.

Entrevistador: E de que maneira é que a população se poderia unir ou que pessoas da população se poderiam unir?

Entrevistado 6: Não faço ideia.

Entrevistador: É difícil então vislumbrar um trabalho em rede?

Entrevistado 6: Sei lá... Não estou mesmo a vislumbrar... Não faço ideia... Talvez as associações de moradores, os condomínios...

Entrevistador: E pessoalmente que contributo é que considera que poderia dar para o desenvolvimento da comunidade?



Entrevistado 6: Neste momento acho que já chegou. O que eu faço realmente é estar presente na associação de pais. (...) É difícil mobilizar as pessoas. Portanto a única coisa que eu faço neste momento é organizar o passeio. Tendo mais tempo sim será nesta área. (...) Eu penso que sofrem todos da falta de tempo (...) o Museu também em si tem um tema um bocadinho aborrecido. (...) Eu acho que era giro que os miúdos ou alguém comesse uma “penny drive”, como é que isso se chama em português? Nós claro que somos portugueses não somos americanos, mas houve aqui há uns tempos, há quinze anos, uma criança nos Estados Unidos algures que se lembrou de começar a pedir um cêntimo para qualquer fim, pronto. Quando eu lá morei há dez anos, mais ou menos, a “penny drive” pelos Estados Unidos todos já fazia tipo cem mil dólares e eu às vezes penso era uma coisa gira de se fazer e depois poderia ter como fim sei lá, por exemplo limpar a bouça. Por exemplo a mim... eu passo-me porque aquela bouça não está limpa. Eu bem sei que aquele espaço é privado e a gente passa por lá e eu nem sei bem porque as fronteiras não estão definidas mas a verdade é que as pessoas passam lá e não está limpa. Não há ninguém nem Junta nem Câmara nada que vá lá, nem pessoas que tome a iniciativa.

Entrevistador: Acha que é privado?

Entrevistado 6: Uma parte acho que é ainda. (...) uma parte está afectada à Câmara que era para ser continuado o resto do cemitério, mas afinal o terreno não é próprio porque os terrenos têm que ser próprios para enterrar as pessoas, portanto já estive para ser lá uma esquadra. Agora não sei o que é que vai ser, mas uma parte do terreno é da Câmara que é a que está vedada, acho eu, depois há uma parte onde estão a construir o resto na nossa cooperativa acho que sobre... no meio e na minha opinião é do tal Juiz. (...) Outra coisa é os patrocinadores (...) a minha ideia seria que fosse alguma coisa que servisse as pessoas todas e que facilmente se envolveriam.

Entrevistador: Eventualmente se fosse para construir o parque em que localização é que seria?

Entrevistado 6: Não sei, não é fácil. É o que eu digo, era aquele bocado da bouça. Mas não sei até que ponto se fosse assim na pontinha da nossa cooperativa, que já está ali para o pé da escola, aquele terreno que está ao lado da escola, ao lado da Manoel de Oliveira, quem está virada para ela é do lado esquerdo. Sei lá, onde nós moramos, não é? Portanto há aqui o sítio onde nós moramos e depois há aqui um relvado ao pé da Manoel de Oliveira. Portanto eu acho este sítio relativamente neutro, porque isto já é cooperativa Nova Ramalde e eu diria que se houvesse aí um parque infantil que os miúdos iriam lá brincar dos vários bairros. No meio da Hazal, está mesmo no meio da cooperativa, talvez não. Também há uns prédios altos em triângulo na Praça 3 de Abril, aquilo também me parece relativamente neutro.

Entrevistador: E agora quem é que me indicaria para ser a minha próxima entrevistada ou entrevistado?

Entrevistado 6: A Dona Esmeralda. É uma visão mais restrita. (...)



Protocolo de Inquérito por Entrevista

Data: 29-03-2010

Local: Bar da Associação de Moradores do Bairro de Aldoar

Entrevistado 7: Esmeralda Mateus

Território: Aldoar Norte

Sub-território: Bairro de Aldoar

Entrevistado 7: (...) A miséria da luz a miséria da água, ando sempre assim. Eu hoje ia tratar de um caso de uma senhora de 85 anos, como é que essa senhora de 85 anos vai pagar uma dívida de 7000€ de água, que se atrasou a pagar (...) vamos começar de novo que ela paga tudo direitinho. Há situações assim sabe?

Entrevistador: O que me traz cá é um trabalho que nós estamos a elaborar de reconhecimento da vizinhança de Aldoar. Quando se fala de Aldoar fala-se da freguesia toda. Então o que é que tenho andado a fazer? Nós temos entrevistado várias pessoas e o compromisso de cada pessoa é indicar-nos uma pessoa com quem nós devemos falar a seguir, que nos possa dar mais informações. Então, eu tenho vindo a entrevistar algumas pessoas e a última pessoa com quem eu falei, que é a Susana Soares, não sei se sabe quem é, que é dona do restaurante Espaço Divinos disse-me que eu deveria falar consigo e assim foi, ela deu-me o seu contacto e eu liguei. Daí ter chegado até si.

Entrevistado 7: Pois ela às vezes mandava coisas para aqui.

Entrevistador: Então a primeira coisa que eu gostaria de saber é quem é a senhora, como é que podia falar um bocadinho de si?

Entrevistado 7: É assim: eu sou a Esmeralda Mateus, nasci em 52, neste momento sou viúva há 12 anos. Nasci em Nevogilde, em Xangai que pertencia a Nevogilde, que é aqui perto e comecei a trabalhar com 11 anos, ainda não tinha bem 12, tinha 11 anos e meio. Sou irmã de vinte filhos, vinte e comigo vinte e um. O meu pai e a minha mãe vivíamos num barraco, porque éramos pobres, não é? E foi assim a minha vida de jovem, de menina até jovem, de tristeza e de pobreza, a minha vida é essa. Sabe que não se vivia bem enquanto não houvesse peixe e foi assim a minha vida. A minha mãe teve esses filhos todos e não só, fez muitos... a minha mãe abortava e depois tinha filhos a mais e a gente vivia uns em cima dos outros... tendo frio. Eu nunca me lembro de ter uma boneca, nunca tive uma boneca. A minha vida era tomar conta do meu irmão e morria um filho por ano à minha mãe, no tempo do Verão. E fomos vivendo assim nessa miséria. Comecei a trabalhar onde? No peixe. Era a arte dos meus pais. A minha mãe era conserveira, fui lateira na fábrica de conservas também. Casei muito nova... eu sempre fui um bocado revolucionária, esta é a minha maneira de falar, digo assim, é a revolta de um ter e um não ter, e achava que as pessoas... não precisa de calcar ninguém, de criticar ninguém... então fui trabalhar para a fábrica, comecei dirigente sindical e passei a delegada sindical e aí me fui inserindo no meio até da própria política porque a gente não faz nada sem política... eu falo assim muito à mágoa do povo. Pronto... e a minha vida foi essa. Eu também tive três filhos. De Xangai deram-me essa casa aqui, que é onde habito agora. Habito agora... depois... que eu vim viver com a minha mãe ainda. Nós pronto, era bom sinal quando houvesse trabalho, que a fábrica nos chamava para trabalhar, que a gente não trabalhava todos os dias, era só quando houvesse e daí até ter chegado a este termo de falar sem ter vergonha, de falar desde que não maltratasse ninguém, eu tinha que abrir a boca e nunca tive pudor nenhum, eu tinha que dizer qualquer coisa, portanto eu não sei... eu tenho a certeza de quando eu posso falar, entende? Eu sou a voz do bairro, que eu vivo aqui e toda a gente me conhece e sabe quem mora aqui e quem mora acolá, pareço um computador e pronto. Também levei algumas “lapadas” do meu marido, por ter sido tão metida, não é? Porque fui a primeira mulher a vir para uma comissão de moradores e para a protecção da AMAR de mulheres, uma organização de senhoras. Os homens criticavam, “se ela fosse minha mulher” e tal e eu vinha toda cheia de força e tal e chegava a casa e às vezes até me batia. Também lhe bati a ele também, mas é assim. Mas isso já lá vai. E assim fui ficando inserida no meio desta coisa toda, no meio de situações tristes, acredite. Passa situações aqui que eu se calhar se não vivesse aqui neste meio nem sabia, porque só vendo só... nós temos os nossos vícios e os nossos vícios aqui é quase ninguém trabalha, eu trabalho como assistente à comunidade, que eu nunca páro, sempre a resolver problemas e a falar com o mais alto, com o maior... estou à espera, sem saberem que estou à espera, e depois dirijo-me com educação à pessoa. E a pessoa até pára e atende-me e ouve-me, tenho conseguido ao longo destes anos que estou aí, já há catorze anos, espero conseguir ir para



uma instituição melhor, que a Câmara vai-me ceder aquele espaço maior. Aquelas taças que estão lá dentro, das crianças, é tudo do meu trabalho, crianças homens mulheres, a gente também brinca, às vezes as mulheres também temos o nosso direito de brincar, não é só... aquilo que está ali é tudo do meu trabalho, em fotografia, em tudo. Há crianças, hoje são crianças aqui do bairro que entraram em férias e para as crianças não andarem aí eu combinado com a Junta e a escola C+S vão para lá crianças fazer jogos, dançar, cantar, estão lá duas mulheres... tudo o que venha para bem aqui do bairro eu aceito tudo, tudo. Sabe que aqui 60% não se trabalha, ninguém, e às vezes até estão pouco para se esforçar, se se encontra uma comida mais barata não se acende o fogão em casa e vai-se comprar a comida mais barata, mas sabe que 80% de luz não se paga, nem de água, não se pagava e então deixaram de... que nós pagávamos uma coisa pouca aqui, que isto foi dado para nós, isto há 41 anos que nós vivemos e cada casa custou 30 contos naquela altura tanto um T pequeno como um T grande, 30 contos estamos aqui há 40 anos, há 41 isto já está mais que pago, não é? Agora já está meio bairro bonito por fora, por dentro há quem não tenha nem aguinha quente, nem uma banheira para se lavar, que a Câmara só lava a cara por fora e por dentro estão casas na maior miséria do mundo... os idosos nem se consolam, vieram para aqui novos e já estão idosos e querem ter aguinha quente e não têm... pia que tinha que ser uma escada para subir para a pia e a senhora não tomava banho porque não subia, são misérias assim, só aqui no bairro, são situações. E agora há aqueles que há que agora tudo tiraram, tudo, às pessoas ao mesmo tempo, as pessoas viram-se aqui um bocado apertadas e estão apertadas porquê? Lá vai a Esmeralda pedir-lhes para fazer de pagamento aos velhinhos, lá vai a Esmeralda pedir à Câmara a ver se cede assim aos bocados um aluguer que está atrasado... agora imagine: uma pessoa com rendimento mínimo pode pagar a renda actual...um bocadinho a abater... a luz actual... um bocadinho a abater... a água actual... um bocadinho a abater... as pessoas querem comer e não têm, jovens mesmo. As pessoas estão desanimadas da vida, não fazem nada mas estão desanimadas porque têm de pagar isso tudo ao mesmo tempo. Há situações aqui... mas também há aqui quem viva à grande (...) quem trabalhe e tem o seu rendimento na mesma, são aquelas pessoas que têm mais astúcia, mais do que as outras, ou seja, e então conseguem aquilo que muitas pessoas não conseguem da assistente social, percebe? Eu já reuni com as assistentes sociais já disse ao Padre Lino o que tenho a dizer, já disse ao Presidente da Junta, que até estou na bancada na Assembleia da Junta de Freguesia e estas coisas são discutidas perante muita gente que lá está, que eu não estou a inventar, nem a criticar, nem a inventar, só a dizer que não há direito de chegar ao meio do mês e a pessoa a dar um bocadinho de cada coisa a abater, sem comer sem nada, o dinheiro já não chega nem para meio mês e têm filhos, tem que se pagar o infantário, mesmo que seja pouco, tem que se pagar, tem que se pagar a luz e não se chega a lado nenhum. Não se trabalha. Porque há quem tenha falta de trabalho mas há quem não tenha, é mesmo assim, que eu também fiquei desempregada há dezoito anos que trabalhava, que o meu patrão em nome da crise também me mandou embora e eu fiquei oito meses sem trabalhar tenho a sobrevivência que são 200 e tal euros e eu tenho a minha medicação que eu sou diabética, não posso... e eu arranji trabalho. O que é que eu fiz... botei nas cooperativas a Esmeralda quer trabalhar, a Esmeralda quer trabalhar, e alguém me ouviu. Eu não fiz nada eles é que me fizeram. E não gasto transportes nem nada, que é aqui nesta cooperativa que é nesta parte de lá. Fui à assistente social e a assistente social disse que eu não tenho direito a nada porque não tenho o rendimento mínimo. Embora muita gente pense... “ah empresta-me 5 euros”, digo “eu não tenho”, “ah não tens”, “não”. Depois de dizer que não tenho as pessoas ficam a olhar para mim. Há muita gente que não tem. E muitas vezes é assim, portanto é verdade. São situações que se arrastam aqui aos olhos vistos, falta de habitação que é uma coisa doida que se promete, promete e não se dá. Há habitação e não se dá. Espera-se pessoas que venham de fora para ocupar as casas que estão aqui vazias. As pessoas que estão aqui com crianças, estão aqui a dormir com os pais e não se importam, a Câmara não se importa e cada vez estamos piores. Aumentou-se 60% sobre as rendas que eu ando a fazer um abaixo assinado para mandar para a Assembleia da República, que eu acho que é um exagero porque quem pagava 32 euros de aluguer, vai pagar 58 e... para o pequeno rendimento que as pessoas têm é um grande aumento de renda... e tenho andado a fazer o abaixo assinado. Pedi a cada entrada que assinasse para eu não andar a subir e a descer... e era bom para os outros bairros... bairros sociais... que agora a Câmara não quer que se chame bairro social quer bairro camarário. E claro que há situações assim e pronto vai-se vivendo. (...)

Entrevistador: Então a senhora estava-me a dizer que foi cá colocada pela Câmara?

Entrevistado 7: Sim, foi a Câmara, em Xangai viviam... no sítio do Parque da Cidade eu vivia aí nuns barracos que aquilo já ficou de vago há bastante tempo, há 40 anos para construir o Parque da Cidade. E eu vim parar aqui, casei com dezasseis anos, já tenho um filho com 41.

Entrevistador: E quando veio para cá viver veio para a mesma casa onde está actualmente?



Entrevistado 7: Não. Vim viver para o bloco 13 e hoje estou no bloco 15. Porquê? Porque a família foi aumentando da minha mãe e eu tive os meus filhos mais velhos, com meus irmãos, que a minha mãe teve filhos até muito tarde. Que ainda é viva a minha mãe. E então a terra onde a gente vivia em Xangai e cedia a minha casa que eu tinha dois filhos, pronto agora tenho três e a Câmara cedeu-me essa casinha a mim, porque eu já estava ali, vim já de Xangai casada.

Entrevistador: E quem é que hoje em dia a senhora considera a sua vizinhança, quem são os seus vizinhos?

Entrevistado 7: O bairro em si, todo o bairro... Como eu estou inserida na associação aqui isto é tudo meu vizinho. Até quando vêm os ciganos eu digo os meus ciganos, porque eles estão aqui, vieram de Xangai e eu digo assim “olha os nossos ciganos, os nossos drogados” porque eu dou-me bem com eles todos e ajudo-os a todos. Ajudo esta gente se precisar da luz, da água. Às vezes até para a segurança social eu vou com eles e se eles têm a informação que me perguntem se realmente é verdade ou mentira, eles são obrigados a acreditar-se em mim. Às vezes não estou a falar totalmente, totalmente a verdade, porque estou a falar, tenho a pessoa à minha frente, depois se precisar de alguma informação pois que me liguem ou que me chame... pois às vezes não era toda a verdade que a pessoa estava a falar, mas eu não vou criar inimigos, mesmo nos meus vizinhos, porque eu estou no terreno a trabalhar. Enquanto assistentes sociais cada um tem os seus gabinetes e eu não ganho nada, estou aqui a trabalhar para a comunidade e lido com esta gente, eu tenho que ter muito cuidado. Se há crianças que levam porrada, claro, até porque há as crianças e jovens em risco, eu estava inserida no meio deles, “eu tenho que sair, porque eu estou no meu terreno, e vocês procurais. Precisam de informações? Sim senhor, procurais, mas eu tenho que sair”. Porque não quero ver aquela mãe a chorar de vir aqui buscar as crianças. É uma pena, então que vão à escola buscar as crianças que assim a gente já não vê. Entende? Mas tem que se alertar certas coisas que não são justas. Muitas vezes tenho que alertar a assistente social que às vezes não está a ser justa, ela não me quer ouvir. Não me querem ouvir. Ouve melhor a Dr.^a Sandra Amorim de lá de cima que falo com elas, que é desta área também do que propriamente a Dr.^a. Até estou a esquivar-me um bocadinho de falar para ela. Prontos... se ela precisar que fale para mim. Só que agora fiz... às duas vim a casa de dois doentes mentais a quem eu lavo, que são ciganos, a quem eu limpo a casa e olho por eles. Porquinhos chega e basta, que a gente sabe o que é. Que não se puxa um autoclismo, que eles não sabem quando se puxa um autoclismo eles fogem pela porta fora com medo. Mas fui eu que lhes arranjei uma casa para eles viverem, que eles viviam como animais ali no meio do mato. E eu tive que ir ao Director da Segurança Social para me dar uma carta e depois fui ao Presidente da Câmara falar com o Director e a casa conseguiu-se aqui, só que realmente eles... eu dou a mão à palmatória. Eles estavam habituados a viver no mato. Escarra-se para o chão, para a parede, vira-se o resto do café para o chão. Já não se vê atirar o resto do café para o chão, mas atira-se os ossos do frango. “estás à atirar os ossos do frango” e pumba ela faz-me assim como quem diz ainda levas. Mas são gente. Estou à espera que venham umas meninas para ver o cilindro que rebentou e há seis meses que essa mulher não é lavada, note-se: há seis meses uma mulher não é lavada. Também não sai à rua mas tem período na mesma, suja o chão todo e nós, eu mais uma moça é que vamos limpar, dão-nos uma quantia, que eu exigiu para pagar à mulher que vai comigo, para detergentes para a máquina e agora sem o cilindro... a segurança social tem que dar dinheiro porque eles estão com o rendimento mínimo, se têm direito a... “está a ver isto? Foi tudo lavado com lixívia ontem”, à frente dela ela desfaz um cobertor. Num mês desfaz um cobertor às tirinhas assim e eu tomo conta deles e faço o que posso. Se sei que alguém está doente eu trato dele, deixar uma mulher doente assim para depois pagar mais dinheiro, multas ou qualquer coisa e eu trato dela. Ninguém me dá nada, também não quero que me dêem nada... enquanto eu puder fazer oxalá que amanhã me possam fazer a mim também. (...)

Entrevistador: A senhora disse-me que a sua vizinhança que era o bairro, a senhora acha que há uma fronteira à volta do bairro? Existe uma fronteira nessa sua vizinhança?

Entrevistado 7: Sim. Nós temos... o bairro está dividido em duas parte. Do outro lado até ao bloco sete vão ao outro lado às compras. Se olhar para ali para fora vê o sete. Venha aqui à porta que eu já lhe vou explicar como é que é. A barreira é esta, este bloco para trás há o seis. Para baixo fazem as compras no lado de lá. E aqui fazem as compras aqui em cima. O que é que a Câmara fazia: quando era para fazer obras fazia do um até ao sete e parava, passados uns anos começava outras vez do um até ao sete e parava. Por isso é que a gente diz que o bairro está dividido em duas partes. Mas há outra barreira. Agora vou-lhe explicar. Mas já viu que eu queria lhe explicar? Já percebeu? (...) Vão lá abaixo àquela rua Martim Moniz aí tem várias lojinhas. Mas há aqui um supermercado ao lado do marco do correio (...) tem um talho e tem depois a farmácia, pronto as pessoas vão para aí às compras. Nós só vamos à farmácia ali e esta parte vem toda cá acima. E a gente divide em duas partes porque as obras vinham até ali e acabavam. Mas só que temos um problema grande e acho que até é grave que é assim, nós a cada passo temos que fechar, só não fecha o supermercado. Eu não fecho



agora, já fechei várias vezes mas agora não fecho... e esses cafés por aí abaixo porque há sempre uns ciganos de vez em quando que andam de pistola na mão, percebe? Isto já não me mete medo a mim. Ele olha para mim mas não chega a atirar. E vai-se criando medo, mas é toda a gente. Os próprios galegos, que temos duas etnias aqui, temos os galegos e temos os nossos ciganos, e então é assim os próprios galegos têm medo dos ciganos. De noite isso cria medo, levamos as crianças para dentro, percebe? Já tivemos tiros mais do que uma vez, mais que uma vez. Agora aqui no bairro já se entra agora mas há quatro cinco anos atrás tinham medo de entrar aqui no nosso bairro, porque iam sempre ter à Junta e a Junta mandava vir ter comigo a x horas encontrávamo-nos aqui as que andavam a tirar qualquer apontamento dizia para virem de bata branca, acho que há mais um bocado, há respeito pela bata branca e então os enfermeiros mesmo da Ana Guedes vinham de bata branca e mesmo aqueles miúdos que andam na faculdade a tirarem a tensão também vêm de bata branca que eu disse para virem e para estarem aqui na associação, tudo o que seja para bem daqui da nossa comunidade. Portanto tudo o que seja bem, o que vem é bem-vindo, percebe? (...)

Entrevistador: Fora destas fronteiras como é que há cruzamento com Aldoar?

Entrevistado 7: Eu dou-me bem com toda a gente. Até vou muitas vezes... visito os bairros e faço torneios de futebol entre bairro-bairro. Está bem. Mas incute-se um bocadinho a entrada aqui dentro. Aqui. Mas nós podemos sair, podemos ir para outro bairro.

Entrevistador: E as pessoas daqui são bem aceites, bem recebidas nos restantes espaços?

Entrevistado 7: Sim, sim. São, são, são. Mas acho agora que são mais abertas às pessoas. Mesmo agora esta juventude que anda a estudar. Há ciganos que já andam na escola e estão a estudar. Já não usam saias, já usam calças, acho que estão a viver o nosso lado também, estão inseridas no nosso meio. Eu nunca tirei crianças “tu não vais ao passeio”, não. Vou falar com a mãe. Elas é que não deixam ir muitas das vezes. “Filho não se bate ao ciganinho que é priminho, bate-se ao filho do senhor”. Quer dizer ao cigano não se bate, mas bate-se ao meu filho que é filho do senhor, tem esse lema também, os ciganos ainda têm isso (...) ele vai jogar à bola comigo e aquele também, eu nunca disse por ser cigano não venhas. És cigano vens também, que eu quero inserir as crianças todas, para andarem na escola, passearem, virem jogar à bola. Por isso a gente dá-se bem.

Entrevistador: E que instituições é que estão em cruzamento com o bairro?

Entrevistado 7: A Junta de freguesia comunica muito comigo para fazer torneios, tudo o que eu vá pedir eles pedem-me a mim, uma festa de Natal em que as crianças do bairro vão apresentar e fazem bem. As crianças do bairro aqui são muito espertas, acho que são crianças bonitas e... como é que hei-de dizer... Eu olho e não me respondem... comigo dão-se ao respeito porque eu também me dou ao respeito com elas e acho que são crianças a correr... são boas. As crianças vão para o Atletismo e depois há uma série de crianças que a correr chegam todas contentes. Não ganharam, não interessa, “mas chegastes ao fim, não desististes”, não é? Vamos jogar à bola, quantas vezes “este golo é para si” virado para mim. Isto... fico bem com as crianças e comigo mesma. Gosto de as acompanhar... se foi as crianças que eu emprestei à Junta, a Junta tem paciência tem que levar também comigo, eu tenho que ir porque as crianças são do bairro. São crianças muito boas, são sim senhora...

Entrevistador: E para além da Junta de Freguesia que outras instituições trabalham com vocês?

Entrevistado 7: É assim a Foz vem jogar à bola com nós, Paranhos, Aleixo, já temos jogado à bola com o Aleixo, aqui em cima Ramalde. E depois eu sou uma pessoa muito conhecida, percebe? Toda a gente vem de todo o lado para ir para a Câmara, e eu não sou assistente social, não é? Pronto e vem gente de longe “olhe eu botei uns papeizinhos e a Câmara...”, “olhe venha amanhã que eu vou ter consigo, que eu vou ver como é que estão esses papéis, que eu vou falar para lhe explicar melhor”. Hoje até veio uma senhora buscar uma chave, que teve direito a uma casa e era da Foz imagine. Não conheço a senhora de lado nenhum mas veio aqui, procurou-me para ver se aqui estava a Dona Esmeralda e depois fui com ela à Câmara. A senhora estava a pagar tanto euro de aluguer e tinha uma casinha e foi abaixo e desde Novembro que a senhora não podia pagar. Com 300, 400 euros de reforma. Eu disse “vamos a ver se a gente arranja uma casinha”, e ela recusou a primeira vez e eu disse “você não pode recusar, se precisa de uma casa tem que aceitar”, “sabe... mas eu queria aqui para os nossos lados que eu tenho uma senhora para ir tomar conta que é do Magalhães Lemos”, tinha já as suas coisas aqui próprias, não é? E hoje foi à Câmara buscar a chave para uma casinha. Liguei e disse “olhe vá à Câmara buscar a chave que você tem uma chave para as Campinas”. Vem muita gente de muito lado perguntar...

Entrevistador: E a Associação de Ludotecas, como é a vossa relação com a Associação de Ludotecas?



Entrevistado 7: Bem, bem, porque eu mando crianças para lá, não é? (...) Às vezes não posso ir à reunião mas vou lá perguntar o que é que se passou, o que é que me calha a mim fazer e vem ter comigo pessoas a trabalhar fico a ajudar a fazer trabalho para a gente seguir.

Entrevistador: E com o projecto Acreditar?

Entrevistado 7: Também me dou bem com a Soninha, pronto também me dou bem mas essa não vem...

Entrevistador: São crianças daqui que andam na escola?

Entrevistado 7: Sim, sim, são os mesmos, são os mesmos. Sabe que há pessoas que... Este projecto esteve muitos anos nesta escola e agora está na escola Manoel de Oliveira. Dou-me bem com a Sónia, tinha lá a minha neta, já cheguei também a ir com eles nuns passeios, com a minha neta. Que a minha neta ficou a viver comigo na altura. Agora tenho uma menina que não é minha, também estou a tomar conta dela porque a mãe não a tratava bem, em vez de ir para o colégio eu fui buscá-la era minha afilhada e está aí. Portanto dou-me bem, se eu preciso de alguma coisa ligo para a Soninha e se ela precisa de alguma coisa liga para a Dona Esmeralda. E pronto não tenho problemas seja com qual pessoa for da freguesia. Digo o que tenho a dizer, não tenho culpa de ser assim. Não tenho culpa de ser assim. O mal é que por vezes essas senhoras não se pode fazer assim, da melhor maneira. Quando vou à Câmara aviso a assistente social para estarem a pau (...)

Entrevistador: Nalgumas palavras como é que poderia caracterizar os seus vizinhos?

Entrevistado 7: É assim: agora está a chover, mas se estivesse tempo quente lá em baixo os bancos estavam cheios. Com tanta miséria no bairro, podiam-se ajudar uns aos outros... aqui os rapazes também todos com o rendimento mínimo. Nem para irem tirar o 4.º ano (...) Eu para ir tirar o 9.º ano levei 15 ou 16 mulheres comigo, quem quis ficar pelo caminho ficou e nós tiramos em quatro meses o nono ano, quem foi. A gente tinha a quarta classe e a admissão e agora temos o nono ano. Esta jovem que está aqui ficou pelo caminho, não quis vir e não trabalha e está aí a fumar dois ou três charros, mas não faz mais nada. Querem comprar tudo feito, sentam-se sempre à espera do carteiro e das coisas que vêm da segurança social, que dão tudo. O rendimento mínimo havia de ser de outra forma, mas não é. Aqui há quem tenha dinheiro a prazo e há quem não tenha dinheiro nenhum e há muitas “Donas Brancas”, o dinheiro desaparece, eu estou num projecto sobre isso, a mim choca-me muito a mim. (...) Há gente que até se quer matar acredita?

Entrevistador: Mas em termos de potencialidades? Nem tudo são coisas...

Entrevistado 7: Ai há muita gente com o 11.º ano, que gosto de ver que não se via aqui. Há meninas aqui formadas, são enfermeiras. A mãe anda a dias mas luta para que não falte à filha nada. Vê-se jovens também. Vê-se pessoas muito limpas. E outras que não têm que fazer nada em casa. Acho que havia de haver uma força aqui com o próprio rendimento mínimo, com que as pessoas entrasse e que podia ser feito aqui, percebe? Falar mais para as pessoas, ajudar. Não é ajudar em dinheiro nem nessas coisas, ajudar na própria... porque há pessoas que são pobres na própria mentalidade. A pobreza delas é da própria mentalidade. Gasta-se tudo hoje e amanhã não há comida, porque as crianças vêm aqui pedir pão e vinho.

Entrevistador: Na sua opinião se fosse para mudar alguma coisa aqui qual seria a prioridade número um?

Entrevistado 7: Ajeitar trabalho para estas jovens. Ocupar o tempo das jovens. As mulheres de vinte e trinta anos... não fazem nada e não fazem nada mesmo. E são essas que têm mais subsídios.

Entrevistador: E se fosse trabalhar ao nível da gestão financeira? Não se faz um trabalho nessa ordem?

Entrevistado 7: Juntar estas mulheres como se fosse um trabalho e ajudar a mentalidade delas. Isso era tão bom, não era? Como se geria o dinheiro, ajudar.

Entrevistador: Eu acho que a Junta... Nessa área eu acho que a Junta de freguesia tem um programa, não tem?

Entrevistado 7: Têm que ir a casa procurá-las. Eu se fizer uma reunião... eu tenho que ir buscá-las, anda cá, chega aqui, anda cá... As pessoas não vêm. Tem que se ir buscá-las, ajudá-las, puxá-las, percebe? É isso.

Entrevistador: Durante o dia não se sai muito daqui?

Entrevistado 7: É tudo aqui. Sim, entre ali e aqui. Sim é. Uns vão de manhã para o café, saem do café 11:20, meia hora e depois tornam a ir...

Entrevistador: E os que vão levar os filhos à escola?

Entrevistado 7: Os que vão...



Entrevistador: Mas no seu caso é diferente.

Entrevistado 7: Tenho que trabalhar, não é? Só que eu não queria habituar, eu, a fazer os recados delas. “ah tu é que sabes”, “anda embora comigo”. Elas têm que ir comigo ver como é que se faz. É para se fazer. Mas é isso que falta aqui. Há espaços tão bons...

Entrevistador: Em relação a espaços comuns onde as pessoas pudessem de alguma forma cruzar-se umas com as outras?

Entrevistado 7: Aqui cruzam-se. Aqui no café. De manhã há bicha, não se podem sentar. Está tudo cheio. A gente passa e vê. Aqui ou na Teixeira ali na entrada do bairro.

Entrevistador: E há bom entendimento?

Entrevistado 7: Há bom entendimento, as pessoas entendem-se muito bem, e têm que se entender, senão não emprestam dinheiro, têm que se entender.

Entrevistador: Mas vamos imaginar que queriam ajardinar uma zona qualquer, as pessoas juntam-se para fazer alguma coisa?

Entrevistado 7: Não. Não. Tem que se pedir e tem que se pagar para se fazer. Julga que vai alguém de graça ajudar aquele velhote? Aqueles doentes? Não. Tem que pagar para ir.

Entrevistador: E há uns anos houve aqui um projecto, ouço falar com a Casa da Música?

Entrevistado 7: Ai que maravilha, eu fui, então não fiz parte desse projecto? Estou no livro. Ai foi tão bom. 114 pessoas. As pessoas vinham de trabalhar e iam para os ensaios sem comer. No dia estavam ali na Escola Manoel de Oliveira, na C+S duas camionetas de excursão para nos levar e a gente ensaiava na casa da electricidade.

Entrevistador: Mas nessa altura ninguém recebeu dinheiro para participar nisso? Era de livre e espontânea vontade?

Entrevistado 7: Não. Então não era?

Entrevistador: O que é que mobilizou tantas pessoas?

Entrevistado 7: É que umas chamam as outras e começaram a gostar daquilo. E eu não fiz uma vez um cortejo de Carnaval com mais de 300 pessoas, que até veio gente do outro lado juntar-se a nós aqui? (...) Havia aqui um grande baile de São João. Depois houve um cigano que fez um barulho do caraças. Mas havia um ringue que agora até foi abaixo, que deram cabo do ringue todo e eu disse quereis apostar comigo como eu faço parar o baile? Ai como? Uma equipa de futebol, nós todas com as pernas ao léu, mulheres de 50 foi, foi. Acendemos as luzes. Duas mulheres gordas na baliza, uma em cada lado. Uma maca com dois paus e um pano grande para a gente se meter em cima a fazer que se aleijava. Olhe e pára o baile que vieram os homens todos a correr e jogar à bola. (...) Fez-se na Casa da Música e tornou-se a repetir, o segundo fomos nós que fomos estrear a Casa da Música por baixo que tinha umas tochas para a gente se aquecer, que aquilo era muito frio, chovia aos molhos e torvalhava e tínhamos lá roupa para a gente vestir e despir para os nossos papéis. Ah esquece-me o nome da senhora que parece uma indiana, eu dou-me muito bem com a senhora e quem fez um cd quando a gente... sobre o aborto e tudo... não contava que ela me fizesse um cd e depois eu fui ao Batalha por causa de irmos às eleições do sim ou do não, quando eu entrava eu ia calma e ela fez-me assim essa surpresa. Ela é tipo indiana anda com umas roupas assim compridas, com o cabelo assim apanhado. E então a gente cheia de frio, mas era conveniente fazia-se uma reunião primeiro. É que ela perguntava-nos o que é que a gente queria fazer, que haviam uns ingleses que participavam com nós, mas nós é que tínhamos que fazer o que queríamos. E ela perguntava olha o que é que tu fazes “oh eu quero ser ama a tomar conta de crianças” e eu disse “oh eu sou uma mulher empregada a dias, tenho um homem soldador, tenho três filhos” e ela... depois houve uns arranjos... foi assim que começou aqui na escola C+S aquilo que a gente queria fazer inseria-se naquela peça... uma categoria... sabe que eu comecei a gostar de ópera por causa disso dos ingleses, eu páro para ouvir e por acaso foi muito bonito. Correu muito bem, muito bem. Os ingleses eram muito bons, os ingleses para nós... fizemos uma oficina para fazer as nossas coisas aqui e tudo...

Entrevistador: E depois como é que terminou?



Entrevistado 7: Terminou porque a gente... houve bilhetes para as pessoas ir ver e tudo... depois terminou e nunca mais ninguém nos chamou. Depois fizemos outro sempre com a mesma senhora. Depois morreu a Casa da Música, acabou tudo, acabou tudo.

Entrevistador: Mas nunca pensaram entre vocês em dar continuidade?

Entrevistado 7: Não. Quem é que apoia a gente aqui? A gente pode... eu tinha aqui um palco e tiraram. Eu fazia peças de teatro com as crianças e tudo, íamos aos outros bairros. Juntávamos as crianças de rua, montávamos as nossas coisinhas e fazíamos a nossa peça de teatro.

Entrevistador: E o teatro Pé de Vento não colabora nessas coisas?

Entrevistado 7: Não, não, não. O Teatro Pé de Vento está independente de nós. Está ali. Uma vez ou outra vamos ver uma peçazinha que é de borla. Aquele espaço do Padre também a Câmara dá-nos bilhetes para a gente ir ver se quiser e pronto. Mas ninguém se lembra desta gente. Então as mulheres de 50 não fazem nada. A Junta ainda faz um passeio para os maiores de 65 mas as mulheres de 50 anos, 40 e tal 50, não há nada para fazer para elas, nada. Algumas ainda têm as suas casas e filhos e vão olhando mas muitas não têm e andam aí sem fazer nada.

Entrevistador: Há outras instituições aqui por exemplo o Museu, aquele Museu Dr. António Cupertino de Miranda do Papel Moeda. Vocês têm feito alguma coisa?

Entrevistado 7: Nada. Nós é jogar à bola...

Entrevistador: Mas se houvesse algum convite?

Entrevistado 7: Ah claro! Nós íamos. Então até para o Natal nós aqui ensaiamos, temos aqui crianças que não faz ideia, a dançar e a cantar, pequeninas. Então fizemos um espectáculo aí no Natal que a Junta ficou a olhar para mim. Deram aí umas fichinhas com uma semana e agora o que é que a gente vai fazer? É fazer uma pecinha! “vão alguns palhaços”, “e as nossas crianças o que vão fazer”, “oh Esmeralda eu não tenho nada se quiser fazer algumas coisa” virado para mim “e se eu puser umas crianças a dançar e a cantar? Um grupinho de meninas e de meninos até aos dez anos ou doze?” “Oh uma maravilha” diz ele “Ahhhhiii!” Agora andam sempre atrás de mim por causa... começou a dançar e a cantar a ter aqueles jeitos, depois metem dança é que o pavilhão enche que as mães querem ver os seus filhos. Mas não nos convidam assim... antes, entre os bairros, todos fazíamos um torneio de futebol. Deixou-se isso também. Esta Câmara deixou.

Entrevistador: A senhora acha que as pessoas estão mais isoladas à medida que o tempo vai passando?

Entrevistado 7: Estão, estão. É a vida. Isso anda aí gente como a noite.

Entrevistador: O associativismo já não é o que era?

Entrevistado 7: Ui, não, então a gente fazia um cortejo da Câmara do Porto, cada um levava a sua camioneta e fazíamos (...) nós aqui trabalhávamos até mais não, cortávamos a madeira, uns pintavam, outros faziam os versos, sabe que a gente aqui ajuda uns aos outros. No Natal nós fizemos aqui o presépio ao vivo com as crianças daqui, também fizemos um presépio em que cada instituição fez... um carneiro... eu fiz o cavalo... outro fez o São José... As instituições da freguesia fizeram tudo unidas, quando nos convidam a gente está lá. Este ano fizemos um anjo da guarda para o pé da Junta em garrafas plásticas. Dentro da nossa sabedoria a gente fazemos, mas participamos. E há um torneio todos os anos da... nós participamos nesse torneio. Há corridas de bicicletas a gente leva três ou quatro miúdos com as bicicletas prontinhos vão. Foram um grupo de miúdos escolhidos para pingue-pongue, calçãozinho, minha branca, é assim. Eu participo em tudo o que me convidarem, em tudo. Mas antes era muito mais, mas muito mais, a gente fazia cada trabalho... a Câmara andou aí a ver se nos conseguia tirar as associações, os espaços. A mim escreveram-me uma carta e eu fui lá “que é isto? Tenho a cedência deste espaço, se me quiserem tirar este espaço dêem-me outro”. Até vieram dizer que está tudo bem, isto há anos e anos aqui dentro, verdade? Pronto.

Entrevistador: E que futuro é que existe para Aldoar?

Entrevistado 7: O nosso bairro tem três fases: tem a boa, tem a mais ou menos e tem a ruim. Tudo tem a sua fase. Então é assim, nós tivemos uma fase em que morriam muitos jovens da droga e eu cheguei a mandar alguns para o hospital, cheguei a ir vê-los ao hospital, a gente pintou uma casa, a gente meteu a mão dentro das nossas possibilidades para aquele doente ir para ali... e depois até que melhorou e depois até que morreu de uma pneumonia. Houve uma altura em que morreu muitos jovens e muitos jovens estavam presos, que aqui era muita droga, muita droga, muita droga, aqui havia muita droga mesmo. A polícia anda aí outra vez, não sei



o que é que se passa, mas a polícia anda aí outra vez. Nós aqui tínhamos 214 barracos à volta deste bairro. Que eram os filhos dos moradores, não cabiam nas casas e começaram a fazer um barraquinho, outro barraquinho, até que havia quase tanto em casas como em barracos. E eu ouvia essas crianças na escola a dizer “o que é que queres que o pai natal te desse” “que me desse uma casa” as crianças já a crescerem entendiam que eles iam para casa dos avós e dos colegas e que eles tinham uma casa diferente. E então iam ouvindo essas crianças na escola, a dizer que queriam uma casa e as pessoas iam ouvindo, as professoras e a gente ia ouvindo. Pronto. E então aqui acho que se deviam criar postos de trabalho para esta gente que sai das escolas, da faculdade, fazer algumas coisa para empregá-los. Outro dia uma mãe a pedir que lhe dessem trabalho, tem dezassete anos, não quer estudar, está metida em casa, tem outro neto que até às dez horas da noite que estava ali no infantário. Percebe? Havia de se criar trabalhos.

Entrevistador: Mas agora está a crescer tanto aqui à volta...

Entrevistado 7: Está. Muitas cooperativas, muitas cooperativas está mesmo a mudar está a desenvolver-se. Aldoar está a ficar uma freguesia grande.

Entrevistador: Será que o bairro vai beneficiar disso?

Entrevistado 7: Não sei, não sei... porque o povo aqui do bairro está metido aqui dentro. Percebe, isto é nosso, e para uma pessoa de fora... Não sei se isto tem tendências a melhorar porque as pessoas vêm embora dos empregos, não têm desemprego nem pré-reforma, nem reforma antecipada, são novos com 50 anos ainda não lhes dão a pré-reforma, nem nada e depois não têm onde se agarrar, são pessoas que trabalharam a vida inteira, sabia? Há pessoas assim aqui. Depois há outro estilo... há pessoas que não chega o dinheiro para as pessoas se alargarem mais um bocado, não é? E há umas crianças que vêm as outras com coisas melhores, também querem não é? Pronto há situações assim, ainda há mulheres da limpeza que até são exploradas ganham 2,5 euros à hora, tem cabimento? E trabalham tanto. E se a gente for fazer dias para uma casa não ganha menos que cinco. Mas essas empresas só pagam 2,5 euros e nem é para toda a gente. Assim, pronto... há pessoas que são novas queriam uma casinha e a Câmara não dá, deita-se papéis para a Câmara e a Câmara não dá casas e com tanta casa de vago. A Câmara só tenta despejar. Quando há um despejo lá vou eu a correr a ver se suspendo a ordem de despejo. Tem aqui um homem na Fonte da Moura que tem Câncer no sangue e vai ser despejado. A irmã já comprovou que ele nunca saiu daquela casa, a Junta já confirmou isso, nós já confirmamos isso e até tem uma providência cautelar para suspender, que eu não podia fazer mais, tive que meter, pedir auxílio à Segurança Social para um advogado (...) são situações assim. Para já, para já, isto ainda vai na fase de meio, que são três fases. Eu acho que isto ainda vai a piorar e depois torna a melhorar. (...) Antes de chegar à fase boa isto ainda vai piorar. As pessoas estão cada vez mais empenhoradas com os próprios bancos. Estão desempregadas e ficam... se têm um carrinho não podem pagar porque estão desempregadas e depois metem ordem de penhora e as pessoas chegam a um ponto que não querem sair porque têm vergonha e há situações assim, há situações assim. Os aumentos das rendas foram 60% e mais 40% para ser o dobro. A água e a luz é uma coisa que são logo duas prestações juntas e acho que não há dinheiro para segurar... Ainda há crianças que ainda comem na escola, ainda bem, há crianças que ainda comem na escola. Porque isso está difícil.

Entrevistador: É um contraste muito grande aqueles prédios do lado do Parque da Cidade.

Entrevistado 7: É gente rica que vem para aí. Nós temos gente rica na nossa freguesia. Temos os lavradores. Temos os riquinhos da freguesia. Aquelas pessoas que estão inseridas até na própria igreja. Há gentinha riquinha que nós temos, os nossos lavradores. Têm quintas, têm tudo. E agora quem é que vai comprar um prédio daqueles no Parque da Cidade? É gente mesmo que tem graneu, porque a vida não está mal para toda a gente. (...) Há quem coma tudo e há quem não coma nada (...).

Entrevistador: Bem Dona Esmeralda não lhe vou roubar mais tempo, agradeço-lhe muito porque o que estou a tentar fazer é tentar conhecer o território de Aldoar na generalidade (...) com quem é que eu deveria falar a seguir a si?

Entrevistado 7: Vou indicar um homem que foi condecorado como eu na Câmara do Porto, que eu fui condecorada, as cores são diferentes, e se eu estou aqui é porque sou política e o Presidente da Câmara deu-me a Medalha do Bem Social e a ele também Álvaro Fragata, ele mora nesta cooperativa, na CETA (...).



Protocolo de Inquérito por Entrevista

Data: 29-03-2010

Local: Cooperativa CETA

Entrevistado 8: Álvaro Fragata

Território: Aldoar Norte

Sub-território: Cooperativa Ceta

Entrevistador: Eu estou a estudar na Faculdade de Letras e nós estamos a fazer um trabalho de reconhecimento de Aldoar, há várias pessoas a trabalharem em simultâneo em diversas áreas e o que eu estou a fazer é um trabalho de entrevistas a várias pessoas e isto funciona assim... é tipo bola de neve. Eu faço uma entrevista a uma pessoa e essa pessoa diz-me "havia de falar com..." e depois a outra pessoa indica-me outra, e outra, e outra e eu estou a fazer um percurso, porque comecei numa zona de Aldoar e agora já estou noutra (...) São perguntas sobre a sua vivência aqui em Aldoar.

Entrevistado 8: 76 anos nascido e criado, só vim para aqui, para este apartamento, esta propriedade, porque a casa onde nasci e cresci é ali em frente a 100 metros, mas vivo em Aldoar há 76 anos. Nunca saí do Porto para parte nenhuma a trabalho.

Entrevistador: Podia começar por falar um bocadinho de si?

Entrevistado 8: Eu sou Álvaro Fragata, sou Álvaro Neves Almeida, mas como a família era do meio rural, aquilo eram quatro ou cinco famílias e pronto, a minha família era a família Fragata e é por aquilo que se conhecem, embora naquele tempo os rapazes não podiam ir ao nome do pai, Fragata, só podiam ir ao nome da mãe, que era Maria Rosa Fragata, sem família, e o meu falecido pai era Manuel Castro de Almeida, por isso nós, a minha geração de Almeidas está a aparecer agora. Os Fragatas, ainda na Quinta-feira enterramos um com 85 anos, agora há mais 3, quer dizer a geração Fragata vai terminar e começa a geração Almeida. Desde princípio aqui em Aldoar era um meio rural, um meio com muitas dificuldades, mesmo com muitas dificuldades, falando de mim próprio quando eu fiz a quarta classe com 10 anos, logo aos 11 fui trabalhar para a construção civil, depois...

Entrevistador: Desculpe interrompê-lo... fez a quarta classe cá em Aldoar?

Entrevistado 8: Em Aldoar, em Aldoar, numa escola que havia ali na Vilarinha. Íamos daqui para lá descalços para lá e vínhamos, porque não havia... nesta fotografia está o que era a minha família, não é? Família com muitas dificuldades. Eu sou gémeo e havia uma rapariga que era a minha falecida irmã, essa tal como a discriminação... só teve a terceira classe e nós é que tivemos a quarta. Portanto foi uma vida difícil para os meus pais. Apanharam aquela Segunda Grande Guerra, foi muito difícil, então nós para sobreviver, aqui havia muito digamos... lavradores, agricultores, por outro nome mais simples, e nós nos nossos tempos livres íamos tomar conta do gado para os campos, por exemplo do lado de onde você agora veio, ali daquela parte era tudo campo de agricultores, tocar os bois, deitar água para rega e espantar os pardais das cearas, para não comerem.

Entrevistador: E nessa altura onde é que o senhor vivia?

Entrevistado 8: Vivia exactamente onde disse, aqui em Aldoar. A minha família foi toda aqui toda nascida, implantada, porque Aldoar quando dizem que Aldoar... Aldoar para mim as primeiras pessoas que residiram em Aldoar foram pescadores e depois de pescadores é que começou a nascer a agricultura, naturalmente que começaram a desenvolver. Depois aqui era um meio muito grande de construção civil, carpinteiros, pedreiros, trolhas, serralheiros, que chamavam... Aldoar e Lordelo eram duas faces da cidade onde realmente dominava a indústria. E pronto haviam aqui os Ferreirinhas, quando o Eduardo Ferreirinha, que já não existe, na circunvalação... aqui todos os moços que viviam na aldeia, que chamavam a gente os moços de lavoura, trabalhavam muitas vezes de sol a sol e depois ainda muitas vezes depois do sol ainda se acendia o candeeiro para partirem lenha. Foi tempos muito duros nesta geração e prontos foi isso. Pronto e depois quanto a mim depois fui para a vida militar e depois da vida militar fui para uma empresa de importação/exportação, queria subir na vida, naturalmente e começou aí a ser mais fácil, porque muitos dos nossos jovens foram para Angola, outros fugiam para ir para Angola para ir para emigração e trabalhei 37 anos depois consegui, mesmo com a quarta classe, com 37 anos ser chefe dessa empresa no sector comercial. E depois reformei-me... reformei-me



não, antes de reformar-me fui político que aqui era uma zona de refúgio político, em casa dos meus falecidos pais, e daí é de onde vem a paixão pela política, essas pessoas que andavam fugidas de serem presos o fundo do nosso quintal, que é o ringue de desporto, que está aqui em frente, que era a horta que se cultivava em casa, havia um barraco lá atrás onde dormiam lá fugidos políticos, “né”? E daí, como criança, vem a paixão da política, “né”? E quando foi o 25 de Abril, ainda há dias vinha na imprensa o nome dele o primeiro Governador Civil do Porto após o 25 de Abril, foi o Cal Brandão e nas freguesias foram constituídas comissões administrativas e depois tivemos logo a seguir que preparar o recenseamento, “né”? E então tinha que haver um presidente, tinha que haver um vice-presidente e dois vogais, eram cinco pessoas. E a mim o Cal Brandão nomeou-me Presidente da Comissão de Recenseamento. A primeira coisa que eu tive preocupação, mas mesmo preocupação foi em saber como é que os mortos votavam, que os mortos votavam. Então foi encontrada a razão. Uma pessoa que tivesse falecido há dois anos, ainda antes do acto eleitoral, não eram descarregados naqueles apontamentos, logo quando eles à noite fechassem o recenseamento e ainda tinha 60 pessoas que votavam, incluía os mortos. Mas também posso dizer, com os pés bem assentes, que é pior a situação de hoje que a dos mortos, que antigamente votavam os mortos e hoje manipula-se a informação na imprensa, nas sondagens, que a coisa mais desonesta que há na vida é a sondagem, porque a sondagem se a menina for à Foz tem uma sondagem se for à zona de Aldoar tem outra sondagem, mas se for aqui ao bairro onde estive com a Dona Esmeralda no Bairro da Fonte da Moura a sondagem é totalmente diferente, não sei se me faço entender? Eu por acaso estou dentro dessa situação porque tenho uma pessoa da família que é jornalista e o papel dele é recolher a sondagem e vulgarmente eles também, para facilitar o trabalho... eles com os apontamentos passam de uns para os outros... precisam de uma sondagem, mas não vão lá... depois fui para as eleições, sempre concorri, até estas próximas, nunca fui Presidente da Junta mas fiz parte da Junta do seu Executivo, porque realmente hoje as pessoas que algo fazem pelas freguesias podem ser muito boas mas.. oh pá, mas a cor do seu partido é que vence. Não renego a ninguém, sou um militante do PCP em termos de filiação política e eu cheguei a estar a duzentos votos do Presidente eleito, que era do PS, do PSD, mas a idade vai avançando e depois a determinada altura eu também não... não é fazer cansado. É meter gente nova para se criar o futuro. Hoje acabou é o que eu considero, agora é estabilizar e preparar o futuro com gente nova. Que o futuro é deles não é meu. E portanto este ano não fui eleito porque o meu colega foi eleito, um membro da CDU foi eleito para o Executivo, para Junta se ele foi eleito para o Executivo nós só não fomos porque não quisemos, aliás a Esmeralda também fazia parte, faz parte do Executivo agora, mas faz ela e o meu colega, porque PSD/CDS são 5, CDU 6 e Bloco de Esquerda, que é a Esmeralda, 7 e são 5 Socialistas, portanto nós temos a maioria e prontos conhecendo a freguesia e a minha dinâmica e eu tenho orgulho em dizer... e as pessoas de Aldoar sabem e há documentos que comprovam essa realidade, nós tínhamos um Centro de Saúde que as pessoas que não podiam, de idade e que não podiam subir ao terceiro andar o médico tinha que vir cá abaixo. Só que a Ilda Figueiredo como estava no Parlamento foi feita uma proposta para que do PIDDAC constasse uma verba do Parlamento Europeu para construir o Centro de Saúde. Os PIDDACs acho que ainda hoje vêm lá descritos que são para fazer a obra num prazo de cinco anos, se nessa altura, nos cinco anos, não estiver feita a obra o dinheiro tem que ir para onde veio, razão pela qual faltavam três meses para que o dinheiro fosse e onde está hoje o Centro de Saúde nada estava. Teve que se fazer uma habilidade ir buscar uma grua e um empreiteiro veio, metê-la no terreno e a maior prova é que as pedras da grua ainda ali estão, porque o empreiteiro ainda não as levou que diz que já não tinha onde as meter. Aquilo ali, digamos, é um símbolo que quem andou com o Centro de Saúde fui eu e o partido a quem pertence, depois as entrevistas que se deu na televisão no programa SIC 10 horas, depois trazer aqui os jornalistas e prontos e essa foi a maior luta da minha vida. A segunda luta foi realmente trazer os transportes públicos para o Centro de Saúde porque eu passo aqui o tempo no meu escritório e vejo aí desgraçados que vêm aí a 500 metros a pé e o autocarro aqui sem poder ir lá levá-los. De facto Aldoar cresceu, mas cresceu de que maneira. Nós se não fosse realmente criar as cooperativas nós hoje éramos 9 ou 10 mil, cresceu muito. Era um meio rural e cresceu muito. É o caso do Parque da Cidade. O Parque da Cidade eram cinco agricultores que faziam o Parque da Cidade, aquilo estava dividido em 5 agricultores que faziam o Parque da Cidade. Eu andei a ver 60 ou 70% faz parte da freguesia de Aldoar. Alguma coisa se tem feito cresceu muito... as Cooperativas e eu como estive a lutar por coisas justas, porque se não fosse dessa maneira... fui Juiz Social durante a minha vida de trabalho, porque há os jurados mas quando há problemas, por exemplo a menina trabalha numa empresa e tem problemas, vamos a aconselhaço ou vamos ao tribunal e eu era um juiz, jurado e às vezes eu via uma menina que não merecia sequer a minha presença para a defender porque ou cometia um roubo ou cometia muitas faltas, mas ali o meu papel era ir procurar para resolver socialmente a favor, retirar muitas das vezes o castigo, muitas vezes não é o que comete o erro que é o castigado é sim a família, os filhos e a esposa, não é? E pronto houve uma série de coisas que eu tive, como vê a Câmara Municipal do Porto condecorou-me com a medalha por serviços feitos ao nível de freguesia e prontos... vivo muito a sério, vivo mesmo muito a sério a minha freguesia.



Entrevistador: Este lar de que aqui falam é o da CETA social?

Entrevistado 8: Não, não. O lar da CETA social eu sou sócio. Mas esse lar de que aí fala é um lar que se vai construir ao lado da cooperativa e prontos em todas as freguesias onde há igrejas há a comissão fabriqueira, mas a comissão fabriqueira como temos que avançar com o lar é de dez ou quinze pessoas e o Sr. Padre Lino Maia que é Presidente Nacional das IPSS disse que cada um dos que estavam lá tinha que trazer um portanto eu tive não sei se a felicidade se a infelicidade, para mim foi para me carregar com mais trabalho, o próprio padre Lino Maia escolheu-me a mim. Pronto, estou lá, se tudo correr bem vamos avançar com a obra. É um lar com quarenta camas ambulatoriais, quarenta camas para pessoas idosas um refeitório para se servir cem pessoas se for necessário, duas carrinhas que já andam para servir o almoço a casa nas termos e uma equipa para olhar por doentes acamados. Também quando fui reformado foi muito difícil para mim adaptar-me a não fazer nada e abracei uma obra que não estou ligado à Obra Social de São Martinho de Aldoar por questões políticas. Porque o Padre Lino já me quis levar para lá eu é que não quero, eu quero ser voluntário mas para ser voluntário se tiver que dar um murro numa mesa, tenho que dar um murro numa mesa, mas se der o murro numa mesa é comigo mesmo. Se der um murro numa mesa e estiver num colectivo, o colectivo é afectado pela minha maneira de ser. Se chegar ali ao posto de saúde e requisitar um médico ao domicílio se a médica me disser que não eu subo à Direcção e vai, e vai. O doente que está acamado precisa de medicamentos eu vou à farmácia sem receita levo-lhe o remédio e depois vai-se buscar a receita ao Porto, porque a receita e as reformas, tenho luz e tudo, eu todos os dias de manhã tenho estas chaves todas... neste momento só tenho 7 acamados, pessoas que vou ver. Neste momento tenho muito com que me entretenho, para passar o tempo, pronto... e já faço muito.

Entrevistador: Então neste momento a quantas associações e colectividades é que o senhor pertence?

Entrevistado 8: Temos o Recreativo de Aldoar, temos o Vilarinha, temos a Portuguesa de Aldoar, temos a Comissão de Moradores, temos umas sete ou oito estruturas populares, não é? Para aí com as cooperativas é capaz de ser para aí umas dez, não é mais do que isso.

Entrevistador: E este empreendimento é da CETA?

Entrevistado 8: Este empreendimento foi o empreendimento número um da CETA neste momento em termos de grande Porto a CETA já deve ter entre 2500 a 3000 habitações. Nós concretamente na CETA foi muito difícil, com dois filhos na Faculdade, muito difícil, a gente quando veio para aqui pagávamos uma amortização todos os meses à Cooperativa porque quando fôssemos habitar, como viemos e fazer a escritura com a Caixa Geral de Depósitos embora financiado pelo Fundo Social de Habitação nós tínhamos que ter 50% e eu lembro-me que tive dificuldade e o meu subsídio de férias e os meu subsídio de Natal estava todo empenhado porque eu não conseguia pagar a cota deliberada em Assembleia. Então quando eu recebia o subsídio de Natal entrava com aquele dinheiro e ficava igual a todos, não é? Ninguém ia pagar a minha casa nem eu ia pagar a dos outros, cada um pagava a sua.

Entrevistador: E em que ano é que veio para aqui?

Entrevistado 8: Eu estou aqui há 24 anos, nesta casa.

Entrevistador: Antes vivia?

Entrevistado 8: Ali na casa dos meus pais, uma casa rural mas com condições de habitabilidade. Ainda lá vou de manhã e à noite antes de ir dormir.

Entrevistador: Fica localizada em que rua?

Entrevistado 8: Rua Martim de Freitas, em frente à nova fase da Cooperativa CETA. Mais 24 apartamentos que fizeram. A Cooperativa criou um modelo de construção para jovens, pronto um jovem quer casar e tinha problemas... então esses jovens e as famílias desses jovens... por exemplo aquelas em frente à casa do meu pai, neste momento aquelas que eu posso falar e que foi o último que se construiu... neste momento parou, estagnou por falta de apoio estatal. A gente tem ali 24 apartamentos, as pessoas que se inscreveram jovens, logo pais ou eles mesmos tinham que entrar com 500 contos, falar em contos para se poder entender melhor, e depois, mensalmente, tinham que entregar mais dez para que quando fosse fazer o contrato de habitabilidade pudesse já ter uma parte significativa, para não ter tanto esforço, pronto. O que é que aconteceu agora? A obra está feita e muitos desses jovens, que infelizmente estavam inscritos deram 500 contos e pagaram a sua mensalidade, e isso não está em causa, mas está em causa que por desemprego não fazem, não conseguem contratos com nenhum banco. A dificuldade neste momento... das 24 temos só 18



ainda, estão 6 por realmente vender. Mas temos um empreendimento na Madalena de 100 casas que só ainda temos 30 e este lar está para 3 milhões de euros, 3 milhões de euros e ainda não recebemos um cêntimo sequer. Também já está tudo neste momento estruturado na maneira em que há um contrato para eles financiarem, porque o Estado compromete-se, neste concreto, no Lar de Acção Social de Aldoar, já está o acordo feito. O Estado comparticipa com 60%, nós com 40. Os nossos 40 é dado como? Como o terreno nos foi oferecido conta como valor, imagina a menina eu tenho que passar para um valor para os 40% a Câmara de-nos o projecto, também tem valor, o dinheiro tem que angariar com coisas que se faz, razão de que o lar vai andar. Aqui a CETA não tem nada porque foi ela que investiu. A Caixa Geral de Depósitos como nós pertencemos ao Grupo CETA Norte e Sete Bicas a Caixa Geral de Depósitos... nós construímos deve haver mais de 7000 casas a nível de Porto e grande Porto no grupo todo, “né”? E pronto éramos um bom cliente, digamos, da Caixa Geral de Depósitos e somos e tem havido umas certas facilidades porque eles também reconhecem, eles mesmo que também têm clientes que pediram dinheiro e estão a habitar mas pagaram cinco ou seis anos e agora coitados ou entregam a casa ou arranjam outro banco senão não chegam lá, ninguém chega, isto especialmente custa-me um bocado ter que dizer isto, desta juventude que está neste momento com a corda na garganta, não é? Há falta de empregos e há centenas de pessoas com cursos superiores sem emprego, não é? Eu felizmente neste momento não tenho esse problema com os meus filhos, porque a minha filha já tem 46 anos e é professora de Inglês e está estabilizada e o meu filho também é professor de Artes e às vezes até é difícil chegar e saber como foi difícil para mim eles terem o curso e prontos... esta juventude está mesmo com muita dificuldade, muita, há muita miséria, e há aí muita gentinha, que é isso que me custa, há aí muita gentinha idosa com muitos problemas porque eu era um revoltado nos idosos por seguinte: nós fazemos cursos também não vai para lá, para voluntário quem quer, porque eu saio de uma profissão, quem era eu para tomar conta de um idoso ou de uma idosa, que tem mais senhoras do que homens, é preciso muitas vezes dar de comer, é preciso muitas vezes, por exemplo, aos diabéticos dar a insulina no umbigo, também faço isso não tenho qualquer problema e agora é preciso tratar-se do doente não é? E depois os idosos a partir de uma determinada idade e é isso que às vezes até nos faz cansar, começam a perder a consciência e a noção do que era a vida, não sabem onde põem as coisas que lhes falta isto falta aquilo e prontos. (...)

Entrevistador: Então o senhor já está aqui há uma série de anos. Quem é que o senhor considera os seus vizinhos?

Entrevistado 8: Primeiro a família, número um, depois aqui na Cooperativa são todos meus vizinhos, não tenho problema nenhum.

Entrevistador: Mesmo os que vivem noutros prédios?

Entrevistado 8: Mesmo aqui não tenho problema nenhum. Eles é que me consideram uma figura pública e depois uma figura pública tem que ter o cuidado com uma coisa é que tem que ter cuidado com o que faz, para ser respeitada, e eu tenho muito cuidado nessas coisas, uma pessoa tem que ser uma pessoa de respeito para ser respeitado.

Entrevistador: Se o senhor tivesse que desenhar uma fronteira da sua vizinhança onde é que ela terminaria?

Entrevistado 8: Aqui nós temos três estratos sociais, nas 215 habitações temos 3 estratos sociais. Aquele bloco que ali está diz cooperativa dos trabalhadores, trabalhadores hoje são todos, “né”? Mas eram os pedreiros e os trolhas depois às vezes os empregados de escritório eram empregados, já não eram trabalhadores, eram empregados. Depois haviam engenheiros que hoje também já são trabalhadores, são todos trabalhadores. Eu até acho que não está bem definido, porque todos trabalhamos, uns são médicos outros são engenheiros, todos trabalhamos. Mas temos realmente aqui esses três estratos. Temos pessoas aqui que ainda hoje estão a pagar a casa, que ainda não conseguiram em 24 anos, pessoas com dificuldades, idosas, pessoas mesmo com dificuldades. Depois há a classe média que são aqueles que trabalhavam nos escritórios, nos armazéns, e nos bancos, temos aqui muita gente a trabalhar em bancos, temos aqui muita gente das empresas da Galp, da Shell que também se instalaram por aqui pronto. Há aqui mais ou menos três estratos sociais, também moram aqui médicos, também moram aqui técnicos de contas, também moram aqui. Não em grande quantidade mas aproveitaram a boleia, porque naquela altura fazer parte de uma cooperativa não faltava quem viesse porque tínhamos o benefício de empréstimo do Fundo Fundamento de Habitação que foi extinto, porque houve excessos de desvio de dinheiro, muitos desvios de dinheiro, razão pela qual o Fundo Fundamento de Habitação foi extinto, e agora quem quer pede empréstimo à Banca. Isso veio criar muitos obstáculos mas para mim a crise é que ainda é pior.

Entrevistador: No seu dia a dia quando o senhor caminha a pé ou circula de carro que percursos faz?



Entrevistado 8: De carro não porque eu tenho que dizer isto: a primeira coisa que eu fiz quando os meus filhos foram para a Universidade acabei com o carro e acabei com outro... Nós tínhamos família no Ribatejo e íamos para lá passar um mês de férias, tivemos que acabar com esses vícios para poder sobreviver à vida e sabe andava no eléctrico ou no autocarro que é o que faço hoje, portanto ando a pé.

Entrevistador: E então a pé que zonas de Aldoar é que o senhor percorre com alguma regularidade quando sai à rua?

Entrevistado 8: Eu de manhã levanto-me às nove horas, depois de fazer a higiene saio de casa às dez e chego a casa à meia hora, eu de manhã faço sempre hora e meia, conheço a freguesia como ninguém, sei onde há um buraco para levantar os problemas na própria Câmara e de tarde depois de jantar torno a sair, dou a minha volta por exemplo ali naquela zona do Jornal de Notícias, à noite há vinte, trinta pessoas a fazer circuito de manutenção.

Entrevistador: Mas o senhor vai até à Boavista?

Entrevistado 8: Não, não É aqui na Zona de freguesia, para a cidade não. Não me estendo muito para a cidade, a não ser que tenha que ir para a Câmara para reuniões não me estendo muito para a cidade.

Entrevistador: E que instituições é que visita no seu dia-a-dia, quando tem que ir resolver algum assunto aqui em Aldoar?

Entrevistado 8: Mais a Junta de Freguesia. Porque de resto é a única instituição onde se pode ir tirar umas fotocópias, a gente vai lá receber ao posto dos correios o dinheiro dos velhotes e pouco mais, ir ali ao Continente comprar fraldas e pouco mais. Eu tenho dois netinhos, eles estão ali e eu tenho que ter um bocadinho com eles e eles um bocadinho com o avô, não é?

Entrevistador: E como é que caracterizaria esta sua vizinhança?

Entrevistado 8: Vou-lhe dizer, voltando um pouco atrás, que não tenho qualquer problema, especialmente aqui é uma família. E julgo que até para ter uma boa vizinhança que foi um hábito que eu criei “Boa tarde”, “Bom dia” “Passou bem” e se precisar tem o nosso apoio, se não precisar... porque muitas vezes o que corre mal na vizinhança é conversar muito, dar a vida a conhecer a outros e depois debulhar e criar problemas, aquele fez isto ou aquele fez aquilo, fazer limitações boa tarde, bom dia, boa noite e...

Entrevistador: Portanto é uma relação baseada no respeito.

Entrevistado 8: No respeito, totalmente baseada no respeito e seria desonesto dizer... Ainda hoje felizmente não tenho razão de queixas que as pessoas me respeitam.

Entrevistador: E as pessoas encontram-se muito?

Entrevistado 8: Trabalham não é? Aqui já há muitos reformados. Quando é à tarde chego a ter ali nove ou dez criancinhas a jogar à bola com eles e inclusive com os meus netos, passar o tempo e depois é engraçado que os avós estão com os meninos, está tudo ali e enquanto os meninos brincam dentro do ringue ou no parque nós ficamos ali e falamos uns com os outros. Há uma questão familiar muito próxima. Já não concordo ali como na Esmeralda, as pessoas têm outro estrato social um bocado mau, metem-se é nas adegas, metem-se... prontos... e muitas vezes não dão o acompanhamento à família como devem dar e depois são os problemas.

Entrevistador: Vocês vivem aqui tão próximo, esta cooperativa vive tão próxima do Bairro de Aldoar. Há interacção entre as pessoas da Cooperativa com o Bairro?

Entrevistado 8: Sim, eles vêm para aqui. Vou-lhe dizer eles não tinham nada que vir para aqui, mas isso era racismo, utilizar o parque infantil que é nosso, o ringue que é nosso, fomos nós que pagamos. Mas nós... abre-se o parque respeitam as regras, se praticarem algum... se fizerem alguma asneira são castigados um mês de não poder estar dentro do ringue e fizemos isso só por uma questão de preservar aquilo que não é deles... de resto não há discriminação com nada, nada, nada, nada.

Entrevistador: E as pessoas de cá frequentam o bairro?

Entrevistado 8: As pessoas de cá... em passagem, como é o meu caso.

Entrevistador: Mas não vão ao café?

Entrevistado 8: Já não vamos lá tomar o café à Esmeralda nada, porque a gente tem aqui mais perto, mesmo propriamente em Aldoar, não é distanciado. Posso-lhe dizer que todas as Quintas-feiras distribuo trinta e três



jornais do Avante e só doze distribuo no bairro de Aldoar. Quer dizer... tenho contacto no bairro de Aldoar. Nós quando agora há as Janeiras e agora houve o programa da Paz, que este ano não pude fazer, mas eu à minha parte meto 1750 tarjetas nas caixas do correio. Toca-me a rua Martim Moniz, toca-me a rua de Salazares, toca-me a Rua Sérgio Mendes, toca-me aqui a Praceta Luís Gomes e toca-me o bairro de Aldoar, não tenho problema, desde que a pessoa... não tenho. Começo é a não poder também...

Entrevistador: Acha que a freguesia de Aldoar é uma freguesia um bocadinho fragmentada?

Entrevistado 8: Sim a freguesia de Aldoar tem dois escalões etários. Tem as ilhas muito, muito, muito degradadas, que é pior do que o bairro, depois tem os bairros de Aldoar e da Fonte da Moura que foram pessoas que foram despejadas do centro da cidade para dar lugar a grandes construções na rua de Camões, rua Gonçalo Cristóvão. Temos a malta daqui do bairro de Aldoar que era malta que vinha do bairro, chamava-lhe a gente o Bairro de Xangai que é onde está o Parque da Cidade, eram pessoas que viviam todas em barracos, resultado quando foi feito aqui o bairro Carlos... As pessoas todas vieram para aqui... Há quem lhe chame bairro de Xangai. O bairro Leão XIII que também é aqui que também tem 65 habitações, quem o construiu foram eles, os funcionários dos transportes colectivos do Porto, porque 90% dos funcionários dos transportes colectivos do Porto eram de fora da cidade do Porto, eram de Amarante, Paços de Ferreira, aquela zona. Conclusão eles viviam aí de qualquer das maneiras e construíram aquele bairro, e depois as cooperativas veio dar um desenvolvimento etário à freguesia por exemplo aquela parte de construção de cooperativas do lado de lá do Jornal de Notícias são pessoas já com um poder de vida.

Entrevistador: E agora estas novas construções mais perto do Parque da Cidade?

Entrevistado 8: (...) Eu posso-lhe dizer com os pés assentes que o preço do metro quadrado do terreno em Aldoar é dos mais altos da cidade do Porto ... mais que nas Antas.

Entrevistador: E porque é que acha que isso é assim?

Entrevistado 8: (...) As estruturas que nós criamos. Nós felizmente as cooperativas deram uma vida nova a um meio rural que era o nosso, era um meio rural. Não é por acaso que o Hospital que estão a construir foi construído aqui em Aldoar, o CLIP é uma instituição que é preciso ter muito dinheiro para ter lá um filho, 120 contos por mês e 200 contos por mês e agora estes terrenos, que até são de família, que se venderam ao lado de onde a Dona Esmeralda tem o café, aqueles campos é para ampliar o CLIP, o Colégio. E aqueles terrenos em frente ao CLIP lá na rua de Vila Nova, aqueles terrenos estavam única e exclusivamente para dar continuidade aqui ao Hospital Magalhães Lemos, porque eu tentei expropriar... eu sou um pouco responsável pela expropriação de terrenos para as cooperativas, porque tinha lá quem me orientasse, “né”? A Rua de Vila Nova, onde está o CLIP, aqueles terrenos todos estavam estruturados para um pavilhão desportivo, um pavilhão com piscina e um campo de futebol e um campo de ténis, para recuperação dos doentes através do PIDDAC ninguém podia lá entrar, ninguém. No entanto o PIDDAC deu uma volta e hoje vê-se as vivendas que lá estão, “né”? E de que maneira... A rua de Vila Nova em frente ao CLIP aquilo é um mundo de residentes, habitações, autênticas vivendas.

Entrevistador: Que mais-valias é que tem para si viver em Aldoar?

Entrevistado 8: Eu acho que hoje temos outras condições de vida. Eu tenho aqui transportes a cem metros, tenho o 501 que me leva à praça a 100 metros, tenho o 504 que me leva à Boavista a 100 metros, tenho o 205 que me leva à Campanhã a 200 metros, tenho o Centro de Saúde a 100 metros, tenho aqui o Hospital com Piscina se quiser para lá ir, a 100 metros, eu realmente o bocado onde vim cair sou privilegiado e às vezes dizem “porque é que andas a lutar pelos outros se já tens tudo à tua porta?” Naturalmente por eu ter tudo é que acho que os outros também devem de ter, não é? Não vou fugir, no sentido fechado, de maneira nenhuma. Eu sou o Presidente da Comissão de Utentes, ainda há dias, eu vou a todas as reuniões à Câmara, “né”? A gente na luta do 501, o que é que constava que o 501 conforme está aqui numa entrevista do responsável dos transportes colectivos do Porto, o Dr. Rui Saraiva “adiantou Rui Saraiva sublinhando que nos próximos 15 dias ficará totalmente definido o percurso do 501”, isto em 12 de 2009, como isto não andava e diziam que era por causa da Câmara eu no dia 24... 23 do 2 fiz uma interpelação à Câmara a perguntar, saber, por que razão se o 501 e o 504 já circulavam na rua Cerveiro Mendes 60% por que é que por mais 100 ou 200 metros não ia e foi-me logo respondido pelo Vereador do Pelouro Gonçalo Gonçalves de que não correspondia à verdade, que não era a Câmara que impedia e depois realmente depois vem nestas entrevistas todas dos jornais tudo, veio a resposta de que realmente não era o problema da Câmara, mas sim dos Serviços. Tenho uma promessa e isto acredito mas simplesmente ainda não se tornou público porque eu estou com receio de que da outra vez prometeram no ano passado mas o dia 1 como era o dia dos enganos não veio nada, eu neste



momento tenho quase a certeza que no dia 5 do mês que vem o autocarro vai lá abaixo, mas não quero avançar sem ter os alicerces fortes porque eu posso sair com um comunicado à população de que o 501 vem aqui e depois sair tudo furado, embora nós saíssemos com um comunicado, “né”?

Entrevistador: E que aspectos negativos é que há de viver em Aldoar?

Entrevistado 8: Eu continuo a dizer que há uma falta de acompanhamento aos bairros, porque os bairros as pessoas que cá trabalham que estão hoje a residir 70% são pessoas com 35 ou 40 anos de residência, reformados e neste momento o aumento da renda é um caso muito, muito preocupante. Mas não é só o bairro, eu por exemplo na Sexta-feira tive uma reunião, não a nível digamos político mas uma pessoa que me confidenciou que tem um café na zona na praceta Egas Moniz, ali em frente àquele empreendimento muito grande, de luxo, que trinta pessoas já não pagam de renda de luz, da água e luz, pessoas que têm o seu nível de vida e os seus empregos e nunca pagaram, mas também não deixam de ter o seu carro na mesma. E julgo que neste momento um dos problemas que a menina falou e muito bem é o problema do saneamento, neste momento a freguesia de Aldoar está 90% coberta por saneamento, que por ter as fossas sépticas fomos obrigados a fazer ingressões que é o caso concreto da casa do meu falecido pai, tinha fossa séptica naturalmente ia para as águas fluviais mas uma coisa é fossas sépticas e outra coisa é os bairros sociais e prontos a rua da Vila Nova a rua Martim Moniz estão muito más, estão muito mesmo más, embora a Câmara tenha em projecto o arranjo destas ruas falta o tostão, “né”? São mesmo partes negativas. E a falta de policiamento. Eu também faço parte não é da Escola Segura, faço parte da Prevenção Segura que não tem nada a ver com as escolas, que é vermos as coisas e transmitir, temos números de código, não é? Transmitimos e não é que não se dei-a a cara, mas às vezes temos que evitar dar a cara porque senão as pessoas “ei vem aí...” é a mesma coisa que ver um polícia e fugir e então a gente... e transmite-se e às vezes até demoram meses a acompanhar a situação com fotografias, porque tem que se comprovar aquilo que se põe, não é? E ter certezas, não vamos dizer que a menina que fez isto sem que realmente se faça um acompanhamento à sua vida, para saber se corresponde àquilo que aparece. Para mim inquéritos, para mim não há pai é, não é, não é. Veio um inquérito para a minha mão de uma pessoa que não pagava há 15 anos à Câmara Municipal do Porto eu disse assim “não pode ser”, não paga? É estranho. Depois fui fazer o inquérito e vim a saber que esse casal eram 19 pessoas numa casa T4, eles não pagavam, a Câmara tirou-os de lá a mandou-os para a Fonte da Moura, não compreendo que se tira uma pessoa que não paga a renda e agora continua a não pagar renda. Nem que fosse 100 euros, 1 conto ou dois ou três mas havia de pagar. E depois não sei o que fizeram a essa família, que a informação tive que a dar, que não era exacta. Os únicos que ali tinham dinheiro eram os dois idosos, casal, porque o resto da família ninguém trabalhava. Eram pessoas da noite, eram pessoas da noite e a Acção Social da Câmara teve que actuar e correspondeu realmente ao meu inquérito, que depois pessoal da Câmara também veio para a rua, que estes carros que se vê hoje da Câmara Municipal do Porto são pessoas ou fiscais, pessoas que andam a ver... E a falta de trabalho neste momento é muito grande. Muito.

Entrevistador: Mas também existem potencialidades a nível do futuro, há coisas que podem vir a ser colocadas em prática que se podem vir a fazer. Quais são os próximos passos para Aldoar?

Entrevistado 8: Eu não estou a ver, com muita franqueza aqui em Aldoar a indústria acabou totalmente. Aldoar até nem pode, porque o Porto tem o Centro Industrial de Ramalde e não pode abrir. Até por exemplo esta própria Lavandaria, que eu mandei ter com eles... já melhoraram. Esta Lavandaria está aqui porque é Estatal senão não podia estar aqui. Está... Não pode haver indústria. Por um lado se a Lavandaria trabalhar das 8 às 10 da noite a mim não me preocupa, mas preocupa-me às vezes se trabalhar durante toda a noite, porque eu quero descansar e não posso, porque aqui a turbina... é a mesma coisa do que a menina de dia não dar sequer fé de que haja uma pinga de água a cair no autoclismo, mas se for de noite essa pinga de água já a incomoda, até acorda. E aqui a Lavandaria é a mesma coisa. Prontos. Eles em 50, 60% resolveram o problema, mas estou mesmo convencido que eles têm que retirar isto daqui, que não podem ter e prontos de resto não podem ter. Comércio também, eu por exemplo temos aqui Continente a 300 metros, mas aqui em Aldoar aquelas mercearias antigas já estão outra vez a sobreviver, porque as pessoas só pagam ao fim do mês, porque não têm dinheiro e ao Continente têm que pagar hoje já há o livro outra vez na mercearia, “é para o meu pai”, “é para a minha mãe”, tem lá o nome e ao fim do mês é capaz de meter mais uma parcela mas a verdade é que é o livro que está a valer a muitas pessoas. E mesmo aqui, a malta do bairro de Aldoar, que acontece um problema em casa, e as ilhas as pessoas pagam 30 ou 40 contos, pagam três ou quatro meses e depois não pagam mais e depois os senhorios para as tirarem andam outra vez três anos e eles já sabem “pago 4 ou 5 meses e depois estão um ano ou dois até me porem fora” a gente tem isso aqui. Eu não vejo isto... com verdade... a não ser aqui o Hospital... Mas isto é gente que não vem para aqui morar, não vai ser gente de Aldoar.



Entrevistador: Esta gente nova nos novos empreendimentos não acha que podem dar uma vida nova aqui?

Entrevistado 8: Não estou a ver, não estou a ver. Há muita necessidade. Acredite que eu mesmo pessoalmente tenho procurado renovar naquilo que eu sou responsável 60 por cento, 70 por cento são pessoas com mais de sessenta anos, o que é que eu posso esperar dessas pessoas? Vai-se convidar novos... a gente quando julga que tem uma mão cheia tem uma mão vazia, aperta não tem nada e eu julgo que o futuro é deles que já não é meu, que eu já estou ultrapassado, eu ou pouco ou muito é o que tenho e o futuro é deles, mas eles ainda não estão muito motivados. Porquê? Isto é uma razão que tem que dizer porque eu também tenho filhos também o fiz eh pá não trabalham, se estudarem ainda estudam, mas se não trabalham “oh mãe, oh pai, tens aí um euro ou dois”, lá a mãe dá um euro ou dois, tem cama, tem roupa lavada, tem um almoço ou pouco ou melhor têm e é isso vão-se habituar muitos casos... a não ser esses que hoje felizmente ainda aqui há que as pessoas já saem do Garcia da Horta, que também é nosso, e depois já vão para a Universidade (...) Mas é difícil conseguir isso, é mesmo muito difícil conseguir. Uma coisa que me entristece é gente que mete as mãos nos bolsos e não arranca. Eu estou convencido que a nossa juventude que tem que emigrar e vai ser outra vez Angola, para o Brasil já não dá, mas para Angola vai dar, o futuro para Angola vai dar. (...) Eu sinceramente nunca fui emigrante, nem seria, com amor à família e à terra, mas isto está mesmo a bater no fundo. (...)

Entrevistador: Só tenho que lhe agradecer o tempo que lhe roubei. (...) quem é que me recomendaria agora para me dar mais informações?

Entrevistado 8: Há uma pessoa ligada ao desporto que é o Albino Nascimento, mas ele está na Praça Raul Dória é lá funcionário, lá em cima na Praça da República, é uma questão de combinar dia e hora. A menina se quiser dou-lhe o contacto e a menina telefona e combina (...) Ele até está na Federação (...) ele também está ligado às colectividades e pode ser útil, porque no campo do desporto está ele. (...) mora na rua Cesário Lander, aquela rua paralela ao bairro da Fonte da Moura.



Apêndice 8 – Quadro de análise de conteúdo de inquéritos por entrevista

Quadro 5 – Quadro de análise de conteúdo de inquéritos por entrevista

Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
Território	Perfil	Social		"Há uma nova geração (...)" (Entrevistado 2)	"(...) começam a vir pessoas de uma classe social mais elevada (...)" (Entrevistado 3) "(...) há aquelas cooperativas (...). Ao pé dessa escola que tem um monte de gente nova (...) entre os 40 e os vinte e muitos (...)" (Entrevistado 3)	"(...) o bairro [António Aroso] está em grandes modificações e hoje em dia tem muitos casais assim entre os 30 e os 40 anos com filhos pequenos" (Entrevistado 3)	"A população daqui virou completamente (...) veio (...) essa gente fina" (Entrevistado 5)	"Há muita gente de fora... Portanto o que aparece como imagem [tradicional de Aldoar] não corresponde à realidade. Há muita gente nova, como eu..." (Entrevistado 6) "(...) agora, surpreendentemente, Aldoar está a ficar muito chique." (Entrevistado 6)		"(...) há uma falta de acompanhamento aos bairros, porque (...) as pessoas que (...) estão hoje a residir 70% são pessoas com 35 ou 40 anos de residência, reformados e neste momento o aumento da renda é um caso muito, muito preocupante." (Entrevistado 8)
		Histórica						"(...) grande parte de Aldoar era a Quinta de Carreiras." (Entrevistado 6)		"(...) as primeiras pessoas que residiram em Aldoar foram pescadores e depois de pescadores é que começou a nascer a agricultura (...)" (Entrevistado 8) "O Parque da Cidade eram cinco agricultores (...) 60 ou 70% faz parte da freguesia de Aldoar." (Entrevistado 8) "Desde princípio aqui em Aldoar era um meio rural." (Entrevistado 8)
		Económica							"Não sei se isto tem tendências a melhorar porque as pessoas vêm embora dos empregos, não têm desemprego nem pré-reforma, nem reforma antecipada (...) estão cada vez mais empenhoradas com os (...) bancos." (Entrevistado 7)	"(...) aqui era um meio muito grande de construção civil (...) onde (...) dominava a indústria" (Entrevistado 8) "(...) aqui em Aldoar a indústria acabou totalmente (...) porque o Porto tem o Centro Industrial de Ramalde (...) Comércio também (...) temos aqui Continente (...) mas (...) aquelas mercearias antigas já estão outra vez a sobreviver, porque as pessoas só pagam ao fim do mês (...)" "Há muita necessidade (...) a falta de trabalho neste momento é muito grande." (Entrevistado 8) "Eu não vejo isto... com



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
										verdade... a não ser aqui o Hospital... Mas isto é gente que não vem para aqui morar, não vai ser gente de Aldoar.” (Entrevistado 8)
		Urbanística	“Os prédios que eles construíram quase em cima do Parque (...) em termos visuais, são terríveis (...)” (Entrevistado 1) “(...) quase em cada rua há uma casa que está num estado (...) sem condições mínimas...” (Entrevistado 1)		“(...) aqui em Aldoar, e que é empático, (...) é que de facto houve um plano urbanístico, tanto estes bairros aqui como as novas cooperativas lá em cima e até como alguns daqueles bairros sociais, que devem ter sido construídos para aí nos anos 70 (...) até esteticamente são bonitos e há jardins à volta dos bairros sociais (...)” (Entrevistado 3) “(...) antigamente havia realmente uma política de integração (...) com espaços verdes, que aqui ainda se nota e (...) que é isso que também torna isto agradável (...)” (Entrevistado 3) “Espaços comuns (...) é uma coisa que acabou, porque vamos construir muito mais (...) vamos pôr todos em cima uns dos outros, e de facto ali aquela zona [dos novos prédios] (...) que deve ser caríssima (...) é um parque de betão (...)” (Entrevistado 3) “É muito melhor a nível de espaço envolvente os bairros sociais do que se nós atravessarmos aqui a rua e formos ali (...) ao pé do Garcia, (...) das lojas caras, aquela gente paga imenso para viver (...) em cimento” (Entrevistado 3) “(...) os jardins dos vizinhos é só cimento e pias e barracos e barracões. Isto é muito feio (...)” (Entrevistado 3) “(...) aqui, a única ameaça que pode haver era urbanística se de alguma forma fosse possível alterar a constituição do bairro e começar a construir em		“(...) tinha uma parte ainda rural (...) isso vai desaparecer.” (Entrevistado 5) “(...) tinha umas ilhas antigas (...) e (...) desapareceram (...) hoje ainda existe uma (...) duas ou três casitas (...) e agora vai-se transformar, com essas vivendas todas (...)” (Entrevistado 5)	“(...) Se for pela rua da Vila Nova e continuar por aí tem bocados que parecem quase rurais ainda e depois tem a bouça, e depois tem aquele bocado baldio ao lado do bairro, e depois tem ali o Centro Saúde de repente, o novo, e depois há-de ter o hospital em frente, e a seguir os prédios (...)” (Entrevistado 6) “[A habitação] até é muito equilibrada e isso também é agradável (...)” (Entrevistado 6) “(...) é gritante tanto condomínio tanta coisa e os bairros são os que têm ainda um ringue de basquete (...) A cooperativa Hazal também tem um ringue de basquete, sempre todo rebentado (...) de resto não há um parque infantil (...)” (Entrevistado 6) “(...) eu gostaria que tivessem noção (...) de que tipo de habitação é que se constrói em determinados sítios, mas era bom que se mantivesse eclético, porque senão vai dar um bocadinho de “estriho” (...) Portanto era bom que se continuasse a construir habitação média, não só condomínios de luxo...” (Entrevistado 6) “O bairro [de Aldoar] é muito grande (...) e tem o da Fonte da Moura, que também é grande. (...) foram os primeiros núcleos habitacionais (...) muito grandes (...) portanto conotou-se assim.” (Entrevistado 6)	“Muitas cooperativas (...) está mesmo (...) a desenvolver-se. Aldoar está a ficar uma freguesia grande.” (Entrevistado 7) “(...) falta de habitação que é uma coisa doida que se promete (...) e não se dá.” (Entrevistado 7)	“Tem as ilhas (...) degradadas (...) pior do que o bairro (...)” (Entrevistado 8) “(...) hoje vê-se as vivendas que lá estão (...) A rua de Vila Nova, em frente ao CLIP, aquilo é um mundo de (...) autênticas vivendas.” (Entrevistado 8) “De facto Aldoar cresceu (...) de que maneira. (...) se não fosse (...) as cooperativas (...) hoje éramos 9 ou 10 mil (...).” (Entrevistado 8) “(...) felizmente as cooperativas deram uma vida nova a um meio rural (...).” (Entrevistado 8) “(...) o preço do metro quadrado do terreno em Aldoar é dos mais altos da cidade do Porto...” (Entrevistado 8) “Não é por acaso que o Hospital que estão a construir foi construído aqui em Aldoar, o CLIP é uma instituição que é preciso ter muito dinheiro (...)” (Entrevistado 8)



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
					altura (...)” (Entrevistado 3) “(…) [Devia] haver mais jardins (…) as pessoas (…) viverem mais ao ar livre do que vivem (…)” (Entrevistado 3)					
		Ambiental	“(…) nós temos cão mas há pessoas que não apanham...” (Entrevistado 1) “[Deveria haver] maior proximidade do lixo para reciclar.” (Entrevistado 1)							“(…) neste momento a freguesia de Aldoar está 90% coberta por saneamento (…) a rua da Vila Nova e a rua Martim Moniz estão muito más” (Entrevistado 8)
		Segurança	“(…) Partem muitos vidros de carros aqui.” (Entrevistado 1)					“(…) eu acho que muita gente se sente insegura. Mas isso é um bocadinho irrealista (...)” (Entrevistado 6) “Recentemente por acaso houve aqui (...) o que se chama (...) um barulho, (...) duas mulheres que se pegam (...) a certa altura já estavam (...) dois carros da polícia (...) que se alargou para o resto do bairro (...) foram aí umas boas horas.” (Entrevistado 6) “(…) aconteceu uma vez os meus filhos estarem (...) a brincar (...) e um miúdo (...) decidiu tentar roubar-lhe as sapatilhas.” (Entrevistado 6) “Mas as pessoas (...) têm receio e eu (...) conheço pessoas que não deixam os filhos brincar na rua (...)” (Entrevistado 6) “uma vez (...) também lhe roubou a bicicleta (...)” (Entrevistado 6) “(…) de vez em quando, há uns assaltos, mas é raro.” (Entrevistado 6)	“(…) temos um problema grande (...) porque há sempre uns ciganos (...) que andam de pistola na mão (...) E vai-se criando medo (...) temos duas etnias aqui, temos os galegos e temos os nossos ciganos, e (...) os próprios galegos têm medo dos ciganos. De noite isso cria medo, levamos as crianças para dentro (...)” (Entrevistado 7) A polícia anda aí outra vez, não sei o que é que se passa, mas a polícia anda aí outra vez.” (Entrevistado 7)	“(…) falta (...) policiamento.” (Entrevistado 8)
	Limites	Externos						“(…) o facto de ser do outro lado da Avenida da Boavista (...) para muitas pessoas é quase como se fosse em Lisboa (...) Assim como a Antunes Guimarães, mas mais a Avenida da Boavista (...) o outro lado da Avenida, depois de atravessada, é outro mundo.” (Entrevistado		



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
								6) “A gente diz Aldoar e as pessoas ficam “Aldoar!” É uma coisa... Agora melhor. Sendo depois que a gente começa a dizer “Aldoar perto do Parque da Cidade” e “Ah!” Mas Aldoar nitidamente é conotado com o bairro (...) e é só um bairro (...)” (Entrevistado 6)		
		Internos	“(...) eu acho que há barreir[as]...” (Entrevistado 1)	“Deve haver bandidos, traficantes de droga, ali em Aldoar.” (Entrevistado 2)	“(...) eu acho que na verdade nota-se quem tem uma casa melhor, quem tem pior, quem vive no bairro social, quem não vive, mas não acho que haja um choque, quer dizer não muda assim tanto, todos têm áreas com jardim, tanto tem a outra cooperativa como os bairros sociais, portanto não acho que haja esse choque (...)” (Entrevistado 3) “(...) aquele outro Aldoar, daqueles tais bairros que parece que são mais problemáticos (...)” (Entrevistado 3)			“(...) tem uma coisa de que eu gosto muito (...) é muito eclético (...) de frente temos o bairro da Fonte da Moura, e do outro lado temos umas cooperativas mais económicas (...) dessa mistura eu gosto, se bem que essa mistura não acontece na realidade é muito (...) segmentado. (...)” (Entrevistado 6) “(...) pensaria muito antes de mandar os meus filhos para [a Associação de Ludotecas] (...) se por acaso estivesse localizada noutro sítio, independentemente do público (...) mas neste momento pode oferecer serviços fantásticos, eu não mandaria para lá os meus filhos (...)” (Entrevistado 6) “Eu tenho as minhas dúvidas de quem for viver para esses prédios [junto ao Parque da Cidade] (...) que passe para dentro (...) podem vir até à zona da Vilarinha, até ao Parque da Cidade, mas depois duvido que venham para dentro.” (Entrevistado 6) “(...) os meus filhos são os únicos que tanto brincam [na SACHE] (...), como brincam [fora] (...). Estes miúdos (...) do bairro, podem vir eventualmente brincar para [fora], mas nunca vêm brincar para [a SACHE], a não ser que seja para fazerem	“(...) incute-se um bocadinho a entrada aqui dentro [no bairro de Aldoar] (...) Mas nós podemos sair, podemos ir para outro bairro (...) o povo aqui do bairro está metido aqui dentro (...) isto é nosso” (Entrevistado 7) “Agora (...) no bairro [de Aldoar] já se entra (...) mas há (...) cinco anos atrás tinham medo (...)” (Entrevistado 7) “(...) O bairro [de Aldoar] está dividido em duas partes (...) O que é que a Câmara fazia: quando era para fazer obras fazia do um até ao sete e parava (...)” (Entrevistado 7) “Agora já está meio bairro bonito por fora, por dentro (...) estão casas na maior miséria do mundo...” (Entrevistado 7) “Nós temos gente rica na nossa freguesia. Temos os lavradores. (...) Aquelas pessoas que estão inseridas até na própria igreja (...) têm quintas, têm tudo.” (Entrevistado 7)	“(...) [os meninos do bairro de Aldoar] vêm [para a CETA] (...) eles não tinham nada que vir (...) mas isso era racismo, utilizar o parque infantil que é nosso, o ringue que é nosso, fomos nós que pagamos. Mas (...) respeitam as regras (...) se fizerem alguma asneira são castigados um mês de não poder estar dentro do ringue(...)” (Entrevistado 8) “As pessoas (...) [da CETA] frequentam o Bairro de Aldoar]... em passagem (...)” (Entrevistado 8) “(...) não vamos (...) tomar o café (...) [ao Bairro de Aldoar] (...) porque a gente tem aqui mais perto (...).” “(...) tem os bairros de Aldoar e da Fonte da Moura que foram pessoas que foram despejadas do centro da cidade para dar lugar a grandes construções (...). Temos a malta (...) que vinha do bairro (...) de Xangai(...) onde está o Parque da Cidade (...) pessoas que viviam todas em barracos (...)” (Entrevistado 8) “Já não concordo ali como (...) [no Bairro de Aldoar], as pessoas têm outro estrato social, um bocado mau, metem-se e depois são os problemas.” (Entrevistado 8)



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
								alguma...” (Entrevistado 6) “(...) Os meus filhos andam nesta escola aqui, mas eu penso que (...) [da SACHE] são os únicos que andam (...) serve o bairro, mas (...) também serve as outras cooperativas (...) Eu penso que... [as outras crianças] ou vão para um colégio ou vão para uma escola do (...) Agrupamento Manoel de Oliveira, que é a Escola da Ponte, que é considerada melhor (...) em termos sociais... (...) as pessoas (...) têm uma formação (...) e têm outro poder de compra e não vivem no bairro.” (Entrevistado 6) “[os meus filhos] andaram neste infantário da rua de Angola que é mesmo no meio do Bairro. Mas (...) eu noto que sou a única. Depois na Manoel de Oliveira, na EB 2,3 sim já há miúdos daqui (...) Agora, porque há sete anos não era assim.” (Entrevistado 6) “(...) há aqueles condomínios novos perto do CLIP e do Parque da Cidade (...) essa realidade muito diferente.” (Entrevistado 6) “(...) quando fecham (...) pessoas que são problemática num determinado bairro (...) muda imediatamente o equilíbrio (...) e é um bocado complicado, mas isso não me parece que seja específico do bairro da Fonte da Moura (...) o de Aldoar, (...) ainda é pior, mas o de Aldoar tem o problema de estar isolado e agora não sei se com os condomínios de luxo lá ao pé até que ponto vai ser muito bom em termos sociais (...) é uma diferença gritante.” (Entrevistado 6)		“(...) aquela parte de construção de cooperativas do lado de lá do Jornal de Notícias são pessoas já com um poder de vida.” (Entrevistado 8)



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
								“Os adultos [dos diferentes bairros] penso que não se relacionam de todo.” (Entrevistado 6) “(…) nós temos aqui um cafezinho e (...) as pessoas vêm tomar café aqui à noite mas (...) os meus vizinhos (...) torcem o nariz e são capazes de não ir lá porque estão pessoas de fora (...)” (Entrevistado 6) “temos um espaço verde e eu propus uma vez, numa reunião de condomínio, colocar lá um escorregão, uma daquelas coisas de mola para os miúdos poderem brincar e para não ser só para os cães. A primeira questão que os meus vizinhos me puseram foi “e depois vêm os meninos do bairro brincar” e eu disse “sim e qual é o problema, nós temos três guardas desde que eles não estraguem o equipamento qual é o problema”. Mas realmente essa integração, que eu acho que se deveria fazer, não se faz.” (Entrevistado 6) “(…) o bairro de facto tem bastantes problemas, infelizmente.” (Entrevistado 6) “(…) é bom que haja (...) sítios muito elitistas... como o CLIP, os condomínios fechados [mas] há aqui (...) dois povos muito opostos (...)” (Entrevistado 6)		
	Recursos	Entidades e Serviços	“Falta de metro à porta. Sentimo-nos um bocadinho fora do circuito dos transportes públicos da cidade que eu acho que é uma coisa bastante desagradável (...)” (Entrevistado 1) “Faltam alguns serviços e alguns equipamentos aqui à volta do bairro.” (Entrevistado 1)	“Há um café (...) de uma senhora que vive aqui no bairro, onde vou muito.” (Entrevistado 2) “Vamos ali à rua da Vilarinha, a um mini-mercado e abaixo ao barbeiro e à padaria.” (Entrevistado 2)	“(…) não tem muitos serviços. (...)” (Entrevistado 3) “(…) Centro de Saúde (...)” (Entrevistado 3) “(…) há um laboratório de análises (...)” (Entrevistado 3) “(…) ir à Junta tratar de qualquer coisa (...)” (Entrevistado 3)	“(…) CETA (...) CETA Social” (Entrevistado 4) “(…) no desporto têm o Desportivo António Aroso, têm o Grupo Desportivo da Vilarinha, o Grupo Desportivo da Fonte da Moura, o Desportivo de Aldoar (...)” (Entrevistado 4) “O MADI é o Movimento de Apoio ao Diminuído	“(…) estarmos perto do Parque da Cidade (...)” (Entrevistado 5) “(…) Pavilhão da Água (...) Museu Cupertino Miranda (...) Fundação (...)” (Entrevistado 5)	“A associação de Ludotecas está (...) mesmo no meio [do bairro de Aldoar] (...) eles estão (...) vocacionados (...) para (...) crianças que estão sinalizadas (...)” (Entrevistado 6) “(…) a fazer as compras (...) é aqui nesta zona, porque tem uma padaria, uma loja e depois tem aqui a rua	“Eu tenho aqui transportes (...), tenho o Centro de Saúde (...) tenho aqui o Hospital com Piscina (...)” (Entrevistado 8) “Temos o Recreativo de Aldoar, temos o Vilarinha, temos a Portuguesa de Aldoar, temos a Comissão de Moradores, temos umas sete ou oito estruturas populares	



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
			“(…) aqueles espaços que eu acho que não estão aproveitados (…) da própria quinta que já foi um restaurante (…) Aquilo podia ser uma coisa fantástica porque eu acho que uma coisa que falta (…) perto do bairro é, (…) zonas onde se possa comer (…)” (Entrevistado 1) “(…) Há, aliás, os que sofrem por não haver um local para comer.” (Entrevistado 1) “(…) havia uma lavandaria que íamos muito no Verão, costureira também usamos.” (Entrevistado 1) “Já fui aqui a uma rapariga que (…) servia o outro bairro dali de cima. Era cabeleireira (…) porque eu até podia ir a pé.” (Entrevistado 1) (…) há uma mercearia e uma loja do comércio justo (…) utilizamos muito (…)” (Entrevistado 1) “Para mim o Parque e o Bairro são indissociáveis (…)” (Entrevistado 1) “(…) da Associação de Aldoar do Basquete (…)” (Entrevistado 1)		“Na rua Fonte da Moura tem (…) a vinaria Niepoort (…)” (Entrevistado 3)	Intelectual (…) a APPACDM (…)” (Entrevistado 4) “[O Projecto Acreditar] (…) Quarta Geração (…) A Escola Sede (…)” (Entrevistado 4) “(…) o Agrupamento (…) a Junta de Freguesia, a CETA social, a Associação de Ludotecas (…) a CPCJ” (Entrevistado 4) “(…) a Associação Cultural e Recreativa de Aldoar (…)” (Entrevistado 4) “(…) o Teatro Vilarinha (…)” (Entrevistado 4)		de Vilar, tem uma peixaria, portanto eu utilizo os serviços,” (Entrevistado 6) “Também uso os correios (…) uso os bancos (…) uso aquele Millennium. Os laboratórios de análises (…) uso o Centro de Saúde (…) o Parque da Cidade…” (Entrevistado 6) “(…) Associação de Ciclismo (…)” (Entrevistado 6) “(…) O CLIP (…)” (Entrevistado 6)		(…) com as cooperativas é capaz de ser para aí umas dez (…)” (Entrevistado 8) “(…) a Junta de Freguesia. Porque (…) é a única instituição onde se pode ir tirar umas fotocópias, a gente vai lá receber ao posto dos correios o dinheiro dos velhotes (…) e ir ali ao Continente comprar fraldas (…)” (Entrevistado 8)
		Indivíduos	“(…) este bairro tem pessoas desde o Editor que tem, quer dizer que edita livros muito especiais e particulares até à Rita Burmester ali em cima, que viaja muito, (…) fotografava as obras em Serralves…” (Entrevistado 1) “[O vizinho aqui ao lado] (…) é o Programador da Casa da Música e portanto ele faz assim umas festas (…)” (Entrevistado 1) “Uma senhora e um senhor que viviam na Foz, mas agora vivem	“E o Luís Miguel Soares que é designer (…)” (Entrevistado 2)	“(…) a minha amiga Susana que tem um restaurante vegetariano, tem professoras de loga também (…) tem designers (…)” (Entrevistado 3) “(…) Para além dos R2 (…) Há mais fotografos, há o Pedro Magalhães, há o Pedro Lobo, que é um fotógrafo mais de produto e de publicidade, que tem ali o estúdio dele (…)” (Entrevistado 3)					



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
			aqui... [ela] faz presépios, o marido é médico (...)” (Entrevistado 1) “(…) também vemos como um recurso criativo o nosso vizinho e há um conjunto de pessoas no bairro como sendo uma oportunidade (...) Isso quer dizer que existem pessoas que (...) participam e contribuem para o desenvolvimento do bairro.” (Entrevistado 2)							
	Percursos	Circuitos e Meios	“[Andar a pé] (...) é o ideal.” (Entrevistado 1) “(…) proximidade com... a feira biológica, proximidade com o Parque da Cidade e com o mar, poder ir até ao mar a pé, proximidade com Serralves, consegue-se ir e já fomos a Serrralves a pé, (...)” (Entrevistado 1) “(…) há coisas que sistematicamente temos que pegar no carro. ” (Entrevistado 1)		“(…) ir a pé que é óptimo (...)” (Entrevistado 3) “(…) para ir à mercearia (...) a pé não tenho (...) tenho que me meter no carro e normalmente vou ao Pingo Doce (...) do Cristo Rei (...)” (Entrevistado 3) “(…) é um sítio que tem uma situação hiper-privilegiada porque temos ali o Parque da Cidade, temos ali uma feirinha de legumes ao fim-de-semana, portanto é um sítio que uma pessoa pode chegar ao fim-de-semana, parar o carro e andar a pé, ir até ao Parque é muito agradável (...)” (Entrevistado 3) “Eu acho que esta zona aqui é muito boa para trabalhar porque é muito perto das saídas todas do Porto, portanto é muito fácil chegar a qualquer lado (...)” “(…) tenho uns amigos ali em cima e vou lá visitá-los, também a pé, ali nessas tais cooperativas (...)” (Entrevistado 3) “(…) faço ali o Parque da Cidade até (...) à praia.” (Entrevistado 3) “(…) às vezes vou ali por trás pela Junta, onde há feira ao		“(…) uma das razões pelo que dificilmente irei morar para outro sítio (...) está pertinho do Parque, posso ir a pé e posso ir de bicicleta (...)” (Entrevistado 6) “(…) Tanto circulo aqui pela rua, como vou pelo meio da bouça (...)” (Entrevistado 6) “(…) levar os miúdos à escola, ou vou buscá-los (...)”(Entrevistado 6) “Eu atravesso o bairro a pé para ir ao supermercado (...) mas penso que sou das únicas pessoas (...)” “(…) circulo para (...) [o Bairro António Aroso] porque tenho lá uma horta (...)” “(…) ocasionalmente (...) à loja ao Sábado de manhã, ou comprar os legumes ao pomar próximo (...) ao Parque da Cidade à Feira Biológica.” (Entrevistado 6)		“(…) dou a minha volta (...) naquela zona do Jornal de Notícias (...)” (Entrevistado 8) “(…) quando (...) há as Janeiras, e (...) o Programa da Paz, (...) à minha parte meto (...) tarjetas nas caixas do correio. Toca-me a Rua Martim Moniz, toca-me a Rua de Salazares, toca-me a Rua Sérgio Mendes, toca-me aqui a Praceta Luís Gomes e toca-me o Bairro de Aldoar (...)” (Entrevistado 8)	



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
	Acções	Colectivas	“(…) a horta biológica acho que é uma iniciativa interessante. (…) Esta horta antes era um descampado (…) e de repente foi transformado (…) Quando começo nós estivemos quase para nos inscrevermos porque eles davam um curso de formação e cultura biológica no princípio, depois cada um tinha um troço de terra e tinha a responsabilidade de o manter a funcionar (…) só que nós temos uma profissão que nos ocupa muito tempo e (…) viámos que não íamos conseguir cumprir” (Entrevistado 1)		Sábado (…)” (Entrevistado 3) “Há [uma horta comunitária], é aqui em cima mesmo. (…) aliás uma data de vizinhos meus têm lá uma parte do terreno e uma amiga minha (…) também tem. Houve uma altura que até andei lá a ajudá-la (…) mas nunca fiquei com aquilo, que aquilo é uma trabalhadeira, é muito giro, mas não é para mim... prefiro ir comprá-los ali à feira.” (Entrevistado 3) “(…) houve uma coisa durante o Porto 2001 que fizeram com a comunidade de Aldoar isso foi muito engraçado. (…) Assisti ao ensaio geral (…) as pessoas estavam entusiasmadas a trabalhar naquilo, que à primeira uma ópera que era o Woyzeck que nem eu percebo bem (…)” (Entrevistado 3)	“[Algumas associações nasceram] (…) do funcionamento dos condomínios (…)” (Entrevistado 4)	“os ciganos da Biquinha, sobretudo mantemos (…) essa ligação no feminino com as mães das ciganas e a gente tem conseguido trazê-las até ao palco, mesmo as prometidas (…)”	“Contacto com o Parque da Cidade porque dou lá muitas vezes aulas de culinária, no Centro Educativo do Núcleo Rural (…) fiz lá muito trabalho voluntário (…) com os serviços educativos da Câmara.” (Entrevistado 6) “Também tenho contacto com a Associação de Moradores do Bairro de Aldoar, pois vou lá deixar roupa e outras coisas (…).” (Entrevistado 6) “(…) chegamos a fazer uns encontros eu e a minha irmã (…) fazíamos a festa de vizinhos e nessa altura são as pessoas (…) que eu conheço mais, ou que são mais da minha idade e aqui um bocado para o bairro [António Aroso].” (Entrevistado 6) “Tem futebol para os miúdos, tem basquetebol (…) a Junta tem a Rusga, danças de salão (…) tem várias associações desportivas pequeninas que já têm pouca dinâmica (…)” (…) o CLIP (…) abre as suas actividades à comunidade (…) é pago e não é barato, portanto logo aí exclui uma franja bastante grande mas (…) também há uma grande franja que se calhar podia aceder.” (Entrevistado 6)	“(…) eu estou inserida na associação [de moradores]” (Entrevistado 7) “Ajudo esta gente se precisar da luz, da água. Às vezes até para a segurança social eu vou com eles (…)” (Entrevistado 7) “(…) visito os bairros e faço torneios de futebol entre bairro-bairro.” (Entrevistado 7) “Antes, entre os bairros, todos fazíamos um torneio de futebol. Deixou-se isso também.” (Entrevistado 7) “(…) eu (…) fiz (…) um cortejo de Carnaval com mais de 300 pessoas, que até veio gente do outro lado (…)” (Entrevistado 7) “(…) Havia aqui um grande baile de São João.” (Entrevistado 7) “(…) eu tinha aqui um palco e tiraram. Eu fazia peças de teatro com as crianças e tudo, íamos aos outros bairros.” (Entrevistado 7) “(…) eu para ir tirar o 9.º ano levei 15 ou 16 mulheres comigo (…)” (Entrevistado 7) “[A ópera] (…) eu (…) fiz parte (…) foi tão bom. 114 pessoas. As pessoas vinham de trabalhar e iam para os ensaios (…) na casa da electricidade.” (Entrevistado 7) (…) Fez-se na Casa da Música e tornou-se a repetir (…)” (Entrevistado 7) (…) fazia-se uma reunião primeiro (…) ela perguntava-nos o que é que a gente queria fazer (…) foi assim que começou aqui na escola C+S	“(…) distribuo (…) jornais do Avante (…)” (Entrevistado 8) “(…) há a comissão fabriqueira (…) eu tive não sei se a felicidade se a infelicidade, para mim foi para me carregar com mais trabalho, o próprio padre Lino Maia escolheu-me a mim.” (Entrevistado 8) “(…) faço parte (…) da Prevenção Segura (…)” (Entrevistado 8)



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
									aquilo que a gente queria fazer inseria-se naquela peça (...) comecei a gostar de ópera por causa disso (...)” (Entrevistado 7)	
		Parcerias				“(...) o Agrupamento é a entidade promotora e temos (...) parceiros(...) a Junta de Freguesia, a CETA social, a Associação de Ludotecas, que é um parceiro muito forte nosso, com quem trabalhamos muito em parceria, e a CPCJ (...) são (...) os parceiros do projecto Acreditar (...)” (Entrevistado 4)	“(...) temos um protocolo de cedência do próprio edifício [do Teatro da Vilarinha] com a Junta de Freguesia (...)” (Entrevistado 5) “(...) a EB 2,3 Manoel de Oliveira do qual inclusivamente eu faço parte do conselho consultivo (...) damos apoio (...) ou vêm só ver os espectáculos ou quando montam os espectáculos (...) com Projecto Acreditar (...)” “(...) temos um protocolo com a Junta (...) temos uma pessoa que dá expressão dramática, etc., nos lares de 3ª (...) atls (...) etc. (...)” (Entrevistado 5)			
		Rede				“(...) tem permitido também às próprias instituições locais fazerem as coisas que de outra forma não tinham qualquer possibilidade de fazer, porque não é a paróquia, porque eles não se dão (...)” (Entrevistado 5) “Mas as instituições também umas vezes funcionam mais, depois 2 ou 3 anos, mudam a direcção, vão abaixo e acima, não há uma continuidade isso é um bocado descontinuo (...)” (Entrevistado 5) “(...) é que realmente aqui o território de Aldoar tem um conjunto de equipamentos mas está tudo... porque começa por ter o Pavilhão da Água, não tem ligação a coisa nenhuma, está ali, funciona, mas está ali,	“(...) tem permitido também às próprias instituições locais fazerem as coisas que de outra forma não tinham qualquer possibilidade de fazer, porque não é a paróquia, porque eles não se dão (...)” (Entrevistado 5) “(...) sou da Associação de Pais (...) Contacto com a Junta de Freguesia, com o Agrupamento (...)”. (Entrevistado 6) “(As pessoas são as mesmas) se estão no Agrupamento estão na Assembleia, estão na Junta de Freguesia...”	“[Em relação ao Teatro da Vilarinha] Nós temos assento no mesmo organismo [...] Conselho Consultivo da EB 2, 3 Manoel de Oliveira (...) mas (...) é raro os miúdos lá irem (...)” (Entrevistado 6) “(...) o Agrupamento, Associações de Pais, a Junta de Freguesia, o Centro de Saúde inerentemente contacta com todas as associações (...) o contacto é fácil.” (Entrevistado 6) “(...) em férias e para as crianças não andarem aí eu combinado com a Junta e a escola C+S vão para lá crianças fazer jogos, dançar, cantar (...)” (Entrevistado 7) “(...) mando crianças para lá, [para a Associação de	“O Teatro Pé de Vento está independente de nós [Associação de Moradores de Aldoar]. Está ali. Uma vez ou outra vamos ver uma peçazinha que é de borla. Aquele espaço do Padre também a Câmara dá-nos bilhetes para a gente ir ver se quiser e pronto.” (Entrevistado 7) “A Junta de freguesia comunica muito comigo para fazer torneios (...) uma festa de Natal (...)” (Entrevistado 7)	



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
							até a Fundação se envolver.” (Entrevistado 5) “(…) Porque o território de Aldoar, parecendo que não, tem coisas de vários tipos. O Pavilhão da Água ligado a ciência, as questões museológicas etc. e coisas que não têm articulação, um funcionamento, ninguém fala com ninguém.” (Entrevistado 5) “Não faz sentido haver um Pavilhão da Água e haver o Museu Cupertino de Miranda e não terem ligações nenhuma institucionais.” (Entrevistado 5) “(…) sempre houve uma desarticulação das próprias instituições do território. E isso é o que eu creio que se tornaria necessário mesmo perceber se havia alguma possibilidade (…) de as próprias instituições instaladas no território se articularem de uma maneira qualquer.” (Entrevistado 5)	(Entrevistado 6)	Ludotecas] (...) Também me dou bem com (...) [o projecto Acreditar] (...). Este projecto esteve muitos anos nesta escola e agora está na escola Manoel de Oliveira (...).” (Entrevistado 7) “Quem é que apoia a gente aqui? (...) ninguém se lembra desta gente. Então as mulheres de 50 não fazem nada. A Junta ainda faz um passeio para os maiores de 65 mas as mulheres de (...) 40 e tal 50, não há nada para fazer para elas, nada.” (Entrevistado 7)	
		Mobilização			“(…) as pessoas são mais abertas do que estas pessoas que estão assim no meio-termo. Também porque essas pessoas estavam inseridas numa associação (...) as pessoas já vão em grupo (...)”(Entrevistado 3) “(…) Essa experiência [da Ópera] foi gira e mostra que há uma certa vontade aqui nas pessoas de participar em coisas e colaborar (...)” (Entrevistado 3)		“É difícil mobilizar as pessoas (...) Eu penso que sofrem todos da falta de tempo (...)” (Entrevistado 5)	“(…) a minha ideia seria que se fosse alguma coisa que servisse as pessoas todas e que facilmente se envolveriam.” (Entrevistado 6) “[A divulgação] não chega (...)” (Entrevistado 6) “Um problema grande em Aldoar é que realmente esse foco nos bairros, nas pessoas com menos rendimentos (...) Mas existe toda uma camada de classe média e de classe média alta que também vivem ali e que também deviam ter serviços.” (Entrevistado 6) “(…) se calhar de alguma maneira... não sei como... também me	“(…) umas chamam as outras e começaram a gostar daquilo.” (Entrevistado 7) “Eu participo em tudo o que me convidarem (...)” (Entrevistado 7) “(…) Quando nos convidam a gente está lá” (Entrevistado 7) “Têm que ir a casa procurá-las (...) As pessoas não vêm. Tem que se ir buscá-las, ajudá-las, puxá-las.” (Entrevistado 7)	



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
								está a parecer difícil... se poderia fazer uma certa integração, que a mim me parece absolutamente essencial, se não queremos andar todos aos tiros daqui a uns anos (...)" (Entrevistado 6)		
		Propostas						"(...) há uma parte que tem (...) a bouça, que (...) já foi destinada para várias coisas (...) é uma coisa que já se vê pouco na cidade devia ser mantida assim. Pura e simplesmente devia ser limpa e mantida. Porque joga-se lá malha, porque passa-se por lá para ir para o cemitério, porque os miúdos vão lá subir às árvores, não vão mais porque ela de facto é insegura, está cheia de lixo (...)" (Entrevistado 6) "(...) era giro que os miúdos ou alguém começasse uma "penny drive" (...) depois poderia ter como fim (...) limpar a bouça." (Entrevistado 6) "(...) há aqui um relvado ao pé da Manoel de Oliveira (...) sítio relativamente neutro (...) eu diria que se houvesse aí um parque infantil que os miúdos iriam lá brincar dos vários bairros. (...) Também há uns prédios altos em triângulo na Praça 3 de Abril, aquilo também me parece relativamente neutro." (Entrevistado 6) "(...) se tivesse lá uma fonte de emprego (...)" (Entrevistado 6)	"(...) havia de haver uma força aqui com o próprio rendimento mínimo (...) Não é ajudar em dinheiro (...) porque há pessoas que são pobres na própria mentalidade (...)" (Entrevistado 7) "Ajeitar trabalho para estas jovens. Ocupar o tempo das jovens. As mulheres de vinte e trinta anos... não fazem nada (...) E são essas que têm mais subsídios (...) Juntar estas mulheres como se fosse um trabalho e ajudar a mentalidade delas (...) como se geria o dinheiro (...)" (Entrevistado 7) "(...) deviam criar postos de trabalho para esta gente que sai das escolas (...)" (Entrevistado 7)	
Vizinhança	Ocupação	Duração e Motivação	Eu (...) tenho uma amiga que morou aqui. E (...) conheci o bairro (...) através dela (...) já há muitos anos (...) e depois como precisávamos de sítio para morar viemos para aqui. "(...) eu morei sempre num apartamento e (...) fiquei um bocadinho	"Foi em... 2001" (Entrevistado 2) "(...) na altura a possibilidade de poder ter uma casa com um custo muito (...) baixo (...)." (Entrevistado 2) "E o sossego, não se ouve nada (...)." (Entrevistado 2)	"Eu (...) andava à procura de um apartamento e (...) nunca pensei vir viver para uma casa sozinha (...). E andei a ver montes de apartamentos e (...) achei tudo horrível e realmente cheguei aqui, a esta casa, e adorei tem uma escala muito humana (...)"		"Há uma dezena de anos (...)" (Entrevistado 5) "Prendeu-se assim a uma questão (...) entre nós o Governo Civil, (...) localmente entre o Presidente (...) Secretaria de Estado (...) a Câmara (...) essas 3 entidades que financiavam (...) acabou	"Seis ou sete anos." (Entrevistado 6) "(...) eu fui para aquele sítio porque era da cooperativa (...) gostava da casa. E também lá está a minha irmã e o sítio é agradável, é sossegado." (Entrevistado 6) "(...) [A Cooperativa dos	"Nasci em Nevogilde, em Xangai (...) num barraco (...) deram-me essa casa aqui, que é onde habito agora (...) depois... que eu vim viver com a minha mãe ainda (...) em Xangai (...) no sítio do Parque da Cidade (...) aquilo já ficou de vago há bastante tempo, há 40 anos (...)" (Entrevistado	"(...) só vim para aqui, para este apartamento (...) porque a casa onde nasci e cresci é ali em frente a 100 metros, mas vivo em Aldoar há 76 anos. Nunca saí do Porto para parte nenhuma a trabalho." (Entrevistado 8) "Este (...) foi o empreendimento número um da CETA."



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
			fascinada com esta ideia de entrar e estar logo em casa, de sair e entrar logo em contacto com os vizinhos e de ter um contacto com a rua diferente e este lado de ser um espaço também como se fosse uma pequena aldeia, isso a mim interessa-me porque eu não tive isso (...) morei sempre no cimo de um prédio (...) o facto de poder da terra plantar(...) sempre tive esse fascínio, apesar de não praticar é uma vantagem e uma vontade e atrai-me imenso o exterior.” (Entrevistado 1) “(…) nós casamos e queríamos ter (...) cão e procuramos uma casa com jardim. (...) achamos que este bairro tinha um lado um bocadinho de aldeia, mas ao mesmo tempo ficava perto de algumas zonas que nos interessavam da cidade.” (Entrevistado 1) “(…)eu estou aqui porque também há um Parque ali e depois há o mar e por isso há essa linha para baixo (...) e Serralves, de repente estamos perto desta zona que nos interessava.” (Entrevistado 1) “(…) é a relação com os vizinhos, é o... acho que a tipologia da casa é muito interessante, o facto de termos um bocadinho de terra todos...” (Entrevistado 1)		(Entrevistado 3) “[O bairro é] Tranquilo, (...) [tem] Qualidade de vida, [é] central.” (Entrevistado 3) “(…) ninguém aqui é ostentador, nem quem tem mais dinheiro, nem quem tem menos (...) mesmo as pessoas novas que vêm para aqui, isto não é um bairro para mostrar que se está muito bem na vida e que se tem um casarão, isto é um bairro para quem gosta de uma certa tranquilidade e de uma certa qualidade de vida (...)” (Entrevistado 3) “(…) Não há barulho nenhum, o que é uma coisa maravilhosa (...)” “(…) trabalhei muito tempo com Serralves, portanto era muito perto daqui também (...)” (Entrevistado 3)		por calhar aqui (...) foi dito que este espaço é que era (...) preferia estar no centro da cidade, numa casa muito maior, mais bonita, mais antiga (...)” (Entrevistado 5)	Arquitectos] é um complexo de três fases de uma cooperativa SACHE (...) conhecida (...) pela Cooperativa dos Arquitectos (...)” (Entrevistado 6) “As casas são do (...) do arquitecto Correia Fernandes e (...) na altura foram inovadoras (...) são desniveladas, (...) de tijolo por fora (...) e atraem um certo tipo de pessoas que gostam de viver numa casa diferente (...)” (Entrevistado 6) “[o bairro da Cooperativa dos Arquitectos] (...) é sossegado, (...) a partir do momento que a gente entra nas ruas de habitação(...), portanto, os miúdos podem brincar (...) cá fora (...).” (Entrevistado 6) “(…) outra das razões por que eu quis vir morar para aqui, porque está perto das escolas.” (Entrevistado 6) “E agora não sairia dali, da zona de Aldoar, porque tem o Parque da Cidade, é calmo...” (Entrevistado 6)	7) “Vim viver para o bloco 13 e hoje estou no bloco 15 (...) Porque a família foi aumentando (...) a Câmara cedeu-me essa casinha (...)” (Entrevistado 7)	(Entrevistado 8) “Eu estou aqui há 24 anos, nesta casa. [antes vivia] na casa dos meus pais, uma casa rural mas com condições de habitabilidade.” (Entrevistado 8)
	Rede de vizinhança	Composição	“(…) se são grandes grupos ok, estamos no grande grupo deles, mas se fizermos pequenos grupos nós em termos de (...) identificação política, etc. não temos nada a ver com eles (...) Mesmo o nosso vizinho do lado tem um estilo de vida que não é o nosso (...) próximo em	“Há pessoas da nossa geração e um bocadinho mais velhas que são de um meio [diferente] (...) burgueses, operários, traficantes...” (Entrevistado 2) “(…) são reformados, os velhitos, são pessoas que trabalhavam para os telefones (...)”	“o bairro [António Aroso] está em grandes modificações e hoje em dia tem muitos casais assim entre os 30 e os 40 anos com filhos pequenos” (Entrevistado 3) “(…) as pessoas são extremamente educadas (...) e não tem a ver sequer com a		“(…) vivem lá muitos arquitectos.” (Entrevistado 6) “(…) vivemos num sítio relativamente privilegiado, as pessoas são quase todas formadas ou com mestrados (...)” (Entrevistado 6) “(…) os condóminos	“(…) aqui (...) quase ninguém trabalha (...)” (Entrevistado 7) “(…) e às vezes até estão pouco para se esforçar (...)” (Entrevistado 7) “(…) se estivesse tempo quente (...) os bancos estavam cheios. Com tanta miséria no bairro,	“Aqui [na CETA] nós temos três estratos sociais (...) Aquele bloco (...) cooperativa dos trabalhadores (...) eram os pedreiros e os trolhas. Depois, às vezes, os empregados de escritório eram empregados, já não eram trabalhadores (...). Depois haviam engenheiros (...) Temos	



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
			termos culturais (...)” (Entrevistado 1) “(...) esta rua é incrível, tem muitas pessoas muito diferentes umas das outras (...)” (Entrevistado 1) “(...) há um bocadinho de tudo (...) neste bairro temos o vizinho do lado e algumas situações de umas casas em que há grandes dificuldades económicas (...)” (Entrevistado 1) “(...) Há (...) mistura, em termos de faixas etárias (...)” (Entrevistado 1) “(...) há as pessoas que viveram na altura do Estado Novo aqui e que continuam (...)” (Entrevistado 1) “[o problema da toxicod dependência] (...) abalou o bairro e falam disso (...) caracteriza um bocado o bairro (...) em cada rua há (...) histórias dessas.” (Entrevistado 1)	(Entrevistado 2) “E o que marcou aqui neste bairro [António Aroso] (...) Foi a aparição das drogas e então nota-se que há aqui muitos vizinhos entre os 45 e os 55 que (...) tiveram a infelicidade de consumir demasiadas drogas (...) Em cada rua há uma casa (...)” (Entrevistado 2)	classe social, que há aqui pessoas de todas as classes sociais (...)” (Entrevistado 3) “(...) as pessoas que escolhem vir para aqui que já é um tipo de pessoas que se enquadra bem neste bairro, quem quer realmente uma casa a armar não escolhe este bairro (...)” (Entrevistado 3) “(...) Aqui atrás é tudo pessoas de idade (...)” “Há aqui neste bairro [António Aroso] (...) pessoas com problemas de droga e que já são uma geração de pessoas (...) que na altura do 25 de Abril apanharam aquela liberalização, a entrada da droga toda (...)” (Entrevistado 3)			não se entend[em], precisa de obras e (...) entretanto as coisas começam-se a degradar.” (Entrevistado 6)	podiam-se ajudar uns aos outros... aqui os rapazes (...) todos com o rendimento mínimo. Nem para irem tirar o 4.º ano (...)” “Querem comprar tudo feito, sentam-se sempre à espera do carteiro e das coisas que vêm da segurança social, que dão tudo.” “Aqui há quem tenha dinheiro a prazo e há quem não tenha dinheiro nenhum e há muitas “Donas Brancas”, o dinheiro desaparece (...)” (Entrevistado 7) “(...) há aqui quem viva à grande (...) são aquelas pessoas que têm mais astúcia” (Entrevistado 7) “agora esta juventude que anda a estudar. Há ciganos que já andam na escola (...)” (Entrevistado 7) “(...) há muita gente com o 11.º ano (...) que não se via aqui. Há meninas aqui formadas, são enfermeiras.” (Entrevistado 7) “(...) nós tivemos [no Bairro de Aldoar] uma fase em que morriam muitos jovens da droga (...) e muitos jovens estavam presos, que aqui era muita droga (...)” (Entrevistado 7)	pessoas aqui que ainda hoje estão a pagar a casa, que ainda não conseguiram em 24 anos, pessoas com dificuldades, idosas (...). Depois há a classe média (...) aqueles que trabalhavam nos escritórios, nos armazéns e nos bancos (...) temos aqui muita gente das empresas da Galp, da Shell (...) também moram aqui médicos, também moram aqui técnicos de contas (...) Não em grande quantidade, mas aproveitaram a boleia, porque naquela altura fazer parte de uma cooperativa não faltava quem viesse (...)” (Entrevistado 8) “(...) Aqui [na CETA] já há muitos reformados.” “(...) Felizmente (...) já saem do Garcia da Horta, que também é nosso, e depois já vão para a Universidade (...)” (Entrevistado 8)
		Extensão	“O bairro (...)” (Entrevistado 1) “(...) laços com pessoas que não criaria (...)” (Entrevistado 1) “os (...) que estão mesmo à volta da minha casa (...)” (Entrevistado 1) “Estas ruas aqui consideramos que são nossos vizinhos (...) sentimos esta proximidade. Agora, criar laços (...) é só mesmo com as casas que estão muito		“Eu conheço imensa gente que vive aqui de facto.” (Entrevistado 3) “(...) tenho imensos amigos ali em cima, naqueles bairros novos (...) que frequentam a minha casa (...)” (Entrevistado 3)		“(...) tudo isso se movimenta com os vizinhos mais próximos (...) Com os que estão aqui ao lado e em frente (...)” (Entrevistado 5)	“Eu alargo muito, vai até, por exemplo à Rita Burmester, que mora aqui um pedaço mais para baixo e eu considero que é vizinha realmente” (Entrevista 6) “Eu conheço quase as pessoas todas daqui da rua (...)” (Entrevistado 6)	“O bairro em si, todo o bairro (...) aqui isto é tudo meu vizinho.” (Entrevistado 7) “(...) eu vivo aqui e toda a gente me conhece (...).” (Entrevistado 7) “(...) eu não vou criar inimigos, mesmo nos meus vizinhos.” (Entrevistado 7)	“Primeiro a família (...) depois aqui na Cooperativa são todos meus vizinhos (...)” (Entrevistado 8) “(...) Eles é que me consideram uma figura pública e depois uma figura pública tem (...) que ter cuidado com o que faz, para ser respeitada.” (Entrevistado 8)



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
			próximas, eventualmente na rua (...) (Entrevistado 1) “Eu tenho referências e em todas as ruas do bairro há uma pessoa que eu conheço ou que costumo cumprimentar (...) em todas as ruas (...)” (Entrevistado 1)							
		Suporte	“Temos o nosso vizinho do lado com quem temos uma relação muito boa mesmo e muito próxima ao ponto de (...) ela tem limões, nós não temos limões e ela pausa-nos um saquinho de limões, não há interferência nenhuma, não há aquela ideia de ir ver e “cuscar” a vida do outro, nós temos muita sorte aqui (...) começamos esta relação com a vizinha daqui do lado, que tem a nossa chave de casa (...)” (Entrevistado 1) “(...) há essa troca de coisas (...) nós às vezes, temos o atelier, temos uma mesa que não é preciso a primeira coisa que fazemos é ver se eles querem a mesa, se lhes dá jeito (...)” (Entrevistado 1) “[A vizinha] teve uma experiência da “Bimbi” convidou-nos logo para ir provar a casa dela para nos convencer (...)” (Entrevistado 1) “À frente há uma senhora que mora sozinha e que também nos dá fruta. (...) Só que aí é ao passar ela dá o saquinho, perguntamos se ela está bem (...) E ao lado dessa pessoa (...) existe um casal, esse sim criamos laços, porque há mais afinidade ele é arquitecto e acabamos por conversar à noite, porque nos cruzamos várias vezes, e tal, e depois também falamos um bocadinho com uma pessoa, mas não desenvolvemos mais porque ela está	“(...) eu identifico-me, apesar de ser uma pessoa mais velha... Eu andava de skate quando era miúdo e às vezes está ali um grupo de miúdos a andar de skate e eu pego e andamos aí juntos...” (Entrevistado 2) “(...) Isto é uma zona de habitação, há sempre aquele constrangimento de... nos assumirmos como empresa aqui (...) Portanto, nós poderíamos ter outra relação mas nós tentamos ser um bocadinho discretos.” (Entrevistado 2) “(...) sentimos a receptividade (...) das pessoas que viviam cá, principalmente das mais velhas, de ser um casal jovem. (...) As pessoas estavam do tipo “ai que bom! (...) Era-se mesmo bem recebido (...)” (Entrevistado 2)	“(...) não me custou nada habituar a uma casa” (Entrevistado 3) “(...) é mesmo muito simpático, aliás, também há outras pessoas que conheço que moram aqui e que vieram também há dez [anos] ou assim e que toda a gente adora viver aqui (...)” (Entrevistado 3) “(...) é num bairro em que se tem uma proximidade simpática com os vizinhos, de segurança, e não de intromissão na vida uns dos outros (...)” (Entrevistado 3) “(...) temos um relacionamento óptimo aqui nos vizinhos (...) eu tenho um cão que anda lá fora e que conhece (...) pessoas que eu não conheço (...) vai a casa dos meus vizinhos, vão-lhe dar de comer (...) tenho (...) os gatos também andam na casa dos vizinhos e nós todos temos um óptimo relacionamento com animais (...) é fantástico (...)” (Entrevistado 3) “(...) temos muita daquela entreajuda de bairro, daquela “óh vizinho tem um ovo?” (...)” (Entrevistado 3) “(...) existe realmente essa troca, às vezes sou capaz de regar ali o quintal da vizinha, porque ando com a mangueira e o vizinho é capaz de me vir cortar uma sebe, porque tem jeito (...)” (Entrevistado 3)		“(...) vou aqui ao café ao lado, com as pessoas e essa convivência foi-se fazendo (...)” (Entrevistado 5)	“(...) eu acho que as pessoas que vivem aqui que sentem que não têm nada a ver com o sítio onde moram, muitas delas. Algumas sim e têm assento nos partidos políticos e aí tudo bem, mas algumas não (...)” (Entrevistado 6) “(...) é que há aqui o cafezinho, um barzinho onde, no geral, as pessoas se conhecem e falam.” (Entrevistado 6)	“Há bom entendimento (...) e têm que se entender, senão não emprestam dinheiro (...)” (Entrevistado 7) “[Para ajudar] (...) tem que se pedir e tem que se pagar (...).” (Entrevistado 7) “Aqui [na Associação de Moradores de Aldoar] cruzam-se. Aqui no café. De manhã há bicha (...) ou na Teixeira ali na entrada do bairro.” (Entrevistado 7)	“(...) realmente o bocado onde vim cair sou privilegiado (...)” (Entrevistado 8) “(...) aqui é uma família. E julgo que até para ter uma boa vizinhança que foi um hábito que eu criei “Boa tarde”, “Bom dia” “Passou bem” e se precisar tem o nosso apoio, se não precisar... porque muitas vezes o que corre mal na vizinhança é conversar muito, dar a vida a conhecer a outros e depois debulhar e criar problemas (...)” (Entrevistado 8) “Quando é à tarde chego a ter ali nove ou dez criancinhas a jogar à bola (...) é engraçado que os avós estão com os meninos, está tudo ali e enquanto os meninos brincam dentro do ringue ou no parque nós ficamos ali e falamos uns com os outros. Há uma questão familiar muito próxima.” (Entrevistado 8)



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
			mais no fim da rua, da nossa rua, que é uma senhora que nos vê a passar com o cão, mete conversa (...) depois também metemos conversa com uma senhora ali naquela rua, aqueles senhores que também têm cães (...) o cão ajuda muito. O cão faz com que se fale, com que se quebre, que se comece a falar.” (Entrevistado 1) “(…) há aquela coisa de passear o cão até ao fundo da rua e voltar e aí é que se fala com pessoas.” (Entrevistado 1) “[A horta] (...) via das janelas de cima, ouvíamos e era invejável, e aí eu acho que havia uma relação muito grande entre as pessoas (...) e de repente vimos pessoas do bairro que tinham (...) origens diferentes, mas que estavam ali divertidíssimas no Verão, conversavam uns com os outros.” (Entrevistado 1) “Sinto-me super bem aqui, pelo facto de conhecer e de ter esta relação próxima com as pessoas.” (Entrevistado 1) “(…) ganhamos amigos aqui.” (Entrevistado 1) “O vizinho do lado aqui fomos nós que lhe dissemos que havia esta casa à venda e temos uma relação também ótima (...)” (Entrevistado 1) “Em relação aos vizinhos [da rua de baixo] aí tivemos mais dificuldade porque ao lado de nossa casa vive uma pessoa que vive em condições especiais e é uma pessoa que não tem a luz a funcionar em casa e por isso é uma pessoa que às vezes está, outras vezes não está e tem alguns problemas, acho		“(…) eu só tinha receio, de facto, como estava sozinha de sentir-me insegura de alguma forma, mas de facto não (...)”. (Entrevistado 3)					



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
			que é toxicodependente e tem esquizofrenia, portanto é uma pessoa complicada. Não criamos, obviamente, uma relação com essa pessoa. A casa a seguir à dela, é da Associação de Aldoar do Basquete, não tem também... não os vemos sequer. A nossa direita não houve a relação que tivemos com esta vizinha do lado. Não houve de facto. Nós fizemos mais ou menos o mesmo tipo de... mas não houve. Agora à frente sim.							
Museu	Institucional	Papel				"(...) acho que o Museu realmente tem esse papel de levar as pessoas lá e precisamente até essas pessoas que não estão habituadas porque realmente é super educativo (...). Porque como tudo nós não gostamos enquanto não percebemos (...) e se as pessoas forem envolvidas e se lhes explicarem, se perguntarem o que acham, as pessoas começam a interessar-se por aquilo (...). O Museu tem um papel extremamente importante. O Museu não pode ser uma entidade morta que tem ali umas coisas e agora vão ver ali, de vez em quando (...). Portanto o Museu tem que (...) chamar a comunidade (...)" (Entrevistado 3)				
	Museu do Papel Moeda	Frequência				"Eu passo todos os dias pela Fundação (...) tem o museu do dinheiro (...) não me chama nada, mesmo nada a entrar naquele museu. As únicas vezes que eu entrei naquele museu ou estive para entrar foi sempre por acontecimentos sociais (...) para mim aquele museu não tem interesse nenhum (...) Não vou lá entrar porque não sei o que é que lá vou fazer." (Entrevistado 3)		"[Relativamente a visitar a Fundação Dr. António Cupertino de Miranda] Seguramente teria benefícios agora como poderia ser feita? (...) nós estamos ali a dois passos (...) Mas também não é fácil o transporte público daqui (...)" (Entrevistado 6) "(...) com a escola não visitam e eu já me interroguei várias vezes porquê? Porque sempre achei que eles		



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
								podiam ir a pé visitar o Museu, mas eu penso que a escola considera o Museu difícil para as crianças, se bem que eles têm aqueles programas (...) passam a vida a ir a todo o lado, só à Cupertino de Miranda não. (...) Eu acho que a própria escola não acha grande graça (...) porque eu acho que eles nunca lá foram, como é que eles podem saber (...) eu acho que eles podem facilmente ir a pé, mas lá está... depende das turmas, dos professores (...) quando vem um transporte (...) da Câmara, que vem duas vezes por ano (...) está o dia inteiro e aproveita-se para ir um bocado mais longe.” (Entrevistado 6)		
		Colecção						“(...) o Museu também em si tem um tema um bocadinho aborrecido.” (Entrevistado 6)		
		Actividades				“(...) costuma a ter exposições temporárias? (...) o que acontece é que não se vê publicidade nenhuma do que se passa naquele museu, mas em lado nenhum, não sei se vem naqueles guias do Porto, mas não vem pela Internet, hoje em dia tem que vir pela Internet ou coladinho na parede, porque nós não vamos estar a (...) procurar (...)” (Entrevistado 3)	“(...) sei que o Museu em termos de papel moeda, queria fazer várias coisas (...)” (Entrevistado 5) “(...) o Museu fez uma coisa (...) com a colaboração da Acreditar (...)” (Entrevistado 5)	“(...) um [dos meus filhos] (...) foi uma vez que trouxe uma nota estampada com a cara dele. (...) Mas já foi há... já está na altura de visitar outra vez (...)” (Entrevistado 6)		
		Colaboração	“(...) Assim uma responsabilidade social, um projecto (...) claro que sim.” (Entrevistado 1)				“(...) damo-nos sempre muito bem (...)” (Entrevistado 5) “(...) sempre achei que um dia há-de se ver qualquer coisa (...) nunca esteve de fora, teve sempre em aberto (...)” (Entrevistado 5) “(...) a Maria Amélia sempre falou que queria fazer umas coisas por causa do Museu Papel Moeda (...) nomeadamente projectos com escolas (...) da experiência à prática teatral. (...) mas		“tudo o que seja para bem daqui da nossa comunidade (...) é bem-vindo (...)” (Entrevistado 7) “(...) tudo o que venha para bem aqui do bairro eu aceito tudo, tudo.” (Entrevistado 7)	



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 1)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 2)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 3)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 4)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 5)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 6)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 7)	Unidades de registo/contexto (Entrevistado 8)
							(...) desde que acabou o quadro comunitário isto parece-me mais complicado (...) era preciso mais parcerias, de maneira que nunca chegamos (...) a sentarmo-nos à mesa (...)”(Entrevistado 5) “(...) não me importava nada que fosse a Fundação ou se o Museu meter o projecto” “um problema de parceiras, quem faz o quê, e como é que se distribui essas tarefas” (Entrevistado 5) “(...) é uma questão de se ver o que é que é preciso, qual a nossa parte de participação, que custos é que isto possa ter...” (Entrevistado 5)			

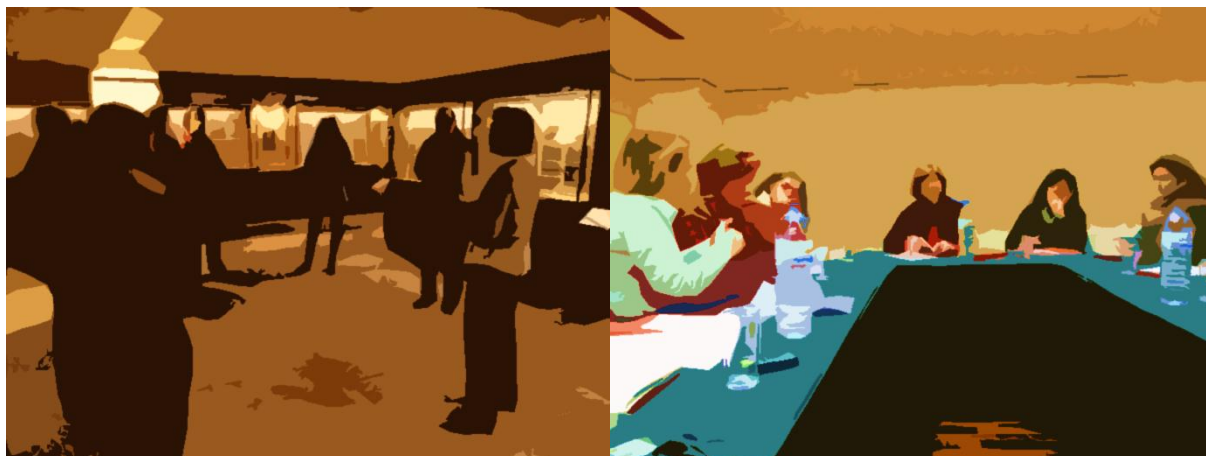
Apêndice 9 – Protocolos de reuniões com líderes comunitários

Reunião de líderes comunitários I

Data: 18-01-2010

Local: Museu do Papel Moeda

Intervenientes: MPM, CBESNSS, CSSMA, JFA, ALP, CLDS, ODPS



MPM: (...) Pensa-se, e é um facto, que ter ou não um museu, e há bocado eu perguntei para que serve o Museu e para além daquilo que eu disse: preservar a identidade, contar memórias, etc. o Museu serve também para trazer algum bem à vida das pessoas, não é indiferente ter ou não ter um museu numa comunidade e portanto aquilo que eu quero é que usem o Museu, que se aproveitem do Museu, que se apropriem do Museu, e que me digam assim: qual é a possibilidade de fazermos este projecto assim, assim, assim... e a ideia é que possamos construir algo que não só faça bem às pessoas mas que dê também à freguesia de Aldoar possibilidades, que nós ajudemos Aldoar a ser melhor, que lhes demos alguma visibilidade, que eles sintam que é bom ter o museu aqui (...) Nós temos vontade que a interacção fosse diferente, nós das avaliações que fizemos o ano passado (...) acabamos por produzir um espectáculo integrado, não foi totalmente integrado, ou seja, nós juntamos as várias... vários grupos mas propriamente não houve assim um trabalho de interacção entre eles, a Associação Somos Nós produziu um número, as Segundas Oportunidades produziram outro conviveram, fizemos um ensaio geral, mas verdadeiramente vinculação não houve, portanto nós queríamos que isso acontecesse, por isso é que eu perguntei em relação ao produto final, uma coisa fantástica, por vezes é melhor não haver produto final e às vezes o que nos interessa é que haja alguma melhoria para a vida das pessoas (...) neste momento vou começar a reunir com as forças vivas de Aldoar, não vou ser eu que vou direccionar esse trabalho embora acompanhe o processo de interacção (...) mas eu não estou a impor nada (...) estou a explicar os antecedentes deste projecto, a vontade do Museu de ser para todos, a vontade que todos possam e até podem haver vários projectos uns que interajam crianças e com seniores e paralelamente que hajam outros projectos (...) nós não estamos aqui para impor nada a ninguém, estamos para nos envolver, estamos para dizer que pode haver um projecto, pode haver dois projectos, podemos nos revezar entre nós e nós todos juntos também (...) os dados estão lançados e agora eu achava que para além de conhecermos estes dados eu não sei se todos nos conhecemos bem, a cada uma das instituições o que é que faz, o que é que pode fazer talvez para depois cruzarmos possibilidades, quem quer começar? Quer a Irmã Deolinda?

CBESNSS: Eu posso começar. Eu trabalho ali no Centro de Bem Estar Social Nossa Senhora do Socorro através das áreas que abrangem, assim é o pré-escolar e um ATL.

MPM: Portanto temos crianças aqui...

CBESNSS: crianças com idades entre os 3 e os 14 mais ou menos.

MPM: (...) O Museu quer muito abrir-se à comunidade, trabalhar com todos ou receber propostas de cada um, perceber que tipo de entidades e também mediar projectos, vamos imaginar que pode ser mais do que uma ideia para um projecto (...)

CBESNSS: O que é que nós temos feito? Entre os vários projectos pedagógicos, entre os vários projectos da instituição trabalhar com as crianças e entrar num trabalho com as famílias, através de formações, reuniões, temos uma série... na área da saúde e da alimentação das crianças. Coisas básicas, são mesmo básicas, porque são muitas as pessoas que não dão o pequeno-almoço às crianças, frequentam as pastelarias, aqueles



problemas que toda a gente já conhece e mesmo a administração dos recursos que têm é deficitária. Para já estamos nestes patamares, nós ainda não saímos para além disso, também contamos com o quadro de pessoa que temos que são as educadoras e os técnicos do ATL e um grupo de voluntariado que este ano começou a apoiar a instituição a nível de apoio escolar a algumas crianças e algumas expressões que nós não tínhamos enquanto actividades. Os voluntários são pessoas e alunos concretamente do Colégio do Rosário que tiram dúvidas às crianças, ajudam no estudo e também dão outro tipo... dinamizam actividades. Depois há um outro grupo de voluntários que são licenciados e que trabalham na área da motricidade, e não só, e que trabalham com eles aqui ao fim-de-semana, fazem filmes, fazem actividades de dinâmica de grupos para criar laços entre eles e para também os conhecerem e verem por onde é que poderão pegar (...) são quinze voluntários.

MPM: Dr.^a Tânia quer-nos falar um bocadinho sobre o Centro Social de São Martinho de Aldoar?

CSSMA: Falo com muito gosto. A freguesia de Aldoar é uma freguesia extremamente envelhecida, a nossa função neste momento, e a principal função neste momento do centro de dia, portanto, as nossas valências são o centro de dia e apoio domiciliário. Trabalhamos com uma população com média de idades de 67 anos, temos uma pessoa com 34 anos e uma pessoa com 100. Portanto a nossa actuação passa essencialmente pelo apoio nas actividades de vida diária, nomeadamente a medicação, a alimentação dos utentes, questões de higiene e nomeadamente questões de saúde (...) a área da animação é bastante importante mas... não é que fique em segundo plano mas... nós actualmente estamos a colaborar com o Contracto Local, temos lá duas estagiárias (...) enfermeiras (...) criaram um gabinete de apoio ao utente onde fazem rastreios diários de tensão (...) nós temos mais idosos dependentes (...) vamos também retomar as aulas de informática, também com o apoio do Contracto Local, que começam lá para Fevereiro, temos também alguns exercícios físicos, eles gostam de música, essencialmente gostam de música, e a participação deles nestas actividades vou ter que equacionar, para ver o que é possível fazer, mas eles gostam de participar nem que seja pela observação (...)

MPM: Dr.^a Natália da Junta de freguesia de Aldoar, eu sei que é uma conhecedora profunda da realidade de Aldoar, do que é que, na sua opinião, Aldoar precisa? (...) de que forma podemos actuar?

JFA: Eu não consigo ver. Eu não consigo ver de que forma é que o projecto, o que se está a passar aqui poderá ajudar nas tais necessidades mais prementes (...) Agora eu só gostaria de dizer uma coisa, é assim: nós já nos conhecemos há muito tempo, há décadas, eu trabalho em Aldoar desde 90, já há vinte anos quase, conhecemos todo o trabalho de todas as instituições da freguesia, já trabalhamos juntos por diversas vezes quer todas, quer só algumas, trabalhamos em parceria. Agora, relativamente às minhas preocupações, relativamente à freguesia de Aldoar considero ainda que a maior prioridade de Aldoar é relativa à habitação, portanto não consigo ver como é que um projecto desta natureza pode dar resposta às necessidades mais prementes desta população.

MPM: (...) Eu sei que é absolutamente essencial que as pessoas tenham habitação, mas é também profundamente essencial que as pessoas tenham outras coisas e nessas coisas talvez nós possamos ajudar.

JFA: Mas ajudar a que as pessoas tenham o mínimo das suas necessidades básicas é muito difícil.

MPM: Mas eu também sei que a falta de educação leva à falta de capacitação, à dificuldade em arranjar emprego, consequentemente à dificuldade em arranjar habitação, consequentemente à dificuldade de ter uma boa alimentação, portanto há muita coisa à volta das necessidades básicas e nesse anel que é multidimensional talvez nós possamos fazer alguma coisa (...)

JFA: Por isso é que nós não estamos de braços cruzados aqui em Aldoar e todos os anos fazemos projectos e não paramos porque (...) A Junta de Freguesia é parceira em variadíssimos projectos, olhe é parceira do projecto Acreditar, do qual eu faço parte desde 2004 (...) já existiu na freguesia uma associação interinstitucional para o desenvolvimento de Aldoar chamada AIDA que implementou diversos projectos e desde essa altura que articulamos com todas as instituições de Aldoar, faço parte da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, portanto a Junta também é parceira da CPCJ e somos também parceiros informais do CLDS (...) Estou a pensar na exposição... normalmente nós instituições e nós técnicos expomo-nos demasiado (...) nós durante o ano fazemos variadíssimas coisas com jovens e crianças onde elas mostram as suas capacidades (...) é outro tipo de exposição - "estes são meninos pobrezinhos e eles até funcionam bem".

MPM: (...) os trabalhos que fazemos têm sempre o objectivo não de os expor nesse sentido mas que eles percebam pelo contrário que são capazes (...)

JFA: Nós... em 2001 fez-se uma coisa de que toda a gente fala em que muita gente de Aldoar participou e foi muito bonito e chamou muito a atenção, mas e agora passado nove anos em que é que isso contribuiu para a felicidade daquela gente (...)

MPM: Às vezes temos alguma alegria em participar, mas claro que as coisas deviam ter sustentabilidade e continuidade (...) isso aconteceu e depois acabou (...) eu espero que isso não aconteça connosco até porque nós existimos desde 1964, o Museu abriu em 1994, não somos uma coisa tão efémera como um acontecimento



como a Porto Capital da Cultura (...) o museu tem um tempo de vida diferente e um visionamento diferente e hoje em dia tudo leva a que de facto os museus tenham que ter um papel educacional sim, mas um papel social muito forte, é isso que o Museu tem vindo a fazer (...) portanto a minha finalidade não é usar as pessoas o que eu queria é que as pessoas me usassem a mim, o que eu queria é que as pessoas usassem o Museu, o que eu queria é que se usasse o Museu para ajudar as pessoas a melhorar as suas vidas, seja de que maneira for. Nalguns casos melhor do que noutros obviamente, nos casos de cuidados de saúde obviamente que não, que não é a nossa área, mas noutros casos sim, noutros casos nós podemos chegar de alguma maneira a dar uma melhoria de vida às pessoas, no sentido das pessoas melhorarem não só a auto-estima, mas terem outros conhecimentos, abrirem horizontes, dar-lhes oportunidades, alargar as cabeças...

JFA: Eu também não quero que entenda as minhas palavras como algo já consumado, ou um pensamento já estipulado, normalmente falo para as pessoas reflectirem também um bocadinho e não sei se será uma fase da minha vida, também já trabalho há muito tempo aqui em Aldoar, para mim começa a ser complicado tanto trabalho que se faz aqui em Aldoar, tanto trabalho com as pessoas, para as pessoas e com as pessoas, e os problemas continuam lá...

MPM: (...) Eu sei que há dificuldades, eu sei que há circunstâncias melhores ou piores, mas o meu papel não é desistir, o meu papel é tentar (...) estamos aqui porque acreditamos profundamente no que temos feito e portanto a abertura do Museu fica aqui patente, os braços estão abertos e a disponibilidade é total (...) não somos iludidas, mas também não somos desiludidas (...) Vamos ouvir a Associação de Ludotecas.

ALP: (...) As valências da Associação de Ludotecas são substancialmente diferentes por duas razões, uma porque temos o centro lúdico que muita gente daqui já conhece e tem estado presente em variadíssimos projectos ao longo do tempo e particularmente nessa interacção jovens-idosos tem uma longuíssima experiência, até neste momento a partir da próxima semana vai estar patente na Biblioteca Almeida Garrett uma mostra de cinema de animação, exactamente resultante de um projecto que foi desenvolvido durante dois anos, preparado durante um primeiro e depois desenvolvido durante dois anos, e que terá continuidade que se chamou e chama-se "Porto Desconhecido", ou seja, visou a interacção entre um número significativo de turmas do primeiro ciclo do ensino básico com idosos de diferentes, de diferentes centros de dia da zona Ribeirinha do Porto e nasceu exactamente o desafio, com o Centro Lúdico que é uma valência da associação, que fez com diferentes técnicos que trabalhavam exactamente na zona Ribeirinha (...) técnicos de museus, ou seja, Museus dos Transportes... que se envolveram no projecto, desde o início aceitaram o desafio e realmente o projecto foi ganhando uma expressão significativa (...) Porto Desconhecido tem a ver com o quê? Com a recuperação do património oral da zona Ribeirinha do Porto de onde resultaram (...) está em exposição durante três meses porque a Câmara gostou muitíssimo do projecto e foi portanto a Câmara que se empenhou na mostra ficar patente ao público durante três dias, a mostra não, exposição onde está retratado todo o processo e depois são feitas as mostras, ou seja, os produtos finais e não só, uma das coisas que valorizamos não é o produto final, valorizamos o processo e nesse aspecto o facto de estar três meses a ser mostrado ao público o processo ou seja os produtos inacabados e a mostra vão ser dias muito reduzidos em relação ao tempo de estadia da exposição (...) portanto as crianças deslocavam-se a zonas que os idosos referiam como zonas de vivências e histórias e são retratadas todas aquelas situações que nós tratamos de boca em boca e que neste caso desta forma, em cinema de animação, envolvemos os idosos em conjunto com as escolas, com a ajuda dos professores, teve um crescimento muito importante, foi muito bonito (...) eu estou entusiasmadíssima (...) A valência da Associação de Ludotecas que promove o projecto não está aqui em Aldoar está através da Associação em Massarelos e como tal ao lado do Museu do Carro Eléctrico, o Museu dos Transportes (...) em que havia um conjunto de projectos que vinham a ser desenvolvidos ao longo do tempo e o Centro Lúdico veio desafiar todas aquelas instituições para que não fossem peças soltas (...) Aquela zona tem um conjunto de museus, mas que estão soltos e tem um conjunto de instituições que desenvolvem o seu trabalho, mas que estão soltas e na linha do que a Natália referiu não foi o Centro Lúdico, o Centro Lúdico lançou uma ideia (...) mas depois deixou de ser o Centro Lúdico, uma das coisas bonitas é que deixou de ser o Centro Lúdico, passou a ser dos outros porque estiveram envolvidos os professores das escolas, estiveram envolvidos os técnico das instituições que participaram, portanto os vários técnicos dos centros de dia e os registos orais que foram feitos, os registos escritos, as transcrições dos registos escritos era impossível no Centro de Dia portanto foi uma colaboração (...) Em relação a Aldoar nós já estamos em Aldoar há alguns anos também e temos contactado com diferentes instituições em Aldoar de formas diferentes em tempos diferentes, fazemos parte do consórcio do projecto Acreditar, trabalhamos com o projecto Escolhas desde a rua até à sua intervenção na escola, estamos neste momento com uma grande implicação com a escola, não foi propriamente linear, lá está (...) Não foi num ano, nem dois, nem em três, foi sendo, fomos confiando, fomos acreditando que conseguíamos fazer alguma coisa em conjunto (...) na altura era a Junta também (...) nesta caso não é a junta (...) tem como objectivo o combate ao absentismo, tem obviamente o trabalho com as famílias porque se



acredita que não é possível trabalhar com estes jovens a não ser que (...) e há bocado quando estavam a falar sobre necessidades (...) são potencialidades também, porque acho que os projectos muitas vezes se concentram em colmatar necessidades e não no potenciar capacidades. Portanto esta gente de Aldoar, é gente como outra gente que tem dificuldades e cada um de nós neste momento está a tentar articular das formas que entende para... não vamos conseguir fazer casas, é claro que não, mas pode ser que se consiga chamar a atenção para outras coisas, não vamos conseguir colmatar todas as necessidades da população de Aldoar, mas não estamos a falar da população de Aldoar estamos a falar de uma população muito restrita, que é uma coisa que aflige (...) porque falamos sempre dos pobres indivíduos coitadinhos (...) quando em Aldoar há tanta outra gente (...) mas Aldoar tem esta grande dificuldade e daí também que as instituições também se deparam com esta grande dificuldade (...) têm que dar resposta aos mais desprotegidos (...) mas Aldoar é uma freguesia dividida, isto se alguém me quiser contrariar, por favor que estejam à vontade, mas é uma freguesia dividida e há que assumir claramente, portanto a Avenida da Boavista divide a freguesia de Aldoar e não vamos dizer o contrário (...) agora aquele eixo ou se quebra aquele eixo e efectivamente as pessoas deixam de ver as pessoas do lado daqui como elementos ameaçadores ou o inverso também, eu penso que ambas as partes, não é só uma das partes, neste caso (...) os antagonismos são vários, é isso. Dificilmente se consegue quebrar esta barreira (...) de facto aquele lado do Hospital, quer dizer há todo um Aldoar que o resto não é Aldoar para mim, todo o desenvolvimento que neste momento está a ter em termos habitacionais, residenciais, ou seja, Aldoar está com uma grande especulação imobiliária, CLIP, Saúde, CUF, toda... os famosos terrenos do juiz (...) é uma pessoa que tem feito por Aldoar (...) e quem tiver algum problema tem que ir ao juiz (...) O Aldoar de que falamos é um, mas há outro Aldoar com potencialidades, com necessidades se calhar, agora ambas (...) Aquilo que a irmã referiu das pessoas irem ao café em Aldoar é uma questão muito antiga, é cultural quase e que continua a persistir, é que é a questão dos valores (...) e valores, quando falo em valores não é só a população carenciada a outra também precisa fortemente de educação para os valores e para a cidadania (...) porque esta questão da toxicodependência é preocupante e que está a alargar não só à população de Aldoar, as questões sociais e de facto eu não abriria aqui tanto alguma coisa que pudesse ser feito, quem sabe se a visibilidade poderá ser melhor, mas quem se sabe se num ano (...) juntar sinergias (...) nós estamos a trabalhar com jovens é com jovens, estamos a trabalhar com RSI, portanto Rendimento Social de Inserção, a questão financeira é importante mas não se resolve de um dia para o outro (...) a educação parental (...) uma série... mas eu vou dizer com a máxima franqueza, acho que temos de baixar guardas, em termos institucionais não nos podemos fechar (...) que aquilo que sentimos quando chegamos a Aldoar é que éramos capelas, começamos a eu acho que há algumas capelas que se quebram e há outras capelas que se mantêm (...) aqui é a minha área de intervenção, tu não podes vir por aqui, pela minha área de intervenção (...) fazer qualquer coisa que agilize (...) olhar para os outros, que Aldoar precisa muito de olhares cruzados e entre técnicos também.

MPM: Sr.ª Dr.ª Dulce quer tomar a palavra?

CLDS: (...) Eu vou tomar a palavra (...) Eu acho que tenho uma vantagem sobre estas pessoas todas que estão aqui, se é vantagem a experiência das pessoas que estão cá há alguns anos, da Dr.ª Natália, da Teresa, enfim (...) Sr. Dr. João na Obra Diocesana que há muitos anos trabalha, cheguei cá em 2008 portanto sou mesmo recém chegada a Aldoar, trabalho de uma forma alargada... depois as pessoas da Associação, faço parte da Direcção, mas obviamente que o trabalho com as pessoas eu não tinha, conhecia algumas instituições, nomeadamente a Obra Diocesana (...) com os colegas que trabalhavam aqui e estagiei como primeiro ano de Serviço Social em Aldoar (...) acho que pude observar também estas dinâmicas e considero que Aldoar é muito composto por dois mundos e até inclusive o próprio Contrato Local de Desenvolvimento de Aldoar centra a sua actuação no Bairro de Aldoar, embora seja Bairro de Aldoar e zonas envolventes, e o que nós temos vindo a verificar é que o Bairro da Fonte da Moura também é uma realidade muito complicada e complexa, não sei, nós partimos para um trabalho sem um diagnóstico, estas coisas acontecem, vai-se desenvolver um projecto de qualquer maneira e assim foi e assim tem estado, obviamente esse diagnóstico é fundamental para nós desenvolvermos um trabalho sério, mas que ainda da nossa parte não está concluído, há muitas falhas porque realmente partimos daqui, fomos conhecendo a partir das instituições e realmente fala-se em Aldoar, Aldoar, Aldoar, no Bairro de Aldoar, mas efectivamente há outra realidade social no sentido dos tais problemas sociais que é pouco mencionado que é o Bairro da Fonte da Moura (...) e a Dr.ª Maria Amélia colocou este desafio e eu achei muito... aceitei de braços abertos pelo conteúdo, porque considero que o Museu é mesmo esta instituição que está um pouco fora, dentro do bairro, e que me parece que pode ser aqui um potenciador muito grande das tais sinergias de que o Bairro de Aldoar necessita e penso que este trabalhar a inclusão tem que passar muito pela interacção dos vários papéis dos vários actores nesta comunidade e penso que o Museu em conjunto com todas as instituições que estão em Aldoar e que desenvolvem cada uma o seu papel e há histórias várias, cada instituição tem uma história e portanto é muito difícil de agradar numa comunidade (...) e percebo que realmente é muito difícil quando há histórias das instituições e depois há um peso institucional e



portanto isso reflecte-se no seu papel, no seu trabalho, nos seus protagonismos, porque existem e portanto aqui o Contrato ao chegar um dos objectivos do Contrato é efectivamente criar elos entre as instituições, não é muitas vezes fácil, não é, primeiro quem chega vem sempre de fora e portanto vai encontrar as pessoas que já estão e, portanto, não é, nós já aqui estamos, nós já trabalhamos, nós já fazemos, isso é por vezes alguma dificuldade de quem chega, mas é vontade nossa, da equipa do Contrato, tendo as suas fragilidades porque começamos em 2008 em condições complicadas de diagnóstico, entretanto paramos quase a partir de Agosto fiquei só com mais um técnico e como tal não se desenvolve trabalho sem técnicos e portanto não foi fácil, portanto, neste momento temos três elementos a Marta é a Psicóloga e a Joana que é Socióloga e que está na parte do emprego e formação e o colega que será enfim o Mediador/Animador que está a meio tempo mas que terá o seu papel a dinamizar algumas actividades com as instituições (...) acho que este papel e acreditando na experiência (...) os museus como instituição, as instituições e as escolas partiram para um projecto de muitos saberes, portanto também podemos ter aqui em Aldoar essa grande aposta de conseguirmos todos (...) e encontrar nesta comunidade vocações que ainda não foram encontradas, pessoas que sabem fazer tanta coisa e que são capazes de participar nesta comunidade de uma forma tão positiva que eu penso que isso não sei se estou a interpretar bem o que a Dr.^a Maria Amélia pretende fazer mas nós todos em conjunto consigamos potenciar o que há de bom nesta comunidade, quer seja a nível das crianças, quer seja a nível dos idosos, quer seja a nível das mulheres, do que quer que seja e não é fácil porque nós o ano passado conseguimos trazer cá um grupo de mulheres do grupo de alfabetização e nós tivemos consciência que muitas nunca cá tinham entrado este edifício não é um edifício luxuoso mas é um edifício que intimida, há pessoas que pensam aquilo é para os ricos e para os sábios, portanto eu acho que potenciar a proximidade e eu acredito muito embora não saiba nem dançar, nem cantar, nem escrever, nem tocar piano, não sei nada dessas coisas mas acredito que realmente temos a parte cultural e a parte artística é um potencial enorme (...) o lúdico quanto pode dar quer nos adultos quer nas crianças (...) e fazer a inclusão passa por aí (...) portanto da nossa parte, sabendo que estamos aqui num tempo muito diminuto, não tenho expectativas, vamos resolver muitas coisas, mas se com o nosso contributo de todos conseguirmos criar neste período de tempo que temos criar assim acho que os projectos são teias (...) algo que se tece muito lentamente (...) desde já oferecemos alguns recursos que vamos tendo (...) e acho que podemos fazer muita coisa por esta comunidade em geral, para todos (...)

MPM: Obrigada vou agora ouvir também o Sr. Dr. João Prata que vai estando aqui no terreno na ODPS.

ODPS: (...) Ainda bem que fiquei para o fim (...) porque tive a oportunidade de ouvir tudo o que os colegas disseram, apresentar de forma muito breve a instituição, temos quase 2700 utentes nas valências de creche, pré-escolar, ATL, Centro de Dia, Centro de Convívio, Apoio Domiciliário e mais recentemente o Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental. Na freguesia de Aldoar temos o nosso Centro Social da Fonte da Moura que presta todas estas valências (...) o ATL continua a ter uma procura fabulosa e bem acima da nossa capacidade de resposta (...) O centro de dia noto e noto isso por observação, não por estar no terreno, pegando nas palavras da Dr.^a Tânia Rama a população está extremamente envelhecida eu trabalho na obra há 7 ou 8 anos e nesse período consegui ter essa percepção os centros de dia têm pessoas com 70 e muitos 80 anos, toda a gente foge, aqueles idosos, se calhar idosos não é a palavra mais correcta, mas toda aquela população que se reforma e passa os 65 anos e deixa de trabalhar, mas ainda tem muito para dar, foge do centro de dia como o diabo foge da cruz, desculpe a expressão (...) talvez fosse interessante captar essa franja (...) concordo também com aquilo que a Dr.^a Natália disse em relação à habitação, continua a ser um problema gravíssimo, e as nossas colegas do apoio domiciliário contactam com esta realidade diariamente, habitações totalmente (...) muitas vezes sem o básico, famílias, isto já no caso das crianças, famílias muito desreguladas (...) muitas famílias sem as mínimas competências parentais (...) alguns pais tratam as crianças como se fossem mais irmãos do que propriamente filhos, falham regras básicas de higiene, falham regras básicas de alimentação (...) à Segunda-feira muitas são as crianças que chegam esfomeadas (...) não cozinham, porque como a irmã Deolinda disse vão ao café (...) e chegam esfomeadas por um bom prato de sopa e uma refeição dita completa (...) só para mencionar as nossas parcerias (...) O nosso técnico de serviço social Dr. João Ricardo Nunes, que trabalha diariamente e directamente em Fonte da Moura, mas tenho noção que as parcerias com todas as entidades aqui presentes com o CLDS já tivemos actividades fantásticas de formação e palestras e mesmo a nível de procura de emprego tem-nos dado uma grande ajuda, a Junta disponibiliza e temos actualmente uma médica que lá vai e uma professora de teatro, temos... acho que funcionamos muito bem com as outras instituições que nos rodeiam, não queria estar a esquecer-me de nenhuma, mas são tantas, portanto deixo mesmo essa informação. É continuar não me parece que exista dificuldade em funcionarmos em rede ou em teia como disse muito bem a Dr.^a Dulce (...)

MPM: Além de agradecer muito, muito, mas sinceramente a todos (...) decididamente temos que criar a teia, reatar aquele projecto de que a Dr.^a Teresa falou partindo da ideia de que há um Aldoar desconhecido, Há



muitos Aldoares de que não temos ideia se formos falar das coisas más... há coisas fantásticas aqui em Aldoar, é fundamental fazermos um diagnóstico e construirmos a história de Aldoar, não vamos fazer um espectáculo, não vamos, não queremos, vai demorar o tempo que for preciso, construir este processo um processo que tenha raiz em todas as instituições e em todas as forças vivas tem que demorar o tempo que precisar e criar trabalho, que vai chamar-se Olhares diferentes sobre Aldoar... cada um pode escrever uma sugestão e em conjunto tirar uma decisão, mas acho bem pegarmos na experiência que a Associação de Ludotecas teve que envolveu as turmas do ensino básico, envolveu os museus, envolveu os idosos, um projecto que vai ter uma mostra final, pode ser um processo documentado ao longo dos tempos até porque as pessoas (...) trabalhar com as instituições e perceber como é que elas se podem cruzar e tudo isso (...) a metodologia de trabalho é fazer este projecto, apresentar às direcções de todos, e realizar uma reunião de técnicos para se discutir e ultrapassar dificuldades, mas eu dizia mais é que isto vai ser um trabalho a dois níveis vai ser este trabalho gradual que nós todos vamos aqui fazer, mas nós temos que ter a noção que temos que ter um núcleo duro (...) tem que estar sempre presente para pelo menos neste início (...) diria que pode ser a Junta, as Ludotecas, CLDS (...) porque esse núcleo duro é que vai interagir depois com todas as outras instituições (...) E vamos ter realmente que fazer este diagnóstico este levantamento, porque aqui em Aldoar existem escritores, realizadores de cinema, fotógrafos (...) Eu vou fazer reuniões parcelares para apresentar ideias mas queria que o núcleo duro estivesse presente a ideia é Aldoar, vamos centrar-nos sobre Aldoar, a história de Aldoar, diversos olhares sobre Aldoar, ainda não sabemos, mas a ideia é apresentar Aldoar, todos a riqueza e o potencial, mas não é só apresentar é desenvolver trabalho que viesse de facto melhorar, mudar, ajudar as diversas realidades parcelares de Aldoar. (...) Aldoar tem história, tem comunidades, tem artistas e tem uma vida própria (...) Além de trabalharmos a esse nível global depois temos que trabalhar individualmente com cada instituição para desenvolvermos um trabalho útil com os utentes dessas instituições (...) e assim se constrói alguma melhoria para as pessoas porque, na verdade, une-nos a todos esta vontade de ter uma melhoria. Neste núcleo duro diga-me se posso contar com o Contrato, com a Associação de Ludotecas que eu queria muito...

CLDS: Comigo pode contar.

JFA: Comigo também.

ALP: Comigo também.

Reunião de líderes comunitários II

Data: 25-01-2010

Local: Museu do Papel Moeda

Intervenientes: MPM, CLDS, CEFPI, ALP, MADI, CTPV, GCL, APPACDM, EAS



MPM: Vou começar por fazer uma breve introdução, todos somos de Aldoar, todos trabalhamos em Aldoar e se calhar alguns ainda não conhecem o Museu e não sabem o que é que o Museu a resposta à segunda pergunta já vamos ver, da primeira vou falar só um bocadinho, que uma visita guiada era impossível zangavam-se e com toda a razão. O que é que faz o Museu do Papel Moeda além de preservar e conservar colecções que é a obrigação de todos os museus? O Museu quer pôr as suas colecções ao serviço das pessoas e das necessidades que elas têm e ajudar a encontrar soluções e neste caso localizamo-nos num território especial, além do território de Aldoar temos outro território o do dinheiro e do papel que tem uma história que começa no século XVIII com a Rainha Dona Maria I que assina um alvará a autorizar a emissão do primeiro dinheiro que está aqui, que eram as apólices do real erário, que eram estes papéis assim um bocado... que eram dados às pessoas que emprestavam à rainha 10 milhões de cruzados. Havia assim uma grave crise financeira, que pelos vistos ainda não nos largou (...) estes papéis tinham uma grande virtude (...) este dinheiro é melhor do que o nosso porque não são notas, parecem mas não são, porquê? Porque elas venciam juros, ou seja, a Rainha pedia o dinheiro emprestado, como garantia dava estes papéis aos quais se chamavam apólices e no final do ano pagava 5 ou 6% de juros a quem lhe tinha emprestado dinheiro (...) E portanto este museu, a partir de 1776 que é a data de emissão das primeiras apólices, vai por aí fora e conta a evolução do dinheiro e o que é sobretudo aliciante é que o dinheiro regista esta evolução de história que é de nós todos, mostrando através do dinheiro personagens, factos históricos, contando o próprio dinheiro a evolução histórica do país e também de todos os factos e personagens importantes que da nossa história fazem parte, o dinheiro mostra escritores, mostra poetas, mostra políticos, mostra enfim factos que decorreram, os Descobrimentos, enfim tudo o que importa está lá. Não é uma maneira de se olhar para o dinheiro habitual, porque a gente nem pode olhar para ele porque ele voa, mas se olharmos para ele, ele conta muitas histórias (...) e se quiserem então fazer o favor de passar para esta sala nesta mesita para podermos conversar mais à vontade. Só por registo vou pedir a cada um que se apresente, que eu tenho a certeza que todos se conhecem muito bem, mas haverá pessoas que se conheçam pior e portanto depois da introdução e apresentação do Museu vou pedir uma identificação a cada um e uma pequena apresentação da instituição que depois eu vou remeter as actas também da reunião para a instituição, portanto vou começar pela Sr.^a Dr.^a Marta que trabalha no CLDS, Contrato local de Desenvolvimento Social (...)

CLDS: Portanto venho em substituição da Dr.^a Dulce Guimarães que hoje tem outra reunião mas contacto claro em Aldoar, com a população e com as diferentes instituições de Aldoar, promovendo uma colaboração para o benefício da própria comunidade.

MPM: Eu acho que toda a gente conhece o CEFPI e o grande trabalho que a Sr.^a Dr.^a Olga Figueiredo tem desempenhado desde há três anos (...)

CEFPI: Portanto o CEFPI é um Centro Educativo ligado ao IEPF e trabalha na área da inserção profissional de pessoas com deficiência intelectual e temos várias valências, uma é a equipa de avaliação profissional que faz a primeira relação das pessoas com deficiência no sentido de saber quais são os seus projectos para o seu futuro quer pessoal quer profissional e articula com as escolas e com entidades competentes, onde as pessoas



com deficiência são inseridas, depois temos a formação profissional para pessoas com deficiência intelectual e também para outros públicos no âmbito de preparar as pessoas para o mercado de trabalho no desempenho de várias profissões e essa formação é feita em contexto real de trabalho na sua maior parte, quer dizer promovendo as empresas e as entidades da comunidade para que as pessoas possam depois encontrar um emprego. Temos em Gaia o emprego protegido, portanto temos 150 pessoas que são trabalhadoras com deficiência e que, portanto, estão inseridas no mercado de trabalho, embora num mercado de trabalho enquadrado numa organização como a nossa. Temos uma padaria, uma peixaria, serviços de jardinagem para a comunidade e uma empresa de embalagens, portanto muitas coisas que vocês comprem no Continente outras similares são embalados por nós, desde material eléctrico, material escolar, material de plástica, etc. Temos uma unidade de produção e estamos no mercado no sentido das pessoas poderem ter o seu trabalho e o seu nível de vida e temos o Centro de Novas Oportunidades também aberto à população aqui de Aldoar, que trabalhamos também muito com o Contrato Local de Desenvolvimento Social, aqui em Aldoar, que vai até ao 12.º ano em termos de certificação de competências adquiridas ao longo da vida e também quatro pessoas que trabalham na área da acção educativa, que promovem a certificação profissional desde o 9.º até ao 12.º e está aberto ao Contrato também, a pessoas que não são pessoas com deficiência, mas que em termos do Grande Porto, inseridos e Aldoar, trabalhamos com todas as pessoas que nos procuram e não apenas com pessoas com deficiência.

MPM: Dr.ª Teresa Roquete das Ludotecas.

ALP: Somos a Associação de Ludotecas do Porto trabalhamos com diferentes espaços lúdicos em diferentes regiões do país, especialmente quando nos sediamos em Aldoar não podemos ficar indiferentes às problemáticas sociais vividas nas imediações de onde nós estamos sediados, portanto transformamo-nos também em Centro Comunitário de Aldoar, portanto actualmente, desde há cerca de um ano e meio, somos Centro Comunitário de Aldoar, temos em termos de Aldoar uma oficina de Animação, uma oficina lúdica e não só, no princípio trabalhávamos com uma série de crianças e jovens, numa articulação com o CEFPI, que estavam em contexto de rua tentando a sua inserção escolar e/ou profissional ou profissionalizante, desde alguns programas existentes ao nível educacional com um carácter não tão formal quanto as oportunidades em termos de escola, era isso um dos nossos objectivos, o facto de sermos da Acreditar neste momento leva-nos a alargar o nosso âmbito de intervenção e por isso não apenas trabalhamos, mantemos a nossa oficina de Animação, que trabalha a partir das 15:30 com actividades lúdicas e não só, diversificadas, como trabalhamos em parceria com a Escola, com o Agrupamento de Escolas Manoel de Oliveira, com projectos integrados de educação e formação que é um... na complementaridade do que a Dr.ª Olga disse é um programa de luta contra a exploração do trabalho infantil, portanto consideram-se piores *scopus* do trabalho infantil que os jovens que estão neste momento, não se sabe muito bem como, por causa do absentismo, não estão na escola e estão na rua, estão na rua a fazer o quê, ainda não se sabe muito bem no nosso país já se começa a perceber um bocadinho melhor, mas não se sabe ainda muito bem quais os números, de que forma e portanto é considerado pelo Ministério do Trabalho e da Segurança Social, num acordo tripartido, que das piores formas de trabalho infantil são as formas de exploração de um conjunto de crianças e jovens que estão remetidos à rua e enquanto tal estes PIEFS que estão a funcionar e já é o 3.º que está em funcionamento visam exactamente trabalhar com estas crianças que não se sabe bem... que neste momento já estarão fora da escola na Associação. Neste momento estamos já em contexto escolar a fazer a tentativa de integração num contexto mais formal para que haja... assim como fizemos com alguns jovens que estavam em contexto de rua ao nível da integração profissionalizante com o CEFPI, também estamos a fazer o acompanhamento de famílias de RSI, portanto Rendimento Social de Inserção, em conjunto e em colaboração com o Contrato Local de Desenvolvimento Social em colaboração com a ADIL, que também tem uma parte da distribuição da Segurança Social, neste momento faz, como vocês devem saber, uma distribuição dos processos de rendimento Social de Inserção pelas várias instituições de solidariedade social para que haja um acompanhamento mais próximo dos protocolos. Como sabem os rendimentos sociais de inserção, que passou de temporária a ser vitalícia, e há um protocolo que deveria ser feito, é um compromisso de ambas as partes e deveria ser cumprido. Esse protocolo por excesso de processos no âmbito da Segurança Social nunca foi propriamente supervisionado, daí haver esta redistribuição que está agora a ser feita pela Segurança Social por IPSS que o podem fazer por terem um trabalho de proximidade com a comunidade local, no sentido da reinserção profissional e no sentido daquilo que esses protocolos contemplam que é que os filhos frequentem a escola, que há ou que se cumpram os cuidados básicos de higiene (...) esses protocolos visam cada vez mais a inserção (...) também com os jovens que frequentaram a Oficina de Animação, que estão na escola e que alguns deles já não estão bem na escola, que estão neste limbo, não é? Nem escola nem rua, que já são muitos infelizmente em Aldoar é uma problemática a focar que neste momento estão muitas das jovens grávidas, que já passaram pela Oficina de Animação, grávidas falamos a partir dos 15 anos, porque eu agora vou dizer uma frase, mas é uma frase que é



dita “fazer filhos dá dinheiro” (...) mas é uma lógica e portanto temos neste momento muitos casais ou chamemos-lhes o que quisermos chamar, não sei bem o que é que isso vai significar em termos sociais, mas é o que nós temos para já ao nível das medidas implementadas, efectivamente, o que passa ao nível das cabeças dos jovens é que fazer filhos dá dinheiro (...) o que é que vai acontecer a estas crianças quando estes pais que não estão ainda organizados e se não houver alguns apoios vamos ver, não vale a pena antecipar desgraças, vale a pena trabalhar para que haja graças, e por isso trabalhamos com estes jovens que eram enviados, que passaram pela Oficina de Animação, quer os que não estão na escola nem estão no mercado de trabalho e que estão nesta situação. Vamos tentar trabalhar com o Contrato de Desenvolvimento Social para criar um espaço para estas mães e respectivos filhos, com carácter lúdico onde possam ser trabalhados alguns... a questão das vinculações, através do lúdico, portanto trabalhar este tipo de questões que nos parece que vai ser um vazio que vai existir (...) depois temos o Centro Lúdico de Imagem Animada que não funciona em Aldoar, que funciona em Massarelos, que produz e realiza com os mais diversos grupos, das mais variadas zonas do país, temos oficinas de animação e jogos de óptica, portanto um manancial para quem quiser visitar está aberto (...) ainda está à porta fechada porque somos poucos, vale a pena visitar porque já funciona como museu interactivo, portanto está lá dentro um conjunto de equipamentos para os mais variados grupos, apenas para idosos é que não conseguimos ainda acessibilidades porque é uma escola cedida pela Câmara (...) abriremos portas quando possível, estamos de portas abertas porque a equipa o faz, não é? Mas não podemos estar ainda de portas abertas porque não temos capacidade de assegurar (...)

MPM: Mas são exactamente essas pontes que nós podemos alimentar e cultivar. Vamos ouvir então o Teatro Pé de Vento.

CTPV: Portanto, João Luiz Fundador e Director do Teatro Pé de Vento, existimos há 31 anos dos quais nos últimos, a partir de 96, sediado em Aldoar, nos últimos treze anos estamos sediados em Aldoar, portanto foi dentro de um quadro, portanto o Pé de Vento durante os anos anteriores esteve sediado nas Virtudes, naquele edifício que era antigo dos ingleses e que entretanto passou para o SAOM, para o Serviço de Assistência da Ordem de Malta e que portanto que foi comprado nessa altura pela Ministra Leonor Beleza e que nessa altura nós perdemos esse edifício, mais tarde passamos uns anos sem local e sem sala de espectáculos e sem local fixo, até que aconteceu termos esta possibilidade aqui em Aldoar, que a Junta já possuía de um processo de compra há dois ou três anos e que nos foi cedido, porque nós fizemos esse compromisso, o edifício continua propriedade da Junta de Freguesia e em termos da cedência fizemos um compromisso de fazer dali uma sala de espectáculos, que aliás estava no protocolo de ser, no protocolo de compra, do edifício aos monumentos, aquilo fazia parte do Ministério das Finanças na medida em que era um posto de fronteira, aquilo passou (...) pelas Alfândegas, passou por todas essas questões, mas era pertença do Ministério das Finanças e como se sabe o Ministério das Finanças tem vindo a alienar variadíssimos desses postos de trabalho, ainda existem ali em baixo onde era a antiga fronteira até do mar, do lado da Circunvalação, do lado de Matosinhos, portanto nós, digamos assim, o Pé de Vento cumpriu este compromisso e neste momento portanto Aldoar tem uma sala de espectáculos legalizada, que faz parte das quatro ou cinco salas com alvará de licença de estar aberto ao público na cidade do Porto (...) e portanto fizemos daquilo um instrumento que ultrapassa o território de Aldoar que ultrapassa a cidade e que hoje tem, digamos assim, um público jovem na medida em que nós privilegiamos ao nível da nossa actividade teatral o público infanto-juvenil, que roda 50 quilómetros à volta da cidade do Porto (...) mais de 50 % (...) graças ao protocolo com a Junta de Freguesia tem intervenção digamos no quadro da comunidade, na medida em que fazemos da sala de espectáculos um instrumento de encontro, por um lado é lá que nós estamos sediados e fazemos a nossa actividades profissional, que é financiada pelo Ministério da Cultura, a segunda Companhia mais antiga da cidade do Porto, primeiro é a Seiva Trupe e depois somos nós, com os nossos 31 anos, tal como disse, e depois somos nós pessoalmente, como membros da Companhia que é organizada em Cooperativa, portanto funciona em termos dos programas cooperativos, já tivemos ao longo destes anos, fomos tendo pontes com variadíssimas instituições e actualmente também o Pé de Vento integra, e eu pessoalmente, o Conselho Geral do Agrupamento Manoel de Oliveira e através da Junta digamos, fazemos... colaboramos no projecto Acreditar, já tivemos, digamos, já aceitamos estagiários ali deficientes, etc., etc., enfim tem várias pontes, pontes com a comunidade cigana, pontes com comunidades mais marginalizadas, etc. na medida em que tudo é o que forem os projectos, ou seja, nós consideramos aqui a sala de espectáculos nesse sentido sendo um instrumento e sendo uma ferramenta que permite um encontro, por isso é preciso que aja um “de” e um “com com” e portanto a nossa actividade é exactamente dar as condições para que esse encontro se faça e se desenrole e dura o tempo que durar (...)

MPM: Muito bem, podemos continuar?

MADI: O meu nome é Manuel Sá e sou Presidente da Direcção do MADI, e estou aqui com António Correia da Silva, a nossa instituição surgiu em Julho de 74 como? Sendo eu um dos pais de um filho deficiente,



eu e mais quatro entendemos na altura arranjar uma solução para os nossos filhos que estavam a fazer os 15, 16 anos e estavam inscritos nas escolas do Estado, mas quando atingissem o limite da escolaridade vinham para a rua, naturalmente que era uma preocupação dos pais (...) pensamos o que vamos fazer aos nossos filhos e arranjamos uma solução, optamos por abrir à população em geral e tivemos a nossa primeira reunião na Casa do Povo Portuense (...) em 4 de Julho de 74, juntamos lá 570 pessoas oriundas de todo o país (...) o nosso primeiro passo foi tentar arranjar uma solução para eles trabalharem, então contactamos a Câmara do Porto (...) que nos disponibilizou o terreno onde estamos instalados, ao mesmo tempo soubemos na altura que o Ministério do Trabalho tinha em Gaia um Centro que estava parado, então o MADI comprometeu-se juntamente com o Ministério do Trabalho gerir o Centro, portanto o Centro que está ligado ao CEFPI, arrancou primeiro em Gaia (...) é evidente que abriu-se portas para dezenas e centenas de deficientes (...) construímos o da Vilarinha e estabelecemos um protocolo com o Ministério do Trabalho ao abrigo do qual foi criado o CEFPI (...) Entretanto construímos de raiz o Centro MADI, na zona industrial que é um centro de dia e uma residência que funciona de Segunda a Sexta das 9 às 17 e a residência lar, para deficientes profundos, está pronta a arrancar que é para aqueles deficientes que precisam de apoio 24 horas por dia, 365 dias ano (...) O Centro de Dia a gestão é feita pela APPACDM (...) somos amadores, temos boas relações e achamos por bem convidar a APPACDM para fazer a gestão e já está a funcionar deste Março de 1995 (...) e já estamos apensar numa residência para deficientes sem retaguarda familiar (...)

MPM: Muito obrigada. Então agora Sr. Tulha.

GCL: Chamo-me Tulha pertencço ao Grupo Coral Laetare da Paróquia de Aldoar e estou aqui em nome do Grupo para o representar. O Grupo Laetare foi criado em 1987 pelo Sr. Dr. Fausto Pimentel, portanto começou com a música litúrgica, passou para a profana, deu vários concertos em Portugal continental, deu nos Açores, durante 4 dias acompanhou as Festas de Santo Cristo e foi várias vezes à televisão, quer a nível artístico, quer a nível de intérprete. O Dr. Fausto passados 19 anos abandonou o Laetare e então o Laetare parecia que ia acabar, mas fui falar com o Sr. Cónego Correia dos Santos e ele disse “eu vou-lhe arranjar um bom maestro”, que é o que temos agora, que é um bom maestro que é o Dr. Paulo Amaral, que está a dirigir o Laetare há cerca de 4 anos. Neste momento estamos só a actuar em música litúrgica, porque o coro estragou-se de tal maneira que saíram muitos elementos do coro e o coro ficou com 25 pessoas, chegou a ter 40 (...) actua apenas nas paróquias vizinhas de Aldoar com o Dr. Paulo (...) estamos a tentar voltar ao antigamente, mas vai ser um bocado difícil, porque a gente convida as pessoas (...) e não é fácil (...) mas nós lá vamos conseguindo manter o Laetare a gora já temos aquela esperança bastante forte de que o Laetare já não morre (...) Eu sou digamos o gestor financeiro do Centro Social de Aldoar (...) Eu estou ligado a estas redes todas de Aldoar por apenas uma pessoa que se chama Padre Lino Maia e também estou ligado à Direcção da CETA e que mais me irá acontecer?

MPM: Agora o que lhe vai acontecer é ficar agarrado também ao Museu. Muito bem.

APPACDM: Sou Miguel Rocha, vou fazer uma introdução à APPACDM que funciona como uma escola, da minha parte como sou da parte do socioeducativo, que é coordenado por mim e por uma psicóloga e assistente social e dá apoio a pessoas com toda a deficiência mental dos 6 aos 18 anos, temos depois protocolo com o CEFPI que eles antes dos 8 aos 16 fazem uma triagem, para ver qual das áreas é que poderão inserir e dar trabalho e temos lá a Paula do CEFPI e portanto é uma escola, funciona das 9 às 4, tem actividades como educação física, natação, surf, não agora mas quando está bom tempo, no início do ano tiveram principalmente para os mais autónomos e em termos dos alunos mais profundos mas mais autónomos, como a Trissomia 21, e cada vez temos um menor número de turmas, portanto o futuro é integrá-los nas escolas, portanto em princípio em 2012/2013 já não existe socioeducativo, vai acabar, portanto este ano vão sair 11, que vão ser assim muitos e o objectivo principal é integrá-los nas escolas e temos 24 alunos, eram 40 de início mas a Segurança Social entendeu que depois dos 18 a anos têm mesmo que sair, normalmente estamos dispostos... nós temos também o CAO, Centro de Actividades Ocupacionais, é outra unidade que funciona lá, que tem outro motivo, que tem protocolos com outras empresas que funcionam no âmbito de fazer capas, fazem sabonetes, pequenas tarefas, depois temos o centro que trabalha... tem as oficinas e também trabalha nas salas e depois temos os casos mais profundos em que apenas damos qualidade de vida, mas isso é outra unidade que também é gerida pelo Assistente e Psicólogo. Nós temos ainda outra unidade que é a estimulação precoce, que dá apoio aos Jardins-de-Infância que também tem a coordenação e um Assistente e de um Psicólogo. Na minha Unidade (...) damos sempre resposta porque os acordos com a Segurança Social para mantê-los... depois fazer a integração para CAO (...) temos três residências, portanto damos apoio a uma densidade muito... temos três residências (...) temos uma lavandaria (...) temos as oficinas (...) depois temos outros centros iguais a estes, mas mais pequenos, que funciona perto da Manoel de Oliveira, o Centro Isabel Brito e Cunha que é um CAO, depois temos no Cerco das Antas (...) só funciona socioeducativo (...) e em traços gerais (...)

CTPV: (...) O que falta à sociedade portuguesa são espaços intermédios (...)



MPM: Poderá o Museu ser um espaço intermédio?

CTPV: pode ser (...) porque o que falta são espaços para a vivência da cidadania (...)

MPM: Eu iria agora continuar com Ana Sullivan.

EAS: Sou Isabel, sou professora no Externato Ana Sullivan que é aqui muito pertinho, em frente quase, portanto é um colégio privado, que trabalha com crianças com deficiências, por vezes com necessidades educativas individuais, e é um colégio pequeno, neste momento não temos 80 alunos, são 78, também as idades são a partir dos seis anos, é um colégio muito vocacionado para a escola integrada, mas acontece a mesma coisa que acontece na APPACDM, não é? Os meninos com algumas capacidades são integrados e ficamos de facto só com crianças com graves problemáticas (...) neste momento não temos limite de idade, temos limite de idade, sim, de início, antes dos seis anos nós não podemos ter meninos e depois temos meninos que já foram alunos do colégio, há muitos anos, depois foram para casa, estiveram noutras estruturas e hoje pedem para voltar a frequentar uma parte do dia ou o dia, portanto nós temos uma menina que foi a minha primeira aluna, quando eu fui trabalhar para lá, há 36 anos, e que tem neste momento 47 anos e está neste momento a frequentar, portanto, nós não temos CAO ainda, mas está-se a tratar disso, não temos CAO legal, mas a nível de funcionamento já temos CAO, já temos muitos jovens com mais de 18 anos, portanto até aos 18 anos eles são subsidiados pelo Ministério da Educação, com uma parte, depois os outros há ali uma parte em que são subsidiados pela Segurança Social e para já há outro grupo que é pago pelas famílias, temos a mesma problemática, só vêm da escola muito tardiamente, são crianças mesmo numa situação de ruptura, muitos vêm com 13, 14, 15 anos, depois de partirem de facto (...) mas continua a ser um colégio muito interessado nas aprendizagens escolares (...) nós utilizamos o espaço de Aldoar, mas de facto não estamos a vivenciar assim muito, começamos a acordar para os recursos que a freguesia de Aldoar tem. Somo assim uma escola em que os meninos chegam, vêm de Santo Tirso, de Ermesinde, de Valongo, utilizam este espaço mas não somos propriamente daqui, a grande maioria não é, utiliza este espaço (...) durante o dia, e às 4 horas debandam para os outros sítios, porque nós estamos abertos até às 5 e meia. Deixem-me dizer que ainda esta semana nós colaboramos com um grupo de enfermeiros que passou lá, no nosso colégio, e fizeram uma festa na Junta de Freguesia (...)

MPM: Muito bem, então agora...

CSFM: João Nunes sou responsável pelo Centro Social da Fonte da Moura que faz parte, é um dos doze centros, da obra Diocesana, que tem 45 anos de implementação na cidade do Porto, é a maior IPSS a nível nacional (...)

MPM: Da obra diocesana todos conhecemos um pouco e têm trabalhado muito bem com o Museu a nível de seniores e também de crianças, portanto há uma ponte entre o Museu e a Obra a nível destas duas faixas etárias.

CSFM: Nós temos no caso mais específico do Centro Social da Fonte da Moura, que é mais ou menos transversal a todos os outros centros, mesmo no nosso Centro da Fonte da Moura temos a Creche, Pré-escolar dos 3 aos 5 anos e o ATL depois dos 6 até aos 33, que nunca chegam até essa idade, mas e depois temos a terceira idade com o Centro de Convívio, o Centro de Dia e as pessoas do apoio domiciliário, nós neste momento no centro em que eu estou, que está de facto inserido em Aldoar, temos mais ou menos no total 250 utentes ou clientes (...) que diariamente nós trabalhamos, quer em casa delas quer no centro, (...) também trabalhamos com as famílias, portanto atinge mais ou menos 2 a 3 mil pessoas, temos diversas parcerias aqui na comunidade, tenho medo de dizer algumas, porque tenho medo de esquecer-me de outras (...) e este ano temos uma iniciativa que a Obra Diocesana abraçou, que é um repto lançado pelo Sr. Bispo D. Manuel que é a Missão 2010 (...) é um tema que depois é dividido em diversos mini-temas, que são divididos por doze meses e cada mês tem um tema, vamos agora entrar no mês da alegria, que é o mês de Fevereiro, o mês de Março é o mês da Compaixão, que neste caso é o mês da Fonte da Moura, o mês do nosso centro (...) e desenvolvemos sempre actividades diferentes (...) Nós estamos num Centro novo estivemos um ano no bairro de Aldoar e neste momento já voltamos ao nosso centro, com condições muito melhoradas, com capacidade para alargar um bocadinho em termos de população, se bem que não tem sido fácil, porque o nosso Estado também quer que o ATL também seja integrado nas escolas (...) neste momento, felizmente, não tenho tido grande preocupação neste aspecto, porque temos tido sempre muitas pessoas a procurar o nosso ATL e quer o nosso quer o ATL da Junta tem estado com uma afluência muito grande, sempre com listas de espera (...)

MPM: Antes de fazer o que é difícil, a súmula de tudo o que ouvimos, este projecto começou o ano passado que o Museu tem, qual é? O Museu entende que é muito bom que exista colecções, sim senhora, mas os museus só encontram a sua razão de ser quando partem das suas colecções para ir ao encontro das pessoas, os museus só encontrarão a sua razão de existir quando alargarem os seus horizontes e forem ter com as pessoas e lhes disserem assim: “o que é que nós podemos fazer pela comunidade?”, “o que é que a comunidade espera de nós?”. Em vez de olharem para o museu como algo que é distante e estático, que todos



percebiam que nós estamos aqui para os servir, na medida das suas expectativas, das suas necessidades. Já o ano passado começamos a trabalhar com o projecto Acreditar, com a Associação de Ludotecas, com o Contrato e travamos conhecimento com o CEFPI e embora não tivéssemos conseguido realizar uma acção que tínhamos pensado realizar conjuntamente, por questão de inoperacionalidade de datas, tentamos também chegar a todos, portanto nós queremos ter uma atitude ao contrário do costume, em vez de... temos a nossa programação corrente e visitas para séniores, para crianças, para ATIs, para escolas do básico, do secundário temos a programação corrente, mas nós queremos mais: saber, conhecer melhor a comunidade e perceber o que é que podemos fazer pela comunidade, já temos vindo a colaborar com a Obra Diocesana também. De tudo quando eu ouvi aqui há traços comuns, há palavras que nos são comuns, a proximidade é uma delas, a vontade de integração é outra, o facto de podermos ser parceiros penso que poderei dizer que é um desejo, nosso é, que nós queremos que mudem o olhar sobre nós queremos e que acreditamos que é absolutamente essencial fazer um diagnóstico desta situação é também muito importante, eu penso que o João Luiz teve uma síntese muito importante, a escola de facto não pode ser tudo, não há estruturas intermédias, há uma grande necessidade de integração, percebemos e eu gostava muito de perceber como é que o Museu se poderia constituir exactamente como esta estrutura intermédia de cruzamento de instituições, com o objectivo de integrar toda a gente com o Museu, entre si, fazemos realmente do Museu um sítio de cruzamento e todos juntos conseguirmos gizar um pensamento que consiga construir uma comunidade participativa em Aldoar. De facto não somos nem crianças, nem ingénuos, mas há também aqui outra coisa que aqui vem, e corrijam-me por favor se eu estou errada, Aldoar é tão rico, tão diverso, ficou assim tão patente, tantas instituições que fazem assim coisas tão importantes, não conseguiremos nós cruzarmo-nos? Não conseguiremos nós levar entretenimento, talvez, a quem tenha necessidades especiais? Temos quem cante, pessoas que sabem cantar e que nos dirigem, temos quem faça teatro, e que nos possa ensinar a fazer teatro, temos quem faça cinema de animação, que tem a capacidade de realizar projectos que integram tanta gente, com tantas valências, o que é que acham, como é que poderiam... como é que acham que o Museu poderia gizar resultados e projectos, seria um projecto? Para além de tudo isso poder vir a constituir uma grande história de Aldoar e fazermos esse registo que também era... e podemos fazê-lo de muitas maneiras, era importante, mas será que a escola, e eu sei que a Escola Manoel de Oliveira também está aberta a trabalhar connosco e o Sr. Dr. Arnaldo Lucas, com quem eu já falei, também quer projectos para os seus alunos, como é que nós poderíamos, por exemplo, trabalhar áreas de entretenimento que depois pudessem integrar pessoas com deficiência ou não, por exemplo quem é que pode pensar, perante aquilo que foi dito, como é que o Museu pode ajudar, interferir, integrar.

CEFPI: Nós já temos falado, que sentimos que as pessoas com necessidades especiais, sobretudo jovens, não há em termos das respostas da comunidade espaços onde eles possam fazer actividades de tempos livres e isso é um aspecto que nos preocupa, porque realmente ficam com uma experiência muito reduzida, casa-centro, e as redes de convivência ficam muito limitadas à família e poucos amigos, e realmente pensamos que ao nível das associações locais se calhar era importante que eles estivessem cobertos, porque acho que isto é um problema que afecta todas as crianças e todos os jovens, espaços onde pudessem fazer coisas que gostassem e fazerem actividades, terem contacto, irem até lá, e poderem fazer jogos e teatro e dança e isso tudo que para nós era interessante, que existisse aqui ao nível da comunidade quem avançasse com projectos desses na área do entretenimento, do lazer, do trabalho neste âmbito, (...) em que eles pudessem participar, mas que não fosse só exclusivamente para eles, para poderem participar com outros jovens, outras pessoas. A outra era aquilo que a gente já falou, pôr vários jovens a gerir o dinheiro (...)

MPM: Essa é uma área que eu queria focar, estamos a falar de dinheiro, de notas, das colecções, nós temos vindo a desenvolver projectos, portanto já desenvolvemos projectos de acompanhamento de famílias, de educação financeira para famílias, com rendimento de inserção social, o ano passado e acompanhamos 30 famílias, pronto temos também experiência de fazer educação financeira para alunos do 10.º, 11.º e 12.º ano na secundária, na Segunda-feira passada fizemos um ciclo de conferências que começou na Segunda-feira e pusemos uma notíciasinha no nosso blog e nunca nos aconteceu tal coisa, não coubemos dentro do auditório, tivemos que pôr cadeiras cá fora e tivemos 300 e não sei quantas pessoas, portanto vê-se que há necessidade de literacia financeira, vê-se que há necessidade de uma educação financeira para pessoas com ou sem deficiência e que de facto é um dos problemas deste país e que é uma área em que nós estamos particularmente habilitados a tratar, mesmo para aquele problema de que se falou há bocado das grávidas nós iniciámos um projecto, que só começou a ser realizado e não teve continuidade e que eu penso que era necessário pegar que era, chamava-se, dieta financeira, e ensinar exactamente mães adolescentes grávidas a prepararem-se para gerir um pequeno orçamento (...) estabelecendo prioridades (...) a primeira exclusão, das múltiplas formas é a exclusão da informação e a exclusão financeira (...) Portanto eu tenho possibilidades de fornecer informação a pequenos, a grandes, a todos, de educação financeira, isso depois qualquer instituição que queira directamente é só contactar o serviço, é fácil, está montado, é só pôr em acção rapidamente e



queríamos realmente dizer que essa parte digamos é muito fácil, o ano passado a Dr.^a Dulce Guimarães pediu-nos ajuda para famílias e foi instantâneo, a Sónia deslocava-se ao Centro do Contrato e mantendo sigilo, mantendo obviamente a reserva que era necessária nestes casos, ela pôde ajudar as pessoas e providenciar essa informação, sempre com a noção de que ao fazermos estas acções nós não queremos expor as pessoas, queremos ajudar e não queremos mais nada senão isso e é também esse espírito que nos anima agora e eu estava a dizer isto porque esta área é, digamos, de fácil operacionalidade, quem considerar que os utentes das suas instituições querem, precisam de educação financeira o Museu disponibiliza esses serviços, mas eu ia mais longe (...)

GCL: Eu acho que quem precisa de educação financeira não são tanto os utentes, são mais os familiares (...) que ficam com as reformas dos pais (...) ainda acham pouco (...)

CTPV: Se for ali ao CLIP o problema é exactamente o mesmo (...) eu não preciso de trabalhar porque o meu pai tem uma empresa (...) portanto é exactamente a mesma resposta (...) por vezes nós queremos tratar de forma diferente (...) por isso é que eu acho que esse espaço de cruzamento é uma outra coisa, porque nós vamos chegar à conclusão que são todos iguais (...)

MPM: Mas o João Luiz (...) não acha que as estruturas culturais têm responsabilidade de pelo menos tentar criar essas estruturas de abrir os horizontes às pessoas? Eu acho que têm potencial e têm responsabilidade (...)

CTPV: Eu acho que as estruturas culturais também têm de assumir essa responsabilidade, não só de uma acção, mas de iniciar um discurso, a dizer que falta na sociedade estruturas de cruzamento (...)

MPM: (...) Para intervir socialmente e para mudar (...)

CTPV: E podem fazê-lo, porque têm de estar de uma certa forma não acima, mas em paralelo às instituições que existem (...) é que até a uma certa idade ou está na família ou está na escola (...) onde é que está o outro espaço intermédio sem ser a família e a actividade, seja ela de trabalho ou seja outra qualquer (...) falta aqui um espaço público (...) quando se fala em complementaridade é perceber quem faz melhor o quê (...)

MPM: Nós queríamos encontrar a nossa complementaridade na área cultural e volto àquilo que disse, a necessidade de encontrar estruturas médias e de achar que as instituições culturais são espaços intermédios entre família, disse isso e eu concordo, e fui mais longe e disse acho que temos potencialidade e temos responsabilidade para o fazer, o que é que nós queremos fazer, queremos realmente abrir horizontes, não queremos nada de competitividade, queremos ir pela via da complementaridade e acho que a pergunta, o objectivo é este: queremos ser complementares, queremos abrir horizontes, queremos ser um espaço intermédio, uma estrutura intermédia e que se encontrem complementaridades entre todos e portanto o que é que nós podemos fazer nesta área? Achem o quê? (...)

ALP: Será que é possível levar a cabo uma experiência aqui em Aldoar em que efectivamente seja possível potenciar alguns dos recursos que foram postos aqui na mesa e que se possa eventualmente criar alguma melhoria? Não estou a dizer “do pé para a mão”, não estou a dizer de hoje para amanhã, se alguns daqueles espaços e tempos que foram sendo falados (...) o Pé de Vento poderia funcionar, quem sabe, a uma determinada hora em que pessoas podem lá ir, não sei, estou agora a ser utópica neste momento. O Grupo Coral actua com certeza, mas eventualmente não é divulgado (...) será que é possível experimentar alguma coisa aqui em Aldoar que conseguisse essa integração, nem que fosse para dizer que se façam experiências piloto (...) mas será que aqui em Aldoar, com as pessoas que estão presentes, não é possível criar-se alguns aproveitamentos ou alguma obrigação? Interessa essas estruturas porque estão abertas a horas em que as pessoas podem lá estar e está lá gente não estão vazias (...) e será que não é possível fazermos todos alguma coisa? Cada instituição tem o seu projecto e na lógica de conjugar alguns esforços possamos encontrar algum mote comum que nos leve a focalizar, não a totalidade, mas algumas das nossas energias, para algo comum ao nível de Aldoar e que possa surgir alguma coisa (...) há estruturas que estão vazias, podem é não as querer disponibilizar (...)

MPM: E porque não pegar pessoas que queiram ser ensaiadas pelo Pé de Vento, por alguém do Pé de Vento, é evidente que é preciso ideias, é preciso estruturas e é preciso dinheiro para as fazer funcionar portanto não podemos ser utópicos, mas temos que partir de uma ideia.

CTPV: Tem que se criar um espaço neutro quanto a mim (...)

GCL: O Contrato Local está em Aldoar porque o Governo é que quis, não foi Aldoar que pediu, foi o Governo que quis e esse Contrato Local que devia estar a funcionar a 100% não está por uma razão muito simples, eu estou a gerir a parte financeira do Centro Social, eu tenho que pedir ao Banco 50 mil euros para pagar ordenados ao pessoal e eu pergunto “o Contrato Social funciona para quê? Para pagar esse dinheiro só?” Foi criado para o desenvolvimento social de Aldoar e não está a acontecer isso, há uma coisa que às vezes me dá vontade de desistir de praticar o meu voluntariado por uma razão muito simples, como é que eu posso gastar se não tiver, porque é que não acreditam nas pessoas e se há 300 mil para gastar no Contrato Social este



ano, que dessem 150 mil e só depois de justificarem esses 150 mil é que dão os outros, mas ter que estar a pedir dinheiro para receber depois e se não houver para gastar? Um Contrato Local não pode andar assim, não vai a lado nenhum e digo-lhe uma coisa sinceramente isto é desanimante (...)

CTPV: Essa é que é a questão fundamental, é uma questão que está implantada na sociedade portuguesa não há confiança, os particulares desconfiam do Estado e o Estado desconfia dos particulares (...) Uma estrutura intermédia por definição tem que ser autónoma, tem que ter os 50 mil (...) o problema de se poder criar uma estrutura intermédia é realmente um problema de autonomia (...) O meu dinheiro que é do meu contrato com o Estado só o vou receber em Abril e se o Pé de Vento tem a sua empresa e tem os seus actores e tem um edifício para cuidar, tenho uma máquina para fazer funcionar, vou como qualquer outra empresa, como qualquer pessoa, vou à Banca (...) temos que ter presente que uma maneira que inclusivamente é preciso encontrar essa maneira de funcionar inter pares e porque numa primeira fase será complicado (...) alguém que disponibilize espaços físicos sabe que a prazo poderá arcar com isso e depois poderá vir compensações mas se inter pares a gente perspectivar isso (...)

ALP: A APPACDM tem uma piscina que está parada porque não tem viabilidade da parte da APPACDM de proceder à sua manutenção para a pôr ao serviço da comunidade. Eu falo disso porque nós Associação de Ludotecas, em parceria com a APPACDM, utilizávamos com um conjunto significativo de jovens e não só a piscina da APP (...) se calhar nós vamos ter que aprender entre nós, entidades gestoras das nossas instituições, a ter que fazer a gestão (...) e como isso nós havemos de ter aqui muita coisa.

CTPV: Esse é o drama dos equipamentos (...) andamos há três anos para refazer dois telhados (...) e é uma porcaria de nada (...)

MPM: Mas voltando nós à nossa ideia inicial que é arranjar um espaço de estrutura intermédia, onde nós pudéssemos tentar integrar pessoas, imagine que há deficientes não profundos que podem querer integrar pessoas numa actividade coral, que há alunos de escolas, que não quero dizer normais, mas que não têm essas necessidades, que também querem e imagine que há alguém do grupo coral, a quem se paga, que ensaia essas pessoas para fazer surgir na comunidade um grupo coral que cante, agregado, orientado, por um maestro que é da comunidade

GCL: Não é (...) mas há uma pessoa que está ansiosa por voltar que é o Dr. Fausto Pimentel.

MPM: Agora imagine que há alunos que são de escolas com necessidades educativas especiais, que com outros alunos sem necessidades especiais que podem ser ensaiadas por alguém do Pé de Vento e no final apresentam um espectáculo de teatro para todos (...) por exemplo.

ALP: (...) a criação de espaços que pode ser um e pode ser mais, espaços de lazer que serão espaços de encontro (...)

MPM: Eu continuo a achar que a questão cultural é forma de desenvolvimento e de abertura de cabeças, de maneira de ver a vida de outra maneira e portanto juntar a parte cultural, à parte social e à integração e criar actividades que juntem várias instituições, para um público-alvo concretamente (...) eu neste momento não digo assim... acho que podemos pensar em projectos concretos que se possam apresentar às várias pessoas com sugestões de todos “não pense nisso que isso é uma borrada”, pronto não penso mais, mas se disserem “ai que isso não é tão estúpido quanto está a imaginar e vá para a frente com isso” percebe? Quer dizer é viável uma coisa dessas, acham que seria possível?

ALP: Mas para isso temos que desconstruir uma coisa que foi criada e que cada um vai lutando pelo seu espaço.

GCL: Uma escola de música que existiu em Aldoar no Centro Paroquial e hoje não existe (...) e era precisamente orientada pelo Sr. Dr. Fausto Pimentel.

MPM: E não acha que a casa da música preenche muito essas necessidades?

ALP: Mas é a um nível informal.

CEFPI: Houve uma experiência aqui em Aldoar que foi aquela ópera da casa da Música que foi uma experiência muito interessante e acho que a população do bairro ficou muito desgostosa quando acabou, portanto há ali um potencial de pessoas que gostam e viu-se que elas tinham capacidade para fazer coisas espectaculares .

MPM: Mas não havia dinheiro.

GCL: Pois o problema é que estas coisas não se fazem sem dinheiro.

ALP: Mas nós temos que acreditar que este tipo de coisas não tem que ser tudo com dinheiro.

CTPV: É preciso não confundir voluntariado com certas coisas que ou são feitas por profissionais ou não vão a lado nenhum, por uma razão muito simples: se contratar um profissional exige-lhe, se não cumprir despede-lhe (...) há um nível de eficácia que se tem que exigir.

ALP: A sociedade civil tem competências (...) e nós temos que partir do princípio e se calhar desconstruir o princípio de que só as instituições é que conseguem potenciar essas competências e que os próprios já



deixaram de ter a capacidade de se associarem para se juntarem a quem possa desenvolver outro tipo de competências e ajudá-los a potenciar as competências que têm, isso é uma lógica, hoje vai-se especializar, não tem que ser tudo tão especializado, as pessoas não se descobrem.

CSFM: Eu também concordo um bocadinho com o que está a dizer e discordo um bocadinho do que o Sr. João Luiz estava a dizer, no sentido de que concordo que o voluntariado só pode não chegar, mas quando uma pessoa é voluntária não está a dar só, também está a receber por outra forma (...) também há formações para voluntários e quando se é voluntário está-se a assumir um compromisso como voluntário (...) e estará alguém a coordenar esse serviço e esse voluntário terá de prestar contas também a essa direcção, a essa suposta coordenação (...)

CLDS: Eu exijo mais de mim quando sou voluntária do que quando não sou (...)

MPM: Há deveres e há direitos, há o dar e há o receber numa relação de voluntariado.

PV: Quando eu digo a propósito da Escola de Música ou a propósito de determinadas funções ou direcções, porque pode ter um funcionário voluntário extraordinário como voluntário, mas que depois não tem capacidade de acreditação de outras questões musicais, para o fim que é. Há aqui um binómio (...) aptidão voluntariado, digamos, disponibilidade, aptidão e função, se a gente encontrar uma pessoa que reúna isso...

ALP: Cada pessoa que está aqui representa uma equipa de não sei quantos técnicos, a parte técnica, digamos assim está assegurada, cada uma das pessoas que está aqui tem um corpo técnico ou os próprios são técnicos ou são coordenadores ou directores de qualquer coisa do corpo técnico, portanto não devem faltar técnicos.

MPM: deixe-me fazer assim umas perguntas, a integração na nossa cabeça, vamos pensar em integrar e como? Por exemplo no CEFPI há pessoas que mais facilmente entrariam num projecto de música, de teatro, de canto?

CEFPI: Acho que mais facilmente entrariam num projecto de teatro com música associada, quer dizer, entre as artes há uma certa relação no sentido do espectáculo abrangente (...) que possa proporcionar a estes jovens experiências inovadoras no campo artístico.

MPM: No MADi os nossos projectos estão associados ao CEFPI e à APPACDM.

APPACDM: Também.

EAS: Também.

CLDS: O Contrato tem andado a tentar recuperar um espaço que nós chamávamos espaço jovem (...) tenho estado a tentar contactar com a população do bairro de Aldoar, nomeadamente para saber o que é que eles gostariam que acontecesse nesse espaço, sendo que o espaço jovem não é físico porque nós não temos realmente um sítio. E a primeira coisa que eles nos perguntam é “mas nós vamos ter uma casa para poder usar”? E quando falo em diversas actividades que pudessem interessar a primeira coisa é sentirem que havia uma casa, a tal casa entre a família e o trabalho, uma casa no meio, um abrigo (...).

EAS: Outras actividades que são muito animadoras são as actividades desportivas.

MPM: Sr.^a Dr.^a pense que eu sou do Museu, que me situo na área cultural e que acredito piamente que a cultura pode fazer alguma coisa.

CEFPI: Eu acho que a Fundação, o Museu podia ser esse espaço, com animação cultural que fizesse com que as pessoas de Aldoar de todas as faixas etárias e de todas as condições sociais pudessem encontrar aqui workshops, se calhar numa fase preparatória incentivada pelas organizações, pelas estruturas locais, workshops pensados com calma que fizessem com que a população viesse aqui, em pequenos grupos, com inscrições e tal, as pessoas viessem cá fazer algumas experiências que lhes dessem apetência para depois fazerem um projecto em grande, no sentido das próprias pessoas estruturarem a própria história ou espectáculo, ou seja o que for, que desse uma certa identidade aqui a Aldoar, em que a Fundação pudesse ser o suporte, porque é uma coisa neutra e é uma coisa com uma certa projecção e um certo, digamos, poder. O que aconteceu com a ópera foi esse estilo e eu acompanhei algumas pessoas, que deu às pessoas uma sensação de poder, pois perceberam que tinham competências para fazer uma coisa de alto nível e eu acho que aqui na Fundação tem que ser uma coisa de alto nível para as pessoas, as pessoas têm que sentir que estão a participar numa coisa de alto nível e que isso lhes dá mais-valia e dá valorização. Não se faz de um dia para o outro, nem penso que seja para construir uma ópera.

MPM: mas podemos realizar workshops na área do teatro, podemos realizar workshops na área da música, na área coral.

CEFPI: tem que ser uma coisa com qualidade e onde as pessoas sintam que gostam de estar ali porque as pessoas gostam de estar em casa (...)

ALP: Para além da dimensão artística há uma dimensão extremamente imaterial que é a dimensão lúdica que está em vias de extinção e que aqui na comunidade de Aldoar muito especificamente também é preferível irmos ao Norteshopping passar o fim-de-semana lá metidos do que irmos encontrar-nos (...) não



tinha que ser tão especializada do ponto de vista artístico, como podiam existir workshops mais especializados e havia os espaços de encontro de uma dimensão lúdica que fizesse com que as pessoas reencontrassem algumas das relações que estão em vias de extinção e que a comunidade de Aldoar perdeu alguns desses espaços, que se pudesse fazer o que noutro dia se dizia Aldoar é uma freguesia dividida por um eixo (...)

CTPV: Já agora em termos de espaço, arranjar um espaço, o espaço só existe se as pessoas se apropriarem dele, porque se não se apropriarem dele fica sempre um espaço exterior.

ALP: (...) O Parque da Cidade, todos os anos nós organizamos uma semana com equipamentos lúdicos no Parque da Cidade, que é o que podemos com os recursos que temos e aparecem não só as pessoas das instituições de Aldoar, que são especificamente convidadas para o efeito, como todos os outros que vão ao Parque, porque em todo os anos abrangemos sempre um fim-de-semana ou dois fins-de-semana, claro que sai do corpo e as pessoas pedem mais e o que lá está são actividades lúdicas e jogos dos mais variados, dos mais diversificados (...)

CTPV: É que fez-me aqui um tiro! É que há um núcleo rural que ainda continua a haver de edifícios vazios. Esse núcleo rural funcionou durante algum tempo como esse espaço neutro (...) se o Museu se encarregasse de junto com a Câmara de dizer “nós administramos os espaços” a Câmara ao Museu é capaz de dar um bocadinho mais de prestígio, depois é mais complicado, depois como é que a gente gere entendemo-nos com a Maria Amélia, quer dizer, mas precisa de haver uma instituição que consiga ficar encarregue, consiga descobrir esse espaço não tem lá nada e é um espaço neutro, onde é mais fácil, se calhar, uma apropriação pelos diferentes níveis de população (...) Há espaços enormes, nós fizemos lá uma exposição de brinquedos de madeira e de folheta.

CEFPI: Acha que a Fundação tem um espaço para dinamizar actividades?

MPM: Tem. A Fundação e o Museu do Papel Moeda são um negócio cultural e não de gerir equipamentos exteriores, não quer dizer que se excluam todas as hipóteses à partida, mas temos que estudar muito bem as possibilidades que existem, pronto e aquilo que eu vejo é que há necessidade, apetência, possibilidade real de criar workshops na área da música, na área do canto e na área do teatro e na área da animação e da ludicidade, há apetência para isso, que possa integrar pessoas com e sem deficiência e produzir produtos é óptimo, fazer produtos finais que interessem a todos (...)

EAS: A Sr.^a Dr.^a disse aqui uma coisa que é absolutamente essencial e que eu acho que a instituição que eu represento está de facto preocupada com isso é que as actividades sejam de facto mistas, com crianças com necessidades especiais, crianças normais...

MPM: Era para fazer uma mescla, aliás a ideia era integração. A ideia era essa. Agora digam-me assim cada instituição tem possibilidades de sinalizar, de indicar pessoas (...) tivessem vontade de participar em alguns workshops deste género e por outro lado quer o Teatro Pé de Vento quer o Grupo Coral poderiam nomear pessoas, não estamos a falar com certeza em voluntários, estamos a falar em profissionais que sejam remunerados, para fazer e orientar esses workshops. Não? Não é possível?

GCL: Sim é possível. Vou-lhe dizer uma coisa nós temos aqui em Aldoar um grupo de cantares que é uma coisa fabulosa (...) porque não a Fundação na altura das Janeiras... até trabalhamos de borla, vir aqui dar um show. Em vez de ir buscar fora tem a prata da casa, por exemplo a escola de música nós pagamos este ano 1500 euros a dois indivíduos para tocar acordeão, se nós criarmos uma escola de música com jovens aqui de Aldoar não vamos ter só acordeões, vamos ter guitarristas, vão ter flautas, tudo a acompanhar as janeiras e mais enriquecidas, é que nós às vezes descuramos essas coisas e são importantes, vamos buscar aos núcleos do Bairro de Aldoar e do Bairro da Fonte da Moura e juntamos a parte social à parte cultural (...)

MPM: Acho excelente. Tem possibilidades de actuar e convidar toda a gente para virem e ouvirem e isso já é o princípio de uma integração (...) Se seguissemos com a ideia dos workshops podemos depois conversar? Eu queria agradecer muito a todos porque as coisas podem começar hoje aqui e quando a gente menos conta damos o pontapé de saída, que com o tempo se vai estruturando (...) E que queira vir e queiram dizer a quem queira vir é gratuito (...) E aquelas instituições que estão aqui nada terão que pagar. E queria agradecer muito a todos e queria dizer que todos vão receber um resumozinho de tudo o que foi dito, para que as cabeças se mantenham firmes, numa orientação, e eu vou pensar muito bem em tudo e vou propor, posteriormente, possibilidades de desenvolvimento destes trabalhos, para depois perceber da vossa parte aqueles que poderão ser agarrados e ter continuidade. Mais uma vez obrigado a todos.

Todos: Obrigado nós.

MPM: Ora essa, somos nós que agradecemos.



Apêndice 10 – Quadro de análise de conteúdo de reuniões de líderes comunitários

Quadro 6 – Quadro de análise de conteúdo de reuniões de líderes comunitários

Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPI)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
Institucional	Perfil	Histórico	“existimos deste 1964, o Museu abriu em 1994, não somos uma coisa (...) efêmera (...)”			“trabalho em Aldoar desde 90, já há vinte anos quase”		“começamos em 2008”	“é um dos doze centros, da obra Diocesana, que tem 45 anos de implementação na cidade do Porto”		“existimos há 31 anos dos quais (...) a partir de 96, sediado em Aldoar (...) aconteceu termos esta possibilidade aqui em Aldoar, que a Junta já possuía de um processo de compra (...) e que nos foi cedido, porque nós fizemos esse compromisso, o edifício continua propriedade da Junta de Freguesia e em termos da cedência fizemos um compromisso de fazer dali uma sala de espetáculos”	“surgiu em Julho de 74 (...) dos pais de um filho deficiente (...) entendemos na altura arranjar uma solução para os nossos filhos que (...) estavam inscritos nas escolas do Estado, mas quando atingissem o limite da escolaridade vinham para a rua (...) tivemos a nossa primeira reunião na Casa do Povo Portuense (...) em 4 de Julho de 74 (...) o nosso primeiro passo foi tentar arranjar uma solução para eles trabalharem”	“foi criado em 1987 pelo Sr. Dr. Fausto Pimentel (...) começou com a música litúrgica, passou para a profana, deu vários concertos (...) O Dr. Fausto passados 19 anos abandonou o Laetare e (...) parecia que ia acabar (...) o que temos agora, que é um bom maestro que é o Dr. Paulo Amaral, que está a dirigir o Laetare há cerca de 4 anos”		
		Valências		“pré-escolar e um ATL”	“centro de dia e apoio domiciliário”		“Centro Comunitário de Aldoar” “Oficina de Animação” “temos o Centro Lúdico de Imagem Animada que não funciona em Aldoar, que funciona em Massarelos”		“creche, pré-escolar, ATL, Centro de Dia, Centro de Convívio, Apoio Domiciliário e mais recentemente o Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental”	“equipa de avaliação profissional” “formação profissional” “em Gaia o emprego protegido” “o Centro de Novas Oportunidades também aberto à população aqui de Aldoar”		“o Centro MADI, na zona industrial que é um centro de dia e uma residência (...) e a residência lar, (...) está pronta a arrancar (...)” “estamos a pensar numa residência para deficientes sem retaguarda familiar”	“socioeducativo (...) dá apoio a pessoas com toda a deficiência mental dos 6 aos 18 anos” “temos também o CAO, Centro de Actividades Ocupacionais” “tem as oficinas e também trabalha nas salas e depois temos os casos mais profundos em que apenas damos qualidade de vida” “a estimulação precoce, que dá apoio aos Jardins-de-Infância”	“não temos CAO ainda (...) legal, mas a nível de funcionamento já temos CAO”	
		Públicos	“tentamos (...) chegar a todos”	“crianças com idades entre os	“população com média de idades		“jovens-idosos”	“centra a sua actuação no	“quase 2700 utentes”	“150 pessoas que são	“um público jovem na			“24 alunos”	“trabalha com crianças com



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPI)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
				3 e os 14"	de 67 anos" "mais idosos dependentes"		"famílias" "jovens (...) RSI" "crianças e jovens"	Bairro de Aldoar, embora seja Bairro de Aldoar e zonas envolventes"	"a população está extremamente envelhecida" "os centros de dia têm pessoas com 70 e muitos 80 anos (...) aquela população que se reforma e passa os 65 anos e deixa de trabalhar, mas ainda tem muito para dar, foge do centro de dia" "Creche, Pré-escolar dos 3 aos 5 anos e o ATL depois dos 6 até aos 33, que nunca chegam até essa idade" "temos a terceira idade com o Centro de Convívio, o Centro de Dia e as pessoas do apoio domiciliário" "temos mais ou menos no total 250 utentes ou clientes" "trabalhamos com as famílias, portanto atinge mais ou menos 2 a 3 mil pessoas"	trabalhadoras com deficiência" "todas as pessoas que nos procuram e não apenas com pessoas com deficiência"	medida em que nós privilegiamos ao nível da nossa actividade teatral o público infanto-juvenil, que roda 50 quilómetros à volta da cidade do Porto"				deficiências, por vezes com necessidades educativas individuais" "são 78, também as idades são a partir dos seis anos" "antes dos seis anos nós não podemos ter meninos e depois temos meninos que já foram alunos do colégio, há muitos anos" "temos muitos jovens com mais de 18 anos"
		Práticas	"temos a nossa programação corrente e visitas para seniores, para crianças, para ATIs, para escolas do básico, do secundário (...) mas nós queremos mais: saber, conhecer melhor a comunidade e perceber o que é que podemos fazer pela comunidade" "já desenvolvemos	"trabalhar com as crianças e entrar num trabalho com as famílias, através de formações, reuniões (...) na área da saúde e da alimentação das crianças"	"apoio nas actividades de vida diária, nomeadamente a medicação (...), questões de higiene e (...) questões de saúde" "temos também alguns exercícios físicos, eles gostam de música"	"não estamos de braços cruzados aqui em Aldoar e todos os anos fazemos projectos e não paramos"	"'Porto Desconhecido' (...) visou a interacção entre um número significativo de turmas do primeiro ciclo do ensino básico com idosos (...) [para a] recuperação do património oral da zona Ribeirinha do Porto" "combate ao absentismo" "educação parental"	"com a população e com as diferentes instituições de Aldoar, promovendo uma colaboração para o benefício da própria comunidade" "tentar recuperar um espaço (...) jovem"	"este ano temos uma iniciativa (...) que é um repito lançado pelo Sr. Bispo (...) a Missão 2010 (...) é um tema que depois é dividido em diversos mini-temas, que são divididos por doze meses e cada mês tem um tema, vamos agora entrar no mês da alegria, que é o mês de Fevereiro, o mês de Março é o mês da Compaixão, que	"área da inserção profissional de pessoas com deficiência intelectual"	"fazemos a nossa actividades profissionais"		"estamos só a actuar em música litúrgica"	"funciona como uma escola" "tem actividades como educação física, natação, surf"	



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPI)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
			projectos de acompanhamento o de famílias, de educação financeira para famílias, com rendimento de inserção social (...) temos também experiência de fazer educação financeira para alunos do 10.º, 11.º e 12.º ano na secundária (...) um ciclo de conferências que começou na Segunda-feira (...)" "iniciámos um projecto (...) chamava-se, dieta financeira, e ensinar exactamente mães adolescentes grávidas a prepararem-se para gerir um pequeno orçamento (...)"				"inserção escolar e/ou profissional" "oficina de Animação, que trabalha a partir das 15:30 com actividades lúdicas e não só" "programa de luta contra a exploração do trabalho infantil" "acompanhamento de famílias de RSI" "Vamos tentar trabalhar com o Contrato de Desenvolvimento Social para criar um espaço para estas mães e respectivos filhos, com carácter lúdico" "organizamos uma semana com equipamentos lúdicos no Parque da Cidade"		neste caso é o mês da Fonte da Moura, o mês do nosso centro (...)"						
		Recursos		"contamos com o quadro de pessoal (...) que são as educadoras e os técnicos do ATL e um grupo de voluntariado" "Os voluntários são pessoas e alunos (...) do Colégio do Rosário que tiram dúvidas às crianças, ajudam no estudo e também (...) dinamizam actividades. Depois há um outro grupo (...) licenciados e que trabalham na área da motricidade, (...) fazem filmes, fazem actividades de dinâmica de			"temos (...) jogos de óptica (...) um conjunto de equipamentos para os mais variados grupos"	"temos três elementos a Marta é a Psicóloga e a Joana que é Socióloga e que está na parte do emprego e formação e o colega que será enfim o Mediador/Animador que está a meio tempo mas que terá o seu papel a dinamizar algumas actividades com as instituições"	"uma padaria, uma peixaria, serviços de jardinagem para a comunidade e uma empresa de embalagens"	"Quatro pessoas que trabalham na área da acção educativa"				"temos três residências (...) temos uma lavandaria"	



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPI)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
				grupos para criar laços entre eles e para também os conhecerem (...) são quinze voluntários"											
		Parcerias	"começamos a trabalhar com o projecto Acreditar, com a Associação de Ludotecas, com o Contrato e travamos conhecimento com o CEFPI" "temos vindo a colaborar com a Obra Diocesana"		"estamos a colaborar com o Contracto Local, temos lá duas estagiárias (...) enfermeiras (...) criaram um gabinete de apoio ao utente onde fazem rastreios diários de tensão (...) vamos também retomar as aulas de informática, também com o apoio do Contracto Local"	"conhecemos todo o trabalho de todas as instituições da freguesia, já trabalhamos juntos por diversas vezes quer todas, quer só algumas, trabalhamos em parceria" "A Junta de Freguesia é parceira em variados projectos (...) do projecto Acreditar (...) já existiu na freguesia uma associação interinstitucional para o desenvolvimento de Aldoar chamada AIDA que implementou diversos projectos e desde essa altura que articulamos com todas as instituições de Aldoar (...) a Junta também é parceira da CPCJ e somos também parceiros informais do CLDS"	"fazemos parte do consórcio do projecto Acreditar" "estamos neste momento com uma grande implicação com a Escola" "numa articulação com o CEFPI" "sermos da Acreditar" "em parceria (...) com o Agrupamento de Escolas Manoel de Oliveira" "em colaboração com o Contrato Local de Desenvolvimento Social em colaboração com a ADIL" "fomos confiando, fomos acreditando que conseguíamos fazer alguma coisa em conjunto"		"com o CLDS já tivemos actividades fantásticas de formação e palestras e mesmo a nível de procura de emprego temos dado uma grande ajuda, a Junta disponibiliza e temos actualmente uma médica que lá vai e uma professora de teatro (...) funcionamos muito bem com as outras instituições que nos rodeiam"	"trabalhamos também muito com o Contrato Local de Desenvolvimento Social"	"fomos tendo pontes com variadíssimas instituições e actualmente também (...) integra (...) o Conselho Geral do Agrupamento Manoel de Oliveira e através da Junta (...) colaboramos no projecto Acreditar (...) já aceitamos estagiários ali deficientes (...) pontes com a comunidade cigana, pontes com comunidades mais marginalizadas (...)"	"está ligado ao CEFPI" "O Centro de Dia a gestão é feita pela APPACDM"		"temos depois protocolo com o CEFPI que eles antes dos 8 aos 16 fazem uma triagem, para ver qual das áreas é que poderão inserir e dar trabalho" "protocolos com outras empresas que funcionam no âmbito de fazer capas, fazem sabonetes, pequenas tarefas"	"nós utilizamos o espaço de Aldoar, mas de facto não estamos a vivenciar assim muito, começamos a acordar para os recursos que a freguesia de Aldoar tem" "ainda esta semana nós colaboramos com um grupo de enfermeiros que passou lá, no nosso colégio, e fizeram uma festa na Junta de Freguesia"
		Dificuldades				"ajudar a que as pessoas tenham o mínimo das suas necessidades básicas é muito difícil"	"A APPACDM tem uma piscina que está parada porque não tem viabilidade (...) de proceder à sua manutenção" "acho que temos de baixar guardas, em termos institucionais não nos podemos fechar (...) que aquilo que sentimos quando	"partimos para um trabalho sem um diagnóstico" "condições complicadas de diagnóstico, entretanto paramos quase a partir de Agosto fiquei só com mais um técnico e como tal não se desenvolve trabalho sem técnicos" "penso que este trabalhar a			"andamos há três anos para refazer dois telhados (...) e é uma porcaria de nada"		"O Contrato Local está em Aldoar porque o Governo é que quis, não foi Aldoar que pediu (...) devia estar a funcionar a 100% não está por uma razão muito simples (...) Foi criado para o desenvolvimento social de Aldoar e não está a acontecer isso (...) como é que eu posso		



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPi)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
							chegamos a Aldoar é que éramos capelas (...) há algumas capelas que se quebram e há outras capelas que se mantêm (...) aqui é a minha área de intervenção, tu não podes vir por aqui, pela minha área de intervenção (...)	inclusão tem que passar muito pela interacção dos vários papéis dos vários actores nesta comunidade e penso que o Museu em conjunto com todas as instituições que estão em Aldoar e que desenvolvem cada uma o seu papel (...) e portanto é muito difícil de agradar numa comunidade (...) e percebo que realmente é muito difícil quando há histórias das instituições e depois há um peso institucional (...) isso reflecte-se no seu papel, no seu trabalho, nos seus protagonismos, (...) um dos objectivos do Contrato é efectivamente criar elos entre as instituições, não é muitas vezes fácil (...) primeiro quem chega vem sempre de fora e portanto vai encontrar as pessoas que já estão (...) nós já aqui estamos, nós já trabalhamos, nós já fazemos, isso é por vezes alguma dificuldade de quem chega"					gastar se não tiver"		
Comunitária	Aldoar	Limites					"falar da população de Aldoar (...) [É] falar de uma população muito restrita, que é uma coisa que aflige (...) porque falamos sempre dos pobres indivíduos	"Aldoar é muito composto por dois mundos" "fala-se em Aldoar, Aldoar, Aldoar, no Bairro de Aldoar, mas efectivamente há outra realidade social"							



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPI)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
							coitadinhos (...) quando em Aldoar há tanta outra gente (...) mas Aldoar tem esta grande dificuldade e daí também que as instituições também se deparam com esta grande dificuldade (...) têm que dar resposta aos mais desprotegidos (...)” “Aldoar é uma freguesia dividida (...) e há que assumir claramente (...) a Avenida da Boavista divide a freguesia de Aldoar (...) ou se quebra aquele eixo e efectivamente as pessoas deixam de ver as pessoas do lado daqui como elementos ameaçadores ou o inverso também (...) os antagonismos são vários (...) de facto aquele lado do Hospital, quer dizer há todo um Aldoar que o resto não é Aldoar (...)” “O Aldoar de que falamos é um, mas há outro Aldoar com potencialidades, com necessidades se calhar”								
		Potencialidades	“aqui em Aldoar existem escritores, realizadores de cinema, fotógrafos” “Aldoar tem história, tem comunidades, tem artistas e tem uma vida própria”				“A sociedade civil tem competências (...) desconstruir o princípio de que só as instituições é que conseguem potenciar essas competências”								



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPJ)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
			“Temos quem cante, pessoas que sabem cantar e que nos dirigem, temos quem faça teatro, e que nos possa ensinar a fazer teatro, temos quem faça cinema de animação, que tem a capacidade de realizar projectos que integram tanta gente (...)” “há necessidade, apetência, possibilidade real de criar workshops na área da música, na área do canto e na área do teatro e na área da animação e da ludicidade, há apetência para isso, que possa integrar pessoas com e sem deficiência e produzir produtos é óptimo, fazer produtos finais que interessem a todos (...)” “cada instituição tem possibilidades de sinalizar, de indicar pessoas (...) tivessem vontade de participar em alguns workshops deste género e por outro lado quer o Teatro Pé de Vento quer o Grupo Coral poderiam nomear pessoas (...) para fazer e orientar esses workshops”												
		Fragilidades	“vê-se que há necessidade de literacia financeira, vê-se que há necessidade de	“são muitas as pessoas que não dão o pequeno-almoço às crianças, frequentam as		“considero ainda que a maior prioridade de Aldoar é relativa à habitação”	“esta gente de Aldoar, é gente como outra gente que tem dificuldades”	“o Bairro da Fonte da Moura também é uma realidade muito complicada e complexa”	“em relação à habitação, continua a ser um problema gravíssimo (...) habitações (...)”						



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPI)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
			uma educação financeira para pessoas com ou sem deficiência"	pastelarias (...) a administração dos recursos que têm é deficitária" "A freguesia de Aldoar é uma freguesia extremamente envelhecida"		"tanto trabalho que se faz aqui em Aldoar, tanto trabalho com as pessoas e com as pessoas, e os problemas continuam lá..."	"é a questão dos valores (...) quando falo em valores não é só a população carenciada, a outra também precisa fortemente de educação para os valores e para a cidadania (...) porque esta questão da toxicodependência é preocupante e que está a alargar" "uma problemática a (...) estão muitas das jovens grávidas"		muitas vezes sem o básico, famílias (...) muito desreguladas (...) sem as mínimas competências parentais (...) falham regras básicas de higiene, falham regras básicas de alimentação (...)"						
	Acções	Práticas passadas			"em 2001 fez-se uma coisa de que toda a gente fala em que muita gente de Aldoar participou e foi muito bonito e chamou muito a atenção, mas e agora passado nove anos em que é que isso contribuiu para a felicidade daquela gente (...)"					"Houve uma experiência aqui em Aldoar que foi aquela ópera da Casa da Música que foi uma experiência muito interessante e acho que a população do bairro ficou muito desgostosa quando acabou, portanto há ali um potencial de pessoas que gostam e viu-se que elas tinham capacidade para fazer coisas espectaculares"					
		Propostas futuras	"decididamente temos que criar a teia, reatar aquele projecto partindo da ideia de que há um Aldoar desconhecido, Há muitos Aldoares (...) é fundamental fazermos um diagnóstico e construirmos a história de Aldoar, não vamos fazer um espectáculo (...) vai demorar o tempo que for preciso, construir este				"fazer qualquer coisa que agilizze (...) olhar para os outros, que Aldoar precisa muito de olhares cruzados" "o Pé de Vento poderia funcionar, quem sabe, a uma determinada hora em que pessoas podem lá ir (...) O Grupo Coral actua com certeza, mas eventualmente não é divulgado (...) será que é possível	"eu acredito muito embora não saiba nem dançar, nem cantar, nem escrever, nem tocar piano (...) mas acredito que realmente temos a parte cultural e a parte artística é um potencial enorme (...) o lúdico quanto pode dar quer nos adultos quer nas crianças (...) e fazer a inclusão passa por aí (...)"		"(...) sentimos que as pessoas com necessidades especiais (...) não há (...) respostas da comunidade, espaços onde eles possam fazer actividades de tempos livres (...) ficam com uma experiência muito reduzida, casa-centro, e as redes de convivência ficam muito limitadas (...) espaços onde pudessem fazer	"falta aqui um espaço público" "Tem que se criar um espaço neutro" "há um núcleo rural que ainda continua a haver de edifícios vazios. Esse núcleo rural funcionou durante algum tempo como esse espaço neutro (...) se o Museu se encarregasse de junto com a Câmara de dizer		"Uma escola de música que existiu em Aldoar no Centro Paroquial e hoje não existe (...) e era precisamente orientada pelo Sr. Dr. Fausto Pimentel"		"Outras actividades que são muito animadoras são as actividades desportivas" "a instituição que eu represento está de facto preocupada (...) que as actividades sejam de facto mistas, com crianças com necessidades especiais, crianças normais..."



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPi)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
			processo (...) que tenha raiz em todas as instituições e em todas as forças vivas (...) olhares diferentes sobre Aldoar (...) mas acho bem pegarmos na experiência que a Associação de Ludotecas teve que envolveu as turmas do ensino básico, envolveu os museus, envolveu os idosos (...) pode ser um processo documentado (...) trabalhar com as instituições e perceber como é que elas se podem cruzar e tudo isso (...) a metodologia de trabalho é fazer este projecto, apresentar às direcções de todos, e realizar uma reunião de técnicos para se discutir e ultrapassar dificuldades (...) um núcleo duro (...) tem que estar sempre presente (...) diria que pode ser a Junta, as Ludotecas, CLDS (...) e vamos ter realmente que fazer este diagnóstico este levantamento (...) a ideia é Aldoar, vamos centrar-nos sobre Aldoar (...) apresentar Aldoar, toda a riqueza e o potencial, mas não é só apresentar é desenvolver trabalho que viesse de facto melhorar, mudar, ajudar as diversas realidades parcelares de Aldoar (...)”				experimentar alguma coisa aqui em Aldoar que conseguisse essa integração (...) Interessa essas estruturas porque estão abertas a horas em que as pessoas podem lá estar e está lá gente (...) e será que não é possível fazermos todos alguma coisa? Cada instituição tem o seu projecto e na lógica de conjugar alguns esforços (...)” “Para além da dimensão artística há uma dimensão extremamente imaterial que é a dimensão lúdica que está em vias de extinção (...) podiam existir workshops mais especializados e havia os espaços de encontro de uma dimensão lúdica que fizesse com que as pessoas reencontrassem algumas das relações que estão em vias de extinção e que a comunidade de Aldoar perdeu (...)”			coisas que gostassem e fazerem actividades, terem contacto, irem até lá, e poderem fazer jogos e teatro e dança (...) era interessante, que existisse aqui ao nível da comunidade quem avançasse com projectos desses na área do entretenimento (...) em que eles pudessem participar, mas que não fosse só exclusivamente para eles, para poderem participar com outros jovens, outras pessoas” “pôr vários jovens a gerir o dinheiro” “Acho que mais facilmente entrariam num projecto de teatro com música associada, quer dizer, entre as artes há uma certa relação no sentido do espectáculo abrangente (...) que possa proporcionar a estes jovens experiências inovadoras no campo artístico” “o Museu podia ser esse espaço, com animação cultural que fizesse com que as pessoas de Aldoar de todas as faixas etárias e de todas as condições sociais pudessem encontrar aqui workshops, se calhar numa fase preparatória incentivada	’nós administramos os espaços’ a Câmara ao Museu é capaz de dar um bocadinho mais de prestígio (...) mas precisa de haver uma instituição que consiga ficar encarregue (...) é um espaço neutro, onde é mais fácil, se calhar, uma apropriação pelos diferentes níveis de população (...) Há espaços enormes”				



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFFI)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
			“porque não pegar pessoas que queiram ser ensaiadas pelo Pé de Vento” “arranjar um espaço de estrutura intermédia, onde nós pudéssemos tentar integrar pessoas, imagine que há deficientes não profundos que podem querer integrar pessoas numa actividade coral” “alunos que são de escolas com necessidades educativas especiais, que com outros alunos sem necessidades especiais que podem ser ensaiadas por alguém do Pé de Vento e no final apresentam um espectáculo de teatro para todos (...)” “continuo a achar que a questão cultural é forma de desenvolviment o e de abertura de cabeças, de maneira de ver a vida de outra maneira e portanto juntar a parte cultural, à parte social e à integração e criar actividades que juntem várias instituições, para um público-alvo concretamente”							pelas organizações, pelas estruturas locais (...) que fizessem com que a população viesse aqui, em pequenos grupos (...) fazer algumas experiências que lhes dessem apetência para depois fazerem um projecto em grande (...) no sentido das próprias pessoas estruturarem a própria história ou espectáculo, ou seja o que for, que desse uma certa identidade aqui a Aldoar, em que a Fundação pudesse ser o suporte (...) tem que ser uma coisa de alto nível (...) as pessoas têm que sentir que estão a participar numa coisa (...) que isso lhes dá mais-valia e dá valorização”					



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPJ)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
		Motivações e Expectativas	“Nós temos vontade que a interacção fosse diferente, nós das avaliações que fizemos o ano passado (...) acabamos por produzir um espectáculo integrado, não foi totalmente integrado, ou seja, nós juntamos (...) vários grupos mas propriamente não houve assim um trabalho de interacção entre eles (...) mas verdadeirament e vinculação não houve, portanto nós queríamos que isso acontecesse” “a vontade do Museu de ser para todos” “(...) O Museu quer muito abrir-se à comunidade, trabalhar com todos ou receber propostas de cada um, perceber que tipo de entidades e também mediar projectos (...)” “estamos para nos envolver, estamos para dizer que pode haver um projecto, pode haver dois projectos, podemos nos revezar ente nós e nós todos juntos também (...)” “a abertura do Museu fica aqui patente, os braços estão abertos e a disponibilidade é total” “na verdade, une-nos a todos esta vontade de ter uma		“a participação deles nestas actividades vou ter que equacionar, para ver o que é possível fazer, mas eles gostam de participar nem que seja pela observação (...)”	“Eu não consigo ver de que forma é que o projecto, o que se está a passar aqui poderá ajudar nas tais necessidades mais prementes (...)” “Estou a pensar na exposição... normalmente nós instituições e nós técnicos expomo-nos demasiado (...) ‘estes são meninos pobrezinhos e eles até funcionam bem’”	“pode ser que se consiga chamar a atenção para outras coisas”	“a Dr.ª Maria Amélia colocou este desafio e eu achei muito... aceitei de braços abertos pelo conteúdo” “desde já oferecemos alguns recursos que vamos tendo (...)” “podemos ter aqui em Aldoar essa grande aposta de conseguirmos todos (...) e encontrar nesta comunidade vocações que ainda não foram encontradas, pessoas que sabem fazer tanta coisa e que são capazes de participar nesta comunidade de uma forma tão positiva que eu penso que (...) nós todos em conjunto consigamos potenciar o que há de bom nesta comunidade, quer seja a nível das crianças, quer seja a nível dos idosos, quer seja a nível das mulheres”	“não me parece que exista dificuldade em funcionarmos em rede ou em teia”		“temos que ter presente que uma maneira que inclusivamente é preciso encontrar essa maneira de funcionar inter pares e porque numa primeira fase será complicado (...)”				



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPi)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
Museológico	MPM	Papel	“o Museu do Papel Moeda além de preservar e conservar colecções (...) quer pôr as suas colecções ao serviço das pessoas e das necessidades que elas têm e ajudar a encontrar soluções” “hoje em dia tudo leva a que de facto os museus tenham que ter um papel educacional sim, mas um papel social muito forte, é isso que o Museu tem vindo a fazer (...)” “para além [de] (...) preservar a identidade, contar memórias, etc. o Museu serve também para trazer algum bem à vida das pessoas, não é indiferente ter ou não ter um museu numa comunidade (...)” “O Museu entende que é muito bom que exista colecções (...) mas os museus só encontram a sua razão de ser quando partem das suas colecções para ir ao encontro das pessoas, os museus só encontrarão a sua razão de existir quando alargarem os seus horizontes e forem ter com as pessoas e lhes disserem assim: “o que é que nós podemos fazer pela comunidade?”,						“as estruturas culturais também têm de assumir essa responsabilidade não só de uma acção, mas de iniciar um discurso, a dizer que falta na sociedade estruturas de cruzamento”						



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPi)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
			“o que é que a comunidade espera de nós?” Em vez de olharem para o museu como algo que é distante e estático, que todos percebam que nós estamos aqui para os servir, na medida das suas expectativas, das suas necessidades”												
		Colecção	“(…) tem uma história que começa no século XVIII com a Rainha Dona Maria I que assina um alvará a autorizar a emissão do primeiro dinheiro que está aqui, que eram as apólices do real erário (...) que eram dados às pessoas que emprestavam à rainha 10 milhões de cruzados (...) estes papéis tinham uma grande virtude (...) este dinheiro é melhor do que o nosso porque não são notas, parecem mas não são (...) Porque elas venciam juros, ou seja, a Rainha pedia o dinheiro emprestado, como garantia dava estes papéis aos quais se chamavam apólices e no final do ano pagava 5 ou 6% de juros a quem lhe tinha emprestado dinheiro (...) E portanto este museu, a partir de 1776 que é a data de emissão das primeiras apólices, vai por aí fora e conta a												



Dimensão	Categoria	Sub-categoria	Unidades (MPM)	Unidades (CBESNSS)	Unidades (CSSMA)	Unidades (JF)	Unidades (ALP)	Unidades (CLDS)	Unidades (ODPS CSFM)	Unidades (CEFPi)	Unidades (TPV)	Unidades (MADI)	Unidades (GCL)	Unidades (APPACDM)	Unidades (EAS)
			evolução do dinheiro e o que é sobretudo alicante é que o dinheiro regista esta evolução de história que é de nós todos, mostrando através do dinheiro personagens, factos históricos, contando o próprio dinheiro a evolução histórica do país e também de todos os factos e personagens importantes que da nossa história fazem parte, o dinheiro mostra escritores, mostra poetas, mostra políticos, mostra enfim factos que decorreram, os Descobrimentos, enfim tudo o que importa está lá (...) se olharmos para ele, ele conta muitas histórias (...)"												
		Representações						"este edificio não é um edificio luxuoso mas é um edificio que intimida, há pessoas que pensam aquilo é para os ricos e para os sábios" "considero que o Museu é mesmo esta instituição que está um pouco fora, dentro do bairro, e que me parece que pode ser aqui um potenciador muito grande das tais sinergias de que o Bairro de Aldoar necessita"		"é uma coisa neutra e é uma coisa com uma certa projecção e um certo, digamos, poder"					